

RAFAELA PAULA FREITAS

**COMPETÊNCIA INFORMACIONAL E RECURSOS INFORMACIONAIS NA
PRÁTICA DOCENTE: DISCURSO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA
MUNICIPAL À LUZ DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Florianópolis
Novembro /2010

RAFAELA PAULA FREITAS

**COMPETÊNCIA INFORMACIONAL E RECURSOS INFORMACIONAIS NA
PRÁTICA DOCENTE: DISCURSO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA
MUNICIPAL À LUZ DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, do Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação, área de Concentração: Gestão da Informação, linha de Pesquisa: Profissionais da Informação

Orientação: Prof. Dr. Francisco das Chagas de Souza

Florianópolis
Novembro/2010

F884c Freitas, Rafaela Paula, 1980-
Competência informacional e recursos informacionais na prática docente: discurso de professores da educação básica municipal à luz da ciência da informação [manuscrito] / Rafaela Paula Freitas. – Florianópolis: R. Freitas, 2010.
202 f. : 1. ; 30 cm

Cópia de computador (Printout(s)).
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN), 2010.
“Orientador: Prof. Dr. Francisco das Chagas de Souza”.
Bibliografia: f. [122]-130.

1. Competência Informacional. 2. Professor. 3. Prática Docente. 4. Ambiente Escolar. 5. Biblioteca Escolar. I. Universidade de Santa Catarina. II. Souza, Francisco das Chagas de. IV. Título.

CDU: 37

Ficha Catalográfica elaborada por Marli Machado – Bibliotecária CRB14/785

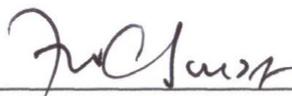
Revisão do texto em língua vernácula: Krisley de Aquino Rosa Correia

RAFAELA PAULA FREITAS

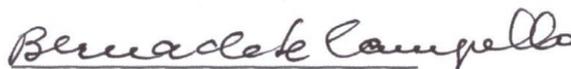
COMPETÊNCIA INFORMACIONAL E RECURSOS INFORMACIONAIS NA
PRÁTICA DOCENTE: DISCURSO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA
MUNICIPAL À LUZ DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, do
Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina, como
requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação, área de
concentração Gestão da Informação, linha de pesquisa Profissionais da Informação.

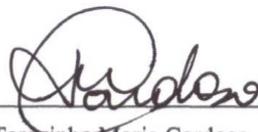
APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA
EM FLORIANÓPOLIS, 18 DE NOVEMBRO DE 2010



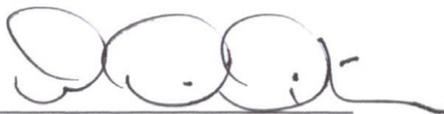
Prof. Dr. Francisco das Chagas de Souza
PGCIN/UFSC (Orientador)



Profa. Dra. Bernadete Santos Campello
ECI/UFMG



Profa. Dra. Terezinha Maria Cardoso
PPGE/UFSC



Profa. Dra. Elizete Vieira Vitorino
PGCIN/UFSC (Suplente)

O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher. (Cora Coralina)

*A minha mãe Onésia e a Helena, amores da minha
vida, verdadeiros presentes de Deus.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, e incontestavelmente, agradeço à Deus pelo dom da vida, pelas pessoas queridas que me rodeiam e pelos obstáculos que me foram apresentados, fazendo com que esta conquista seja indiscutivelmente uma vitória gloriosa.

Ao meu companheiro, André de Souza, que nos momentos de desânimo e medo, sempre tinha uma palavra de conforto e consolo. E que neste caminhar, deu-me um presente mais que precioso, a nossa amada filha Helena.

A Helena, que me presenteia com o sorriso mais aberto, o olhar mais brilhante, o carinho mais suave, o abraço mais entusiasmante e o amor mais sincero e constante, que é a razão do meu esforço e empenho.

Agradeço aos meus pais, Arnaldo Freitas e Onésia Luiz Freitas, pelo incondicional incentivo e amor, por escutar minhas angústias e compartilhar meus anseios.

Aos meus irmão, Carlos Alberto Freitas pelo incentivo e ao José Roberto Freitas, pelos sobrinhos lindos e pela companheira Sandra Regina Neis que sempre acolheram e cuidaram da Helena nos momentos em que estava ausente.

A Mércia Cristina, amiga, que desempenha seu papel de madrinha ao ficar com a Helena nos dias de dedicação aos estudos.

Aos meus companheiros de trabalho, Cristina Heusi Leal, Caroline de Aquino Rosa, Wagner Luiz Leite e Geazi B. de Souza, que desde a matrícula como aluna especial, até o momento da conclusão do curso, me apoiaram, incentivaram e animaram a concluir este trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Administração da Univali, Maria José Barbosa, Anete Albeton, Rosilene Marcon, Carlos Ricardo Rossetto, em especial à Elaine Ferreira, Lucila Maria de Souza Campos e Christiane Kleinübing Godoy pelo constante apoio e orientação nos momentos de dúvidas durante o curso e pesquisa. Além de servirem de inspiração para esse caminhar acadêmico.

Ao professor Francisco das Chagas de Souza, meu orientador, pela sabedoria, pelas orientações fundamentais a esse trabalho, por sua forma de conduzir e instigar a busca pelo conhecimento.

Aos membros da banca de qualificação, pelas contribuições pertinentes, professoras Magda, Terezinha e em especial a professora Elizete Vieira Vitorino, que apresentou-me o tema da pesquisa e fez com que me fascinasse por ele, instigando-me a desenvolvê-la.

Aos meus colegas de sala Alessandra Maria Ruiz Galdo, Graziela Martins de Medeiros, Rosângela Madella Luiza da Silva Kleinubing, Jacqueline Alexandre Martins, Kátia Regina Starck, em especial a Caroline da Rosa Ferreira Becker, Daniella Câmara Pizarro, pelas orientações e companhia nos trabalhos apresentados nas disciplinas, a Luciano Alessandro Duque pelas caronas no fim das aulas, e a Marli Machado companheira de curso, de caronas, de encontros e por compartilhar as horas de anseios.

Às colegas da turma 2007, Eliane Fioravante Garcez pelo encorajamento no dia da defesa de qualificação, em especial a Christianne Martins Farias, minha parceira de tema e de muitas trocas, com seus diversos auxílios e orientações na construção da intenção de pesquisa, contribuindo significativamente com meu ingresso no curso.

Aos professores da Escola Básica Municipal participante desta pesquisa, à direção da escola, a atual secretária de educação do município, Maria de Fáveri, em especial a secretária de educação do município no ano de 2008, Zulmara Guesser, que autorizou a coleta de dados, abrindo-me as portas de uma escola municipal, além de me apoiar no levantamento dos dados referentes à educação no município de Biguaçu no período de 2004 à 2010.

Aos meus familiares, em especial a minha tia Sueli Maria Luiz Cardoso, e a minha avó, Olindina Botelho Luiz, professora que deu luz a doze filhos, e desses doze, formou cinco professoras competentes e dedicadas.

A todos que de alguma forma contribuíram para meu caminhar até aqui, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar as representações sociais dos professores envolvidos com alunos e em sala de aula a partir de manifestações sobre sua participação no funcionamento da escola, comunidade e sociedade. Foram analisadas as manifestações de docentes de uma “Escola Básica Municipal” da rede de ensino, do município de Biguaçu - SC. Foi empregada na pesquisa a abordagem qualitativa, tendo como fundamentação teórica a sociologia do conhecimento articulada com a teoria das representações sociais e coletivas para consolidar a metodologia adotada. Foi utilizada a técnica de análise dos discursos, empregando-se a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo de Lefèvre e Lefèvre para análise das entrevistas. Na análise, observou-se que os professores utilizam os recursos informacionais; sabem de suas fragilidades a respeito das TIC e enfatizam a necessidade de formação continuada nesta área, e embora desconheçam o termo competência informacional, suas práticas correspondem aos atributos e desenvolvimento da mesma.

Palavras-chave: Competência Informacional; Professor; Prática Docente; Ambiente Escolar; Biblioteca Escolar.

ABSTRACT

This study aims to analyze the social representations of the teachers involved with students and in classrooms from demonstrations about their participation in the operation of the school, community and society. We analyzed the expression of a "Primary School" of the municipal school system, located in the municipality of Biguaçu - SC. The qualitative approach was used in the research having theoretical support on sociology of the knowledge combined with the theory of the social representations and to consolidate the collective methodology. We used the technique of discourse analysis, using the technique of the Collective Subject Discourse Lefevre of Lefevre and to analyze the interviews. In the analysis, we found that teachers use information resources, know their weaknesses regarding ICT and emphasize the necessity for continued education in this area, although unfamiliar with the term information literacy, their practices correspond to the attributes of that development. Keywords: Information Literacy, Teacher, Teaching Practice, School Environment, School Library.

RESUMEN

El presente estudio tiene como objetivo analizar las representaciones sociales de los profesores, en contacto con alumnos y dictando clases, a partir manifestaciones sobre su participación en el funcionamiento de la escuela, comunidad y sociedad. Fueron analizadas de una escuela municipal de enseñanza básica (Escola Básica Municipal) de la red de enseñanza, localizada en el municipio de Biguaçu – Santa Catarina. El abordaje utilizado en la investigación fue cualitativo, teniendo como fundamentación teórica la sociología del conocimiento articulada con la teoría de las representaciones sociales e colectivas, para consolidar la metodología adoptada. Se utiliza la técnica de análisis de los discursos, empleándose la técnica del Discurso del Sujeto Colectivo de Lefèvre e Lefèvre para analizar las entrevistas. Os resultados permiten observar que os profesores utilizan los recursos informacionales; saben de sus fragilidades a respecto de las TICs y enfatizan la necesidad de formación continua en esa área. Aunque desconozcan el término competencia informacional sus prácticas corresponden a los atributos y desarrollos de ella.

Palabras Llave: Competencia Informacional; Profesor; Práctica Docente; Ambiente Escolar; Biblioteca Escolar.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1	Ciclo da Informação.....	27
Quadro 1	Recursos do Governo Federal destinados em 2009.....	84
Quadro 2	Estrutura Física da Escola.....	86
Quadro 3	Funções Administrativas.....	86
Quadro 4	Número de docentes por segmento.....	87
Quadro 5	Número de turmas por segmento.....	87
Quadro 6	Número de alunos por segmento.....	87
Quadro 7	Perfil Pessoal e Familiar.....	88
Quadro 8	Perfil Educacional.....	89
Quadro 9	Perfil Profissional.....	90

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL.....	24
2.1	Informação e Educação no Século XXI.....	24
2.1.1	A Informação.....	25
2.1.2	A Ciência da Informação como campo de investigação.....	30
2.1.3	Sociedade da Informação.....	33
2.2	A Escola na Sociedade da Informação.....	36
2.3	A Competência Informacional no contexto educacional.....	46
2.3.1	Competência.....	46
2.3.2	Competência Informacional à luz da Ciência da Informação.....	49
2.3.3	Dimensões da Competência e a Competência do Professor.....	53
2.4	O Professor Brasileiro a partir da Lei 9394/96.....	55
2.5	O Professor da Rede Pública de Ensino Municipal: Recursos e Condições de Trabalho.....	59
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	66
3.1	Realidade Objetiva.....	69
3.2	Realidade Subjetiva.....	72
3.3	Representação Social.....	74
4	FUNDAMENTAÇÃO E ESTRATÉGIA METODOLÓGICA.....	77
5	PROCEDIMENTOS ADOTADOS NA PESQUISA.....	82
5.1	Macroambiente do Campo da Pesquisa.....	82
5.2	O Campo de Pesquisa.....	85
5.3	Participantes da Pesquisa.....	87
5.4	Coleta e Análise dos Dados.....	90
5.5	Pré –Teste.....	92
5.6	Diário das Entrevistas.....	93
5.7	Tratamento e Análise dos Discursos.....	98
6	DSC FINAL.....	100
7	INTERPRETAÇÃO DO DSC FINAL.....	102
7.1	A Competência Informacional representada pelos professores.....	102
7.2	Utilização das TIC e professor: manifestações de práticas, idéias e sugestões.....	104
7.3	Os Recursos Informacionais utilizados na escola: com a palavra o professor	106
7.4	O professor e suas estratégias para o desenvolvimento da Competência Informacional.....	108
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
	REFERÊNCIAS.....	122
	APÊNDICE A – Perfil dos Entrevistados	131
	APÊNDICE B – Roteiro da Entrevista.....	132

APÊNDICE C – Entrevistas.....	133
APÊNDICE D – Instrumento de Análise do Discurso- IAD (1).....	160
APÊNDICE E – Instrumento de Análise do Discurso- IAD (2).....	193
APÊNDICE F – O Discurso Coletivo por Questão.....	197
ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) da Pesquisa...	201
ANEXO B – Termo de Aceite de Participação.....	202

1 INTRODUÇÃO

O desejo de continuar estudando e pesquisando sobre educação e seus contextos se materializaram nesta pesquisa. A prática pedagógica e a relação de ensinar e aprender através das tecnologias disponíveis no ambiente escolar impulsionou esta vontade. O professor como foco, seus conhecimentos, habilidades e atitudes expostas através dos discursos é o universo desta pesquisa.

A escolha da comunidade e da escola que foi o local da coleta de dados se justifica devido a aproximação da pesquisadora com esta unidade escolar quando da realização dos estágios do seu curso de graduação. Devido a afinidade com professores e alunos, despertou-se o desejo de retornar a realizar este estudo.

Antes de ir a campo é necessário buscar, na literatura, embasamento que serve de alicerce ao desenvolvimento da pesquisa, tanto na construção conceitual e teórica, quando na elaboração metodológica.

Abordar a educação exige o emprego de conceitos e termos como aprendizagem, pesquisa, estudo, conhecimento, crescimento pessoal e profissional, sociedade, responsabilidade social. Eles representam atributos que trazem em sua gênese a informação. Segundo Takahashi (2000) a Educação é o elemento chave na construção de uma sociedade baseada na informação, no conhecimento e no aprendizado.

Um importante agente para uma educação de qualidade, que contribui para a formação da sociedade e de seus cidadãos, é o professor. Entretanto esse ator social necessita de aprimoramento e especialização para que consiga de forma eficaz, utilizar os meios de busca de informação para realizar seu papel de mediador, aproveitando os espaços e recursos informacionais da escola como instrumentos que facilitem e auxiliem sua prática docente.

Gasque e Costa (2003) corroboram com o pensamento acima, ao enfatizar que para atingir o propósito da educação é necessário dar ênfase ao papel dos professores como agentes de mudança; mediadores entre a informação e o conhecimento e motivadores do processo de aprendizagem, justificando assim a utilização de recursos que possam facilitar o processo de aprender e construir novos conhecimentos juntamente com seus alunos.

O professor é um potencial profissional da informação, ele busca, trata e socializa conteúdos, dados e informações a todo o momento em seu cotidiano no ambiente escolar. Ele é um dos profissionais que está diretamente e diariamente elaborando, transformando e disseminando conhecimento, ou seja, socializando as informações e contribuindo para a formação dos indivíduos de uma sociedade.

Na obra Sociedade da Informação no Brasil – Livro Verde, Takahashi (2000, p.7), argumenta que “na nova economia, não basta dispor de uma infra-estrutura moderna de comunicação, é preciso competência para transformar a informação em conhecimento”. Nessa perspectiva, o professor passa por diversas transformações, porém é necessário, além da sua capacitação pedagógica, o seu desenvolvimento para o uso das tecnologias existentes.

Em concordância com as idéias expostas acima, um documento recente da UNESCO (2009), apresenta que “por intermédio do uso corrente e efetivo da tecnologia no processo de escolarização, os alunos têm uma chance de adquirir complexas capacidades em tecnologia, sob orientação do principal agente, que é o professor”.

A Competência Informacional adotada como temática da pesquisa é elencada com base no tipo de realidade vivenciada atualmente pelos professores, visto que os alunos já conhecem e muitas vezes utilizam-se das ferramentas e recursos informacionais em seu cotidiano, sendo esta a nova realidade do professor, lidar com a informação.

Outro aspecto que justifica a utilização da noção de Competência Informacional é a adaptação dos professores a essa nova prática, em que a tecnologia auxilia na complementação de sua práxis, melhorando o ensino e a aprendizagem. Dessa forma, a área educacional encontra subsídios nas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e nos recursos informacionais, que se configuram como facilitadores no processo de ensinar e aprender.

Com a utilização dos recursos e instrumentos informacionais disponibilizados atualmente, os professores incorporam as funcionalidades e potencialidades da Competência Informacional na busca de conteúdos e assuntos a serem ministrados, podendo facilitar e favorecer a disseminação das informações necessárias ao crescimento e desenvolvimento dos indivíduos.

Além disso, professores, alunos e comunidade, por meio das TIC e dos recursos informacionais disponibilizados na escola, podem aprimorar o processo de reconhecer, selecionar, ordenar e utilizar as informações, independentemente do espaço ou local em que estejam inseridos, mobilizando benefícios para indivíduos e sociedade.

Importante ressaltar que as TIC são instrumentos que auxiliam no processo de ensinar e aprender, que facilitam o fluxo das informações e colaboram para a construção de novos conhecimentos. Porém, segundo Campello (2009, p. 70), a tecnologia é um suporte secundário, um instrumento que auxilia a melhoria do aprendizado, seja de alunos ou professores.

Sobre a importância da utilização das TIC na área educacional, no Relatório da UNESCO do ano de 2000, Delors (2000) destaca que no século XXI os órgãos internacionais devem se preocupar ainda mais com a educação. Além disso, o relatório focaliza o compartilhamento das informações.

Baseado nesse relatório, Martucci (2000 p. 2), afirma que “a sociedade educativa pretende conferir uma base igualitária de uma cidadania apontada às sociedades de informação”. Complementando as idéias acima, Gadotti (2000) apresenta os quatro pilares definidos pela Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, coordenada por Jacques Delors e que, de acordo com a UNESCO, precisam ser fortalecidos. São eles:

- a) **Aprender a conhecer** - ressalta o prazer da descoberta, da curiosidade, de compreender, assim como o do construir e reconstruir o conhecimento. “Aprender a conhecer é mais do que aprender a aprender... não basta aprender a conhecer. É preciso aprender a pensar, a pensar a realidade... é preciso pensar também o novo, reinventar o pensar, pensar e reinventar o futuro.”
- b) **Aprender a fazer** – menciona a valorização da competência pessoal que habilita o indivíduo a enfrentar novas situações profissionais como trabalhar em equipe, fazer parcerias, em detrimento da pura qualificação profissional e que são características exigidas do profissional atualmente. "Saber trabalhar coletivamente, ter iniciativa, gostar do risco, ter intuição, saber comunicar-se, saber resolver conflitos, ter estabilidade emocional. Essas são, acima de tudo, qualidades humanas que se manifestam nas relações interpessoais tidas no trabalho."
- c) **Aprender a viver juntos** – está relacionada ao compreender o outro, ter a percepção das interdependências - realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos, no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.
- d) **Aprender a ser** – é relacionado ao desenvolvimento da personalidade e do agir com autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal, "desenvolvimento integral da pessoa: inteligência, sensibilidade, sentido ético e estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade, pensamento autônomo e crítico, imaginação, criatividade, iniciativa." (GADOTTI, 2000).

Neste cenário que engloba aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver junto e aprender a ser, vislumbra-se a contribuição da Competência Informacional. Para que esses pilares da educação possam ser alcançados com maior facilidade, a Competência Informacional é uma forte aliada dos professores.

Apropriada e aplicada no cotidiano escolar, a Competência Informacional, pode modificar a escola num ambiente de constante fluxo de informação que se transforma em conhecimento, melhorando o relacionamento de professores, demais membros da equipe escolar, alunos e comunidade.

Num novo olhar, pensar a escola atualmente, não é somente pensar em professor e alunos, e sim em uma comunidade educativa, um ambiente constituído por alunos, professores, pais, especialistas de educação e profissionais que auxiliam no seu funcionamento.

Ela é um espaço de aprendizagem, de formação de todos os que dela fazem parte, assim como daqueles que desenvolvem estratégias e mobilizam recursos no sentido de assegurar uma formação geral a todos os indivíduos e que garantam o pleno desenvolvimento de suas capacidades, habilidades e postura ética e moral.

O ambiente escolar no seu coletivo é o espaço privilegiado de formação do indivíduo, seja ele uma criança, um adolescente ou um adulto. Atualmente seu papel é extensivo, muito além da socialização do conhecimento. A escola é considerada como uma instituição sócio-cultural, organizada e pautada por valores, concepções e expectativas, e seus membros são vistos como sujeitos históricos, culturais que relacionam suas idéias acordando ou contrapondo-se aos demais. (MOTA, 2006, p. 2).

O principal objetivo da escola consiste em oferecer aos alunos habilidades e competências necessárias para o seu desenvolvimento pessoal, social e profissional. Segundo Corrêa *et al.* (2002, p. 107), a escola é “a disseminadora do conhecimento, parte integrante do desenvolvimento do indivíduo. Através do ensino escolar, são transmitidas noções gerais de história e cultura que servirão de base para toda a transformação que o indivíduo poderá sofrer e/ou exercer sobre a sociedade”.

Há um senso comum, noticiado diariamente pelos meios de comunicação, de que as escolas enfrentam constantes desafios para desempenhar o seu papel perante a sociedade. O desgaste do ambiente escolar é demonstrando através da evasão escolar; depredação da infraestrutura e do patrimônio; alto índice de reprovação; falta de motivação dos professores e demais membros da equipe; agressão entre alunos e até mesmo contra professores por parte de pais e alunos; entre outros aspectos que prejudicam e comprometem o bem estar social.

A grande quantidade de informação nos mais variados setores exige dos alunos um domínio de habilidades informacionais que irão capacitá-los para aprender. É imprescindível que eles saibam acessar, avaliar e utilizar as informações de que necessitarão para construir o seu conhecimento. Dessa forma eles serão capazes de “continuar aprendendo de maneira independente, ética e durante toda a vida” (CAMPELLO, 2009, p. 78).

A complexidade dessa problemática exige um novo olhar sobre a educação, a reavaliação do ambiente escolar, e principalmente, do papel atribuído ao professor neste cenário. O professor é um importante mediador das relações entre o que a escola propõe e espera do aluno, fazendo com que o ambiente escolar desenvolva e acrescente características e condutas importantes para o pleno crescimento de professores e alunos.

Colaborando com a idéia acima, Darin; Medeiros (2004, p. 14) afirmam que “o aluno, ao construir permanentemente o seu conhecimento, necessita fundamentalmente do ato docente, dirigindo e orientando, que estará presente no planejamento e na realização das aulas, das atividades extraclases e na avaliação, pois este possibilita, facilita e acelera a aprendizagem”.

A necessidade da mudança na prática desse profissional, considerando a possível contribuição da Ciência da Informação, pode lhe oportunizar novos aprendizados e princípios que valorizem a sua atuação docente.

Nesta perspectiva, o professor é fundamental, visto que colabora com a formação dos alunos como indivíduos capazes de distinguir a realidade em que vivem e ser agentes de seu próprio desenvolvimento.

Correspondente ao pensamento acima, Demo (2001, p. 240) afirma que o cidadão, para ser pleno sujeito histórico competente, não pode apenas possuir consciência crítica, mas saber manejar e reconstruir conhecimento, com qualidade formal e política.

A fim de situar a escolha da temática no âmbito pessoal remeto-me à minha infância, e ao fato de, sendo parte de uma família composta de mulheres professoras, o ambiente escolar sempre foi assunto dos encontros familiares, influenciando minha formação nessa área. Sempre buscando algo inovador, porém ligado à educação, a opção por um curso que representasse um diferencial foi o que permeou minha formação em Pedagogia, com ênfase em Tecnologia Educacional e Educação a Distância e Bacharelado em Treinamento Empresarial.

O curso de graduação proporcionou, por meio de seus estágios supervisionados, dois momentos bastante particulares na busca por novos conhecimentos. O primeiro foi o estágio de didática, na forma de um curso de informática básica, que foi planejado e executado com

um grupo de professores do ensino fundamental no laboratório de informática de uma escola municipal.

O segundo momento envolveu o estágio com um grupo de alunos da mesma escola, porém com foco na informática educativa, que tinha como principal objetivo mostrar ao professor da sala de aula as possibilidades e contribuições que o laboratório de informática poderia agregar em sua prática pedagógica.

Este segundo momento serviu de inspiração para algo diferente, pois a professora da turma escolhida não concebia a possibilidade de levar seus alunos ao laboratório de informática e conseguir construir e desenvolver os conteúdos de seu planejamento com o auxílio dos recursos e fontes informacionais disponíveis na escola.

No intuito de conquistar minha formação continuada na carreira como pedagoga, eu procurava um curso que tivesse como prioridade a multidisciplinaridade e proporcionasse interagir com outras áreas do conhecimento, tornando possível contribuir com os professores de educação básica do município onde resido. Novamente a transformação do professor, dotado de um perfil desafiador, empreendedor e consciente de seu papel na sociedade emergiu como uma inquietação.

Desta forma, visitando o site da Universidade Federal de Santa Catarina, encontrei informações sobre matrículas para alunos especiais de uma disciplina denominada Competência Informacional. Pesquisando mais sobre o tema, antes mesmo da matrícula, veio a constatação sobre a relação entre a disciplina ofertada e a necessidade de empreender estudos associados à relação do professor com as TIC para uma prática pedagógica de qualidade.

No decorrer da disciplina, por meio das leituras recomendadas, fui vislumbrando um novo cenário profissional para os professores da Educação Básica; aqueles com os quais tive contato e compartilhei momentos de aprendizado nos estágios supervisionados que cursei na graduação. Percebi que os recursos informacionais disponibilizados pela escola eram pouco utilizados por alunos e professores, e que eram meios que ofereciam amplas possibilidades, porém de pouquíssimo acesso.

As leituras e discussões realizadas no decorrer da disciplina sempre retomavam em meu pensamento o momento vivenciado nos estágios e um desconforto me tomava em relação ao meu propósito como educadora de Tecnologia Educacional; uma inquietação de que eu deveria aproveitar a academia e buscar uma maneira de compreender a relação dos professores com as TIC e recursos informacionais, pois com essa compreensão poderia pensar formas de auxiliar os professores a utilizarem as tecnologias em benefício da educação.

Nesse sentido, a Competência Informacional aguçou ainda mais meu desejo de compartilhar o conhecimento, mesmo que inicial, com professores de educação básica. Então, após concluir a disciplina como aluno especial, no final do ano de 2007, me inscrevi no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN) da Universidade Federal de Santa Catarina. Apresentei o anteprojeto de pesquisa que tratava da temática da disciplina já cursada: “A Competência Informacional do professor”, que ao longo da caminhada acadêmica foi se transformando em “O professor como agente da Competência Informacional”. Essa proposta foi aprovada na linha de pesquisa Profissionais da Informação e ingressei no programa.

A pesquisa foi construída tendo como objetivo geral conhecer as representações e concepções manifestados pelos professores em relação a sua prática pedagógica diante da Competência Informacional e dos Recursos Informacionais utilizados por eles nas escolas municipais de Biguaçu/SC.

A seguir foram propostos objetivos específicos para que conseguíssemos atender a abrangência do objetivo geral. Como objetivos específicos foi proposto:

- a) identificar o entendimento do professor para a noção de competência informacional;
- b) resgatar as idéias que os professores manifestam quanto à utilização das TIC;
- c) arrolar as práticas que os professores realizam ao fazerem a utilização dos Recursos Informacionais disponíveis na escola;
- d) verificar as estratégias empregadas pelo professor para o seu desenvolvimento em competência informacional visando ao exercício da docência.

O mestrado tem me proporcionado uma nova visão de mundo e, especialmente, um pensamento crítico e reflexivo possibilitando reavaliar algumas questões da proposta inicial de estudo e que são expostas no presente relatório pesquisa.

O texto está organizado em forma de capítulos, com itens e subitens, buscando expor a pesquisa e fazer dela um instrumento de apoio aos professores e interessados por seu conteúdo.

Na sua introdução a pesquisa traz um apanhado de como a educação está situada e seus contextos atuais. Aborda o cenário das TIC no ambiente escolar e na sociedade, além de tratar do papel do professor diante deste contexto novo e desafiador que se apresenta.

O segundo capítulo é construído a partir de leituras sobre o campo da Ciência da Informação, em que se buscou situar o conceito de informação, seu campo de investigação, a Sociedade denominada da informação. Neste capítulo também são tratados conceitualmente a

educação, o professor e suas competências, além da competência informacional seus aspectos e contextos.

A necessidade de se reconhecer uma base teórica condizente com os conceitos abordados e com os participantes da pesquisa tem resposta no terceiro capítulo. Neste, o aprofundamento, a reflexão e exigência intelectual se sobressaíram. Rever as teorias, como se deram a construção do conhecimento, a relação do indivíduo com o mundo e com ele próprio, significam um esforço saudável, porém exigente e compensador. Refletir sobre o indivíduo e seu meio ajudaram o pensar sobre as noções de grupo, das relações sociais, e nessa seqüência sobre representações sociais.

No quarto capítulo se descreve os caminhos que foram buscados na literatura para que a pesquisa pudesse adquirir validade acadêmica. Este foi um momento onde planejar e refletir sobre qual a melhor forma de aproximar a teoria e a prática, assim como de sensibilizar os professores para aceitarem participar da pesquisa, apresentou-se como necessário e proveitoso.

Como trabalharíamos com indivíduos e seu contexto, sua realidade social, fez-se importante refletir e escolher uma pesquisa de abordagem qualitativa, que por sua vez previa buscar sentido para qualificar os dados coletados. Dessa forma, embasado por essa abordagem, optou-se por utilizar a entrevista como instrumento de coleta de dados e a técnica do discurso do sujeito coletivo(DSC) como recurso para o tratamento e análise dos discursos adquiridos.

No quinto capítulo são apresentados, passo a passo, os procedimentos e etapas para o efetivo cumprimento da pesquisa em campo. Nesse capítulo foi feita a descrição dos procedimentos pensados e executados para que a pesquisa obtivesse um resultado positivo.

Após a fase da coleta das entrevistas, é no sexto capítulo que se realiza a junção dos discursos individuais e que, agrupados, formam um só discurso. Nesta etapa a construção torna-se significativa devido à importância e ao respeito com que são tratadas as falas dos entrevistados, sendo assim, neste momento são os participantes da pesquisa que efetivamente contribuem e se posicionam, relatando suas vivências e práticas, pois seus discursos são integralmente e literalmente descritos.

O sétimo capítulo apresenta a interpretação do capítulo anterior, ou seja, a interpretação final do DSC. Um momento prazeroso, onde falas, signos, pensamentos, idéias e práticas dos professores participantes entrelaçam-se aos pensamentos de estudiosos, num vai e vem de expectativas, propostas, desejos, soluções e contribuições que representam significativamente a realidade vivenciada atualmente.

Na seqüência, o oitavo e último capítulo é composto pelas considerações finais, onde são rerepresentados os resultados obtidos na pesquisa considerando todos os aspectos teóricos e conceituais perceptíveis e destacados ressaltando as representações e manifestações obtidas.

2 FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL

Apresentamos a seguir a revisão da literatura que trata dos conceitos abordados na pesquisa para auxiliar na compreensão do objeto de estudo e seus desdobramentos. Tal embasamento conceitual foi necessário para identificação de parte importante da temática da pesquisa e conduziu à materialização do trabalho como um todo.

Devido à particularidade dos conceitos entre os campos de estudos que interagem no desenrolar da pesquisa esta apresentação se faz necessária para que os conceitos utilizados sejam respeitados, e o objeto de estudo, a Competência Informacional, seja abordada em seus aspectos e conceitos dentro das áreas de estudos pesquisadas.

Desta forma, este capítulo, terá um desdobramento em seções e subitens. A primeira seção, Informação e Educação no Século XXI, terá como subitens: A Informação, A Ciência da Informação como Campo de Investigação e a Sociedade da Informação. A Segunda seção abordará A Escola na Sociedade da Informação e O professor. A terceira e última seção versará sobre A Competência Informacional no Contexto Educacional, tendo como subitens A Competência, Competência Informacional à luz da Ciência da Informação e as Dimensões da Competência e a Competência do Professor, complementando com mais duas seções O professor Brasileiro a partir da Lei 9394/96 e O Professor da Rede Pública Municipal: recursos e condições de trabalho.

2.1 Informação e Educação no Século XXI

Há um senso comum em torno da ideia de que a informação produz conhecimento, isso a transforma num elemento que modifica o pensamento e a postura dos indivíduos e da sociedade. Em grande parte essa modificação do pensar e agir faz com que os indivíduos e a sociedade que a compõem se beneficiem ao utilizar as informações.

No momento em que a informação se transforma em conhecimento, também é modificada a postura e conduta dos indivíduos, que se apropriando dessas novas informações e conhecimentos, adquirem condições de transformar a realidade em que vivem.

A ciência da informação busca através de seus estudos entender as relações da informação em seus mais variados espaços de uso e, por consequência, como a sociedade também se altera, agregando conhecimentos e modificando o modo de viver coletivo.

Neste contexto, os indivíduos devem se atualizar. Essa atualização e a busca por novos conhecimentos pode ser facilitada pelos recentes aparatos que facilitam a busca e compreensão de informações para o desenvolvimento individual e coletivo, seja no campo social, político ou profissional.

A escola, na atual sociedade, como uma das instituições estabelecidas pelas demandas coletivas também precisa se apropriar dos meios que produzem essas transformações. As ações propostas pelo Programa Sociedade da Informação (TAKAHASHI, 2000) pretendiam dar conta de toda a problemática vivenciada pelos indivíduos e sua coletividade.

Segundo os autores Legev e Albagli (2000), o referido programa “é um conjunto de propostas visando não apenas disseminar a adoção e o uso das tecnologias de informação no país, mas evitar que esse processo amplie as desigualdades hoje existentes entre pessoas e regiões ricas e pobres.”

Em contrapartida, Sorj (2003), em seu livro *brasil@povo.com*, faz a analogia que muitas das promessas contidas nas novas tecnologias da informação são plenamente executáveis, caso os indivíduos interessados encontrassem recursos e condições favoráveis para conclusão dos projetos propostos.

Neste sentido, Sorj (2003, p. 72) afirma ainda que "a sociedade da informação não representa só um desafio tecnológico, mas também, um esforço de reinventar a produção de conteúdos que não se orientem somente uma lógica comercial", ou seja, a Sociedade da Informação e suas propostas devem ser executadas buscando a melhoria da qualidade de vida e do bem estar social, e não tendo a informação e seus benefícios voltados para a exploração comercial e o monopólio de poucos que têm acesso as TIC.

Para compreender os estudos sobre Informação, a Ciência da Informação e a Sociedade da Informação, e por fim sobre Educação neste contexto volumoso de informações, é imprescindível, entender os conceitos que fazem parte do cenário acima, e é o que se propõe a seguir.

2.1.1 A Informação

A palavra informação faz parte do vocabulário atual nos mais variados contextos, sendo utilizada no espaço educacional, empresarial e social. A palavra é tão utilizada que atualmente se apresenta até para representar a sociedade, que pode ser designada e entendida por vários autores como Santos (2008), Castells (2007), Matherllat (2002), como Sociedade da Informação, Sociedade do Conhecimento, Era da Informação, Sociedade Info-globalizada e Globalização, entre outros termos.

Ao considerar a sociedade focada na informação, assim como a ciência que estuda e tem por objeto a informação, é indispensável entender o alcance da palavra informação, conhecendo especificadamente seu significado.

Algumas leituras de obras advindas da Ciência da Informação são fundamentais para o estudo deste termo. Um dos autores reconhecido com mais evidência nesta área é Le Coadic (1996). Ele demonstra em seus estudos que a “informação é um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou numérica), oral ou audiovisual”, ou seja, a informação é algo que pode ser transmitido e dar sentido às coisas.

Pinheiro e Loureiro (1995) demonstraram alguns atributos que facilitam o entendimento do que seja informação. Na visão dos autores a informação tem o efeito de transformar ou reforçar o que é conhecido, ou julgado conhecido, pelos indivíduos.

Utilizada nas tomadas de decisões, na seleção das mensagens que transmitimos e recebemos, a informação, além de ser a matéria-prima de que deriva o conhecimento, podendo ser trocada com o mundo exterior, é um fenômeno que alcança todos os aspectos da vida em sociedade.

McGarry (1999), descreve a informação como um quase-sinônimo do termo fato. Assim como Pinheiro e Loureiro (1995) leva em conta que a informação pode ser um reforço do que já se conhece e que proporciona a liberdade de escolhas aos indivíduos em selecionar as mensagens. Além do mais, concorda que a informação é a matéria prima do conhecimento e pode ser compartilhada com o mundo exterior. A diferença apresentada por McGarry (1999) está em que a informação é algo que reduz a incerteza em determinada situação.

Para Le Coadic (1996) há um ciclo de informação envolvendo o processo de comunicação, uso e construção, e que se sucede e se alimenta reciprocamente, conforme abaixo:

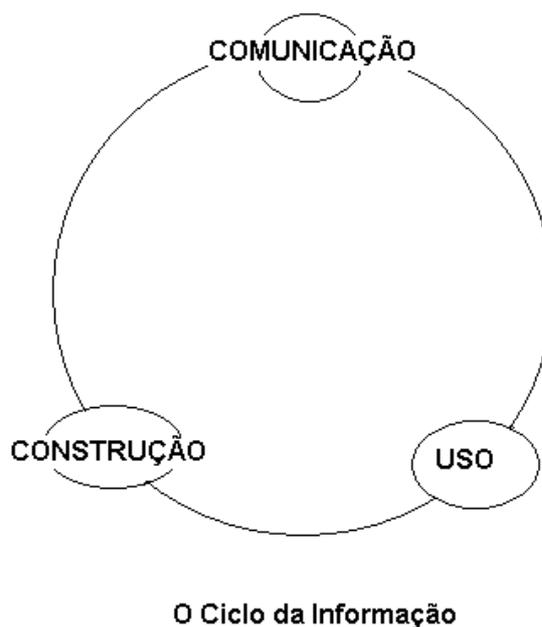


Figura 1 : Le Coadic (1996)

Pode-se perceber, pela análise da figura 1, que a comunicação faz parte do ciclo da informação, o que acaba por diferenciar comunicação de informação. Para que haja informação é necessária a comunicação de algo, ou seja, a comunicação constitui um ciclo intermediário que possibilita a troca de informação entre as pessoas. Essa diferença leva em conta que a “comunicação é um processo, um mecanismo, e que a informação é um produto, uma substância, uma matéria” (LE COADIC, 1996, p. 13).

O ciclo da informação deve ser entendido pelas pessoas para que consigam compreender a relevância da informação. Na vida pessoal e profissional dos indivíduos na sociedade, além dos processos de construção, é elementar que a informação seja entendida, utilizada, conseqüentemente transmitida. Pensar sobre como a informação é transmitida enfatiza à necessidade de se conhecer os canais de transmissão de informação.

Para se poder entender o significado da transmissão da informação, McGarry (1999) sugere que esses canais ou meios de transmissão, apontados por ele como veículos, sejam divididos em sinais, símbolos e signos.

O autor explica que a transmissão da informação por meio de sinais é o comunicado de uma pessoa a outra, indicando que o momento de agir está próximo. A transmissão da informação através de signos é um indicativo físico de uma coisa ou evento que representa, ou

seja, o cenário de algo ou a expressão de alguma coisa, ou ainda, a fala por meio dos signos contextualizam esse tipo de transmissão, dessa forma, a transmissão de informação através dos signos é representada, principalmente, como uma comunicação não-verbal, em que o gesto já informa o significado da palavra ou idéia.

Para a transmissão de informação por meio dos símbolos é necessário existir a cultura e conhecimento como regras lógicas para a conexão e criação dos símbolos, pois os mesmos possuem características, assim como funções que exercem na comunicação humana. As principais características dos símbolos são propriedade de um grupo, e não de um indivíduo, deve significar a comunicação entre as pessoas, que ao ver determinado símbolo, sabe o que o símbolo quer informar.

Ainda de acordo com McGarry(1999), os símbolos também representam momentos de épocas já vividas e funcionam como forças unificadoras de grupos sociais e culturais. Além disso, permitem que as pessoas ou grupos lidem com contextos nunca antes vivenciados e construam sistemas de comunicação que se transformam ao longo do tempo.

Nesse contexto de canais e meios de transmissão de informação, é significativo ressaltar que independentemente de signo, símbolo ou sinal, todos eles são necessários para o intercâmbio e a transferência das informações. Assim, a informação pode assumir inúmeras e infinitas formas, porém será relevante somente se for resultado de uma comunicação condizente com o assunto ou conteúdo informado e entendido.

Um questionamento significativo refere-se a autenticidade e a veracidade das informações transmitidas. Independentemente dos canais e veículos de transmissão de informação é necessário entender e conhecer o que são as fontes e os recursos informacionais disponíveis, para que a informação transmitida tenha seu objetivo alcançado.

Segundo Blattmann (2009), existem fontes e recursos informacionais orais, impressos, digitais e multimídia. Cada qual tem sua função e diferencia-se pelo seu conteúdo e principalmente pelo público-alvo ao qual é direcionado. Esses recursos são apresentados também como fontes de informação ou fontes informacionais. As fontes e os recursos informacionais influenciam nosso conhecimento e aprendizado.

As fontes de informação são representadas em três escalas distintas: a primeira delas, as fontes primárias, são elaboradas e produzidas pelo autor, por exemplo: artigos, livros, relatórios científicos, patentes, dissertações e teses. Sua função é registrar informações originais (novas) ou novas interpretações de fatos ou idéias já conhecidas pela comunidade científica.

Cunha (2001) ressalta que documentos primários contêm principalmente novas informações, novas idéias e fatos acontecidos, alguns podem ter o aspecto de registro de observações ou podem ser descritivos.

A segunda escala das fontes de informação é representada pelas fontes secundárias que apresentam a participação de um segundo autor, por exemplo: dicionários, enciclopédias, livros, anuários, monografias, tabelas, manuais, catálogos e têm função de facilitar o uso do conhecimento disperso nas fontes primárias, filtrando e organizando as informações de acordo com um arranjo definido, para uma determinada finalidade.

E por último, as fontes de informação terciárias que são compostas por bibliografia de bibliografias, catálogos de catálogos de bibliotecas, catálogos coletivos e diretórios têm a função de facilitar a localização das fontes primárias e secundárias.

A necessidade de estudar as fontes informacionais é justificada quando se parte do pressuposto de que uma das principais dificuldades dos indivíduos está em identificar uma fonte de informação pertinente, e após identificá-la, conseguir acessá-la. É importante divulgar aos usuários todas as fontes e os recursos de informação disponíveis.

Kuhlthau (2004), afirma que a utilização de diversas fontes na pesquisa possibilita a aquisição de informações relevantes para a elaboração de projetos e a formulação de ideias, além de desenvolver a autonomia na obtenção do conhecimento. Com isso os usuários terão maior capacidade para selecionar as informações de acordo com suas necessidades, pois vivenciarão experiências na utilização das diferentes fontes de informação.

Embora o termo informação tenha grande representatividade para a Ciência da Informação, é necessário entender seu processo cíclico, suas formas de transmissão e também os recursos utilizados pelos indivíduos para sua maior disseminação.

Barreto (2007) destaca que a assimilação da informação é uma condição necessária para validar a informação aplicada. Não é suficiente que a mensagem seja intencionalmente planejada na distribuição e acesso. O conteúdo deve atingir espaços semânticos compatíveis e harmoniosos para a sua compreensão e aceitação.

Por esse pensamento, pode-se refletir sobre a atenção que se deve ter ao informar algo, sendo que vários aspectos devem ser atendidos para que a informação se transforme em aprendizado e atinja os objetivos traçados para sua comunicação.

As informações fazem parte de vários contextos da sociedade, em todos os locais e a todo o momento concebemos, repassamos, adquirimos e relacionamos informações, porém é o cientista da informação quem estuda seus processos, visto que a informação é o seu objeto de pesquisa.

2.1.2 A Ciência da Informação como Campo de Investigação

O cenário da Ciência da Informação remete à sua história e ao seu início como ciência de interesse para pesquisadores, cientistas e indivíduos, visto que a informação é imprescindível para a evolução da sociedade; e por consequência, indispensável para a evolução de pesquisa e estudo, assim como para a construção e comunicação de novos conhecimentos.

Mostafa (1996) afirma que a Ciência da Informação é uma nova configuração temática que nasce entre disciplinas sociais e tecnológicas, na lacuna de pesquisas deixada pelas áreas de Biblioteconomia e Ciências Sociais.

Saracevic (1996, p. 43), ressalta que “Ciência da Informação é um campo dirigido à investigação científica e à prática profissional relacionada aos problemas de efetiva comunicação do conhecimento e registro de conhecimento, entre humanos, nos contextos de uso social, institucional e/ou individuais e de necessidade de informação”.

Sob o ponto de vista de LeCoadic (1996), o campo foi criado para explicar os fenômenos da informação na sociedade dos meados do século XX, sendo que seu surgimento pode ser explicado pelas necessidades de se ter uma ciência que estudasse as propriedades da informação, assim como os seus processos de construção, comunicação e uso. Ele afirma que três aspectos influenciaram e justificaram a criação da Ciência da Informação.

Os aspectos são: o desenvolvimento da produção e das necessidades de informações científicas e técnicas; o surgimento de um setor industrial, ou seja, as indústrias de informação; e por último o aparecimento das tecnologias eletrônicas e fotônicas de informação tanto de uso pessoal como social.

No atual cenário tecnológico, em que a informação propicia atingir um número cada vez maior de pessoas, é apresentada aos cientistas da área a necessidade de estudos e pesquisas constantes, devido ao despontamento das multimídias de massa e da ampliação do objeto de estudo da Ciência da Informação.

Nesta perspectiva, outros cenários e ambientes baseados em informação também precisam ser estudados, ou seja, além da biblioteca, do documento ou do centro de documentação, outros espaços que necessitam de informação para suas atividades (tanto como início, meio e fim) também precisam ser estudados pelo cientista da informação.

Historicamente, a Ciência da Informação teve seu início como campo de conhecimento, mais precisamente, na Segunda Guerra Mundial, em 1945, tendo sua origem no centro da revolução científica e tecnológica vivenciada naquela época pela sociedade.

Criada formalmente em 1962, em uma reunião do *Georgia Institute of Technology*, foi definida como “a ciência que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam os fluxos da informação e os meios de processamento da informação para acessibilidade e usabilidade ótimas” (BRAGA, 1995).

No Brasil, o campo teve seu registro inicial na década de 1960, porém havia contradições na tentativa de diagnosticar se a Ciência da Informação advinha da área da Biblioteconomia ou da Informática. Para Pinheiro e Loureiro (1995), essa dúvida em relação a de qual área a Ciência da Informação advinha foi esclarecida em 1969, com um seminário sobre documentação e informática organizado pela Fundação Getúlio Vargas.

De fato, esse evento, orientou o sentido que era dado sobre as dúvidas de sua origem, o que culminou na criação do Mestrado em Ciência da Informação em 1970, pelo IBBD (Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação), hoje IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia), em face de um quadro de pouca pesquisa e produção científica.

Araújo (2007), afirma que é consenso entre os autores da área que a Ciência da Informação surgiu em meados do século XX, também enfatiza e identifica que o Brasil iniciou efetivamente suas pesquisas somente 20 anos após seu início no exterior, e descreve que é uma área ainda em desenvolvimento para os pesquisadores e cientistas brasileiros.

Almeida (2005, p. 144) expõe que a Ciência da Informação despertou o interesse dos bibliotecários e que isso se deu por causa dos conhecimentos referente à informação tratadas no campo. Neste contexto, a percepção de que poderia surgir uma posição de destaque na profissão de bibliotecário e com o intuito de privilegiar e valorizar a categoria, esses profissionais buscaram qualificação através da utilização das tecnologias de recuperação da informação e novos métodos de tratamento da informação em seu contexto profissional.

Ainda segundo Almeida (2005, p. 145), o ambiente da Ciência da Informação recebia positiva aceitação dos seus conhecimentos e técnicas, o que tornou fácil sua aceitação em outras áreas, principalmente na Biblioteconomia.

De natureza interdisciplinar, sua base foi construída a partir de várias áreas do conhecimento, e é tratada de forma diferente de acordo com os problemas e necessidades de cada campo em que ela é inserida. Saracevic (1996) afirma que há um grupo de ciências que forma uma relação interdisciplinar com a Ciência da Informação, incluindo a

Biblioteconomia, a Ciência da Computação, a Ciência Cognitiva (abrangendo a Inteligência Artificial) e a Comunicação, embora outros campos também mantenham relações interdisciplinares com essa área do saber.

A LISA¹ (*Library and Information Science Abstracts*) divulgou uma lista dos assuntos que fazem fronteira com a Ciência da Informação, identificando as áreas da Comunicação, Computadores, Telecomunicação, Organização e Administração, Conhecimento e saber, Educação, entre outros assuntos que permeiam e auxiliam os estudos no campo da Ciência da Informação (PINHEIRO, 1999).

Para Oliveira (2005), a relação interdisciplinar da Ciência da Informação vai além das citadas por Saracevic, ela engloba as áreas de Comunicação Social, Administração, Linguística, Psicologia, Lógica, Matemática, Filosofia e Epistemologia. Para esta autora a participação de outras áreas do conhecimento na Ciência da Informação é em função da complexidade dos problemas a serem equacionados, o que exige a contribuição de diferentes profissionais e pesquisadores.

Com o passar dos anos o crescimento e desenvolvimento da Ciência da Informação foi aprimorado e teve constantes conquistas devido às pesquisas realizadas nas mais diversas áreas, principalmente na área de Exatas e Computação.

Para Araújo (2007) “A Ciência da Informação não nasce ainda como uma ciência social [...] ela vai, apenas nos anos 1970, promover sua inscrição efetiva nas ciências sociais, mesmo trazendo consigo componentes que se interpenetram no âmbito científico e profissional”.

De acordo com González de Gómez (2002, p. 29) “nos fins da década de 1970, outro cenário começaria a ser construído a partir da junção das novas tecnologias de informação e comunicação”, demonstrando que as tecnologias impulsionaram o campo da pesquisa e também das políticas públicas em relação à Ciência da Informação

Independentemente da área em que foi concebida, a Ciência da Informação surgiu para resolver problemas dos profissionais da informação; assim como as áreas de Documentação e Recuperação da Informação, tem como seu foco reunir, organizar e tornar acessível o conhecimento cultural científico e tecnológico produzido em todo o mundo (OLIVEIRA, 2005).

A necessidade de comunicar todo conhecimento produzido mundialmente é um fenômeno básico da sociedade atual. Nesta perspectiva, as tecnologias de informação foram e continuam sendo as grandes responsáveis pela explosão do aparato informacional disponível

¹ Disponível em: http://www.library.pitt.edu/articles/database_info/lisa.html acesso em 10/02/2009.

atualmente, fazendo dela algo elementar para o desenvolvimento das pessoas, das comunidades, enfim, da sociedade.

Embora o conhecimento e a comunicação da informação sejam fenômenos básicos de toda sociedade humana, é o surgimento da tecnologia da informação e seus impactos globais que caracterizam a nossa sociedade como Sociedade da Informação. (CAPURRO; HJORLAND, 2007).

Nesta perspectiva a Ciência da Informação vai galgando caminhos, aprimorando o entender e o conhecer a informação e suas potencialidades, estimulando a construção de campo científico, teórico e prático para a Sociedade da Informação.

2.1.3 Sociedade da Informação

A Sociedade da Informação é vislumbrada em meio às mudanças ocorridas mundialmente, impulsionada pelo elevado número de informações que circulam na sociedade. A disseminação e o acesso às informações, apresentam uma globalização de conhecimentos e culturas cada vez mais amplas, que propicia aos indivíduos a busca por desenvolvimento nos campos profissional, pessoal e social.

Dessa forma, todas as relações sociais, independente da esfera humana, cultural, política ou social, sofrem reconfiguração. Essa nova configuração da sociedade também recebe denominações, como por exemplo: sociedade pós-moderna, sociedade pós-industrial e mais recentemente sociedade da informação.

Independente das diferentes nomenclaturas percebe-se que a sociedade submete-se a um novo contexto e constrói novas realidades, em que as tecnologias de informação e comunicação constituem um marco fortemente consolidado.

Segundo Castells (2007) é importante compreender o contexto social da atualidade, ou seja, é necessário compor o entendimento da relação entre os modos de produção (referindo-se ao capitalismo e ao estatismo) e aos modos de desenvolvimento (referindo-se ao industrialismo e ao informacionismo).

Nesta perspectiva, a sociedade da informação traz como fonte de produção as tecnologias de geração de conhecimento, processamento de informação e também a comunicação de símbolos. É imprescindível destacar que a informação e o conhecimento são aspectos elementares para todas as formas de desenvolvimento, visto que o processo produtivo atualmente está relacionado com o grau de conhecimento dos indivíduos, juntamente com o processamento da informação.

Essas mudanças que ocorrem não são somente no segmento econômico, e sim em todas as esferas sociais, sendo que a sociedade global percebe a mudança e está alterando suas configurações, independente do nível social. Para Castells (1999, p. 17):

a nova forma de organização social, dentro de sua globalidade que penetra em todos os níveis da sociedade, está sendo difundida em todo o mundo, do mesmo modo que o capitalismo industrial e seu inimigo univitelino, o estatismo industrial, foram disseminados no século XX, abalando instituições, transformando culturas, criando riqueza e induzindo a pobreza, incitando a ganância, a inovação e a esperança, e ao mesmo tempo impondo o rigor e instalando o desespero. Admirável ou não, trata-se na verdade de um mundo novo.

Diante disso, o modelo de Sociedade de Informação tem sido assunto de ampla discussão no mundo, já implantado em alguns países da Europa, entre os pioneiros a Espanha. No Brasil, a questão tem sido discutida desde 1996 pelo Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia e no ano de 2000 foi lançado o projeto denominado Programa Sociedade da Informação no Brasil: Livro Verde.

Esse projeto brasileiro tem como objetivo integrar, coordenar e fomentar ações para utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação na busca de incluir socialmente todos os brasileiros nesta nova sociedade, assim como contribuir para o desenvolvimento econômico do país a fim de competir com o mercado mundial.

Na União Européia, o Livro Verde, derivado da área de telecomunicações, foi lançado em 1987, tendo como objetivo abolir os monopólios nacionais e apontar estratégias que potencializem a problemática das redes de informação como elemento da construção de um mercado único, baseados em três diretrizes que balizaram: a liberalização, a plena concorrência e o serviço universal (MATTELART, 2002).

Em um primeiro momento, pode-se analisar que no Livro Verde da União Européia dava-se ênfase somente ao fator econômico, suas ações eram voltadas ao comércio. Porém no ano de 2000 outro objetivo estratégico foi proposto, definindo a missão dos sistemas educativos desta nova Sociedade, estabelecendo as necessidades da sociedade do conhecimento relativo ao aumento do nível de emprego e melhoramento da qualidade de vida (MATTELART, 2002)

No Brasil, mesmo que lançado somente no ano de 2000, o Programa Sociedade da Informação já contemplava além das diretrizes econômicas para alavancar o crescimento do país no mercado global, políticas educacionais para o desenvolvimento pleno das pessoas e da sociedade.

Segundo Miranda (2000), o programa tem como finalidade substantiva lançar os alicerces de um projeto estratégico, de amplitude nacional, para integrar e coordenar o desenvolvimento e a utilização de serviços avançados de computação, comunicação e informação; além de suas implicações na sociedade, de forma a potencializar a pesquisa e a educação, bem como assegurar que a economia brasileira tenha condições de competir no mercado internacional.

Na Sociedade da Informação, caracterizada pela globalização, é necessário entender no que realmente o mundo interligado poderá contribuir para o desenvolvimento profissional e pessoal dos cidadãos. O que precisa ser evidenciado é o contingente de pessoas que deseja ter acesso a esta informação, mas não tem condições intelectuais, culturais e econômicas que permitam essa inclusão no mundo informado e interligado, fazendo da Sociedade da Informação um cenário ambivalente nas relações sociais.

Miranda e Mendonça (2005) complementam o pensamento acima, expondo que na atualidade o Programa Sociedade da Informação tem como objetivos integrar, coordenar e fomentar ações para a utilização das TIC, na busca por incluir socialmente todos os brasileiros na sociedade que está posta e, ao mesmo tempo, contribuir para que a economia brasileira possa competir com seus produtos e serviços no mercado global.

Na perspectiva de Demo (2000, p. 41), “a inteligência está na habilidade de lidar com a ambivalência. Aprender é sobretudo saber pensar, para além da lógica retilínea e evidente, porque nem o conhecimento é reto, nem a vida é um caminho linear” ou seja, a busca por horizontes desafiadores requer um indivíduo que busque e questione as informações comunicadas e tome uma posição.

Santos (2008, p. 65) afirma que “a globalização mata a noção de solidariedade, devolve o homem à condição primitiva do cada um por si, é como se voltássemos a ser animais na selva, reduz as noções de moralidade pública e articular a um quase nada”, sendo necessária uma nova forma de interpretar, reagir e construir uma sociedade mais humanitária.

É por meio da disseminação da informação que se torna possível alcançar o desenvolvimento social, cultural e profissional das pessoas e dos países. Segundo Santos (2008, p. 113) “a possibilidade de cidadania plena das pessoas depende de soluções buscadas localmente”, ressaltando que cada comunidade pode mudar sua realidade, e essa mudança pode ser incentivada e propiciada pela escola.

Para Demo (2000, p. 41):

a informação não pode ser receita pronta, mas o desafio de criar, mudar, refazer. O risco de manipulação é intrínseco, mais é no risco que podemos

reduzir a manipulação. A Sociedade da Informação informa bem menos do que se imagina, assim como a globalização engloba as pessoas e povos bem menos do que se pretende.

O desafio apresentado à sociedade e, por consequência aos formadores dela, e também aos educadores, é buscar instrumentos auxiliares para que os conteúdos e informações compartilhados com os alunos sejam atraentes e estimuladores a novas posturas.

Dessa forma a tarefa de indicar, apontar e construir um caminho para o conhecimento torna-se significativo a todos os participantes desse processo. As tecnologias de informação e comunicação como aliadas nesse cenário de transformação da sociedade e dos indivíduos vislumbram um caminho exploratório para a escola e seus atores.

2.2 A Escola na Sociedade da Informação

Para que a escola consiga auxiliar o aluno em seu desenvolvimento social e intelectual é necessário o envolvimento dos professores, funcionários, pais e comunidade na busca pela qualidade da atividade escolar.

A fim de tentar expor uma compreensão sobre a atuação da escola, um livro fundamental utilizado nesta pesquisa foi “A Escola não é uma Empresa” de Laval (2004). Esse autor analisa a trajetória da escola desde a chamada Sociedade Industrial, ressaltando que a economia e a política desde aquela época são agentes participantes da construção da sociedade e por consequência do sistema educacional, dessa forma, as modificações que acontecem na escola geralmente são impulsionadas por esses fatores sociais.

Laval (2004, p. 15) afirma que:

A economia foi colocada, mais do que nunca, no centro da vida individual e coletiva, sendo os únicos valores sociais legítimos da eficiência produtiva, da mobilidade individual, mental e afetiva e do sucesso pessoal. Isso não pode deixar ileso o conjunto do sistema normativo de uma sociedade e de seu sistema de educação.

Apesar dos aspectos políticos e econômicos é importante pensar socialmente a escola, onde professores e funcionários estão envolvidos profissionalmente. Isso demonstra que cabe a ela não somente o papel de aprovar ou reprovar o aluno, mas sim, de auxiliar em seu pleno desenvolvimento, cabendo, principalmente ao professor, o papel de socializar, interagir, mediar e compartilhar informações que contribuam para a construção do conhecimento e conscientização de uma sociedade da informação globalizada.

Garcez (2009, p. 59) afirma que a “educação é um bem social, um recurso comum criado com vistas a preparar os indivíduos a se inserirem na sociedade, desempenhando papéis, os quais lhe permitiram acesso a outros bens como moradia, alimentação e saúde[...] um bem social, por auxiliar o homem a compreender sua história.”

Sob esse ponto de vista torna-se imprescindível, que a escola descubra constante e continuamente sua aptidão em preparar os indivíduos para buscar sua sobrevivência na atual sociedade que sofre rápidas e constantes mudanças.

Tais mudanças refletem-se principalmente nas exigências impostas aos indivíduos referentes à sua competência profissional. Cada vez mais seus conhecimentos, habilidades e atitudes são solicitados, é preciso pensar a escola como propiciadora potencial desse desenvolvimento, que inicialmente é pessoal, e que futuramente será profissional.

Neste sentido, Laval (2004, p. 17) coloca que “A “competência” primeira, a meta-competência, consistiria em “aprender a aprender” para fazer face à incerteza exigida como entrave permanente da existência e da vida pessoal”. Com pressuposto neste olhar, a escola é a base primeira da competência, já que competência profissional do indivíduo será exigida pelo mercado de trabalho e ele terá que qualificar-se para inserir-se profissionalmente na sociedade.

A permanente cobrança exigida do indivíduo demonstra que a escola também deve ter como pressuposto o objetivo de que o aluno consiga ter capacidade de compartilhar experiências, debater, respeitar a si e aos demais, desenvolver habilidades, atitudes e conhecimentos, assim como desenvolver-se de forma que consiga expressar suas próprias ideias e opiniões.

O cenário descrito acima reforça a reflexão do papel da escola junto ao desenvolvimento do indivíduo. Pensar a escola como propiciadora da evolução do conhecimento dos alunos é o desafio proposto globalmente, em que professores, funcionários, pais e alunos buscam e trabalham nessa direção.

Outro olhar faz-se necessário, ao pensarmos o desenvolvimento dos alunos dentro da escola, com base na noção de “aprendizado ao longo da vida” que está associado à noção de eficácia, perceber o seu desempenho ou ainda a noção de competência, demonstra que a lógica econômica faz parte da lógica escolar em busca do saber útil e homogêneo, que não deve ser negligenciado. LAVAL, (2004, p.45)

A função da escola atual é trabalhar com o aluno seus conhecimentos prévios para que ele consiga agregar mais conhecimentos e por conseqüência atingir um nível mais elevado de conhecimento ao final de sua permanência nela. Esse processo de conseguir com que o aluno

passa de um nível de conhecimento para outro mais elevado, é registrado como processo de aprendizagem e deve ser respeitado individualmente.

Para corroborar com a ideia acima e entendermos como acontece a relação entre o desenvolvimento humano e o processo de aprendizagem, Sant'anna; Sales; Dias (2006, p. 6) apresentam os seguintes princípios: “ o desenvolvimento humano é um processo contínuo; o indivíduo aprende o que existe em seu meio; o conhecimento é continuamente transformado pelas novas experiências e informações; a criança desenvolve aprendendo as coisas que lhes são ensinadas dentro e fora da escola; há diversos ritmos de desenvolvimento”.

Considerando o exposto acima, a escola é o lugar onde se realizam atividades específicas de construção do conhecimento formalmente organizado, que perpassa por todo um processo, desde a formação inicial até a conclusão do curso ao qual o aluno se propôs.

No esforço pela oferta de uma formação integral, a escola deve instigar o pleno desenvolvimento do aluno, possibilitando que o ensino proporcione situações em que sejam possíveis transformações e formação de novos pensamentos, posturas e condutas, agindo de forma a compartilhar as informações e experiências que sensibilizem e conduzam possíveis mudanças no aluno.

Segundo Kuhlthau, citada por Campello (2003), “o desafio para a escola na Sociedade da Informação é educar as crianças para viver e aprender num ambiente rico em informação”, assim, a missão do professor é mediar as relações fornecendo informações, fazendo com que o ambiente escolar desenvolva e acrescente no aluno um espírito de cidadania, auxiliando para que os indivíduos possam refletir sobre as informações e ações propostas à sociedade.

Falar em ambiente rico em informação é por consequência falar num ambiente com tecnologias de informação e comunicação para que a busca do conhecimento pelo aluno possa ser facilitada. Desta forma é importante pensar a educação e o ambiente escolar sob dois aspectos.

Com base nos estudos de Garcez (2009, p. 60) os aspectos a serem pensados são:

- 1) Os indivíduos fora da escola transformam-se em um perigo social iminente. Desempregados ou subempregados e experimentando más condições de moradia, saúde, alimentação, eles são levados a experimentar outros tipos de violência, e a sociedade começa a adoecer.
- 2) A permanência dos indivíduos na escola e terem os ciclos formais de aprendizagem (Educação Básica e Superior) parece não ser mais suficiente. É preciso oferecer aprendizagem possibilitada pela junção do conhecimento teórico e prático, unindo-os à aprendizagem primária.

A reflexão apresentada por Garcez acima, elucida que a educação atual necessita ser repensada. A sociedade deve buscar na escola o auxílio ao desenvolvimento, ao conhecimento, a aprendizagem, porém não somente a escola tem o papel de modificar e facilitar o cenário atual de desigualdade.

No sentido de fornecer auxílio ao desenvolvimento do indivíduo como um todo, pode-se ter como aparato facilitador as TIC, porém elas não substituirão o papel do professor. O professor é quem auxilia e orienta os alunos, elas poderão ser facilitadoras do processo, mas não a solução dos problemas existentes na escola e na sociedade.

Numa crítica a noção de que as TIC são a solução para todas as especificidades encontradas no ambiente escolar, Lüdke e Boing, (2004, p. 1170) afirmam que “a informática educativa está se colocando cada vez mais como um apêndice ao trabalho dos professores, pois nem todos os professores têm um domínio desejável dos ambientes informatizados, que ficam restritos a um grupo fechado”.

A ideia de que a tecnologia resolverá todos os problemas da educação e da sociedade parece ser ilusão, tanto na utilização dos alunos quanto na prática dos professores. Santos (2008, p. 39) afirma que “estamos diante de um novo encantamento do mundo, no qual o discurso e a retórica são o próprio fim. Esse imperativo e essa onipresença de informação são insidiosos, já que a informação atual tem dois rostos, um pelo qual busca instruir, e um outro, pelo qual busca convencer”.

Souza, (2004, p. 136) com base em Baumann, afirma que a educação sofrerá desafios externos que terá de enfrentar e que, por conseqüência, se desdobrarão e se transformarão em desafios internos que virão para dentro da escola, implicando na missão da escola, no foco do trabalho docente, no objeto de trabalho educacional da área, na relação entre os sujeitos, e por fim, na percepção sobre o contexto educacional.

No sentido de discurso de modernidade, de desafios impostos à escola, de conflitos de interesses, valores e ideais, num contexto em que os administradores, *experts* e estatísticos são mais valorizados do que a atividade educacional “a escola é intimada a ser competitiva. Ela deve se adaptar ao desejo do usuário, segundo um procedimento de serviço-cliente”. LAVAL(2004, p. 192).

Contrapondo o pensamento acima, a questão da competitividade na escola, do papel central dela como responsável pelo desenvolvimento pessoal e profissional dos alunos é questionada. Segundo Lüdke e Boing, (2004, p. 1167) “Não é mais a escola ou a empresa que produzem as competências exigidas do indivíduo para enfrentar o mercado de trabalho, mas o próprio indivíduo”.

Por isso, a necessidade de reflexão da situação educacional diante do cenário atual de globalização é imprescindível, o repensar a educação a fim de propiciar o acompanhamento integral dos alunos e novas formas de trabalhar para superar os desafios internos e externos da prática profissional que virão pode ser vislumbrado.

A escola precisa parar de centrar-se em si mesma e colocar o aluno no centro do processo. Dessa forma, é necessário que a escola e o professor tenham o embasamento de como acontece a aprendizagem, o desenvolvimento biológico e mental do ser humano, a influência das suas emoções, do seu meio social e ambiental.

É importante também que a escola e o professor vejam um mundo não compartimentalizado ou dividido, e sim, um mundo global onde vivem seres totais, pertencentes a uma natureza que se completa a todo instante. Neste mundo há conflitos, desafios e soluções a serem encontradas.

Assim, a escola, alunos, professores, pais e comunidade devem começar a movimentar-se para participar e se mostrarem competentes no processo de construção de um novo cenário social, político e econômico da Sociedade da Informação que deve ser igualitário. Mas, ainda assim, o professor é um dos principais protagonistas, ou talvez o principal protagonista.

Ao pensar uma escola, a primeira pessoa que imediatamente visualizamos é o professor. Esperamos uma figura disposta a ensinar, a compartilhar, a conduzir, a produzir e a socializar conhecimentos. Muitas vezes atuam como pais, como guias, como médicos, como psicólogos, como amigos e como mestres.

Um primeiro aspecto a ser considerado é que o professor lida com várias pessoas, independente da faixa etária ou do nível social, ou seja, atende crianças, jovens e adultos, em instituições de ensino públicas ou privadas, ou ainda em contextos que não sejam a escola, porém onde o ensinar e o aprender sejam necessários.

É um profissional que tem como ferramenta de trabalho o conhecimento, e faz disso uma prática diária, seja através da interação com seus alunos, através de pesquisas bibliográficas ou de campo, entre outras atividades onde o conhecer, o aprender e o ensinar, são constantes em sua prática profissional.

Há várias formas de descrição do trabalho do professor. Uma delas está preestabelecida na Classificação Brasileira de Ocupações – (CBO 2002), de responsabilidade do Ministério do Trabalho e do Emprego (2010)². Nessa classificação está descrita a profissão do professor

² Informações obtidas em <http://www.mteco.gov.br/cbsite/pages/relatorio/relatorioTemplateWordFamilia.jsf>

quanto a sua titulação: os professores de nível superior do ensino fundamental (primeira a quarta séries) que corresponde ao título de Professor da educação de jovens e adultos do ensino fundamental (primeira a quarta série) ou como professor de suplência do ensino fundamental (primeira a quarta série). Também se enquadra neste perfil o professor de nível superior do ensino fundamental (primeira a quarta série) caracterizado como professor das séries iniciais ou o professor dos ciclos iniciais (ensino fundamental), assim como os professores de nível superior no ensino fundamental que atendem as turmas de quinta a oitava série.

Ao descrever todos os aspectos que englobam a profissão docente a CBO (2010) provoca a reflexão sobre se todos os professores têm nas escolas onde lecionam disponibilidade para utilizar todos os recursos didáticos mencionados em sua prática.

Numa análise para a compreensão do contexto proposto, Shiroma e Evangelista (2003, p. 9) apresentam que:

Compreender-se como professor profissional e membro de um coletivo significaria, pois, ater-se à coletividade escolar de pais, alunos, professores e gestores. Nesse caso, o coletivo comporta o sentido de grupo do qual o professor faz parte em seu exercício profissional. Nessa perspectiva, o professor profissional seria aquele que experimentaria soluções, que demonstraria compromisso com o seu cliente, que atenderia com eficiência as demandas da instituição; que desenvolveria “motivação individual para o trabalho.

A descrição exposta na Classificação Brasileira de Ocupações e a analogia do professor como produto mercantilizado realizada por Shiroma e Evangelista (2003) englobam fatores positivos e negativos da profissão docente, as características, exigências, competências e posturas demonstram que esse indivíduo, o professor ou profissional deve desenvolver-se constantemente, desenvolvimento este que engloba desde a habilidade em utilizar os recursos disponíveis para facilitar a aprendizagem, até a relação afetiva que deve manter com seus alunos.

Num outro olhar, Kenski (2001, p. 96) retrata o indivíduo descrito acima, denominado por ele de professor-pessoa, como sendo “aquele que ensina e, ao ensinar, também aprende”. Complementando esta idéia, Morettini e Urt (2008, p. 16) abordam que “o sujeito-professor é capaz de criar e recriar a aprendizagem e não reproduz mais meramente um significado que lhe foi transmitido, passa a ser capaz de fazer uma síntese, elaborar o seu próprio pensar e pensar sobre suas atividades”.

Tal reflexão sobre a atividade docente remete à ideia do professor não como mero transmissor de conteúdos ou informações, e sim como um disseminador, um intelectual, um provedor de cultura e de conhecimentos, por isso, um sujeito reflexivo. Mesmo que esta atividade de reflexão tome tempo, o processo de pensar e produzir conhecimentos é importante na profissão docente, agregando a esse profissional um pensar e agir intelectualizado.

Neste sentido de professor intelectual e a partir dessa relação de pensar sobre a sua atividade, de refletir consigo mesmo, com o outro e com o mundo deve se apoiar na cultura e seus aspectos históricos e sociais. Ela fornece visões, ou até mesmo versões que precisamos compreender, interpretar, adaptar, aceitar ou rejeitar. (MELLOUKI; GAUTHIER, 2004, p. 543)

Ainda de acordo com Mellouki; Gauthier, (2004), aos professores é que cabe a incumbência de escolher, de interpretar, de criticar e de contextualizar os referenciais culturais em benefício da formação intelectual dos alunos.

Nessa perspectiva cultural que vai se instalando com os programas de ensino, também no Brasil, confirma-se uma maneira completamente nova no que se refere ao papel dos professores na qualidade de intelectuais, ou seja, passam a ser além de intelectuais, herdeiros, intérpretes e críticos da cultura.

Importante ressaltar, que o professor não se reduz a uma soma limitada ou restrita de conhecimentos de uma cultura que é, ao mesmo tempo, conhecimento e relação construída, e sim de uma relação em constante construção, sempre inacabada, uma relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

Nas relações onde o professor é mediador, condutor, intérprete, construtor, enfim provedor de conhecimentos, a atuação docente exige desempenhos ora como mestre, ora como aprendiz. Os professores anseiam por melhores práticas didáticas, buscam novas maneiras de ensinar e também de atualizar-se frente às alterações educacionais impostas pelos novos tempos. Evidencia-se que esses profissionais buscam transformar a ação docente no atual momento da sociedade.

O estudo de Kenski (2001, p. 95) trata da ação docente na sociedade atual, denominada pelo autor como sociedade digital, apresenta o professor como um agente³ em vários aspectos, conforme descritos abaixo:

³ **Agente:** Aquele que age; a pessoa que faz uma *acção*. Na tradição filosófica são apontadas pelo menos duas exigências para que se considere que alguém tem a propriedade de ser um agente: a primeira, ser capaz de avaliar e escolher entre as várias opções de acção disponíveis; a segunda, ser capaz de concretizar a escolha que fizer. O problema filosófico da agência consiste em saber se as acções são apenas acontecimentos que envolvem

- a) O professor, agente da memória social informal auxilia os alunos a se compreenderem como participante de um grande grupo social, com tradições e processos civilizatórios; promove a integração das diferenças; contribui com a memória coletiva num processo de ampliação e transformação; orienta seus alunos e a si próprio para aprender e respeitar as trocas virtuais; cria pontes para os estudantes que têm acesso limitado às tecnologias e realiza ações que vislumbrem intercâmbios e interações culturais, sociais e tecnológicas;
- b) O professor, agente de valores da sociedade realiza uma construção pessoal e original de sua postura, os valores apresentados pelo professor são incorporados pelos alunos; o professor seduz os alunos com a informação criando um clima favorável ao aprendizado; busca trabalhar com um conjunto complexo que envolve raciocínio lógico, sentimento, emoção e valores agregados à informação socializada; busca recuperar o respeito entre as pessoas, a solidariedade e a liberdade de expressão em busca da construção de um pensamento comum.
- c) O professor, agente de inovações aproxima o aluno das novidades, descobertas, informações e inovações que agreguem a efetivação da aprendizagem; apresenta um conhecimento sedutor com a utilização de sons, imagens, cores e movimentos através das mídias; é um incansável pesquisador; aceita desafios; faz perguntas, estimula a apresentação de respostas e comentários dos alunos encaminhando-os para a reflexão crítica das informações disponíveis na rede; tem familiaridade com a área técnica, promovendo cursos *on line*; trabalha com o princípio da inovação como forma de agregar conhecimentos aos conteúdos e apresenta as possibilidades da tecnologia que a educação pode utilizar atualmente.

Diante do cenário descrito acima, são grandes os desafios do professor na sociedade atual. Sua competência profissional é testada a todo o momento, demonstrando uma reflexão que para este profissional sua formação deve ser constante e continuada. Seu papel como agente engloba aspectos sociais, informacionais e tecnológicos, o que reforça seu papel como professor intelectual, que deve sempre estar preparado para responder os questionamentos dos alunos e sobretudo analisar constantemente a sua prática, tanto profissional como social.

Mellouki; Gauthier, (2004, p. 545) identificam o professor como intelectual, e conseqüentemente, neste sentido, o professor tem uma função social. Por ser educador é um ser de cultura e de eloqüência, um transmissor de conhecimentos, um operário do pensamento, um técnico do saber prático, um engenheiro do pensamento, um agente de inculcação ideológica e de conservação da ordem estabelecida ou motor das mudanças sociais, um membro da classe média, da pequena burguesia, de uma profissão que sofre com a falta de reconhecimento ou de uma elite que não sabemos onde situar no espaço social.

Por intelectuais é preciso entender todos aqueles que criam, distribuem e colocam em prática a cultura, o universo de símbolos que engloba a arte, a ciência e a religião podem ser tratados como intelectuais. Mellouki; Gauthier, (2004, p. 549) apontam o professor intelectual como herdeiro, intérprete e crítico da cultura e da sociedade, denominando-o de mestre, conforme descrito abaixo:

O Mestre Herdeiro: Como herdeiro, o professor faz parte de uma cultura que o constitui, que faz dele um membro da coletividade detentora de uma história, de uma organização social, de uma forma de governo, de uma cultura que modela a sua identidade e a sua maneira de representar a si mesmo como indivíduo e membro de uma determinada comunidade exercendo determinada atividade e tendo preferências políticas e objetivos de vida. Neste cenário o professor não faz apenas parte de uma cultura primeira herdada do meio familiar e social imediato (línguas, costumes, modos de vida), seu papel de mestre é tornar o aluno – o aprendiz de hoje, o cidadão de amanhã – consciente de sua herança, colocando-o em contato com a obra humana do passado, com as culturas de outros lugares, com o desenvolvimento das letras, das artes, da história, das ciências e das tecnologias. Porém seu papel vai mais além, pois a cultura não se reduz nem a uma soma de conhecimentos nem a objetos que precisamos conhecer: pintura, arquitetura, modos de vida, etc. Os conhecimentos, objetos e modos de vida que foram produzidos ou adotados em contextos determinados a fim de satisfazerem as necessidades apresentadas são trazidos à tona. Sua postura é auxiliar o aluno a situar os conhecimentos, os objetos culturais e modos de vida em seu contexto social e histórico, dessa forma é que o mestre contribui para a formação cultural do aluno e para ajudá-lo a tomar consciência dos pontos de junção e de ruptura que marcam a história humana. MELLOUKI;GAUHIER, (2004, p.556)

O Mestre Crítico: Sua herança pode tornar-se um peso morto que os vivos devem carregar, se ela não for, ao mesmo tempo, herança da capacidade de apreciá-la, de evocá-la, de aceitá-la ou de recusá-la. Toda herança é inaceitável, se não for ao mesmo tempo desenvolvimento da faculdade crítica. A crítica é o despertar, é o exercício de uma

consciência engajada no mundo, preocupada em separar o joio do trigo, em detectar os vieses culturais (preconceitos, estereótipos, etnocentrismo) e em lançar um olhar circunstanciado sobre os seus próprios saberes, valores e modos de viver e de pensar, os de seus semelhantes e os dos outros. O desenvolvimento da faculdade crítica é o resultado de uma longa aprendizagem e de uma prática contínua de distanciamento com relação às culturas anteriores. Para ser crítico, é preciso que o mestre saiba aquilo que herdou, que domine a capacidade de analisar e de comparar a fim de poder perceber, no lusco-fusco da cultura, os pressupostos, os preconceitos, as crenças e as ideias aceitas sem um exame racional. Ele precisa conhecer os modos de construção do saber, dar ao saber seu peso relativo como apreensão provisória do mundo, apreensão limitada, passageira e substituível, mas não menos essencial como ferramenta para reunir os elementos descontínuos e situar-se no mundo. MELLOUKI;GAUHIER (2004, p.557)

O Mestre Intérprete: o professor desempenha, diariamente, o papel de intérprete: expondo o conteúdo de uma lição de gramática ou de física; explicando uma equação matemática ou o modo de aplicá-la; comentando um texto em prosa ou em verso; escolhendo uma maneira de abordar um assunto; organizando sua sala e fazendo os alunos trabalharem de uma certa maneira; lembrando as regras de comportamento e fazendo com que sejam respeitadas na sala de aula; percebendo o gesto de incompreensão de um aluno e retomando a explicação; alegrando-se com o lampejo de compreensão que passa pelos olhos de outro e parabenizando o aluno. Mellouki; Gauthier, (2004, p.558).

Todo o cenário vislumbrado acima aponta que as relações entre alunos e professores, assim como as concepções de ensino e de aprendizagem e as abordagens pedagógicas, podem ser diversificadas de acordo com a postura, formação e prática dos professores, porém a natureza e a finalidade do trabalho docente devem ser embasadas na socialização, no compartilhamento de conhecimentos e nas visões do mundo.

Embora alguns professores zelem pela ordem na sala de aula e pela postura profissional para que os alunos se comportem de acordo com as regras de conduta estabelecidas, muitos professores tentam se comportar como representantes e até como “notários” da cultura, traduzindo ideias por meio de comportamentos. Tais professores levam os alunos a buscarem aplicações práticas para as aprendizagens teóricas ou chegarem a conclusões teóricas a partir de um processo indutivo, ou seja, diariamente, por intermédio do que dizem e fazem nas aulas em suas relações com os alunos.

Complementando a ideia acima, Garrido (2001, p. 129) indica que “a tarefa de ensinar um saber elaborado passa por um processo prévio em que os alunos aprendem a pensar

melhor, a problematizar, a valorizar o conhecimento e a se comprometer com a busca investigativa”, ou seja, a postura do professor conduzirá a forma como o aprendizado acontecerá.

A postura do professor deve mostrar aos alunos nos comportamentos rotineiros o que significa o rigor, a democracia, a equidade, a tolerância, a neutralidade de espírito, o conhecimento, o saber, a criticidade, enfim, devem traduzir e ajudar os alunos a traduzirem suas ideias nas coisas da vida, a concretizar um conceito, uma opinião, uma atitude por meio de um comportamento, enfim, a construir seu conhecimento integral.

2.3 A Competência Informacional no contexto educacional

O ambiente escolar é influenciado pelas modificações decorrentes das alterações e mudanças construídas na sociedade. Os indivíduos também dão origem a modificações, que são principalmente percebidas através da exigência profissional; atualmente essas modificações têm forte relação com a ideia de competência. Neste cenário, a competência do indivíduo torna-se pressuposto para ele abrir caminhos em busca de seu desenvolvimento e crescimento, tanto profissional como social.

Em meio às exigências impostas direta ou indiretamente pela sociedade, a ideia representada pelo termo competência e seus complementos deve ser estudada. O que se está apresentando a seguir é um embasamento conceitual que inicia por uma análise da literatura sobre o que representa a competência, perpassa pela competência informacional a luz da Ciência da Informação, suas dimensões e finaliza na atuação do professor como agente da competência informacional.

2.3.1 Competência

A Sociedade da Informação exige das pessoas habilidades em aprender a lidar com a informação e suas ambivalências, além disso, exige competências individuais para lidar com a informação em seu contexto pessoal, profissional e social. A problemática do contínuo aprimoramento dos indivíduos contempla a necessidade de capacitação e desenvolvimento na busca pela competência.

O termo competência origina-se do latim, *competentia*, que significa proporção e simetria (SARAIVA, 1993, p. 260). Essa noção de competência é referente à capacidade de compreender uma determinada situação e tomar uma posição adequada frente a ela, fazendo uma avaliação da situação encontrada, buscando uma forma para resolver a problemática com a finalidade de atuar e concluí-la da melhor maneira possível. A competência também é relacionada com o “saber fazer algo”, o que por consequência envolve uma série de habilidades. O termo habilidade também vem do latim *habilitas*, que significa aptidão, destreza, disposição para “alguma coisa” (SARAIVA, 1993, p. 512).

Há necessidade de se estudar a origem etimológica das palavras competência e habilidade porque de certa forma existe uma distinção entre as duas palavras, embora tenham significados diferentes muitos trabalhos abordam os termos igualmente, situação em que as competências e habilidades formam o perfil de um profissional.

No ano de 2002, o Conselho Nacional da Educação brasileiro no art. 7º da Resolução CNE/CP nº 3 definiu que competência profissional é “a capacidade pessoal de mobilizar, articular e colocar em ação conhecimentos, habilidades, atitudes e valores necessários para o desempenho eficiente e eficaz de atividades requeridas pela natureza do trabalho e pelo desenvolvimento tecnológico” (BRASIL, 2002).

O Ministério do Trabalho e do Emprego (2009) descreve na Classificação Brasileira de Ocupações – (CBO 2002) que competência pode ser descrita em duas dimensões: A primeira dimensão refere-se ao nível da competência que está relacionado à função da complexidade das atividades desenvolvidas no emprego ou outro tipo de relação de trabalho. Por sua vez, a segunda dimensão apresenta-se na forma de domínio (ou especialização) da competência, integrando características do contexto do trabalho como área de conhecimento que identifica o tipo de profissão ou ocupação.

Segundo Zarifian (2003, p. 37), a competência é uma forma de qualificação dos indivíduos, uma nova maneira de qualificar. Mas não se trata somente da qualificação como “um modo histórico particular e sempre dominante: o da qualificação pelo posto de trabalho”, e sim de uma nova forma de “construção da qualificação”.

Perrenoud (1997, p. 7) sugere que a competência vincula-se a “uma capacidade de agir eficazmente em um tipo definido de situação, capacidade que se apóia em conhecimentos, mas não se reduz a eles. Para enfrentar da melhor maneira possível uma situação, devemos em geral colocar em jogo e em sinergia vários recursos cognitivos complementares, entre os quais os conhecimentos”.

Mesmo sendo de outra área do conhecimento, uma contribuição relevante para conceituação do termo vem de Fleury; Fleury (2001, p. 21). Eles expõem que a competência é “um saber agir responsável e reconhecido, que implica mobilizar, integrar, transferir conhecimentos, recursos, habilidades, que agreguem valor econômico à organização e valor social ao indivíduo”.

Pode-se presumir, portanto, que a competência, a informação e o conhecimento dos indivíduos são elementos positivos que beneficiam todas as classes de profissionais, pois a informação e o conhecimento sempre fizeram parte do trabalho relevante e significativo, mas agora existe visibilidade que é reconhecida mais rapidamente.

Como o conhecimento só pode ser mobilizado pelo indivíduo, pela pessoa humana, inverte-se a lógica. O trabalho deixa de ser algo externo ao trabalhador e volta a ser algo intrínseco a quem o realiza (MIRANDA, 2004).

Para Perrenoud (2002), a competência possui três características que são: a primeira é a pessoalidade característica fundamental na ideia de competência, pois as pessoas são ou não são competentes, toda tentativa de atribuição de competência a objetos ou artefatos parece insólita ou inadequada. A segunda deriva da competência que é exercida. Não existe uma competência sem referência a um contexto no qual ela se materializa: ela sempre tem um âmbito, o que torna natural é a expressão “Isto não é da minha competência”. A terceira e última característica é a mobilização, sempre envolvendo a mobilização de saberes.

Neste contexto, não se trata de um conhecimento acumulado, mas sim da virtualização de uma ação; da capacidade de recorrer ao que se sabe para realizar o que se almeja, o que se pretende. Assim, o indivíduo necessita de conhecimentos para realizar seu trabalho de forma adequada com as exigências de sua profissão. Como se pode notar, a competência é algo complexo, que engloba uma série de atitudes, habilidades, valores e conhecimentos.

A reflexão sugerida é que a competência, formada por atributos, deve ser constantemente alimentada; ou seja, a aquisição de conhecimento e a habilidade em fazer algo não permanecem estagnadas, pois a quantidade de novas informações e conhecimento faz com que os indivíduos busquem constante aprimoramento, especialização e, sobretudo aprendizagem para manterem-se competentes.

2.3.2 Competência Informacional à luz da Ciência da Informação

A configuração da sociedade alicerçada e composta pelo grande fluxo de informações tem gerado a necessidade de pesquisas e estudos para se entender o cenário e o contexto da

informação nas mais variadas áreas, isso remete para a Ciência da Informação, que busca entender e explicar os fenômenos da informação.

Dentro da abordagem da Ciência da Informação, surgiu em 1974 nos Estados Unidos da América, a expressão *information literacy*, que no Brasil é conhecida como Competência em Informação, Alfabetização Informacional, Competência Informacional ou Letramento Informacional.

Dudziak (2003, p.4) diz que:

a década de 1970 se caracterizou pela admissão de que a informação é essencial à sociedade. Portanto, um novo conjunto de habilidades foi necessário para o uso eficiente e eficaz da informação. Antevia-se uma realidade de mudanças nos sistemas de informação e no papel exercido pelos bibliotecários.

Campello (2003), assegura que a expressão *information literacy* foi mencionada pela primeira vez na literatura dos Estados Unidos em 1974 em um relatório elaborado por Zurkowsk, submetido à *Comission Libraries Information Science*, que sugeria ao governo que iniciasse o programa para o desenvolvimento da competência informacional da população. Seu objetivo era conseguir potencializar a utilização dos vários produtos informacionais disponíveis no mercado norte-americano, e também promover a aplicação da competência informacional na solução de problemas cotidianos, principalmente, no trabalho.

Dudziak (2003, p. 24), afirma que nos anos 1980 as novas tecnologias de informação (TI), influenciaram e alteraram os sistemas de informação e as bibliotecas, principalmente nos Estados Unidos. Com isso, surgiram inúmeros trabalhos focalizando a *information literacy* como *information technology literacy*. Outra questão significativa naquele contexto, está relacionada ao foco somente na capacitação em TI e restringindo a noção do que seria *information literacy*, tornando-a enfaticamente instrumental.

Em 1980, foi divulgado um relatório diagnosticando a situação da aprendizagem na educação norte americana, o qual não mencionou a importância das bibliotecas como apoio e recurso pedagógico; tal fato gerou uma forte reação dos bibliotecários e profissionais da área da biblioteconomia, que passaram a utilizar o termo Competência Informacional para designar as habilidades necessárias aos usuários e profissionais para manter-se atualizada no ambiente informacional complexo da sociedade. (CAMPELLO, 2003)

Porém em 1987, surge no cenário acadêmico a monografia de Carol C. Kuhlthau, que lança a educação voltada para a *information literacy*, respeitando dois eixos fundamentais: a integração da *information literacy* ao currículo e o amplo acesso aos recursos informacionais, proporcionando um novo olhar, uma nova forma de aproveitar a competência informacional em prol da evolução da educação.

Essa nova perspectiva sobre a competência informacional após o trabalho de Carol C. Kuhlthau, fez com que os bibliotecários tomassem um posicionamento, para além de competências instrumentais para lidar com os produtos da informação, a necessidade de desenvolver nas pessoas a competência informacional. Segundo Campello (2006), esse movimento dos bibliotecários resultou em 1989, no relatório final do *Presidential Committee on Information Literacy* da *American Library Association* (ALA).

Esse relatório é um documento que menciona a concepção e a definição da competência informacional, sendo mais utilizadas na literatura da área na atualidade. O documento descreve que:

Para ser competente em informação, a pessoa deve ser capaz de reconhecer quando precisa de informação e possuir habilidade para localizar, avaliar e usar efetivamente a informação [...]. Resumindo, as pessoas competentes em informação são aquelas que aprenderam a aprender. Elas sabem como aprender, pois sabem como o conhecimento é organizado, como encontram a informação e como usá-la de modo que outras pessoas aprendam a partir dela. (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 1989).

Segundo Campello (2003), em 1998 a *American Association of School Librarians/Association for Educational Communications and Technology* divulgou o *Information Power*, com a finalidade de explicitar as habilidades informacionais a serem desenvolvidas na escola, demonstrando as possibilidades da aplicação da competência informacional no âmbito dos conteúdos curriculares.

O documento que tem o foco nas bibliotecas escolares de ensino básico baseia-se fortemente no conceito de competência informacional para definir além das habilidades informacionais, as funções desse tipo de biblioteca e do profissional que nela atua. Este visa demonstrar o poder da informação, buscando construir parcerias para o desenvolvimento da competência informacional nas escolas.

Nesta perspectiva foram descritas nove normas a serem seguidas pelos professores para desenvolver a Competência Informacional junto aos alunos, sendo divididas em três aspectos: o da Competência Informacional, o da Aprendizagem Independente e da Responsabilidade Social.

As normas definidas pelo *Information Power* são:

a) Competência Informacional

1. O aluno que tem competência informacional acessa a informação de forma eficiente e efetiva.
2. O aluno que tem competência informacional avalia a informação de forma crítica e competente.
3. O aluno que tem competência informacional usa a informação com precisão e com criatividade.

b) Aprendizagem Independente

- i. 4. O aluno que tem capacidade de aprender com independência possui competência informacional e busca informação relacionada com os seus interesses pessoais com persistência.
- ii. 5. O aluno que tem capacidade de aprender com independência possui competência informacional e aprecia literatura e outras formas criativas de expressão da informação.
- iii. 6. O aluno que tem capacidade de aprender com independência possui competência informacional e se esforça para obter excelência na busca de informação e de geração de conhecimento.

c) Responsabilidade Social

7. O aluno que contribui positivamente para a comunidade de aprendizagem e para a sociedade tem competência informacional e reconhece a importância da informação para a sociedade democrática.
8. O aluno que contribui positivamente para a comunidade de aprendizagem e para a sociedade tem competência informacional e pratica o comportamento ético em relação à informação e à tecnologia da informação.
9. O aluno que contribui positivamente para a comunidade de aprendizagem e para a sociedade informacional tem competência informacional e participa efetivamente de grupos, a fim de buscar e gerar informação. (CAMPELLO, 2003).

Outro documento que potencializa a importância da competência informacional para os indivíduos é a Declaração de Alexandria; ele também trata do aprendizado ao longo da vida e,

mais que isso, declara que esses dois elementos são os faróis da Sociedade da Informação, que visam iluminar os caminhos para o desenvolvimento, a prosperidade e a liberdade.

A competência informacional está no cerne do aprendizado ao longo da vida. Ela capacita as pessoas em todos os caminhos da vida para buscar, avaliar, usar e criar a informação de forma efetiva para atingir suas metas pessoais, sociais, ocupacionais e educacionais. É um direito humano básico em um mundo digital e promove a inclusão social em todas as nações. (INTERNATIONAL, 2005).

Segundo Campello (2009, p. 71), a estratégia inicial da competência informacional baseava-se no indivíduo como participante ativo de seu processo de aprendizagem; assim ele era encorajado a utilizar uma variedade de fontes de informação para realizar as tarefas propostas pelos professores, em que cada aluno seguia o seu ritmo de aprendizagem e tinha a oportunidade de aprender a analisar, interpretar, sintetizar e organizar as informações, assim como exercitar sua capacidade de ler, escrever, falar e ouvir.

Dessa forma, a competência informacional engloba desde a habilidade técnica para uso dos produtos informacionais e construção do conhecimento através das tecnologias de informação e comunicação, até a interação social das pessoas, através da aprendizagem independente, da responsabilidade social e da aprendizagem ao longo da vida.

Contribuindo com o pensamento acima, Campello⁴ (2009, p. 83) afirma que o letramento informacional não é um objetivo fixo a ser alcançado, e sim um *continuum* de habilidades, familiaridade e eficiências relativas ao uso da informação, que a alteração de termos (competências, fluência, etc) não ajuda a esclarecer o fenômeno que a competência informacional representa.

2.3.3 Dimensões da Competência e a Competência do Professor

A Competência Informacional envolve uma série de aspectos relacionados ao desenvolvimento intelectual humano, vinculado ao crescimento tanto pessoal como profissional das pessoas. A disseminação da Competência Informacional ocorre principalmente dentro de escolas e bibliotecas por serem espaços de desenvolvimento humano e de busca de informação, na tentativa das pessoas de sanarem suas dúvidas e questionamentos a fim de construir conhecimentos.

⁴ Em seus primeiros textos Campello utilizava o termo Competência Informacional, com a evolução de seus estudos ela passou a adotar o termo letramento informacional. Pode-se verificar na sua produção dos anos de 2003 e 2009 a modificação nos termos utilizados pela autora.

Na obra Sociedade da Informação no Brasil - Livro Verde, (TAKAHASHI, 2000, p.7), alega que “na nova economia, não basta dispor de uma infra-estrutura moderna de comunicação, é preciso competência para transformar a informação em conhecimento”. Nesta perspectiva, o professor passará por algumas transformações, porém é necessário além da capacitação pedagógica e tecnológica, uma reflexão sobre sua prática docente para que ele consiga acompanhar o desenvolvimento da sociedade e efetuar o seu trabalho com qualidade.

Na escola, a competência informacional deve ser disseminada e praticada por professores e bibliotecários, porém o foco deste estudo será na competência do professor. Assim como outros profissionais, o professor deve inserir em sua prática docente algo que contribua para o desenvolvimento intelectual e social dos alunos e da comunidade, ou seja, ao realizar o seu trabalho com qualidade estará também demonstrando sua competência informacional.

Considerando a competência global do professor em sua prática docente buscou-se na literatura outras fontes sobre as dimensões da competência dos professores. A partir dessa busca, encontrou-se a obra de Rios (2005) que descreve algumas categorias da competência do professor. Ela define que a competência se apresenta “como uma totalidade que abriga em seu interior uma pluralidade de propriedades, um conjunto de qualidades de caráter positivo, fundadas no bem comum, na realização dos direitos do coletivo de uma sociedade” (RIOS, 2005, p. 93).

A visão multidimensional da competência do professor auxiliará a compreender em que contexto e sob quais os parâmetros essas dimensões da competência oferecem-lhe instrumentos e reflexões que o auxiliem e facilitem o desenvolvimento da competência informacional no ambiente escolar.

As dimensões da competência são apresentadas por Rios (2005, p. 108) como: dimensão técnica, dimensão estética, dimensão ética e dimensão política, justificando que para uma docência de melhor qualidade as dimensões devem ser refletidas da seguinte forma:

- a) a dimensão técnica diz respeito à capacidade de lidar com os conteúdos – conceitos, comportamentos e atitudes – e à habilidade de construí-los e reconstruí-los;
- b) a dimensão estética está relacionada à presença da sensibilidade e sua orientação numa perspectiva criadora;
- c) a dimensão política envolve a participação na construção coletiva da sociedade e ao exercício de direitos e deveres;

- d) a dimensão ética compreende a orientação da ação, fundada no princípio do respeito e da solidariedade, na direção da realização de um bem coletivo;

Embora sejam distinguidas e tratadas em termos e objetivos diferentes, para que ocorra uma docência de qualidade e com competência é necessário que o professor busque nas dimensões apresentadas instrumentos que contribuam com sua prática diária junto aos alunos.

Outro aspecto que auxilia na questão da aprendizagem dos alunos e propicia melhores condições de trabalho, baseado na dimensão política da competência, é a parceria que o professor pode fazer com o bibliotecário. Neste sentido Campello (2009 p. 77) ressalta que as ações de letramento informacional estão sendo favorecidas pelas pesquisas que aprofundam as questões de aprendizagem, em que bibliotecários e profissionais da educação tenham condições de trabalhar de forma colaborativa em prol da aprendizagem dos alunos.

É importante ressaltar que as dimensões da competência devem fazer parte do cotidiano da relação aluno professor e que as mesmas não devem ser praticadas separadamente; ao professor cabe refletir e praticar todas as dimensões, levando em consideração a dimensão ética, que é a dimensão base das demais dimensões, é a partir dela que as outras fluem e transformam o ato de ensinar algo de boa qualidade, e por consequência um professor competente.

Para complementar as dimensões da competência apresentadas por Rios (2005), recorre-se na literatura educacional à obra de Perrenoud (2000) que faz uma abordagem da competência e fixa objetivos para a formação do professor competente. No livro “10 Novas competências para ensinar”, o autor relaciona o que é imprescindível saber para ensinar com qualidade e eficácia numa sociedade em que o conhecimento e a informação estão cada vez mais acessíveis.

As dez competências apontadas por Perrenoud (2000) se configuram da seguinte maneira:

- a) Organizar e dirigir situações de aprendizagem;
- b) Administrar a progressão da aprendizagem;
- c) Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação;
- d) Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho;
- e) Trabalhar em equipe;
- f) Participar da administração escolar;
- g) Informar e envolver os pais;
- h) Usar novas tecnologias;

- i) Enfrentar os deveres e dilemas éticos da profissão;
- j) Administrar a própria formação.

Nessa relação de competências necessárias ao professor, ressalta-se a questão do profissionalismo e da qualidade do ato de ensinar, que vão muito além do contexto da sala de aula. Mesmo sendo dez, as competências sugeridas por Perrenoud, não contemplam todas as relações que se estabelecem em sala de aula.

A lacuna existente entre a prática pedagógica dos professores, e a melhor forma de aprender de cada aluno, justifica o entender e incorporar as dimensões da competência no ato de ensinar e aprender.

Um exemplo, que se pode mencionar, é a dimensão estética, que contextualiza a atuação do professor com sensibilidade e afetividade, que quando utilizada no relacionamento, no convívio e na interação com os alunos pode ser um caminho na busca pela melhoria das relações em sala de aula.

2.4 O Professor Brasileiro a partir da Lei 9394/96

As transformações da prática docente podem ser vistas como um processo, um contínuo. A permanente evolução da educação acontece juntamente com a alteração na mudança das ideias, dos comportamentos, das relações sociais e dos avanços tecnológicos que acontecem na vida pessoal dos indivíduos e também na coletividade.

Essas transformações afetam a prática e a dinâmica docente. O desenvolvimento do campo educacional e do professor é algo permanentemente em elaboração ao longo dos anos através de atitudes, conquistas, posturas, estudos, pesquisa e de leis, que têm por objetivo e buscam validar a educação, direcionando e fornecendo orientações aos alunos, professores, pais e comunidades.

Antes de adentrarmos na LDB 9394/96 [Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que foi aprovada em dezembro de 1996], é importante situar no contexto brasileiro o caminho que foi trilhado até chegarmos à educação que vivenciamos atualmente.

Um recente texto de Saviani (2009) apresenta os períodos históricos que situam a evolução e constituição do campo educacional do Brasil. Segundo Saviani (2009, p, 144), no Brasil pode-se distinguir seis períodos específicos que fazem parte da formação dos professores:

- a) Período de 1827-1890: Esse período indica que a Lei das Escolas de Primeiras Letras obrigava os professores a se instruir no método do ensino mútuo, até prevalecer o modelo das Escolas Normais em 1890;
- b) Período de 1890-1932: Um período onde se estabeleceu e expandiu o padrão das Escolas Normais, tendo como marco inicial a reforma paulista da Escola Normal, apresentando como anexo à escola-modelo;
- c) Período de 1932-1939: Foi representado pelo período da Organização dos Institutos de Educação, marcado pela reforma Anísio Teixeira no Distrito Federal e pela reforma Fernando de Azevedo em São Paulo;
- d) Período de 1939-1971: Neste período a organização e implantação dos cursos de pedagogia e de licenciatura foram marcos importantes, juntamente com a consolidação do modelo das Escolas Normais;
- e) Período de 1971-1996: este período foi marcado pela substituição do modelo de Escola Normal para a habilitação específica do magistério;
- f) Período de 1996-2006: período que teve o advento dos institutos superiores de educação, escolas normais superiores e o novo perfil do curso de pedagogia.

Com base nas colocações apresentadas acima, pode-se perceber que as mudanças ocorridas no campo educacional envolvem marcos referente à formação do professor, embora uma análise aprofundada desses aspectos que elencaram as alterações desses seis períodos represente a precariedade das políticas formativas.

Os anos de 1990 foram marcados por leis, decretos, resoluções, pareceres e atos normativos que consolidaram e culminaram na LDB 9394/96. Alguns autores afirmam que a LDB 9394/96 foi implementada para atender às exigências do mercado mundial a partir da adequação da educação brasileira no cenário internacional.

Shiroma e Evangelista, 2003, colaboram com a ideia acima afirmando que estudos apontam que a profissionalização docente foi um dos alicerces das reformas educativas dos anos 1990. Nesta perspectiva a educação deve formar para a empregabilidade e o professor deve formar o aluno para ter capacidade de ser mutante e tolerante nas fases de desemprego.

Os problemas econômicos são atribuídos à falta de preparo educacional, e por consequência ao sistema educacional e seus atores. Professores e alunos são levados a

acreditar que portar competências assegura-os no mercado de trabalho, o que condiz à culpa individual pelo fracasso pessoal.

Este sentido mercadológico sob o qual a LDB 9394/96 foi formulada acabou culminando com a noção de profissionalização e competência como exigência do mercado, tendo a educação como responsável pelo sucesso positivo ou negativo no desenvolvimento do aluno, da sociedade e de seu próprio crescimento profissional.

Essa ideologia neoliberal que envolveu a reforma tanto do estado como da educação teve um ponto de vista estratégico, onde a globalização, a abertura de comércio e mercado fazia parte, demonstrando através de dados e relatos de órgãos internacionais. Segundo a UNESCO (2005) “os professores são a chave para qualquer reforma educacional”, conseqüentemente focalizando aspectos de crescimento e desenvolvimento social.

Campos (2004, p.2), afirma que “a educação é tratada como essencial tanto para a competitividade das nações e das empresas, como via privilegiada com base na equidade social”, ou seja, os professores tornam-se responsáveis pela implementação e sucesso da reforma educacional, visando à melhoria também dos aspectos sociais e suas implicações.

Neste sentido, torna-se presumível que a reforma educacional vislumbra que os professores assumam o papel central neste processo de mudança, fazendo com que eles tenham a noção de que precisam ser bons professores, sendo necessário que sua formação seja constante e de qualidade, para que ele consiga obter crescimento e reconhecimento profissional.

Silva (2005, p. 2) colabora com o pensamento acima afirmando que “dessa forma, as exigências para a formação dos professores surgem das mudanças ocorridas nas relações sociais e no trabalho e são definidas em cada momento histórico a partir da correlação de forças entre classes e frações de classes sociais”, ou seja, o papel do professor é importante pois visa atender a necessidade e interesse do projeto de sociedade e de educação de cada época, em cada momento da história.

Para alcançar o desenvolvimento e o crescimento profissional do professor, no que se refere à formação de professores mencionada na LDB 9394/96 e também visto na evolução histórica da educação no Brasil, apresentam-se dois modelos que distinguem o professor formado em determinada área de conhecimento, com e sem o conhecimento e o preparo pedagógico didático.

Segundo Saviani (2009, p. 149) os modelos educacionais para formação de professores são formados em primeira instância por conteúdos culturais-cognitivos: em que a formação do professor se esgota na cultura geral e no domínio específico dos conteúdos correspondente a

disciplina que o professor irá lecionar; em segunda instância um modelo pedagógico-didático, que é contrário ao modelo anterior, pois considera que a formação do professor propriamente dita só é completa com o efetivo preparo pedagógico e didático.

Fazendo um paralelo entre as exigências solicitadas ao professor a partir da nova reforma e o enfoque dado a sua posição de educador perante o mercado e a globalização, pode-se perceber que a formação do professor está atrelada ao seu papel na sociedade e as exigências impostas pela mesma.

Neste sentido é importante que a formação do professor não seja vista somente como um direito, e sim como um dever. Tendo como olhar o resgate do fazer pedagógico e a valorização do profissional da educação como ator contribuinte com a sociedade e não responsável pelos acontecimentos negativos ocorridos nela.

Esse repensar a formação do professor, analisar o tipo de formação e a forma como os cursos estão sendo planejados e implementados é desafiador, pois a LDB, segundo Saviani (2009, p. 148) “sinalizou para uma política educacional tendente a efetuar um nivelamento por baixo: os institutos superiores de educação emergem como instituições de nível superior de segunda categoria, promovendo uma formação mais aligeirada, mais barata, por meio de curta duração”.

Complementando a ideia acima, apesar da afirmação de realização e participação em cursos de formação continuada, há defesa de que estudos mais aprofundados devem discutir a qualidade de tais cursos, bem como sua contribuição para a melhoria do trabalho docente. O aligeiramento dos cursos de formação inicial e a mercantilização de cursos de formação continuada têm sido temas de debates e pesquisas recentes. (PIMENTA, 2002).

A LDB demonstra uma intencionalidade de melhoria do campo educacional, tornando-se uma lei abrangente onde são previstos aspectos que privilegiam muito além do fazer docente, parte para aspectos relacionados aos alunos, aos pais, aos gestores e a comunidade.

Com relação a LDB tratar separadamente alunos, pais, professores, gestores, especialistas e comunidade baseado numa visão de performance profissional individual, Shiroma e Evangelista (2003, p. 14) refletem que “paradoxalmente, o profissionalismo coletivo como uma colagem, tenta unir o que a reforma separou: professores de um lado, especialistas e gestores da educação, de outro”.

O professor poderia ter sido mais privilegiado com a referida lei, não somente na questão da sua formação, mas de sua valorização profissional devido sua importância na constituição da sociedade através da preparação de seus alunos.

2.5 O Professor da Rede Pública de Ensino Municipal: Recursos e Condições de Trabalho

A configuração ocorrida no âmbito educacional mencionada anteriormente, assim como o tipo de formação docente foi sendo modificado durante a evolução dos indivíduos e da sociedade. Por conseguinte, o trabalho docente e seu significado na vida dos professores também passaram por várias reformulações no decorrer da história da educação.

Na antiguidade como a educação era um privilégio de nobre era de confiança a sábios ou filósofos; na idade média, embora ainda muito restrita, era controlada pela igreja católica; nas idades modernas e contemporâneas a educação foi estendida para toda a população, ficando sob responsabilidade de instituições públicas e privadas. (CARVALHO, 1995, p. 127)

A evolução no campo educacional que vivenciamos atualmente apresenta o trabalho docente em duas instâncias, ou melhor, em dois patamares com diferentes instituições de ensino, uma na esfera pública e a outra na esfera privada. Dessa forma também se modifica o perfil do docente, com cobranças, ideias e olhares diferenciados a partir da instituição da qual ele faz parte.

No Brasil, a partir da década de 1990, configurou-se o trabalho docente relacionado com as políticas neoliberais proposta pelo estado em função de um modelo gerencial que busca o desenvolvimento econômico e tecnológico hegemônico, ou seja, as escolas, o currículo, os professores, enfim, todo o processo educativo foi direcionado para atender essa demanda mercadológica vislumbrada pela globalização.

Segundo Mendes (2010, p. 2) a partir de 1995: “as teorias da administração materializam discursos e práticas de motivação, cooperação e integração dos sujeitos sociais, sincronizando novas diretrizes educacionais que apontam para descentralização de recursos, municipalização e eficiência administrativa com apoio da população”.

Outro aspecto importante relacionado ao crescimento do campo educacional foram os acordos unilaterais com organismos internacionais que sugeriam aos municípios investimento e aumento de gastos com a educação. O resultado dessa interferência segundo Mendes (2010, p. 2) é “elevação das estatísticas de matrícula e aprovação dos alunos e redução da evasão e da repetência, representando uma anunciada qualidade de teor questionável.”

As interferências dos organismos internacionais nas questões educacionais devem ser motivo de discussões e análise entre os professores. Colaborando com este pensamento Evangelista e Shiroma (2007, p. 536) afirmam que “conquanto os professores não participarem como interlocutores legítimos da definição de diretrizes educativas, são – junto com a escola- alvo preferencial de desqualificação política e profissional, especialmente nos documentos do banco mundial”, ou seja, é importante uma postura compromissada do professor para que organismos internacionais não desqualifiquem os professores brasileiros.

As influências desses órgãos internacionais se justificam devido aos investimentos que foram canalizados para atender as demandas da sociedade, principalmente no âmbito da educação, mascarando a qualidade do ensino e a valorização do professor. A este último, foram impostas novidades em recursos e instrumentos pedagógicos para facilitar a aprendizagem dos alunos, garantir a aprovação deles e assim aumentar o índice de matrículas e reduzir o número de reprovação.

O cenário focado no aluno deixou o professor com a tarefa de se atualizar, utilizar os instrumentos, potencializar a aprendizagem, sem que o fazer docente fosse reconhecido e valorizado. São cobrados do professor competência, desenvoltura, atitudes, habilidade e conhecimentos em sua prática profissional, porém com pouca valorização de sua profissão, acentuando uma relação de mal-estar em relação ao seu trabalho.

Importante ressaltar que a profissão do professor é uma atividade que envolve também fatores subjetivos que compõem o seu processo de produção. Abreu e Landini (2003, p. 9) afirmam que:

No caso do trabalho docente é preciso considerar as práticas sociais dos sujeitos envolvidos, nesta categoria, a partir de sua formação escolar, do contexto social em que essa formação se põe da vivência cotidiana na escola, das relações que estabelece com o produto do seu trabalho – o saber - das relações com outros agentes educacionais envolvidos na escola, da relação que estabelece com o sindicato e as instituições representativas de classe, das condições estruturais da profissão (salário, condições de trabalho, etc.), entre outros fatores.

Complementando o pensamento acima, no que se refere à retórica da competência Shiroma e Evangelista (2003, p. 15) apresentam que “era portadora da aura positiva de manter-se atualizado, ao lado das últimas inovações, e tinha também a função de lembrar o professor que estaria submetido ao risco perpétuo de perder o emprego, a posição, o cargo, as benesses e os direitos conquistados”.

Todos esses aspectos subjetivos em relação ao fazer docente são visualizados e repassados imperceptivelmente para os alunos, para os colegas de profissão, para os demais profissionais e atores envolvidos no contexto escolar. Essa desvalorização e desmotivação iniciada na escola são também repassadas para a sociedade.

Segundo Sampaio e Marin (2004, p. 1222) “ o quadro de empobrecimento, deterioração social e as conseqüentes transformações nos modos de compreender a vida e o mundo, que se vive atualmente, de modo especial no Brasil e na América Latina, tem relação com a crise da escola, ou seja, com o abalo e o desmonte de um modo de atuar socialmente, desestabilizando seu funcionamento.”

O funcionamento desestabilizado da sociedade interfere na vida do indivíduo, seja no aspecto pessoal ou profissional. O senso comum e as vivências representadas pela cotidianidade demonstra que as concepções e relações que transitam na escola e na vida pessoal dos professores não estão desvinculadas desse contexto global.

Essa desestabilidade social representa no ambiente escolar uma sobrecarga, uma precarização do trabalho docente. Uma lista que aborda a questão do sobretrabalho docente, com situações que prenunciam o alargamento das funções docentes é apresentada por Evangelista e Shiroma (2007, p. 537) conforme abaixo:

- a) atender mais alunos na mesma classe, por vezes com necessidades especiais;
- b) exercer funções de psicólogo, assistente social e enfermeiro;
- c) participar de atividades e ações com pais;
- d) atuar na participação do projeto político pedagógico da escola;
- e) procurar controlar a violência escolar;
- f) educar para o empreendedorismo, a paz e a diversidade;
- g) envolver-se na elaboração de captação de recursos para a escola;

O cenário acima apresenta uma realidade voltada para atingir as necessidades da sociedade e dos alunos, principalmente no que se refere à constituição do indivíduo em relação ao seu estado psicológico, social, empreendedor e competitivo.

Neste sentido a noção de competência do professor também é repassada ao aluno. A incorporação das noções de eficiência, eficácia, competitividade, produtividade nos projetos escolares acrescentou uma função a mais para a escola, a de conscientizar o aluno para

dominar os conhecimentos, ser competitivo, competente, empreendedor. Funções que segundo dadas as condições objetivas da maioria das escolas brasileiras, os alunos jamais dominariam. (SHIROMA; EVANGELISTA, 2003, p. 14)

Pretender que o professor do ensino público consiga fazer de sua profissão um conglomerado de atitudes, habilidades e conhecimentos é desencorajador. As relações sociais e os aspectos emocionais que envolvem o ambiente escolar são muito maiores do que o ser professor, como pessoa/indivíduo pode solucionar, talvez esse seja motivo de desânimo e precariedade da educação brasileira. Evangelista e Shiroma (2007, p. 537) apresentam que “os impactos dessa sobrecarga de trabalho produzem efeitos visíveis físicos e mentais na saúde do trabalhador da educação”.

Após contextualizar socialmente o professor do ensino público municipal, também precisamos perceber qual o contexto que ele está inserido, ou seja, o sistema, a rede, a estrutura educacional do município ou da região onde este profissional atua. Essa análise se faz necessária, pois o professor atua, intervém e modifica a realidade escolar, assim como se deixa modificar pela cultura existente no ambiente educacional da escola.

Estudar o sistema educacional ou as redes de ensino dos municípios é importante devido ao desenvolvimento regional diferenciado, ou seja, dependendo da localização, da cultura, do desenvolvimento econômico, assim como o tratamento que a educação recebe em determinadas regiões o professor, a escola, os alunos possuem posturas, atitudes e hábitos distintos.

Focando a situação das redes municipais de ensino no Brasil, Gadotti (1999, p. 3) afirma que “o sucesso econômico de uma região está ligado diretamente ao desempenho de suas escolas básicas. Conhecimento é poder”, ou seja, o professor, os alunos, os atores do sistema educacional têm uma forte relação com o desenvolvimento econômico próspero da região onde a escola esta inserida.

Essa distinção da região é questionável se pensarmos o Brasil como um todo, são regiões muito diferentes, se compararmos o norte e o sul teremos disparidade nos aspectos político, social e econômico, e, por conseguinte educacional. Segundo Tavares (2010, p. 2) “não vivemos numa sociedade onde existem apenas diferenças. Vivemos numa sociedade marcada por desigualdade [...] em que não há garantia de participação econômica, social, política e cultural para todos”.

Neste sentido, a noção de sistema ou rede foi uma tentativa da LDB em standardizar a educação em todas as regiões e municípios, identificando políticas, criando propostas, padronizando processos para que a educação fosse igualitária em todas as regiões do Brasil.

Saviani (1999 p. 123) afirma que “o texto da nova LDB, entretanto, procurou contornar a dificuldade apontada, ultrapassando a ambigüidade do texto constitucional e estabelecendo com clareza a existência dos sistemas municipais de ensino”, ou seja, as instituições poderiam se posicionar de acordo com a sua região, em conformidade com suas culturas e interesses.

Essa forma de pensar a educação regionalmente pode ser tratada como descentralização do sistema educacional nacional. Tavares (2010, p. 3) chama atenção visto que “ a descentralização progressista do atendimento educacional para os municípios tem levado ao risco do localismo[...] cada um fica entregue às próprias condições de pobreza ou riqueza, distanciando-se do horizonte da igualdade”.

O cenário que referencia o localismo como algo negativo é criticado por Gadotti (1999, p. 5). Ele afirma que alguns educadores temem o localismo e que esse não pode ser um argumento contra o sistema municipal da educação, pois esmorece o esforço dos professores municipais, que são os mais sacrificados da categoria, instruindo ainda que essa postura em renunciar as potencialidades que o sistema municipal pode agregar a educação deve ser denunciada.

A discussão em relação à adoção ou não do sistema municipal de ensino, segundo Saviani (1999, p. 130) “dá margem a diferentes interpretações e alternativas, indo desde a possível negação de sua possibilidade até a sua não instalação por opção do município”, ou seja, é algo que precisa ser debatido.

Colaborando com a ideia acima, Gadotti (199, p. 5) afirma que a discussão sobre o sistema municipal de educação “precisa sair dos gabinetes acadêmicos e ganhar as ruas [...] com propostas viáveis e concretas, articuladas com a luta pela escola pública, pela democratização do ensino e da sociedade”.

Gracindo, 2008, p. 229 afirma que a partir da implantação da LDB o município passa a ter atribuições e responsabilidades não conhecidas e experienciadas anteriormente, justificando a necessidade do conhecimento por parte da gestão municipal dos detalhes de toda legislação pertinente à educação e suas conseqüentes responsabilidades.

A LDB indica aos municípios que adotem sistemas próprios de educação, embora em seu texto menciona a oportunidade dos municípios de poder optar pela forma que julgar mais adequada, tendo como opções: um sistema de ensino próprio; integrar-se ao sistema de ensino estadual; ou compor, com o sistema estadual, um sistema único de educação básica.

Saviani (1999, p. 134) em relação ao processo de instalação aos sistemas de ensino municipais, diz que “o objetivo de resgatar a qualidade da educação pública de modo a garantir um ensino que corresponda efetivamente às aspirações e necessidades das pessoas

que habitam cada um dos municípios”, assim a responsabilidade do município com a educação de qualidade é uma preocupação que deve levar em conta as necessidades dos moradores da região.

Tendo como pressuposto a adoção dos sistemas municipais de educação, coube a gestão dos municípios brasileiros se configurarem e se organizarem dentro das indicações da LDB. Neste sentido é de competência do município a estruturação de seu sistema.

Almeira e Ribeiro (2003, p. 362-363) indicam que para a organização de um sistema municipal de educação são consideradas quatro questões básicas e importantes. São elas:

- a) Organização institucional do Sistema Municipal de Educação, dos Conselhos Municipais, do Plano Municipal de Educação, da Secretaria de Educação, dos departamentos e dos planos de carreira;
- b) Proposta educacional do município que contemple ações voltadas para as construções das propostas pedagógicas da escola – a concretização no plano prático do projeto político-pedagógico do município;
- c) Programa de formação continuada dos profissionais da educação, já que o sistema municipal de educação passa pelo processo de construção de sua autonomia numa relação de interdependência, implicando a existência de equipes e lideranças habilitadas para desenvolver um conjunto de ações, tomarem decisões, gerenciar conflitos, saber discernir soluções;
- d) Avaliação permanente, possibilitando ao sistema a reflexão de seus trabalhos para o planejamento baseado em indicadores e a produção de alternativas inovadoras da gestão pública.

As opções para a organização do sistema municipal de educação demonstram que é de responsabilidade do município coordenar, elaborar, discutir e tomar atitudes frente aos objetivos que a educação do município deve alcançar, e para isso deve ser estruturado adequadamente.

Gracindo, (2008, p. 230) afirma que para auxiliar os municípios na implantação e execução de sistemas municipais de educação é importante definir as competências gerais estabelecidas pela LDB. Abaixo algumas dessas competências:

- a) Organizar, manter e desenvolver os órgão e instituições oficiais do seu sistema de ensino, integrando-os às políticas e planos educacionais da União e do estado;

- b) Exercer ação redistributiva em relação as suas escolas;
- c) Baixar normas complementares para o seu sistema de ensino;
- d) Autorizar, credenciar e supervisionar os estabelecimentos de seu sistema de ensino;
- e) Oferecer a educação infantil em creches e pré-escolas, assim como dar prioridade ao ensino fundamental;
- f) Promover cursos presenciais ou à distância, aos jovens e adultos insuficientemente escolarizados;
- g) Realizar programas de capacitação para todos os professores em exercício, utilizando para isso, recursos da educação a distância.

Diante do contexto das opções de organizações e das competências que são vislumbradas para os sistemas de ensino municipal cabe a reflexão quanto à burocracia dos processos e procedimento do qual a educação é foco. Segundo Gadotti (1999, p. 4) “os sistemas educacionais no Brasil privilegiam a burocracia como controle e, por isso, criam um processo de alienação social e de descompromisso diante da educação”.

Para que este quadro de burocracia, alienação e descompromisso seja modificado em benefício da educação de qualidade, é necessário que os municípios apresentem uma postura de participar, analisar e criticar os sistemas impostos, trabalhando para o bem estar de sua comunidade e buscando satisfazer suas necessidades educacionais, políticas e sociais.

Colaborando com o pensamento acima, Gracindo (2008, p. 245) afirma que “a participação, empenho e luta do sistema municipal de ensino nas funções que lhe cabe é fundamental para construção de uma educação pública que seja realmente democrática, universal e de qualidade para todos”.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A justificativa do estudo e o objeto focado devem servir de diretriz para a escolha de uma fundamentação teórica apropriada. Neste caso, os referenciais teóricos escolhidos para situar o estudo empírico realizado, ajustaram-se ao fato de haver o envolvimento de pessoas que foram estudadas a partir dos discursos que proferiram sobre suas práticas, vivências e experiências profissionais. Considera-se que elas situam-se numa cotidianidade e sua atividade está vinculada à escola, a qual é uma instituição milenar, que sofre progressivas reconfigurações.

Por isso, as ideias que suportarão o estudo advêm das teorias da construção social da realidade de Berger e Luckmann, da teoria processualista de Norbert Elias, e se articularão na ordenação metodológica com a teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici.

Essa escolha foi realizada, tendo como pressuposto a necessidade de compreensão da dinâmica social e as mutações dos fenômenos relacionados às práticas profissionais e aos recursos informacionais disponíveis na sociedade, e conseqüentemente, da competência informacional do professor.

Para a compreensão da construção social da realidade é necessário o entendimento da forma com que o conhecimento foi construído ao longo do tempo, seja ele considerado algo positivo ou negativo para a sociedade.

Para entender e conhecer a sociedade e sua realidade é primordial a leitura inicial das ideias de Berger e Luckmann, que no campo da sociologia do conhecimento servem de sustentação para aprofundar sob uma perspectiva microssociológica como o conhecimento foi se desenvolvendo ao longo dos anos.

A noção de processualismo, apresentada por Norbert Elias, foi necessária para auxiliar a compreensão da sociedade e do indivíduo, visto que a sociedade não existe sem o indivíduo, e nem o indivíduo sem a sociedade.

Nessa perspectiva, foi relevante entender que os indivíduos e o meio social são resultados de uma coexistência e de uma interdependência, tornando um processo contínuo de transformação; essa transformação que atua na construção da estrutura da personalidade dos indivíduos não segue padrões e também não é linear, porém é a partir dela que se iniciam os processos de regulação dos sentimentos e emoções, modos e padrões de condutas dos indivíduos.

Complementando esse referencial teórico buscou-se também a teoria da representação social de Serge Moscovici, que apresenta uma compreensão sócio-psicológica da realidade

com o propósito de entender como são formados os relacionamentos e o desenvolvimento social do indivíduo.

Para situar-se neste universo teórico, foi necessário revisar um pouco da construção da sociologia do conhecimento como um objeto histórico. Nesse sentido um autor utilizado foi Burke (2003). Ele salienta que a Sociologia do Conhecimento remonta ao começo do século XX, e enfatiza e compara a história de três países diferentes: França, Alemanha e Estados Unidos.

Burke (2003) relata que na França, onde Auguste Comte pleiteava uma história social do conhecimento, Émile Durkheim e seus seguidores estudavam a origem social de categorias fundamentais ou “representações coletivas,” como espaço e tempo, sagrado e profano, a categoria de pessoa e assim por diante, em outras palavras, atitudes fundamentais que pessoas não sabem que têm. O novo era que as categorias sociais eram projetadas sobre o mundo natural, de modo que a classificação das coisas reproduzia a classificação das pessoas. Afirma que nos Estados Unidos, Thorstein Veblen também estava interessado na Sociologia do Conhecimento. Ela estava particularmente preocupado na relação dos grupos sociais e instituições específicas com o conhecimento. De outro lado, assegura que na Alemanha, havia mais interesse pela sociologia das idéias, ora seguindo as idéias de Karl Marx, ora delas divergindo. O estudo de Weber que ele chamava de “ética protestante”, por exemplo, situava esse sistema de valores em seu contexto social e também propunha uma teoria sobre suas conseqüências econômicas. Sua teoria da burocracia foi também uma contribuição à Sociologia do Conhecimento, mesmo não sendo apresentada como tal.

Para Burke (2003) outros sociólogos na Alemanha, em especial Max Scheler e Karl Mannheim argumentavam, mais ou menos ao mesmo tempo de Weber, que as idéias são socialmente “situadas” e formadas por visões de mundo ou “estilos de pensamento”. Esses estilos eram associados a períodos, a nações, a gerações e classes sociais.

Em meados dos anos 1960, dois sociólogos, Peter Berger, norte-americano, e Thomas Luckmann, austríaco, escreveram a obra “A Construção Social da Realidade”, que foi aceita pelos estudiosos da área e ainda hoje serve de referencial para pesquisadores que buscam entender como se dá o conhecimento e seu papel na sociedade cotidiana. Essa obra foi a principal fonte de referência teórica desta pesquisa.

Corroborando com Burke (2003), Berger e Luckmann (2007) apresentam que os primeiros autores que estudaram a Sociologia do Conhecimento apareceram na década de 1920 na Alemanha, através de Max Scheler num contexto peculiar da história alemã, e em determinado cenário social histórico vivenciado no momento por aquele país.

Berger e Luckmann, (2007 p. 79) mencionam que Scheler enfrentou algumas dificuldades e percalços na aceitação de suas idéias pelos sociólogos, já que os mesmos consideravam seus estudos como um trabalho menor sobre o processo na evolução das idéias dos outros estudiosos.

Mesmo com a divergência das idéias e teorias apresentadas pelos sociólogos da época, houve um acordo geral, tendo como ponto em comum que a Sociologia do Conhecimento trata das relações entre o pensamento humano e o contexto social dentro do qual ele surge. Para Berger e Luckmann (2007), a explicação da construção da realidade constitui a Sociologia do Conhecimento, que por sua vez analisa fatores sociais e seus reflexos no pensamento humano ou se este é independente desses fatores sociais.

Sobre a temática, Berger e Luckmann ressaltam que uma das fontes da proposição de Marx declara que é a consciência do homem determinante do seu ser social, sendo assim, a Sociologia do Conhecimento é baseada no foco sociológico de um problema geral, ou seja, da determinação existencial do pensamento humano independente do contexto ou dos fatores sociais. (BURKE, 2003).

Pode-se observar a realidade como um conjunto de fatos que acontecem no mundo independentemente da vontade do indivíduo, e que o conhecimento é uma interpretação que o indivíduo faz da sua própria realidade. Berger e Luckmann (2007, p. 11) definem a “realidade como sendo a qualidade pertencente a fenômenos que reconhecemos independentemente de nossa volição e conhecimento, a certeza de que os fenômenos são reais e possuem características específicas”.

Outro autor que contribui com a discussão substancial para esta pesquisa é Elias (1994). Ele interpreta que fatores sociais são relacionados aos indivíduos, apontando que para haver a compreensão da sociedade é também necessária a compreensão do indivíduo, pois um não existe sem o outro. A sociedade é formada por diversas redes de relações que são dependentes umas das outras e cada indivíduo constrói e desenvolve o seu papel e forma uma cadeia de dependência funcional, na qual os indivíduos estão relacionados, ou seja, ligados permanentemente.

A construção social da realidade se dá em três níveis específicos: individuais, grupais e sociais. Analisando cada um desses níveis, primeiramente retrata-se que o indivíduo percebe os fatos, e aplica nesses fatos seus valores e obtém seu conhecimento, formando assim a sua ideologia individual, ou seja, um conjunto de idéias individuais, que são os seus valores. (BERGER; LUCKMANN, 2007)

Numa segunda instância, observa-se que este indivíduo pertence a grupos e a uma classe, e suas ideias, também ajudarão a formar a ideologia desses grupos e dessa classe juntamente com o contexto social em que estão inseridos. Os vários valores e ideologias de classes irão coexistir, interagir e subjugar às outras, formando o que pode ser chamado de ideologia (o conjunto de idéias da sociedade). (BERGER;LUCKMANN, 2007)

Para Elias (1993, v. 2) o processo contínuo de mudança de conduta dos indivíduos perante a sociedade é o resultado da interdependência dos indivíduos, é um processo constante que transforma a estrutura da personalidade dos indivíduos que compreende a alteração dos sentidos e emoções, assim como os padrões e modos de conduta.

Dessa forma são desenhados e desenvolvidos os modos de vida, os papéis e funções sociais, as divisões do trabalho, e por conseqüência também se modificam as instituições, a economia, a política, a ciência, a tecnologia e a cultura. Essas mudanças acontecem sem uma ordem planejada, não são lineares, seqüentes e nem pré-estabelecidas, elas são conseqüência de um processo que vai sendo construído lentamente e sem finalização, que caracteriza o processo civilizador.

A relação entre o processo civilizador, a sociedade e os indivíduos é representada e mediada pela realidade social. A busca por compreender a realidade social é a intencionalidade da sociologia do conhecimento, visto que a construção social da realidade tem como pressuposto que o conhecimento humano é desenvolvido, transmitido e mantido em situações e relações sociais.

Para compreender a Construção Social da Realidade a obra de Berger e Luckmann (2007) apresenta como interesse central a sociedade e as suas realidades, sendo elas a realidade objetiva e a realidade subjetiva. A realidade objetiva é baseada na compreensão fundamental dos problemas da Sociologia do Conhecimento, já a realidade subjetiva é formada pela construção de um aparato teórico para os problemas da psicologia social.

3.1 Realidade Objetiva

Com base na obra Construção Social da Realidade, primariamente discutir-se-á a realidade objetiva, ou seja, a compreensão de que todo e qualquer fenômeno humano precisa ser considerado e analisado em dois aspectos. O primeiro é referente a originalidade da experiência que o indivíduo tem do próprio corpo. O segundo está relacionado com as conseqüências referentes à análise das atividades humanas como postura e conduta em

ambientes materiais, assim como a exteriorização dos significados subjetivos (BERGER; LUCKMANN, 2007)

É possível afirmar que um indivíduo não consegue se desenvolver como homem se estiver em um ambiente de isolamento; sendo assim é impossível que este indivíduo consiga produzir um ambiente humano se estiver isolado dos demais, por isso, a humanidade e a sociabilidade são específicas dos homens, pois esses aspectos estão entrelaçados.

Outro aspecto relevante, que diz respeito ao processo de institucionalização, refere-se a que o indivíduo não dispõe de meios biológicos que deem estabilidade a conduta humana; dessa forma é necessária uma ordem social, que é um produto do homem que passou a existir devido à atividade humana. Sendo assim, para se conseguir entender como se dá a manutenção e a transmissão da ordem social é necessário uma análise da institucionalização e da legitimação.

Para entender o processo de institucionalização é necessário compreender que toda atividade humana pode se tornar um hábito, ou seja, todas as ações que são repetidas frequentemente podem virar um modelo ou padrão, e por consequência, ser reproduzido sempre. Esse hábito é importante para a institucionalização, pois torna desnecessário que uma situação que já ocorreu seja definida novamente, etapa por etapa, ou seja, os processos que formam os hábitos são necessários e precedem a institucionalização.

O processo de institucionalização ocorre sempre que há uma tipificação concomitante de ações habituais por diferentes tipos de atores. O que deve ser acentuado é a reciprocidade e semelhança das tipificações institucionais e o caráter típico não somente das ações, mas também dos atores em suas instituições. As tipificações são sempre partilhadas e acessíveis a todos os membros do grupo social em questão.

Apesar da importância da tipificação para as instituições, Berger e Luckmann (2007), mencionam que é elementar que seja realizada uma reflexão também sobre a história das instituições, para que ela possa ser compreendida; já que por existirem, as instituições controlam a conduta humana por padrões que são previamente definidos. Os autores destacam ainda, que mesmo que a sociedade seja um produto humano e uma realidade objetiva, e o homem um produto da sociedade, para que se tenha uma visão correta do mundo social é imprescindível analisar os três elementos.

Para Berger e Luckmann (2007), também é possível ocorrer o processo de desinstitucionalização, isso dá-se quando a instituição diminui ou perde a proporção e extensão de suas ações em algumas áreas da vida social e o que faz com que o mundo institucional não se perca é a legitimação.

A legitimação contribui para a institucionalização, pois é responsável por produzir novos significados, como por exemplo, os novos papéis das escolas ou dos docentes, que se juntam aos processos institucionais dispare. Ela tem a função de tornar objetivamente acessível e subjetivamente plausível as objetivações que forem institucionalizadas.

Nessa perspectiva, a legitimação explica a ordem institucional e valida cognitivamente os seus significados objetivados, dão dignidade normativa aos imperativos práticos fazendo com que a legitimação não seja somente baseada em valores, e sim em conhecimentos que podem ser distinguidos em diferentes níveis de legitimação.

Para Berger e Luckmann (2007), a legitimação incipiente é encontrada sempre que um sistema de objetivação lingüística da experiência humana é transmitido, sendo assim, o primeiro nível de legitimação pertence à todas as afirmações tradicionais simples do tipo “É assim que se fazem as coisas”. Esse nível é pré-teórico, porém é o fundamento do “conhecimento”, onde devem acomodar todas as teorias subsequentes para que sejam incorporadas à tradição.

No segundo nível de legitimação são abordadas as proposições teóricas em forma rudimentar e são encontrados em vários esquemas explicativos que organizam os conjuntos de significações objetivas. Na sequência os autores apresentam o terceiro nível, esse é formado por teorias explícitas pelas quais um setor institucional é legitimado em termos e aspectos de um corpo diferenciado de conhecimentos.

Esse terceiro nível merece atenção especial, pois nesse nível as legitimações oferecem quadros de referência ampliados significativamente em relação aos setores de cada conduta institucionalizada, isso ocorre devido à sua complexidade e diferenciação que são frequentemente confiadas a indivíduos especializados que transmitem por meio de procedimentos de iniciação formalizados.

O último e quarto nível de legitimação está vinculado aos universos simbólicos, que são corpos com tradição teórica que fazem parte de diferentes áreas de significação e abrangem toda a ordem institucional; estes universos simbólicos organizam a posição de cada indivíduo no conjunto social, e também a sua identidade na vida cotidiana.

Elias (1993, v. 1) tem entendimento semelhante ao de Berger e Luckmann, no sentido de que a legitimação e a institucionalização são os mecanismos de controle da sociedade; ele interpreta que o desenvolvimento da sociedade é estrutural, gerando e impondo padrões determinados e específicos de controle das emoções dos indivíduos, fazendo com que os sentimentos sejam institucionalizados e ritualizados formando assim normas sociais de conduta e até mesmo padrões de comportamento.

Além da realidade objetiva, os autores esclarecem que a sociedade também é composta pela realidade subjetiva, ou seja, a sociedade é entendida como processo dialético que intercala e integra momentos de exteriorização, objetivação e interiorização, tema que trataremos na próxima seção.

3.2 Realidade Subjetiva

Para compreender a sociedade como realidade subjetiva, é preciso entender os momentos de exteriorização, objetivação e interiorização vivenciados pelos indivíduos, pois eles exteriorizam o seu próprio ser no mundo social e interiorizam o mundo social como realidade objetiva.

Nessa compreensão, a interiorização é a base para o entendimento dos indivíduos, ou seja, de nossos semelhantes e na sequência, é necessário compreender a apreensão do mundo como realidade social dotada de um sentido. Portanto, interiorizar é compreender e assimilar, tornar objetivo.

Segundo Berger e Luckmann (2007, p.175) “o indivíduo assimila a realidade segundo suas interpretações e suas conclusões, decorrentes de suas particularidades. Depois que o indivíduo realiza este grau de interiorização é que se torna membro da sociedade”. Assim, é possível entender que o processo de socialização do indivíduo é algo amplo e consistente; pois somente com a interpretação da sociedade é que a pessoa é introduzida no mundo objetivo de uma comunidade ou de uma parte ou setor dela.

O processo de socialização ocorre desde o nascimento do indivíduo, nisso acontece o que os autores chamam de socialização primária, ou seja, é a primeira socialização experimentada na infância e faz com que ele torne-se um membro da sociedade. Essa primeira socialização é necessária, pois serve de base para a compreensão do mundo e da vida como um sistema de relações com outras pessoas.

Já a socialização secundária é um processo subsequente a primária, ou seja, um indivíduo já socializado é introduzido nos diferentes e novos setores do mundo objetivo de sua sociedade. Assim a realidade subjetiva é interiorizada pela socialização primária e secundária, e pode ocorrer que torne-se vulnerável a uma realidade dinâmica.

A realidade dinâmica, apresentada por Berger e Luckmann (2007), é contextualizada num momento no qual o saber é constantemente confrontado com aquilo que realmente acontece. Segundo os autores, esse momento é compreendido como conservação, podendo ser

conservação crítica, que mantém a realidade em situações de crise ou a conservação rotineira, que mantém a realidade interiorizada na vida cotidiana.

Berger e Luckmann (2007, p. 202) afirmam que “o veículo mais importante de conservação da realidade é a conversa”. Porém é necessário entender a ambivalência da conversa, pois ao mesmo tempo em que a conversa mantém a realidade, também pode modificá-la, isso pode ocorrer quando se abandona alguns pontos, acrescentam-se outros ou se enfraquecem alguns setores e reforçam-se outros.

Neste cenário pode-se afirmar que não existe uma só direção no processo de socialização, já que tudo o que é objetivo e consistente em uma sociedade pode se tornar subjetivo no entendimento de um indivíduo. Também é possível que toda a identidade e todo universo simbólico desse ator social seja objetivado totalmente, com isso, a interação total do indivíduo com a sociedade é impossível, devido a todos os aspectos contextualizados anteriormente pelos autores

Observando o processo de socialização pode-se afirmar que ele acontece em maior grau em sociedades que são contextualizadas por uma divisão muito simples do trabalho e com uma baixa distribuição de conhecimento. Assim, as identidades produzidas por esse processo ocorrem de uma forma socialmente pré-estabelecida, todos possuem uma consciência de seu papel na sociedade, fazendo com que não ocorram crises de identidade.

Ainda, segundo Berger e Luckmann (2007, p. 228), “a identidade é formada por processos sociais e uma vez cristalizada é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais. Os processos sociais implicados na formação e conservação da identidade são determinados pela estrutura social”.

Neste sentido, podemos afirmar que as estruturas sociais definem os vários tipos de identidades e por razões variadas certos sujeitos se afastam destes tipos definidos socialmente. Este afastamento normalmente ocorre quando acontece um processo inadequado na socialização primária, fazendo com que haja conflitos entre a identidade individual e o modelo proposto pela sociedade.

Importante ressaltar que devido a esse distanciamento ou afastamento do indivíduo da sociedade é que surgiram as iniciativas psicológicas e terapêuticas para diminuir e amenizar os efeitos desse afastamento, buscando uma reintegração da identidade do sujeito à sociedade.

Portanto, a realidade social é um processo em constante construção dialética que acontece entre o indivíduo e o contexto em que se desenvolve a sua dimensão social, ou seja, a sociedade em que está inserido e seu entorno. Isso tem relação com o modo como os indivíduos organizam o seu mundo como representações.

3.3 Representação Social

Os indivíduos são construtores da realidade no dia a dia e, historicamente, dão configuração aos modos como essa realidade virtualmente se modifica. Estudá-los, é então, tentar resgatar o que pensam. Buscar suas opiniões sobre algo, encontrar, enfim, suas representações. Isso requer a compreensão de que, encontrar as representações, exige modos apropriados de abordagem. Dito de outra maneira, uma metodologia bem estruturada é fundamental para a busca de representações nos discursos dos participantes ou informantes de um determinado estudo.

Para explicitar como pode ser viável empregar-se essa estratégia em um estudo desta natureza aqui aborda-se a teoria das Representações Sociais construída por Serge Moscovici, que reforçará a explicitação mais adiante dos procedimentos metodológicos a serem empregados nesta pesquisa.

Essa teoria tem em seu cerne a sociologia, além de marcante presença da história da mentalidade e da área da antropologia. Segundo Moscovici (*apud* GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 1994), o conceito de Representação Social tem origem na Sociologia e na Antropologia, através de Durkheim e Lévi-Bruhl. Outras teorias também contribuíram para a criação da teoria das representações sociais; são elas a teoria do desenvolvimento cultural de Vigotsky, a teoria da linguagem de Saussure e a teoria das representações infantis de Piaget.

Segundo Arruda (2002), além de basear-se nas teorias mencionada acima, Moscovici também se apoiava nas ideias e buscava em sua proposta teórica atualizar o conceito de representação do sociólogo Durkheim. A aproximação dessa idéias é definida devido às novas condições da sociedade contemporânea em que a distribuição social do conhecimento, as divisões de trabalho e a especialização da informação são componentes predominantes e decisivos na condução da vida do indivíduo e do grupo em que ele está inserido.

Moscovici (2004) apresenta na teoria da Representação Social que o conhecimento somente é produzido quando acontece interação e comunicação dos indivíduos, visto que ele está ligado aos interesses humanos, impulsionado pelos desejos, paixões e relações humanas, ou seja, é o resultado de projeto ou intenção de um grupo de pessoas, que se relacionam para uma determinada situação ou finalidade.

A busca pelo conhecimento, independente da formação do indivíduo e do lugar em que ele socializa as informações, é reafirmada como importante para a história social do conhecimento. Burke, (2003) afirma a importância dos portos para a disseminação das informações; segundo o autor, os portos eram o lugar onde os habitantes se encontravam com

viajantes e marinheiros para obter informações de terras e lugares distantes. O autor argumenta que os portos eram “os lugares perfeitos para encontro entre diferentes tipos de conhecimentos e entre diferentes tipos de pessoas” (BURKE, 2003 p. 61)

A teoria das Representações Sociais foi apresentada e mencionada pela primeira vez por Moscovici em seu estudo sobre a Representação Social da psicanálise, tendo como título “*Psychanalyse: son image et son public*” e que pode ser considerada como uma forma sociológica de Psicologia Social.

Nesta perspectiva, a Psicologia Social trata das representações sociais como seu campo, seu objeto de estudo e seu interesse pela cognição, ou seja, ela faz uma reflexão sobre como os indivíduos, os grupos e os sujeitos sociais constroem o seu conhecimento, tendo como ponto de partida sua inscrição social e cultural, enfim, como se dá a interação entre os indivíduos e a sociedade na tentativa de construir a realidade, mesmo sem uma intenção e definição prévia.

O conceito de Representação Social está na fronteira entre a sociologia e a psicologia. Para Moscovici (2004) as representações sociais são um conjunto de conceitos, frases e explicações originadas na vida diária durante o curso das comunicações interpessoais.

Uma definição utilizada entre pesquisadores é a de Jodelet (2002, p. 22), para quem “as representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

Para Moscovici (2004) a Representação Social é uma preparação para a ação, tanto por conduzir o comportamento, como por modificar e reconstituir os elementos do meio ambiente em que o comportamento deve ter lugar. Assim como acontece com o processo de civilização proposto por Elias (1994), que trata das civilizações como mutáveis e distribuídas, são construídas, co-existem e transitam em diversas etapas, se repetindo e inovando por gerações.

Evidencia-se nos estudos realizados por Moscovici, assim como por outros autores, quando abordam e direcionam seus estudos na Psicologia Social Francesa, que o sentido e as funções assumidas pela Representação Social como instrumento de avaliação para grupos sociais, buscam reforçar a compreensão operacional de como as representações sociais são elaboradas, coletivamente, a partir da realidade cotidiana.

Toda a representação social acontece através da interação humana, que acaba por interferir na natureza da mudança de comportamento dos indivíduos na sociedade. Assim, a representação social é o produto, ou a associação transmitida e criada pelas pessoas ou por

grupos de pessoas que desenvolvem e elaboram pensamentos alicerçados nas tradições e convenções que são comuns aos ambientes em que estão inseridos.

Moscovici (2004, p. 48) afirma: “As Representações Sociais que [...] interessam são as de nossa sociedade atual, de nosso solo político, científico, humano, que nem têm tempo suficiente para se sedimentar completamente para se tornarem tradições imutáveis”.

Outro aspecto importante abordado por Moscovici é que as representações sociais reabilitam o conhecimento de forma concreta, seja na racionalidade ou na experiência vivida, onde aspectos subvalorizados tornam-se relevantes pela ciência e conseguem estabelecer uma importância para as dimensões subjetivas, afetivas e culturais, e que ajudam na construção do saber.

A obra de Moscovici transpõe algumas barreiras da ciência psicológica ao confrontar razão e senso comum, razão e emoção e sujeito e objeto. “A realidade é socialmente construída e o saber é uma construção do sujeito, mas não desligada de sua inscrição social” (ARRUDA, 2002, p. 131).

Moscovici (2004) apresenta as ideias de ancoragem e objetivação para fundamentar o saber prático da sociedade contemporânea, sendo assim, estes dois processos são os mecanismos que perpassam o processo do pensamento baseado na memória e nas conclusões do passado.

Neste contexto, a Teoria das Representações Sociais tem seu foco na mudança e na dinâmica da sociedade contemporânea, se constitui e configura como um fenômeno moderno. Assim, a teoria das Representações Sociais serviu como apoio ao aparato metodológico empregado na busca, compreensão e análise dos dados coletados nos discursos dos professores que atuam nas escolas municipais de Biguaçu (SC).

4 FUNDAMENTAÇÃO E ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Nesta seção, serão apresentados os aspectos de sustentação metodológica que foram utilizados e deram embasamento à forma como foi conduzida a pesquisa, assim como suportarão a compreensão do estudo proposto em sua totalidade.

Segundo Minayo (2004) a pesquisa é a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade, é ela que alimenta a atividade de ensino e o atualiza frente à realidade mundial. Mesmo sendo uma prática teórica, a pesquisa proporciona a interação do pensamento e da ação, sendo assim, não existe problema que seja somente intelectual.

Primeiramente os problemas tiveram sua origem na vida real, prática. Essas questões estão direcionadas aos interesses e circunstâncias que são condicionadas socialmente, ou seja, encontram nos problemas suas razões e seus objetivos.

A Ciência da Informação se insere na área das Ciências Sociais Aplicadas, desta forma pesquisar na Ciência da informação é pesquisar tendo um olhar com caráter social. Além disso, é necessário perceber-se que o objeto das Ciências Sociais é histórico, ressaltando que as sociedades humanas constituem-se em determinado espaço de formação e sua configuração social é específica para cada época.

Diante do tema e do ambiente propostos, a presente pesquisa adotou uma abordagem qualitativa. Para Minayo (2004, p. 22) a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados, das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas. Ou seja, o aspecto de relevância da pesquisa está baseado na realidade das pessoas, em suas experiências e práticas, demonstrando a qualidade, e não a quantidade, dos dados obtidos.

Contribuindo com a fala de Minayo, Merriam (1998), aborda que as pesquisas qualitativas têm um conceito “guarda-chuva”, abrangendo os vários métodos de pesquisa e auxiliando na compreensão do objeto em estudo dentro do seu contexto natural, buscando esclarecer o fenômeno social sem distanciá-lo do seu contexto atual.

Deslauriers e Kérisit (2008, p. 150) complementam que “Segundo Poupart: nesse tipo de pesquisa [...] o pesquisador deve se render às condições particulares do campo e estar atento às dimensões que possam se revelar pertinentes”. O ambiente escolhido situa principalmente as relações sociais e a realidade vivenciada pelos participantes, que dispõem de informações e significados da realidade que vivenciam, e não cabe por ênfase na quantidade de informação mencionada nas respostas.

Minayo (2004, p. 15) apresenta que:

a realidade é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda riqueza de significados dela transbordante. Essa mesma realidade é mais rica que qualquer teoria, qualquer pensamento, e qualquer discurso que possamos elaborar sobre ela. Portanto, os códigos das ciências que por sua natureza são sempre referidos e recortados são incapazes de as conter.

As Ciências Sociais, no entanto, possuem instrumentos e teorias capazes de fazer uma aproximação da suntuosidade que é a vida dos seres humanos em sociedades, ainda que de forma incompleta, imperfeita e insatisfatória. Para isso ela aborda o conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nos sujeitos, nos significados e nas representações.

Considerando o tipo de pesquisa, tendo como pressuposto que as constatações partem do específico ou particular para as mais abrangentes, pode-se indicá-la como estudo de raciocínio indutivo.

Nesta perspectiva, leva-se em consideração o objeto de estudo e o ambiente proposto, que oferecem como participantes os professores de uma escola municipal. Para essa situação, adotou-se a afirmação de Lefèvre e Lefèvre (2005), segundo a qual, quando temos como objeto o pensamento coletivo, é inadequado pesquisar quantitativamente. De acordo com eles, essa abordagem não nos permite uma correta apreensão do pensamento como objeto de investigação, pois, nos moldes deste tipo de pesquisa o pensamento fica reduzido a se enquadrar em escolhas (forçadas) de uma alternativa de resposta.

Para corroborar as afirmações acima, Lefèvre e Lefèvre (2003), sustentam que conhecer o pensamento humano sobre um determinado tema, implica em desenvolver uma pesquisa qualitativa de base indutiva, capaz de recuperar e resgatar o pensamento cotidiano com questões abertas que estimule o indivíduo a expressar seu pensamento, ou seja, elaborar um discurso.

A busca da recuperação do discurso elaborado pelos participantes da pesquisa, os professores, leva em consideração os objetivos relacionados pelas representações sociais anteriormente mencionadas. A técnica DSC (Discurso do Sujeito Coletivo) vem a reforçar e complementar os fundamentos conceituais, teóricos e metodológicos dessa pesquisa. Ela permite organizar a síntese do material coletado, ou seja, o discurso significativo do grupo de informantes que foi extraído de cada uma das respostas. Vale ressaltar que o DSC é uma técnica relativamente nova, visto que tem sido estudada e proposta no Brasil a partir do ano de 2000 por Fernando Lefèvre e Ana Lefèvre.

Para melhor entender a técnica DSC e aprofundar a análise dos dados é necessário descrever as figuras metodológicas nela proposta. De acordo com Lefèvre e Lefèvre (2003), a análise dos dados se baseia nas seguintes figuras metodológicas:

As Expressões-chaves (ECH) – que são pedaços ou trechos de discursos destacados pelo pesquisador que revelam a essência do conteúdo discursivo, nos procedimentos de análise dos dados.

As Idéias Centrais (IC) – que se constituem em um nome ou expressão linguística que revela, descreve e nomeia, de forma resumida e precisa, os sentidos presentes em cada uma das respostas analisadas e de cada conjunto homogêneo de ECH, que vão dar nascimento, posteriormente, ao DSC. Elas têm em si uma função discriminadora, ou paradigmática e classificatória, o que permite identificar e distinguir cada sentido ou posicionamento presente nos depoimentos ou nos conjuntos semanticamente equivalentes de depoimentos.

A Ancoragem (AC) – apresenta-se através de algumas ECH e remetem não apenas a uma IC correspondente, mas também é explicitamente a uma afirmação, que denominamos de Ancoragem (AC). Esta é a expressão de uma dada teoria ou ideologia que o autor do discurso se apóia e que está embutida no seu discurso como se fosse uma afirmação qualquer. Sendo assim, a ancoragem são afirmações genéricas usadas pelos depoentes para “enquadrar” situações particulares. Para que haja uma Ancoragem no depoimento é preciso encontrar, no corpo do depoimento, marcas discursivas explícitas dela.

O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) – consiste em uma reunião num só discurso-síntese homogêneo redigido na primeira pessoa do singular de ECH que tem em a mesma IC ou AC.

Para complementar e elucidar a técnica, Simioni (1997, p. 24), afirma que o DCS:

Consiste na reunião, num só discurso-síntese, de vários discursos individuais emitidos como resposta a uma mesma questão de pesquisa, por sujeito social e institucionalidade equivalentes ou fazem parte de uma mesma cultura organizacional e de um grupo social homogêneo na medida em que os indivíduos que fazem parte deste grupo ocupam a mesma posição ou posições vizinhas num dado campo social.

Farias (2007) também aborda que o DSC resgata o discurso como representação de um conhecimento individual e reconstrói a representação social sobre o fenômeno pesquisado, desse modo a estratégia metodológica adotada pelo DSC busca aproximar o entendimento de uma determinada representação social, assim como, um conjunto das representações que configuram um determinado imaginário.

Dessa forma o conceito do Discurso do Sujeito Coletivo é uma proposta de organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal, obtidos através de depoimentos, artigos de jornal, matérias de revistas semanais, cartas, papers, revistas especializadas, entre outros instrumentos. (LEFÈVRÈ; LEFÈVRE, 2005, p. 118).

Assim, a proposta consiste em analisar o material verbal coletado extraindo de cada um dos depoimentos as ideias centrais e as expressões-chave correspondentes. Com as expressões-chave de idéias centrais ou de ancoragens semelhantes compõe-se um ou vários discursos-síntese na primeira pessoa do singular. (LEFÈVRÈ; LEFÈVRE, 2005, p. 15).

É necessário ressaltar que a utilização desta técnica prevê um discurso final, de um grupo de pessoas sobre determinado conteúdo. A técnica do DSC tem como pressuposto dar conta da discursividade, que é uma característica própria e indissociável do pensamento coletivo. O DSC também busca preservar e conduzir todos os momentos da pesquisa, desde a elaboração da entrevista através das perguntas, continuando pela coleta e pelo processamento dos dados até finalizar com a apresentação dos resultados obtidos.

O produto final do DSC é uma reunião de todos os discursos obtidos num só discurso-síntese, que deve ser homogêneo e redigido na primeira pessoa do singular. Sua construção é feita a partir das expressões-chave, tendo como eixo principal a mesma ideia central ou a mesma ancoragem. Importante enfatizar que em nenhum momento o pesquisador introduz qualquer ideia que não seja aquela descrita pelos depoentes, ele simplesmente entrelaça os discursos sem expressar qualquer juízo de valor, nem mesmo alterar o significado deles.

Lefèvre e Lefèvre (2005, p. 15) afirmam que para construir o DSC:

é preciso fazer perguntas abertas para um conjunto de indivíduos de alguma forma representativos dessa coletividade e deixar que esses indivíduos se expressem mais ou menos livremente[...]. Feita a pergunta aberta, é preciso juntar os discursos individuais por ela gerados de modo que eles expressem o pensamento de uma coletividade.

Diante do exposto, pode-se perceber que o DSC constitui um instrumento que permite uma aproximação com a representação social que está contida nos discursos dos participantes, ou seja, através do DSC pode-se ver como a representação social é exposta pelos entrevistados.

Neste sentido percebe-se que os indivíduos pertencem a uma coletividade geradora da Representação Social, deixando de ser indivíduos para se transformarem, se dissolverem e se incorporarem em um ou em vários discursos coletivos que os expressam, ou seja, em representação social.

Nesse contexto, com o uso do DSC, a Representação Social de um determinado grupo torna-se mais clara, pois a opinião coletiva pode ser adequadamente descrita sob forma de um discurso de uma coletividade. Para complementar, Farias (2007) apresenta que o DSC resgata o discurso como uma representação do conhecimento individual que é reconstruído como uma representação social. Isso tem por base o fenômeno pesquisado, uma vez que a estratégia metodológica adotada pela técnica do DSC relaciona-se ao entendimento de determinada representação social, além do conjunto das representações que alimenta determinado imaginário.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ADOTADOS NA PESQUISA

Este capítulo versará sobre os procedimentos metodológicos que foram utilizados na pesquisa e asseguraram o alcance dos objetivos, assim como a compreensão do estudo proposto.

Dentre os procedimentos metodológicos relevantes desta pesquisa, além da técnica do DSC, há outros itens como: campo, participantes, processo de coleta e análise de dados, instrumentos de coleta de dados e aspectos éticos, que estão descritos a seguir.

5.1 Macroambiente do Campo de Pesquisa

O campo de pesquisa foi uma escola de educação básica do município de Biguaçu, estado de Santa Catarina. Segundo Minayo (1994), o campo de pesquisa é o recorte que o pesquisador faz em termos de espaço. Espaço este que representará uma realidade empírica, onde a partir das fundamentações conceituais e teóricas, o objeto de pesquisa será investigado.

Nesse sentido, cabe uma descrição do município onde ocorreu a coleta de dados.⁵ O município de Biguaçu surgiu quando, no ano de 1748, imigrantes portugueses vindos do arquipélago dos Açores e da Ilha da Madeira, foram assentados no lugarejo denominado São Miguel da Terra firme. Em 23 de janeiro de 1751, foi inaugurada a igreja de São Miguel Arcanjo. A provisão que nomeia o primeiro vigário, Padre Domingos Pereira Machado, para a freguesia de São Miguel foi datada de 8 de fevereiro de 1752.

Temporariamente, a freguesia de São Miguel foi a capital da capitania de Santa Catarina no período de 10 de outubro de 1777 a 2 de agosto de 1778 quando os espanhóis ainda ocupavam a ilha de Santa Catarina, atualmente parte do município de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina.

Por ato do Conselho Administrativo da Província de São Miguel, em primeiro de março de 1833 a freguesia de São Miguel foi elevada a vila. A instalação do município de São Miguel ocorreu em 17 de maio de 1833.

Face à decadência econômica, aos frequentes surtos de malária, ao desmembramento de novas freguesias, São Miguel foi aos poucos perdendo seu prestígio. No início da segunda metade do Século XIX, surgia na margem direita do rio Biguaçu, um povoado (atual cidade de Biguaçu), que aos poucos crescia com base em terras férteis ao trabalho dos colonos, a

⁵ Esta descrição tem como base as informações obtidas no site www.bigua.sc.gov.br

construção de uma igreja e de um cemitério 1874, o que resultou na criação de uma freguesia em 19 de dezembro de 1882, sob a invocação de São João Evangelista.

Lideranças políticas de Biguaçu conseguem em 1886 transferir a sede do município para Biguaçu que fica elevada à categoria de Vila. Em 1888, por decisão do governo da Província, a sede municipal volta para São Miguel, vindo a acontecer quase no final de 1889 devido a relutância dos vereadores. Já no período republicano, João Nicolau Born consegue, junto ao Governador do Estado de Santa Catarina, a mudança definitiva da sede municipal de São Miguel para Biguaçu em 22 de abril de 1894.

Biguaçu fica a 28 km de Florianópolis, capital do Estado, na região litorânea central, fazendo parte da Região da Grande Florianópolis. O principal acesso ao município é dado através da rodovia federal BR101, que corta o mesmo em uma vasta extensão. Os limites territoriais de Biguaçu são: ao Norte, os municípios de Canelinhas e Tijucas. Ao Sul, o município de São José. A Leste o município de Governador Celso Ramos e o Oceano Atlântico e a Oeste os municípios de Antônio Carlos e São João Batista.

Os habitantes de Biguaçu são denominados Biguaçuenses. A área territorial do município é de 326 Km², fica a três metros acima do nível do mar e apresenta clima subtropical. No ano de 2000 sua população era composta por 48.077 habitantes e segundo estimativa do IBGE para o ano de 2009 a população seria de 56.395 habitantes.

De colonização açoriana, agrega além das tradições açorianas a cultura indígena, devido a reserva indígena situada no território do município, na comunidade de São Miguel, as margens da BR 101. O município tem como base econômica a agricultura, o turismo e o comércio.

Outra informação relevante é referente à Biblioteca Pública do município que atualmente conta com um acervo de 23.000 livros, com aquisições de vários novos títulos em 2009, salientando que o acervo é sempre atualizado conforme as necessidades do público.

Na área da educação, em entrevista recente, a secretária de educação⁶ do município informou que o ensino fundamental obteve um índice de matrículas de 4.3⁷, com referência ao ano de 2009, superando a meta de 4.1 projetada pelo MEC para o município. Atualmente a prefeitura atende cerca de 4.300 alunos, distribuídos em 11 Centros Infantis e 07 Escolas de Ensino Fundamental e mais 700 alunos no Centro de Ensino Profissionalizante, além da

⁶ Informações obtidas em http://www.bigua.sc.gov.br/index.php?sel=noticias_geral&id_coluna=1413

⁷ Índice de aumento no número de matrículas nas escolas do município em relação ao ano anterior e aos índices propostos pelo MEC.

Educação de Jovens e Adultos que é realizada em parceria com o governo estadual totalizando aproximadamente 5.000 alunos na rede de ensino.

Em relação aos materiais pedagógicos e informacionais que servem de apoio ao trabalho educacional do município, a secretária informa na entrevista que dando continuidade a um projeto de arquivo audiovisual “estamos transferindo as fitas de VHS para DVD. Já temos cerca de 1.000 programas pedagógicos catalogados, à disposição das instituições escolares e população em geral”.

Em relação aos recursos recebidos do Governo Federal⁸ em 2009 o repasse total para a educação totalizou R\$ 687.461,33. Já no ano de 2010 os repasses do Governo Federal para o município teve acumulado um total de R\$ 13.192.486,24. Dos recursos recebidos por área, até julho de 2010, a área da Educação recebeu um montante de R\$ 704.064,45 e dos recursos recebidos por ações do FUNDEB (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação) obteve de apoio um total de R\$ 972.817,95.

Com base nos dados acima, destacamos no quadro abaixo as áreas de destinação e a denominação dos recursos repassados pelo governo federal até julho de 2010 para a Educação no município, que engloba verbas destinadas a alimentação escolar, ao transporte escolar e os repasses que são destinados diretamente para a escola, tendo como beneficiário as escolas de educação básica:

Recursos do Governo Federal destinados em 2009 e 2010 à educação do município de Biguaçu/SC

Ação	Denominação	Total acumulado em 2009	Recebido em julho de 2010	Total acumulado em 2010
Educação	0E53 - Apoio ao Transporte Escolar para a Educação Básica - Caminho da Escola	--	196.020,00	381.348,00
Educação	8744 - Apoio à Alimentação Escolar na Educação Básica	527.124,40	57.972,00	173.916,00
Educação	0969 - Apoio ao Transporte Escolar na Educação Básica	38.057,03	15.294,40	31.612,35
Educação	0515 - Dinheiro Direto na Escola para a Educação Básica	122.279,90	25.188,10	117.188,10
	Total	687.461,33		704.064,45

Quadro 1: Especificações dos recursos repassados do Governo federal em 2010 destinados a educação do município.

⁸ Informações disponíveis em <http://sc.transparencia.gov.br/Biguaçu/>

5.2 O Campo da Pesquisa

A escola escolhida como campo de pesquisa tem vínculo com a Secretaria de Educação e Desporto do Município de Biguaçu e está localizada num bairro que fica a 10 km da sede do município.

A escola foi fundada em 1980 e autorizada a funcionar para atender alunos de 1ª à 4ª série do ensino fundamental. Este estabelecimento, ainda como grupo escolar, teve sua primeira aula inaugural no dia 01 de abril de 1980, com apenas uma sala de aula semipronta e com duas professoras lecionando na classe, sendo uma no período matutino e outra no vespertino e no decorrer do ano letivo o prédio continuou em construção.

Até o ano de 1989, funcionou o grupo escolar que atendia somente as séries iniciais do ensino fundamental, 1ª à 4ª série. A partir de 1990, obteve autorização para o funcionamento das séries seguintes do ensino fundamental, na época 5ª à 8ª série. No início de 1990 o grupo escolar passou a se chamar Escola Básica Municipal, teve sua primeira turma de formandos do ensino fundamental no fim de 1992.

Conforme informações coletadas no Projeto Político Pedagógico da escola, o bairro onde ela está situada é considerado bairro de periferia e tem como diagnóstico uma comunidade que cresceu desordenadamente. Em virtude desse crescimento, a escola necessitou várias ampliações; ela foi planejada inicialmente para dispor de 4 salas de aula e atualmente comporta onze.

Quanto à sua estrutura física, a escola possui os espaços abaixo agrupados, para utilização pelos alunos e administração:

Dependências	Quantidade
Secretaria	01
Biblioteca	01
Sala de Professores	01
Salas de aula	11
Laboratório de Informática	01
Cantina	01
Cozinha	01
Banheiros	05

Quadra de esportes	01
Pátio coberto	01
Pátio aberto	01
Total de Dependências	25

Quadro 2: Estrutura Física da Escola

A biblioteca possui um acervo de 5.145 exemplares e o seu espaço é de 35 m², sendo utilizado também para a apresentação de filmes em vídeo cassete e DVD aos alunos.

O espaço destinado para as atividades físicas e recreação conta com os seguintes ambientes: uma quadra de esportes com área de 684,42m² e um pátio coberto com 305,09m², além de pátio aberto com área de 138m².

Abaixo, apresentam-se os quadros demonstrando, respectivamente, a estrutura das funções que compõem a estrutura administrativa e o corpo docente:

Cargo	Número de pessoas
Diretor	01
Supervisor Educacional	01
Secretária	01
Orientador Educacional	01
Bibliotecária	01
Auxiliar Administrativo	01
Total de cargos	06

Quadro 3: Funções Administrativas

Número de Professores	Segmento que atende
11	1 ^a à 4 ^a série
36	5 ^a à 9 ^a série
2	1 ^a à 4 ^a série (Alunos Especiais)
49	Total

Quadro 4: Quantidade de docentes por segmento

Número de Turmas	Segmento
11	1 ^a à 4 ^a série
11	5 ^a à 9 ^a série

22	Total
----	-------

Quadro 5: Quantidade de turmas por segmento

Número de Alunos	Segmento
306	1 ^a à 4 ^a série
397	5 ^a à 9 ^a série
703	Total

Quadro 6: Quantidade de alunos por segmento

Conforme demonstrado no quadro 3 fazem parte do corpo docente um total de 49 professores, distribuídos, segundo a diretora da escola em: 32 professores efetivos e 17 professores contratados em caráter temporário. Na sequência, de acordo com os quadros 4 e 5 a escola⁹ atende atualmente 703 alunos, divididos em 22 turmas.

5.3 Participantes da Pesquisa

Participaram da pesquisa os professores da escola de acordo com quatro critérios expostos adiante, incluído tanto professores efetivos quanto professores temporários. Os critérios de participação incluíram professores que atualmente:

- 1 - lecionam em turmas de 1^a e 8^a série do ensino fundamental;
- 2 - utilizam ou já utilizaram o laboratório de informática, biblioteca e demais recursos informacionais;
- 3 - estão em sala de aula há, no mínimo, 5 anos;
- 4 - estão lecionando na escola há, no mínimo, 2 anos;

Cada um desses critérios teve uma causa específica para sua definição. O primeiro tem relação com a faixa etária dos alunos de 7 a 14 anos; o segundo com a relação que os professores têm com os recursos informacionais disponíveis na escola; o terceiro para perceber a evolução dos professores junto às tecnologias disponíveis, utilizada por eles e pelos alunos e por último a relação de convivência dos professores com a comunidade onde a escola está inserida.

⁹ Informações fornecidas pela diretora da escola.

Estes critérios foram apresentados à Direção da Escola que, mediante os mesmos, identificou e informou quais os professores que os atendiam. Dessa forma chegou-se ao número de dez participantes. De posse dessa informação, foram feitos os contatos a fim de obter a participação desses professores na pesquisa conforme Diário das Entrevistas (item 5.6), porém nove¹⁰ efetivamente contribuíram com seu discurso.

Com base em coleta de dados que precedeu à coleta dos discursos, implementada com o instrumento Perfil do Entrevistado (Apêndice A) apresentamos abaixo três quadros, que descrevem o perfil Pessoal e Familiar, Perfil Educacional e por fim o Perfil profissional dos professores entrevistados. O primeiro quadro é o do Perfil pessoal e familiar.

Perfil Pessoal e Familiar

Sexo	Idade	Estado civil	Número de Filhos	Idade dos filhos
Feminino	42	Casada	2	5 e 8 anos
Feminino	34	Solteira	0	
Feminino	37	Casada	2	18 e 12 anos
Feminino	31	Casada	0	
Feminino	67	Viúva	1	39 anos
Feminino	42	casada	3	19, 15 e 5 anos
Masculino	31	Solteiro	2	10 e 6 anos
Masculino	44	Casado	0	
Masculino	26	Solteiro	0	

Quadro 7: Perfil Pessoal e Familiar

Com base no quadro acima, podemos afirmar que a maioria dos professores é do sexo feminino e casada, que a média de idade é de 39 anos, e possuem filhos com uma variação significativa de idade, sendo o menor de 5 e o mais velho com 39 anos. Apresentamos abaixo o segundo quadro, que demonstra o perfil educacional dos professores, ou seja, a sua trajetória acadêmica.

¹⁰ Um professor não demonstrou interesse em participar, conforme mencionado no item 5.6

Perfil de Educacional – Grau de Formação

Curso	Instituição	Ano de conclusão	Licen.	Bach.	Outra graduação	Pós-Graduação Lato e Stricto Sensu
Geografia	UFRGS	1987	Sim	Sim	Não	Mestrado em Geografia Humana
Ciências Biológicas	UFSC	2004	Sim	Sim	Não	Educação Ambiental
História	UFSC	2001	Sim	Não	Não	História Cultural
Letras	UFSC	1995	Sim	Não	Não	Educação
Letras	UFSC	1978	Sim	Não	Não	Língua e Literatura Portuguesa e Brasileira
Matemática	UFSC	2006	Sim	Não	Direito	Gestão Educacional e Matemática do Ensino Interdisciplinar
Pedagogia	UNIVALI	1991	Sim	Não	Não	Psicopedagogia
Pedagogia	UNIVALI	2004	Sim	Não	Não	Educação Infantil e Séries Iniciais
Pedagogia	UNIVALI	2003	Sim	Não	Não	Educação Infantil e Séries Iniciais

Quadro 8: Perfil Educacional

O quadro acima apresenta que independentemente da área em que foi realizada a graduação, mesmo demonstrando que um terço são formados em pedagogia, todos possuem licenciatura e pós-graduação em nível de especialização, apenas um dos professores possui mestrado.

Outro dado importante é que dois terços deles formaram-se em instituição federal e todos em universidades. Quanto ao ano de formação pode ser percebido que a maioria formou-se professor após o ano 2000. Abaixo apresentamos o último quadro, que exhibe o perfil profissional desses professores.

Perfil Profissional

Tempo de atuação docente	Turma em que leciona	Numero de alunos em 2010	Outra profissão ou atividade anterior	Vínculo empregatício/instituição Anteriormente
05 anos	5 ^a à 8 ^a série	38	Não	
05 anos	5 ^a à 8 ^a série	35	Biólogo	Pref. Municipal São José - SC
07 anos	5 ^a à 8 ^a série	35	Docente	Escola Particular – SP
07 anos	5 ^a à 8 ^a série	37	Docente	Pref. Municipal São José - SC
14 anos	7 ^a e 8 ^a série	35	Coord. Pedagógica	Pref. de Municipal Florianópolis - SC
16 anos	4 ^a série	25	Não	
22 anos	3 ^a série	24	Não	
23 anos	1 ^a série	25	Não	
47 anos	5 ^a à 8 ^a série	46	Não	

Quadro 9: Perfil Profissional

Este último quadro demonstra que a maioria dos professores não teve até o momento vínculo com outra instituição e os demais que tiveram esta oportunidade permaneceram envolvidos com o ambiente escolar. A média de alunos relatada pelos professores é de 33 alunos, e as turmas nas quais os professores participantes lecionam são na maioria de 5^a à 8^a série.

5.4 Coleta e Análise dos Dados

A coleta e a análise dos dados representam para o pesquisador, os meios pelo qual ele busca e se apropria de visão sobre a realidade observada através de seu estudo.

Considerando as diversas formas e abordagens que se pode empregar para coletar discursos, a técnica escolhida e utilizada para coleta de dados foi a entrevista, primeiramente com a finalidade de colher dados de caracterização dos participantes (Apêndice A) e posteriormente com a finalidade de colher discursos (Apêndice B) com questões direcionadas a responder os objetivos da pesquisa.

De acordo com Cruz Neto (1994) é através da entrevista que o pesquisador busca obter informações manifestadas na fala dos atores participantes. Poupart (2008, p. 247)

complementa a ideia anterior ressaltando que “o material produzido pela entrevista é, assim, considerado por alguns como uma co-construção da qual tomam parte tanto o entrevistador quanto o entrevistado.”

Na visão de Sierra (1998), a entrevista pretende mostrar as vivências e o conhecimento do participante. É tipo de investigação que permite ao entrevistador avaliar as diversas situações da vida, as ideias, as experiências e as crenças, sendo que o foco da entrevista é ouvir tudo o que o entrevistado tem a dizer, apenas estimulando com alguns temas referentes ao objetivo primordial da pesquisa.

Refletindo sobre a temática da entrevista, Poupart (2008, p. 246) chama atenção ao apresentar que a entrevista qualitativa é geralmente considerada como uma via de acesso privilegiado para apreender o ponto de vista e a experiência dos atores, mesmo não havendo uma concordância sobre o que a análise dos discursos permite dizer sobre as realidades sociais ou sobre o que os pesquisadores devem fazer socialmente com os depoimentos colhidos dos entrevistados.

Segundo Deslauriers e Kérisit (2008, p. 140) “A etapa análise consiste em encontrar um sentido para os dados coletados e em demonstrar como eles respondem ao problema de pesquisa que o pesquisador formulou progressivamente”.

Uma vez coletados os dados, foi realizada a sua transcrição literal como etapa preliminar à análise. Neste estudo a análise teve como recurso a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Dessa forma foi utilizado o Instrumento de Análise do Discurso (IAD) (Apêndice C).

Para cada pergunta foi preenchido um IAD contendo um número atribuído ao participante, e identificando separadamente as Expressões Chaves (ECH) e Ideias Centrais (IC) expressadas nas respostas obtidas dos entrevistados.

Após a finalização das entrevistas, no período de julho e agosto me dediquei a transcrevê-las. Analisar e transcrever os dados obtidos junto aos professores, em que pude traçar o perfil deles e perceber nas falas aproximações e distanciamentos da teoria, dos conceitos e da realidade vivenciada e relatada nos discursos.

No início de setembro, já com a etapa de transcrição e análise dos discursos concluídos, no decorrer do texto foi percebido que havia a necessidade de trazer para a dissertação não somente dados da escola e do município, e sim informações direcionadas a educação no município, dados sobre a rede de educação municipal como, quantidade de professores na rede, quantidade de profissionais que fazem parte do quadro funcional da rede educacional, faixa salarial dos professores, formação dos professores da rede, enfim, dados que devem ser fornecidos pela secretaria da educação.

Diante desta necessidade, retomei meu contato com a secretaria da educação a fim de obter esses dados. Em **10 de setembro** fiz a primeira ligação com o objetivo de marcar um horário para solicitar as informações mencionadas acima, porém a secretária não estava e a atendente ficou de retornar a ligação para que eu pudesse marcar um horário.

Aguardei a ligação até o dia **15 de setembro** e fiz um novo contato, neste dia a secretária estava em reunião, e no dia seguinte resolvi ir pessoalmente na secretaria de educação para conversar com a secretária ou com alguém que pudesse me fornecer os dados. Como a secretária estava na reunião, a atendente me encaminhou para uma assistente da secretária, que após ouvir minha solicitação, disse que não estava autorizada a repassar essas informações e me indicou que voltasse a conversar com a secretária e que encaminhasse um e-mail com os dados que eu precisava.

Após essa conversa, no mesmo dia, já encaminhei o email, para a assistente e para a secretária, explicando o contexto da pesquisa, informando o que eu precisava e também em anexo a dissertação, já quase concluída, inclusive contendo as entrevistas e os dados já coletados através do site da prefeitura e da informações disponibilizadas pela escola.

Aguardei o retorno do e-mail até o dia **23 de setembro** e como não obtive retorno, entrei em contato por telefone, para confirmar o recebimento. Não consegui falar com a secretária, porém a assistente informou que ela havia solicitado uns dados e que tinha recebido o e-mail. Mesmo assim a assistente pediu que eu enviasse novamente o e-mail para ela e para a secretária, e neste e-mail eu informei que o meu prazo de entrega seria até **28 de setembro**, e que precisava desses dados.

No dia **05 de outubro** liguei novamente para a secretaria, e a assistente me solicitou que enviasse um e-mail para a secretária para lembrá-la e até o dia **18 de outubro**, data da postagem da dissertação na secretaria do curso para distribuição aos membros da banca, não recebi nenhuma resposta.

5.5 Pré-teste

A coleta dos discursos foi precedida de um pré-teste, respondido por 3 professores, atuantes como professores efetivos em outra escola municipal da mesma rede de ensino que se enquadraram nos mesmos critérios eleitos para definir os professores participantes da pesquisa.

A aplicação do pré-teste serviu para aperfeiçoamento do instrumento de coleta quanto ao entendimento dos entrevistados, para que quando o instrumento fosse aplicado aos

professores participantes da pesquisa, os possíveis problemas existentes em sua elaboração inicial estivessem sanados.

As entrevistas do pré-teste foram colhidas nos dias 19 e 20 de maio de 2010, numa escola de educação de outro bairro também em Biguaçu. Após o tratamento dessas entrevistas apresentou-se a necessidade de reformulação da então questão de número 9, assim como a modificação de alguns tópicos do instrumento que coletava dados referentes ao perfil dos professores.

Para complementar a coleta de informações, outro instrumento utilizado foi um caderno de anotações (como um diário) para registrar as observações do espaço escolar, assim como todos os fatos que ocorrerem durante a marcação e realização das entrevistas, incluindo as circunstâncias ambientais em que aconteceu cada entrevista realizada, que será tratado a seguir.

5.6 Diário das Entrevistas

Apresentamos aqui a descrição dos caminhos percorridos pela pesquisadora desde a apresentação do projeto e a autorização da secretaria de educação do município, até a solicitação de dados dos professores que participariam da pesquisa à diretora da escola e o momento da entrevista com cada professor selecionado, conforme os critérios estabelecidos no item Participantes da Pesquisa.

Importante mencionar que os entrevistados foram informados dos objetivos da pesquisa, bem como dos aspectos éticos envolvidos na pesquisa com seres humanos. Ao concordarem com os termos da pesquisa, eles foram convidados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo A) e o Termo de Aceite de Participação da Pesquisa (Anexo B). Sendo que o primeiro atende a orientação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina. Esse Comitê foi constituído em 16/06/1997, devidamente registrado junto à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP/MS, em cumprimento das Resoluções nºs 196/96 e 251/97 do Conselho Nacional da Saúde.

As entrevistas¹¹ se deram na data, local e horários agendados, sendo que a entrevista foi realizada pessoalmente pela pesquisadora. Tendo em mãos a cópia do projeto de qualificação, o roteiro de entrevista (Apêndice B) e o questionário de levantamento dos perfis, as entrevistas foram registradas em aparelho gravador mp3, conforme descrito a seguir.

¹¹ Entrevistas literais (Apêndice D)

05 de maio. Tendo em mãos o projeto de qualificação aprovado e a carta de autorização de realização da pesquisa fornecida pela gestão anterior, me dirigi a secretária de educação do município para confirmar a autorização. Chegando lá quem me atendeu foi a secretária responsável pela educação do município, que após análise do projeto e leitura da autorização da realização da entrevista comunicou a direção da escola que eu estaria me apresentando em breve e que estava autorizada a realizar a pesquisa junto com os professores, salientando que me fosse repassado os dados necessários para a construção da referida pesquisa. Neste mesmo dia marquei com a diretora da escola para a primeira visita, conforme descrevo abaixo.

19 de maio. Ao dirigir-me num acesso próximo ao centro da cidade, percorri por estradas asfaltadas e bem sinalizadas. Entrando na rua, em que está localizada a escola o asfalto tinha aspecto quebradiço e com muitos buracos; uma via sem acostamento, sem calçadas para pedestres, expondo muitos entulhos e lixos a espera de coleta.

Chegando à escola, entrei e me deparei com um portão de ferro. Ao apertar o interfone, fui recebida por uma professora, já conhecida minha e que atualmente está afastada da sala de aula, readaptada, como a mesma informou.

Neste momento a referida professora está atendendo pais, alunos e professores na secretaria da escola, além de cuidar do portão, atender telefone e auxiliar a diretora quando necessário. Pedi a ela que me encaminhasse à diretora da escola. A diretora me atendeu prontamente e aceitou que os professores, se desejassem, poderiam participar da pesquisa e ausentar-se da sala de aula para fazer a entrevista. Neste dia a diretora marcou um momento com a supervisora da escola, que foi agendado para data posterior.

21 de maio. Após o momento com a diretora, fui conversar com a supervisora da escola. Neste dia, o horário que cheguei à escola era o momento após o recreio e se fazia presente a equipe do conselho tutelar do município. A diretora acabara de separar uma briga física entre duas alunas, que permaneciam à espera de seus pais, e estavam sendo assistidas pelos conselheiros. No meio deste episódio, a supervisora da escola veio ao meu encontro e me convidou para conversarmos em sua sala, que é ao lado da sala de professores. Lá chegando ela me informou os professores que atendiam aos critérios de seleção, me pediu uma semana para conversar com os professores e verificar a disponibilidade deles em participar.

28 de maio. Retornei novamente a escola para verificar com a supervisora quais os professores tinham aceitado participar da pesquisa e solicitei a ela o agendamento para realização das entrevistas. Ainda neste dia a supervisora solicitou que a coleta de dados não

perdurasse por muito tempo, para não prejudicar o andamento e bom funcionamento da escola, pois enquanto o professor concedia a entrevista ela ficaria na sala com os alunos.

Aceitei o desafio e marcamos em conjunto as datas de realização das entrevistas. Verificando o quadro de horários e os professores que estavam presentes na data escolhida por ela e a disponibilidade do professor, marcamos três dias e para cada dia seriam entrevistados 3 professores, sendo que no primeiro dia seria realizada a entrevista com 4 professores, sempre respeitando e buscando o melhor horário para eles.

01 de junho. Conforme combinado com a supervisora este foi meu primeiro dia de entrevista, e ela conduziu-me até a sala de professores e foi na sala de aula chamar um dos meus entrevistados. Era uma manhã de terça-feira, e tudo estava calmo, a única coisa que atrapalhava um pouco é que a sala dos professores é de frente para a estrada que dá acesso a escola e tem um fluxo constante de automóveis, que faziam um pouco de ruído.

Quando a professora chegou na sala me apresentei, mostrei meu projeto de qualificação e expliquei qual era o meu curso e o objetivo da minha pesquisa. Logo após apresentei a ela o termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na sequência a carta de aceite. Após o preenchimento desses documentos, iniciei fazendo as perguntas do questionário para traçar o perfil do entrevistado e assim que finalizei já iniciamos a entrevista.

A professora estava tranquila e respondeu a todas as perguntas que proferi, ao final agradeceu a oportunidade de participar, desejando que o trabalho fosse levado em frente para futuras ações na escola. Ela se encaminhou a sua sala e logo chegou a segunda professora.

Com a segunda professora também realizei o mesmo procedimento, mostrando o projeto de qualificação, explicando meus objetivos e solicitando a ela que preenchesse os formulários para darmos início ao preenchimento do questionário e a entrevista. Essa preliminar de contextualização do meu objetivo e os formulários necessários para preenchimento dos participantes foi realizado com todos os professores, antes de iniciarmos propriamente a entrevista.

Esta segunda professora já está em fase de se aposentar, na entrevista falou de seus anseios quanto ao papel da educação na sociedade atual e de sua vontade de aprender a lidar com os recursos tecnológicos. Ao fim da entrevista, num discurso emocionado, agradeceu a minha presença, por ter escolhido a escola para realizar trabalhos de pesquisa e questionando-se se algum órgão ou alguém conseguiria melhorar os direitos, os deveres as leis em prol da educação.

Após a segunda entrevista a supervisora retornou a sala e me pediu que aguardasse a próxima professora, por uns 35 minutos aproximadamente, e quando ela chegou me disse que

faria a entrevista em outro dia, pois estava na hora de voltar para sua sala. Então a supervisora encaminhou o quarto professor planejado para aquele dia.

O quarto professor entrevistado mostrou-se entusiasmado. Num discurso bem estruturado, fazendo questionamentos a si mesmo, ele proferiu respostas longas, porém ricas em elementos, sugestões, críticas, entre outros aspectos que não dizem somente a respeito de sua prática como professor, mas também de seu papel na sociedade, e da própria estrutura social de gerenciamento e poder. Fez críticas a estrutura social e em algumas colocações o seu tom de voz diminuía e depois voltava ao normal. Ao fim, fez colocações que servem de reflexão a todos os cidadãos.

No fim destas entrevistas, informei a supervisora que uma das professoras não pode participar, mas que no outro dia eu estaria lá. Foi um dia muito importante, os discursos me deixaram muito entusiasmada, e curiosa para continuar as entrevistas.

02 de junho. Ao chegar à escola fui direto à sala da supervisora informar que eu estava à disposição para iniciar as entrevistas. Neste dia as entrevistas foram feitas na sala da supervisora, pois estava iniciando o recreio e os professores estavam ocupando o espaço em que eu tinha ocupado no dia anterior.

Com o primeiro professor do dia, após mostrar e informar os procedimentos da pesquisa, iniciamos a entrevista. Um professor de poucas palavras e muito objetivo nas respostas. Falou de sua vontade de utilizar mais os recursos informacionais e até mencionou que se pudesse, compraria os equipamentos para utilizar com os alunos. Algo em seu discurso que me chamou bastante atenção foi sua visão de não compartilhar ou trocar experiência com outros profissionais por julgar que todos têm que saber lidar com os recursos informacionais disponíveis na escola. Após finalizar com este professor, a supervisora me solicitou que entrevistasse a professora com quem não tinha realizado a entrevista no dia anterior; quando fui abordá-la a mesma informou que tinha uma atividade para fazer com os alunos. Eu percebi em seu semblante que na verdade ela não queria participar da entrevista, respeitei e disse a ela que no próximo dia de entrevista poderíamos fazer, para ela não se preocupar.

Então iniciei a entrevista com a terceira professora, essa bastante falante e empolgada em demonstrar seu trabalho no laboratório de informática. Numa fala com vários exemplos, enfatizou que sua prática com os recursos que a escola tem só é possível devido a parceria que fez com outra professora, que na verdade fazem o planejamento, as atividades, os exercícios em conjunto, o que segundo ela, auxilia bastante a prática docente. Ao final, seu discurso foi no sentido de sugerir formações continuadas voltadas à utilização das tecnologias.

O quarto professor, num discurso ansioso, relatou sobre suas inseguranças, decepções e frustrações quando seu papel como docente. Sua fala volta e meia se alterava, e às vezes diminuía bruscamente, principalmente em se referir à direção da escola. O que me chamou atenção em seu discurso é que apesar da docência ser algo encantador para ele, o momento é de insegurança se realmente a docência é o que ele vai seguir como profissão.

Ao fim das entrevistas conversei com a supervisora e disse a ela que senti na professora que conversei pela segunda vez que a mesma não se mostrou interessada em participar da pesquisa, informei a ela que avisei a professora que estaria mais um dia na escola, mas solicitei à supervisora que deixasse a professora a vontade para me procurar e participar da pesquisa, e não mais solicitar que a mesma participasse.

7 de junho. Neste dia, me dirigi novamente à sala da supervisora, para minha surpresa a professora readaptada que estava trabalhando na secretaria e outra professora que conheci também na época dos estágios da graduação, que neste momento também está readaptada, estavam arrumando e organizando um espaço na sala da supervisão para iniciar as aulas de reforço escolar para alunos de 1ª à 4ª série com dificuldade de aprendizagem.

Conversei um pouco com elas e logo a supervisora chegou com uma das professoras que ainda faltavam para minha pesquisa, neste dia faltavam três professores, mais a professora com quem eu já havia conversado anteriormente. Tinha a esperança de que ela viesse me procurar, mas pedi que a supervisora só avisasse que eu estava presente na escola e que a deixasse a vontade para escolher em participar ou não.

Ao iniciar a entrevista com a professora, na sala dos professores, informei-a sobre os procedimentos e demos início à entrevista. A professora se mostrou calma e paciente, informando que os recursos informacionais disponíveis na escola são poucos, devido ao número de turmas tem que ser solicitado com antecedência e como não tem apoio técnico para auxiliar no transporte e manuseio, prefere não usar. Ao fim, num tom entristecido, revelou a diferença que ela percebe do desenvolvimento de seus alunos em relação aos seus filhos que frequentam escola particular.

A segunda professora mostrou-se tranquila e um tanto insegura em responder as questões, com o tempo foi relaxando e num rico discurso fez uma análise das disciplinas da graduação que não auxiliam na utilização dos recursos informacionais, assim como as formações continuadas que a prefeitura oferece, que são razoavelmente constantes, que também não tratam do assunto.

A terceira professora, que foi chamada pela segunda, também reafirmou o discurso da professora anterior, referente à falta de formação continuada aos professores em relação às

tecnologias que a escola oferece. Para esta professora, os recursos informacionais disponíveis na escola são bons e atendem às necessidades, o que precisam é de formação continuada e de vontade dos professores de utilizarem esses recursos.

No fim deste dia, a professora que eu esperava desde o primeiro dia de entrevista não compareceu a sala dos professores para realizar a entrevista, como eu havia pressentido. Fiquei me questionando: porque será que ela não quis participar? Ou será que ela realmente não teve tempo? Foi uma questão que para mim ficou em aberto. Mesmo assim agradei a supervisora e me comprometi, após a finalização da pesquisa, levar um exemplar da dissertação para a escola, que contribuiu desde o início para a construção e conclusão do meu trabalho. A diretora não estava na escola naquele momento, então me despedi das professoras que estão organizando a sala da supervisão, para aula de reforço.

5.7 Tratamento e Análise dos Discursos

A coleta das entrevistas aconteceu num curto espaço de tempo e foram realizados nos dias 1, 2 e 7 de junho. As transcrições dos discursos iniciaram-se somente após a realização das entrevistas com todos os professores participantes.

Esse momento de transcrição reforça um pensar a pesquisa, entender os discursos, exige não permitir que os ruídos atrapalhem o entendimento das falas, enfim um processo que necessita de um trabalho com concentração e paciência, para que todos os elementos, todas as falas, todos os discursos sejam aproveitados.

Com as entrevistas transcritas o segundo passo foi inseri-las no Instrumento de Análise de dados I (IAD 1) (Apêndice C) onde cada questão encabeça um quadro com quatro colunas que representavam respectivamente o professor, a resposta obtida na entrevista, as Expressões Chave (ECH) e a Ideias Centrais (IC), que oferece ao pesquisador uma leitura panorâmica dos discursos, pois quando agrupados demonstram possíveis divergências e convergências das ideias, das atitudes e das falas.

Após essa etapa, partimos para a construção do Instrumento de Análise de dados II (IAD 2) (Apêndice F) representado num quadro com três colunas, a primeira relativa ao professor, a segunda às ideias centrais extraídas do IAD 1 e uma terceira coluna à Síntese das Ideias Centrais (SIC)¹², neste quadro, foi possível perceber que com esta síntese é perceptível a diversidade das ideias demonstradas nos discursos e extraídos das expressões chaves (ECH).

¹² Esta síntese, como recurso metodológico, foi uma adaptação que Rosivaldo da Silva Flausino fez aos instrumentos de análise da técnica do DSC em sua dissertação de mestrado apresentada em 19/06/2008 no

Após a construção da síntese das ideias centrais, partimos efetivamente para construção do discurso do sujeito coletivo (DSC) onde cada questão era respondida com elementos e falas de todos os professores, porém que respondiam a mesma questão, ou seja, para cada pergunta da entrevista foi construído a partir dos discursos uma resposta para ela, retirando as repostas iguais, porém preservando o discurso e suas variações. Como última etapa, formulou-se o DSC final, apresentado a seguir.

6. DSC FINAL

Apresenta-se neste item o DSC final, construído totalmente por palavras proferidas pelos entrevistados, servindo como resposta ao questionamento geral da pesquisa representado pelos seus objetivos.

O Desenvolvimento intelectual humano pessoal e profissional, assim como a aprendizagem independente e responsabilidade social fazem parte da prática pedagógica do professor. O trabalho docente deve ser voltado para o desenvolvimento da independência e autonomia dos alunos, dessa forma os professores devem buscar utilizar as tecnologias dentro do que a escola oferece e não devem se fechar ao novo que as tecnologias oferecem.

A educação está muito atrasada, tem tantas tecnologias, que as crianças podiam estar por dentro, talvez com essas tecnologias todas, seria bem mais prazeroso para eles vir pra escola, às aulas seriam mais motivadoras, eles iam se entusiasmar e vir com vontade pra escola.

As tecnologias auxiliam a prática pedagógica do professor, muitos alunos mostram-se mais avançados informacionalmente do que muitos professores, posso afirmar que os alunos têm acesso à informação e aos recursos tecnológicos independente dos equipamentos da escola. Para o professor, a utilização das tecnologias se faz desde a preparação dos materiais em casa, para utilizá-la é preciso trazer algo fundamentado, pensado, que agregue conhecimento e desperte a curiosidade dos alunos.

Mesmo com a utilização da tecnologia, o que deve ser privilegiado são a aula e o seu processo, por isso o professor tem que intervir para que a aula não fique monótona, por isso deve preparar a nova tecnologia. Muitas vezes a tecnologia não abrange a necessidade de determinado conteúdo, por isso é importante se ter outras opções, mesmo assim as TIC são essenciais para a educação e seus atores, assim como para o bom funcionamento da escola.

Independente das limitações, os recursos informacionais disponíveis na escola são utilizados e a parceria entre os professores auxilia no processo de utilização dos recursos informacionais. Vale ressaltar que há necessidade de formação continuada na área e apoio técnico específico para utilização correta dos equipamentos com os alunos, visto que a utilização das tecnologias é presente na profissão docente;

A profissão docente exige a utilização das tecnologias, pois abre muitas possibilidades na preparação dos materiais, onde a curiosidade aguça a vontade de conhecer coisas novas, e as tecnologias podem ajudar de alguma forma a prática do professor.

Os recursos informacionais são utilizados constantemente na prática docente. O professor deve estar disposto a aprender, não só para a profissão, mas para sua vida pessoal também, além de que deve querer e fazer uso dos recursos informacionais disponíveis na escola.

Os livros são recursos informacionais fundamentais, onde o livro é um recurso que auxilia o professor, o computador poderá ser também, mas é necessário primeiro, que os alunos tenham uma boa preparação através dos livros.

Dessa forma a Competência Informacional é um conjunto de técnicas que conecta a função social da escola e a realidade dos alunos, numa relação entre sua vivência atual e futura, sendo que as vivências e experiências de alunos e professores são aspectos importantes na docência.

7. INTERPRETAÇÃO DO DSC FINAL

Nos discursos buscou-se resgatar as representações e concepções manifestadas pelos participantes em seu desempenho como agentes da competência informacional. O empenho em encontrar as representações manifestadas pelas entrevistas resultou em quatro subitens que vem a seguir.

7.1 A Competência Informacional

Através da leitura do DSC os professores expressaram que a aprendizagem independente, a responsabilidade social e o desenvolvimento intelectual fazem parte da prática pedagógica do professor. Neste contexto pode-se afirmar que os professores demonstram ter noções dos atributos necessários para ser competente informacional, mesmo não mencionando pelo termo utilizado na pesquisa.

O documento que potencializa a importância da competência informacional para os indivíduos e corrobora como discurso dos professores é a Declaração de Alexandria, descrevendo que “A competência informacional está no cerne do aprendizado ao longo da vida. Ela capacita as pessoas em todos os caminhos da vida para buscar, avaliar, usar e criar a informação de forma efetiva para atingir suas metas pessoais, sociais, ocupacionais e educacionais. (INTERNATIONAL, 2005).

De acordo com o DSC a sociedade solicita dos indivíduos esse aprendizado ao longo da vida, através de seu desenvolvimento intelectual humano e profissional. Neste sentido, Garcez (2009, p. 59) apresenta que a “educação é um bem social, um recurso comum criado com vistas a preparar os indivíduos a se inserirem na sociedade, desempenhando papéis, os quais lhe permitiram acesso a outros bens como moradia, alimentação e saúde”, ou seja, além da sociedade solicitar do indivíduo seu pleno desenvolvimento, sua inserção no contexto social passa primeiramente pelo ambiente escolar.

Com relação ao desenvolvimento humano e o processo educacional, SANT’ANNA; SALES; DIAS, (2006, p. 6) apresentam os seguintes princípios: “o desenvolvimento humano é um processo contínuo; o indivíduo aprende o que existe em seu meio; o conhecimento é continuamente transformado pelas novas experiências e informações; a criança desenvolve aprendendo as coisas que lhes são ensinadas dentro e fora da escola; há diversos ritmos de desenvolvimento”, sendo assim, o professor e a escola são partes integrantes e importantes desse processo.

O DSC demonstrou que o desafio dos professores está em atender esses requisitos impostos pela sociedade, para que seus alunos tenham aproveitamento dos conhecimentos obtidos na escola e que aplique tais conhecimentos em suas vidas pessoais e profissionais futuramente. Neste sentido, partimos de uma ideia neoliberal que coloca educação como parte submissa dos ideais da sociedade. Segundo Biancheti, (2001, p. 32) “preparar a classe estudantil à competitividade, ressaltando a individualidade, a fim de atender aos interesses mercadológicos” ou seja, a educação e os profissionais devem atender as exigências da sociedade, mascaradas pelo mercado global.

Segundo o DSC, o professor deve estar disposto a aprender, não só para a profissão, mas para sua vida pessoal também, por isso o professor, pelo ato de ensinar, já tem uma responsabilidade que é social. Essa responsabilidade social é mencionada por Campello (2003) que apresenta o *Information Power*.

A responsabilidade social, como relatado pelos professores, é um dos aspectos que englobam a competência informacional, segundo o *Information Power*, que tem como finalidade explicitar as habilidades informacionais a serem desenvolvidas na escola pelos professores juntamente com os alunos, demonstrando as possibilidades da aplicação da competência informacional no âmbito dos conteúdos curriculares, descrevendo normas a serem seguidas divididas em três aspectos: o da Competência Informacional, o da Aprendizagem Independente e da Responsabilidade Social. (CAMPELLO, 2003).

Outro pensamento apresentado no DSC é referente à Competência Informacional como habilidade técnica e prática através da utilização das tecnologias existentes. Demonstrem que fazendo um paralelo com o novo, com a forma de trabalhar e com os recursos que encontrados hoje é possível conseguir transformar essa sociedade, e assim transformar a educação.

Para complementar essa ideia da complexidade da atuação do professor Gómez (1995, p. 102) afirma que:

o professor intervém num meio ecológico complexo, um cenário psicológico vivo e mutável, definido pela interação simultânea de múltiplos fatores e condições. Nesse ecossistema, o professor enfrenta problemas de natureza prioritariamente prática, que, quer se refiram a situações individuais de aprendizagem ou formas de comportamento de grupos.

Em relação ao meio ecológico e ao cenário vivo e mutável apresentado por Gomes (1995), Moscovici (2003, p. 127) afirma que “a sociedade muda e cria e suas demandas são

importante fonte de inspiração. Mas a nós compete dar as respostas ou ao menos tentar encontrá-las”

Neste sentido, o desafio proposto ao professor é ser um mediador na sociedade, utilizando as tecnologias existentes para que seus alunos consigam assimilar os conteúdos, ser competitivos no mercado profissional e serem críticos das informações que recebem constantemente, ou seja, seu trabalho vai muito além do ensinar conteúdos e disciplinas do currículo escolar, ele tem que perceber a necessidade dos alunos e intervir através de situação que contemplem a aprendizagem individual e do grupo.

7.2 Utilização das TIC e professor: manifestação de práticas, ideias e sugestões

O não conhecimento por parte dos professores, a necessidade de investimento em recursos tecnológicos, assim como, inexistência de pessoal técnico qualificado para melhorar as questões de utilização das tecnologias existentes na escola foi a manifestação negativa apresentada pelo DSC referente à utilização das TIC no ambiente escolar.

Tendo como ponto de partida a primeira ideia apresentada “o não conhecimento por parte dos professores” e o discurso afirmativo que para alguns professores a tecnologia da época que se formaram na graduação era a TV, o vídeo e o retro projetor, Lima Bueno (2010, p, 8) apresenta que “tratar das questões tecnológicas na formação do educador não significa apenas incluir estudos dos recursos tecnológicos”, ou seja, é necessário uma formação pontual para educá-los tecnologicamente desde a graduação para que eles consigam educar seus alunos com o auxílio das TIC.

Os investimentos em recursos tecnológicos e em pessoal técnico para auxiliar os professores se justificam e tornam-se uma problemática tanto na utilização ou não utilização das tecnologias. Neste sentido Lima Bueno (2010, p. 10) afirma que “o educador com olhar crítico necessita superar o papel de simplesmente figurante na história da educação, do ensino, precisa assumir o papel de educador fazedor da história, entender-se nela e assumir um papel de agente ativo no contexto tecnológico do país.”

Para o professor, a utilização das tecnologias se faz desde a preparação dos materiais em casa, para utilizá-la é preciso trazer algo fundamentado, pensado, que agregue conhecimento e desperte a curiosidade dos alunos, dessa forma a utilização das tecnologias é presente na profissão docente.

O discurso acima, representado no DSC está em concordância com os Padrões da Competência em TIC para professores, segundo UNESCO (2009, p. 10) “os professores

devem saber onde, como, quando (e quando não) usar a tecnologia nas atividades em sala de aula e nas apresentações, assim como conseguir usar a tecnologia com toda a turma, pequenos grupos e atividades individuais assegurando o acesso igualitário.”

De acordo com o DSC os livros são recursos informacionais fundamentais, visto que o livro é um recurso que auxilia o professor e o computador poderá ser também, mas é necessário primeiro, que os alunos tenham uma boa preparação através dos livros. Kenski (2001, p. 98) contrapõe esse discurso, afirmando que “o ato de ler se transforma historicamente”, ou seja, através da tecnologia um fator que facilita o estabelecimento de ligações e associações e permitem ao leitor interagir com o texto, com o livro, com o conteúdo da web, onde o leitor assume um papel ativo se transformando em co-autor de hipertexto.

É importante lembrar que os recursos são parte do processo e não o fim, mesmo alguns professores não conseguindo imaginar dar aula sem esse tipo de recurso que tem na escola, por isso é preciso se organizar. Mesmo com o pouco uso das tecnologias, quando utilizadas elas enriquecem as aulas, os alunos ficam entusiasmados e adoram as novidades trazidas com, uma vez que você os ensina a operar a tecnologia fica mais fácil de trabalhar.

Outra manifestação mencionada no DSC é que a educação está muito atrasada, tem tantas tecnologias que as crianças podiam ter acesso, talvez com essas tecnologias todas fosse bem mais prazeroso para os alunos virem para escola, às aulas seriam mais motivadoras eles iam se entusiasmar e vir com vontade pra escola.

Colaborando com os discursos acima, os recursos tecnológicos e as TIC são referenciados como ferramentas positivas e auxiliares do trabalho docente, porém não são a solução dos problemas educacionais. Segundo Kellner e Share (2008, p. 690) “a tecnologia não será suficiente para democratizar e reconstruir adequadamente a educação. A tecnologia sozinha não melhora necessariamente o ensino e a aprendizagem e, com certeza, não trará a superação das agudas divisões sócio-econômicas”.

O DSC também apresentou que a utilização das TIC com os colegas de profissão precisa ser melhorada, atualmente a troca é pouca, quase não existe troca de experiência, somente comentários devido à diferença de turmas que os professores lecionam, não existe tempo estipulado para troca de ideias e experiências referente a isso. Como nem todos os professores fazem a utilização das TIC, a troca de experiências e a socialização das práticas ficam comprometidas.

Em relação à manifestação da utilização junto aos colegas de profissão a UNESCO (2009 p. 11) se posiciona apresentando que “os docentes devem ter habilidades e

conhecimento necessário para criar e administrar projetos complexos, colaborar com outros professores e fazer uso delas para ter acesso às informações, aos colegas e a especialistas externos em apoio ao seu próprio desenvolvimento pessoal”.

7.3 Os Recursos Informacionais utilizados na escola: com a palavra os professores e suas práticas

Os recursos informacionais são utilizados constantemente na prática docente. Uma sala de multimídia montada na escola facilitaria a utilização dos recursos informacionais, principalmente pelo acesso a internet, e também com os livros da biblioteca, CDs e DVDs são recursos informacionais bastante utilizados. Há situações onde professores fazem parceria para utilizar os recursos informacionais, através da construção de projetos e atividades que são desenvolvidos em conjunto, tornando um trabalho melhor quando podem contar com alguém.

O DSC descrito acima demonstra que os professores reconhecem os recursos informacionais que a escola disponibiliza, porém dois aspectos merecem destaque: o primeiro é em relação à disponibilização de uma sala de multimídia e o segundo é em relação a parceria entre os professores.

Com relação ao primeiro aspecto que se refere a sala de multimídia, o governo federal através do Programa Nacional de Tecnologia Educacional¹³ (ProInfo) propõem melhorias em relação a utilização das TIC nas escolas. Para que haja a implementação desse programa, cabe aos governos estaduais e municipais: promover infraestrutura adequada, serviços de manutenção e segurança para os ambientes tecnológicos destinados às escolas; viabilizar e incentivar a capacitação dos professores e outros agentes educacionais para utilização das TIC; assegurar os recursos humanos e as condições necessárias ao trabalho dos Núcleos de Tecnologias no desenvolvimento e acompanhamento de ações de capacitação nas escolas e assegurar suporte técnico e manutenção dos laboratórios do ProInfo, após o prazo de garantia da empresa fornecedora dos equipamentos.

Comparando o discurso dos professores e a proposta do governo através do ProInfo pode-se perceber uma divergência de cenários. O DSC demonstra que devido a não existência de apoio técnico para montar os equipamentos a utilização das tecnologias fica comprometida, o espaço físico é pequeno para o número de alunos e quantidade de turmas para atender é significativo para os espaços disponíveis na escola.

¹³ Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13156

O DSC ainda apresenta que a utilização das tecnologias exige tempo e são restritas devido ao número de computadores, que são poucos. Uma sala de multimídia montada e preparada auxiliaria o professor a utilizar os recursos disponíveis, pois quando utilizados esses recursos e tecnologias, despertam o interesse dos alunos e deixam a aula mais rica.

Corroborando com o DSC acima, Chaves (2010), afirma que existem algumas dificuldades que podem levar ao não uso das TIC em contexto educativo: falta de oportunidades para usar computadores regularmente, criando uma continuidade pedagogicamente benéfica; o fato de muitos alunos de extratos socioeconômicos baixos não possuírem computador. No estudo do autor acima, um dado relevante é que em Portugal, no ano de 2001 a percentagem de computadores na população portuguesa era de 39% e os Recursos informáticos eram escassos na escola.

Nessa realidade portuguesa, o autor apresenta que a dificuldade de utilização das TIC é verificada principalmente na rede pré-escolar, ao stress do professor, a falta de confiança e segurança para usar as TIC, a falta de conhecimento sobre o verdadeiro impacto do uso das TIC em contexto educativo e as poucas experiências com TIC na formação de professores quer inicial quer durante a atividade.

O aspecto relacionado à parceria entre professores na realização de atividades e construção de projetos, ou seja, o compartilhar a utilização das TIC na prática docente é manifestado no DSC. Mesmo com pequena contribuição, algumas falas mencionam que com as socializações dessa atividades e projetos entre professores, é possível fazer um trabalho conjunto, trabalho esse que agrega valor às aulas, facilita na utilização dos recursos informacionais e das TIC disponíveis na escola e melhora o trabalho docente.

Em relação a esse trabalho em conjunto dos professores, Penna, (2008, p. 560) apresenta que “as práticas expressam aspectos da cultura escolar, uma vez que os professores compartilham cotidianos, crenças, formas de compreensão, emoções, valores... em decorrência de finalidades implícitas ou explícitas designadas à instituição escolar”, ou seja, quando professores juntam através de suas afinidades e melhoram os processos no ambiente escolar.

A melhora dos procedimentos e utilização de recursos é parte de um conjunto onde os atores envolvidos no cenário escolar têm papéis, posturas e atitudes a desempenhar. Ghanem (1996, p. 32) afirma que “o sistema escolar passou a ser cada vez mais apontado como inadequado às camadas crescentemente abarcadas por seus serviços, em razão de falhas de saber profissional dos professores, insuficiência de recursos aplicados e irracionalidades no gerenciamento”.

A potencialidade positiva dos recursos aplicados também é desvelado no DSC, revelando que utilizar recursos informacionais com os alunos é possível, pois esse tipo aula contribui para o aprendizado e torna-se um dos momentos que eles mais desejam participar e interagir, pois aprendem brincando, ou seja, a construção do conhecimento segundo o DSC é facilitada com a utilização dos recursos informacionais.

Colaborando com o DSC, Silva (2000) afirma que “ As novas modalidades de uso do computador na educação mostraram uma nova direção: o uso dessa tecnologia como “máquina de ensinar” mas como uma nova mídia educacional: o computador passa a ser uma ferramenta educacional disponível para melhorar a qualidade do ensino”.

Em relação ao uso dos recursos informacionais, chama atenção que a internet é um dos recursos e não o único a disposição dos professores. Neste sentido Costa *et al* (2007, p. 99) afirma que:

o uso da Internet também pode confundir ou desviar a atenção dos usuários, tamanha e a quantidade e a complexidade das informações que ela veicula. Dai a necessidade de integrar o seu uso com outros instrumentos tecnológicos, como a televisão, o jornal e o próprio livro didático.

Complementando isso, o DSC demonstra que é importante ressaltar que a profissão docente exige a utilização das tecnologias, pois abre muitas possibilidades na preparação dos materiais, despertando a curiosidade e aguçando a vontade dos alunos em conhecer coisas novas, e as tecnologias podem ajudar de alguma forma o trabalho do professor estabelecendo uma prática baseada no movimento articulado entre a transmissão de informação e a construção do conhecimento.

Corroborando com o pensamento acima, Valente (2005, p. 24) afirma que “o conhecimento é o que cada indivíduo constrói como produto do processamento, da interpretação, da compreensão da informação. É o significado que atribuímos e representamos em nossa mente sobre a nossa realidade”.

Em relação à construção do conhecimento e a realidade que ajudamos construir Berger e Luckmann (2007, p. 157) afirma que “sendo produtos históricos da atividade humana, todos os universos socialmente construídos modificam-se, e a transformação é realizada pelas ações concretas dos seres humanos”, ou seja, pode-se transformar a realidade modificando-se as ações.

7.4 O Professor e suas estratégias para o desenvolvimento da Competência Informacional

O DSC demonstrou que os professores vislumbram algumas estratégias para o desenvolvimento da competência informacional. Para que aconteça esse desenvolvimento é necessário pensar num conjunto de técnicas que conecta a função social da escola e a realidade dos alunos, numa relação entre sua vivência atual e futura, sendo que as vivências e experiências de alunos e professores são aspectos importantes na docência.

A função social da escola e a realidade dos alunos são aspectos que influenciam na prática docente. Freire (1997) ressalta que ensinar exige uma compreensão de que a educação é uma forma de intervir no mundo, pois além dos conteúdos ensinados e aprendidos, ela dialeticamente desmitifica a ideologia dominante e seus artefatos e atributos.

Nóvoa (2000), em relação à responsabilidade social e a compreensão do fazer docente contribuem com a colocação de Freire (1997) afirmando que:

É difícil dizer se, ser professor, na atualidade, é mais complexo do que foi no passado, porque a profissão docente sempre foi de grande complexidade. Hoje, os professores têm que lidar não só com alguns saberes, como era no passado, mas também com a tecnologia e com a complexidade social, o que não existia no passado. Isto é, quando todos os alunos vão para a escola, de todos os grupos sociais, dos mais pobres aos ricos, de todas as raças e todas as etnias, quando toda essa gente está dentro da escola e quando se consegue cumprir, de algum modo, esse desígnio histórico da escola para todos, ao mesmo tempo, também, a escola atinge um a enorme complexidade que não existia no passado. (Nóvoa, 2000)

Outra estratégia apresentada pelo DSC é a representação de que o ideal seria um trabalho integrado, pois atualmente parte de atitudes individuais, ou seja, a competência informacional e a utilização das TIC necessitam de projetos em parceria, com professores, alunos e outros atores do ambiente escolar envolvidos em projetos e atividades que possibilitem a socialização das práticas e a troca de experiências.

A parceria em projetos e o trabalho em conjunto com outros professores destacado no DSC é também uma das metas da UNESCO (2009, p. 11), apresentando que “os professores – individual ou coletivamente tanto modelam o processo de aprendizagem para os alunos quanto se postam na condição de alunos-modelos por meio de seu próprio desenvolvimento profissional contínuo.”

Essa condição de aluno-modelo é contemplada por Moran (2010), ele apresenta que:

O educador autêntico é humilde e confiante. Mostra o que sabe e, ao mesmo tempo está atento ao que não sabe, ao novo. Mostra para o aluno a complexidade do aprender, a sua ignorância, suas dificuldades. Ensina, aprendendo a relativizar, a valorizar a diferença, a aceitar o provisório.

Aprender é passar da incerteza a uma certeza provisória que dá lugar a novas descobertas e a novas sínteses.

Outro referencial estratégico de acordo com o DSC é a importância de uma liderança, gestão ou direção, pois num grupo de professores é importante que tenha alguém para guiar o grupo para que as trocas de experiências aconteçam e o trabalho seja mais significativo. Em relação à liderança relatada no DSC a UNESCO (2009) apresenta que “os professores deverão ser capazes de desempenhar um papel de liderança no treinamento dos colegas e implementação de uma visão de sua escola como uma comunidade baseada na inovação e no aprendizado contínuo, enriquecido pelas TIC.”

Pensando nessa estratégia de trocar experiências, cabe aos professores posicionar-se frente a suas ideias, suas práticas e suas experiências, não justificando essa problemática como algo que compete somente aos gestores e líderes, e sim a todos os atores do ambiente escolar. Em relação à importância da troca de experiências entre os indivíduos, Berger e Luckman (2007, p. 96) afirmam que “a linguagem objetiva as experiências partilhadas e torna-as acessíveis a todos dentro de uma comunidade lingüística, passando a ser assim a base e o instrumento do acervo coletivo”

Independente do nível escolar, a troca de experiência entre professores acontece principalmente no que se refere aos recursos informacionais e nas TIC utilizadas na escola atualmente. Segundo Kellner (2008, p. 714):

A tarefa de educadores e pesquisadores é a de envolver-se em um novo tipo de alfabetização que funcione, desde a pré-escola até a educação superior, e incorpore novas tecnologias de informação e comunicação, a mídia e a cultura popular à pedagogia crítica. Esse trabalho deve desafiar as ideologias dominantes e dar poder aos jovens para desvendar os mitos, criando suas próprias representações alternativas, que lhes levem a ter voz ativa e a lutar por justiça social. O objetivo... é ajudar os alunos a se tornarem cidadãos socialmente ativos e, ao mesmo tempo, transformar a sociedade em uma democracia menos opressiva e mais igualitária.

Colaborando com o pensamento acima, o DSC apresentou que outra estratégia para o desenvolvimento da competência informacional que pode ser realizada é a partir de que o trabalho docente deve ser voltado para o desenvolvimento da independência e autonomia dos alunos.

Essa estratégia de desenvolvimento da independência e autonomia dos alunos pode ser facilitada pelas TIC, devido as suas potencialidades. O documento *Indagações sobre currículo: currículo e desenvolvimento humano* (BRASIL, 2007¹⁴) relata que:

o ser humano aprende somente as formas de ação que existirem em seu meio, assim como ele aprende somente a língua ou as línguas que aí foram faladas. As estratégias de ação e os padrões de interação entre as pessoas são definidos pelas práticas culturais. Isto significa que a cultura é constitutiva dos processos de desenvolvimento e de aprendizagem.

As TIC, ou seja, os novos instrumentos disponíveis para acesso a conhecimentos históricos, culturais e sociais levam a novos caminhos de desenvolvimento. O computador modificou as formas de lidar com as informações, provocando mudanças nos caminhos da memória, da história e da construção de conhecimento. Modificou também a atuação dos professores, tanto na prática didática quanto na sua formação profissional.

O próximo capítulo compreende as considerações finais desta pesquisa. Sua construção foi baseada nas impressões e percepções da pesquisadora, tendo com subsídios leituras relacionadas com a construção e a representação social, assim como o processualismo das relações, partindo do pressuposto que a compreensão obtida por meio dos discursos dos professores e do contexto foi possível e válida.

¹⁴ *Indagações sobre o currículo: currículo e desenvolvimento humano*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag1.pdf>

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta da pesquisa e seu direcionamento tiveram como objetivo conhecer as representações e concepções manifestadas pelos professores em relação ao exercício docente diante da Competência Informacional praticada e dos Recursos Informacionais utilizados por eles em uma escola da rede municipal de ensino de Biguaçu/SC.

Mediante os discursos obtidos foi possível resgatar as idéias que os professores manifestam quanto à utilização das TIC. Nas falas obtidas, o não conhecimento prático no manuseio da tecnologia, o pouco investimento da rede municipal em equipamentos, a inexistência de cursos para ensinar e atualizar os professores quanto às tecnologias disponíveis, o receio de estragar ou inutilizar os equipamentos, a falta de um apoio técnico permanente, tanto na orientação em como utilizar, assim como no auxílio e monitoria das aulas em que as tecnologias fazem parte da dinâmica da aula foram mencionadas como fragilidades pelos professores em vários momentos da entrevista, sendo um discurso comum no grupo estudado.

Devido a dificuldade em obter informação da prefeitura municipal, no que se refere as políticas da Secretaria de Educação, uma das questões que poderia ser respondida para justificar essa problemática da falta de cursos direcionados a utilização das TIC, seria o levantamento dos cursos oferecidos aos professores, quais as temáticas desses cursos e a frequência que eles acontecem. Dessa forma poderíamos entender o porquê as formações continuadas realizadas pela prefeitura não auxiliam os professores na utilização das tecnologias existentes na escola.

Outro aspecto que poderia ter sido verificado com auxílio da prefeitura é a disponibilidade de profissional técnico nas escolas, pois conforme o quadro de funcionários administrativos e técnicos levantados junto à direção da escola pesquisada, a mesma não possui um técnico ou uma pessoa habilitada em tecnologia da informação ou tecnologia educacional para facilitar a utilização das tecnologias.

Alguns discursos mencionam a problemática do tempo que é dispensado para a preparação de uma tecnologia, é necessário que alguém auxilie este momento, visto que quando os alunos estão em sala de aula, dependendo da tecnologia que será utilizada, o tempo que levará para ser montada, despenderá de parte da aula, ficando muitas vezes comprometida devido o curto tempo de cada aula que é de apenas 45 minutos.

É presente no discurso do professores a preocupação com da utilização das tecnologias na preparação das aulas e dos materiais que serão disponibilizados aos alunos,

pois utilização das tecnologias se faz presente na profissão docente. De acordo com as falas dos professores, atualmente para o professor a utilização das tecnologias acontece desde a preparação dos materiais em casa, seja de provas, trabalhos atividades, sugestões de leituras até o momento da apresentação dessas atividades aos alunos. Neste sentido é preciso que o professor saiba selecionar os materiais para trazer algo fundamentado, pensado, que agregue conhecimento e desperte a curiosidade dos alunos.

Considerando que grande parte dos professores entrevistados atua em sala de aula 40 horas semanais, ou seja, 8 horas diárias, a utilização e a pesquisa de conteúdos e assuntos que despertem a curiosidade dos alunos fica comprometida. Isso remete à necessidade dos professores contarem com horas semanais dentro de sua jornada de trabalho, dedicadas a preparação, pesquisa e elaboração de materiais didáticos, projetos ou atividades que contemplassem o uso da tecnologia, evitando que ocupem o seu tempo de descanso e afazeres pessoais em sua casa para preparar aulas e conteúdos a serem ministrados com seus alunos.

Uma vertente relatada pelos professores em referencia a utilização das TIC com os colegas de profissão, segundo eles, precisa ser melhorada. Eles relatam que atualmente a troca é muito pouca, quase não existe socialização de experiência, somente comentários nos intervalos devido à diferença de turmas que os professores lecionam, a não existência de tempo estipulado para troca de idéias e experiências referente à utilização das TIC, e como nem todos os professores a utilizam, essa relação de troca fica comprometida.

Fazendo um paralelo com o tempo de formação e a idade dos professores podemos dizer que a formação influencia na utilização ou não utilização das TIC. Para alguns professores as TIC já fazem parte de seu cotidiano desde quando estavam nas séries iniciais, tendo contato com a tecnologia em casa ou na escola. Já para outros professores, formados a certo tempo, as tecnologias não fizeram parte de sua formação, nem mesmo na graduação. Devemos levar em consideração o avanço tecnológico dos últimos anos e perceber que alguns professores ainda em atividade não tiveram esse conhecimento, e por isso a resistência e o desconhecimento em utilizar as TIC.

Neste sentido, voltamos a necessidade de saber quais os conteúdos das formações continuadas oferecidas pela Secretaria de Educação do Município, surge um questionamento se antes da elaboração desses cursos é realizado um levantamento das necessidades de atualização dos professores, pois aos professores com tempo de formação avançado, cursos de utilização das TIC poderiam amenizar a resistência e auxiliar na efetiva utilização dos recursos informacionais e tecnologias existentes na escola.

De acordo com a fala de alguns professores o trabalho docente seria melhor se os professores tivessem cursos para a utilização das tecnologias, pois mesmo com o pouco uso das tecnologias, quando utilizadas elas enriquecem as aulas, os alunos ficam entusiasmados e adoram as novidades trazidas pelas tecnologias, uma vez que os professores ensinam seus alunos utilizar as tecnologias, a prática docente acontece é facilitada.

Nas falas sintetizadas e mencionadas acima, é possível perceber que as formações continuadas oferecidas pela secretaria da educação do município, o conteúdo TIC não é abordado, porém para que essa informação fosse confirmada, seria necessário que a prefeitura tivesse se manifestado e auxiliado na divulgação desta informação para compreendermos este contexto de formação continuada.

Como sugestão a isso, um mapeamento dos cursos já ofertados e/ou um levantamento junto aos professores para diagnosticar as necessidades e sugestões de cursos propostos e ofertados que atendam as necessidades e minimizem as fragilidades apontadas pelos professores. Dessa forma é possível organizar e orientar a oferta de cursos que efetivamente auxiliem o desenvolvimento do professor na utilização das TIC e melhore sua prática pedagógica.

Levando em consideração a opinião dos professores para oferta de cursos que potencializem a prática pedagógica e estimule uma educação consciente com sua responsabilidade social, um discurso mencionado é que a educação está muito atrasada, pois tem tantas tecnologias que as crianças podiam estar por dentro que seria prazeroso esse estímulo para os alunos.

Na sequência deste relato, podemos perceber que alguns discursos mencionam que as aulas seriam mais motivadoras e os alunos se entusiasmassem e viriam com vontade para escola se as TIC fossem utilizadas, ficando perceptível a preocupação dos professores com a educação em geral, utilizando as TIC como algo motivador e auxiliador para fazer com que os alunos tenham interesse pela escola, pela educação, enfim, por uma formação digna para seu futuro.

No que se refere à importância das TIC e dos recursos informacionais para a prática docente é possível refletir a necessidade de melhorias, tanto na disponibilização dos recursos informacionais quanto na formação dos professores, sendo este último o mais destacado. Uma formação adequada em TIC facilita tanto na elaboração das aulas com conteúdos diferenciados e atrativos, quanto na prática em sala de aula, aguçando a curiosidade e despertando o interesse dos alunos pela pesquisa como complemento da aula e de descoberta de horizontes disponibilizados pelas TIC atualmente.

Com base nesta consciência de importância da utilização das TIC no ambiente escolar, por alunos e professores, partimos para verificar as práticas que os professores realizam ao fazerem a utilização dos Recursos Informativos disponíveis na escola.

Primeiramente o discurso dos professores demonstrou que há certa dificuldade de utilizar as tecnologias existentes na escola, devido à problemática encontrada para trabalhar com o programa instalado nos computadores. O programa instalado não é comum aos que os professores tem em casa, e como não tiveram um curso ou formação para utilização desse programa que grande parte desconhece, os computadores são pouco utilizados com a finalidade educacional.

Outro aspecto relatado é que devido a não existência de apoio técnico para montar os equipamentos a utilização das tecnologias fica comprometida, o espaço físico da escola destinado ao uso dos recursos informativos é pequeno para o número de alunos e quantidade de turmas para atender, além disso a utilização das tecnologias exige tempo para preparação e são direcionadas em grande parte aos computadores, que são poucos.

Dessa forma pode-se perceber a falta de um profissional técnico para auxiliar os professores, não só na montagem dos equipamentos, mas também na organização dos alunos, pois devido ao número reduzido de computadores, é preciso um planejamento para que todos possam utilizar os equipamentos, fazendo o uso adequado da tecnologia.

Como sugestão, alguns professores mencionaram a criação de uma sala de multimídia montada e preparada para auxiliar o professor a utilizar os recursos disponíveis. Independente das limitações, os recursos informativos disponíveis na escola são utilizados, e mesmo que pouco mencionada, alguns professores fazem parcerias que auxiliam no processo de utilização dos recursos informativos, juntam turmas, trabalham com projetos comuns, e dessa forma conseguem utilizar as TIC junto com seus alunos.

Segundo alguns relatos, a construção de projetos e as atividades são elaboradas e desenvolvidas em conjunto, tornando um trabalho melhor quando eles podem contar com o auxílio de outro profissional.

Ainda no quesito parceria, há uma fala que merece destaque. É o discurso de um professor que relatou que não auxilia seus colegas, acredita que para ser professor a utilização dos recursos informativos deveria ser um pré-requisito. Se pensarmos sob este ângulo, podemos perceber novamente a necessidade da formação dos professores que já estão formados há mais de 20 anos e que não conseguiram até o momento absorver as tecnologias existentes. Esses professores acabam sendo taxados muitas vezes de incompetentes, porém

um olhar mais apurado verificará que na verdade eles precisam de atualização para conseguir acompanhar o avanço tecnológico vivenciado atualmente.

No que diz respeito aos recursos informacionais o livro foi destacado como auxiliador na utilização das TIC, na fala de alguns professores, para que as tecnologias possam agregar conhecimento aos alunos e necessário que eles tenham uma preparação através dos livros. Se pensarmos por esse âmbito, quando surge uma dúvida no livro, quanto seria interessante a aula se os alunos após questionarem o professor sobre determinado conteúdo ou assunto, pudessem ir ao laboratório de informática e pesquisar em sites direcionados a sanar as dúvidas levantadas em sala de aula.

Outros recursos informacionais mencionados pelos professores, além do computador e dos livros didáticos, segundo alguns professores livros da biblioteca, CDs e DVDs que a escola disponibiliza são bastante utilizados em sala. Ver somente o computador como recurso informacional é preocupante, pois somente a tecnologia não abrange a necessidade de determinado conteúdo, por isso é importante se ter outras opções, ou seja, outros recursos informacionais.

Nas palavras dos professores, em sua grande maioria, quando falamos recurso informacional o primeiro equipamento que vinha na mente deles era o computador, depois com a seqüência do questionamento realizado, eles percebiam que faziam uso de recursos informacionais diariamente. Outra percepção obtida e mencionada por alguns professores é que eles devem buscar utilizar as tecnologias e os recursos informacionais dentro do que a escola oferece, e não devem se fechar ao novo.

Em discurso quase que unânime, os professores relatam que quando utilizadas, as tecnologias despertam o interesse dos alunos e deixam a aula mais rica, pois abrem muitas possibilidades na preparação dos materiais, estimula a curiosidade e aguça a vontade de conhecer coisas novas, os alunos respondem com entusiasmo e ficam motivados, é um dos momentos que eles mais desejam participar e interagir, pois aprendem brincando, sendo assim podemos considerar que as tecnologias podem ajudar de forma significativa a prática do professor.

Os discursos dos professores demonstraram interesse na utilização das tecnologias e dos recursos informacionais como facilitador da prática docente, porém analisando sob outro olhar, podemos perceber que essa relação é uma preocupação com sua prática como professor, como formador de alunos, futuros cidadãos.

É neste cenário que vislumbramos a competência informacional, outro questionamentos para buscar abarcar o objetivo da pesquisa, foi de buscar identificar o entendimento dos professores para a noção de competência informacional.

No que se refere à competência informacional e os atributos do seu desenvolvimento podemos perceber nas falas dos professores dois cenários distintos. O primeiro deles é que o termo competência informacional é desconhecido no ambiente escolar.

Tentavam adivinhar e faziam a separação das palavras para conceituar, deixando claro que se perguntássemos somente o que era competência informacional eles provavelmente diriam que não conheciam. Ou ainda se perguntássemos se eles se consideram como professores que praticam competência informacional apresentariam respostas negativas. Para alguns dominar informática é ter competência informacional, distanciando do real sentido e proposta da competência informacional.

Dessa forma a pergunta realizada foi direcionada apresentando o conceito escolhido por mim para identificar o que é a competência informacional. As respostas obtidas nas falas dos professores demonstraram que aprendizagem independente, desenvolvimento intelectual humano pessoal e profissional e responsabilidade social fazem parte da prática pedagógica do professor, que trabalha para atender às necessidades apresentadas pela sociedade, que solicita o aprendizado ao longo da vida.

Outro atributo da competência informacional mencionado pelos professores é que eles devem estar dispostos a aprender, ou seja, o aprendizado ao longo da vida, não só para a profissão, mas para sua vida pessoal também.

Este questionamento levantou uma reflexão interessante, grande parte dos professores relatou que o desafio deles está em conseguir fazer com que os alunos tenham o mínimo de conhecimento para aplicação do que foi ensinado pelo professor em algum dia, por isso o professor, pelo ato de ensinar, já tem uma responsabilidade que é social, ou seja, reconhecendo um dos atributos da competência informacional.

Algumas falas deixaram transparecer que os professores acreditam na educação, apostam que esses recursos tecnológicos venham para transformar a educação e a sociedade. Segundo falas dos professores os alunos precisam do auxílio da tecnologia e dos professores para se situar no mundo em que eles vivem, e cabe aos professores fazer um paralelo entre o novo e a forma de trabalhar com os recursos encontrados hoje. Alguns relatos mencionam que através das tecnologias é possível transformar a sociedade, transformar a educação e melhorar o mundo.

Neste cenário, os discursos representavam a expressão da responsabilidade social dos professores enquanto formadores de indivíduos e da sociedade, lembrando que além da sua responsabilidade em socializar conhecimentos e conteúdos curriculares, têm o papel de conduzir seus alunos a refletir sobre o seu papel na sociedade e posicionar-se na construção dela.

No momento em que os discursos dos professores enfatizam que seu papel é mais do que ensinar conteúdos e disciplinas, e sim fazer com que seus alunos conheçam e saibam buscar informações confiáveis, e além disso, consigam analisar e se posicionar criticamente com embasamento, podemos dizer que esse professor é um agente da competência informacional.

Após os professores perceberem, mesmo que brevemente que já utilizavam alguns atributos da competência informacional em sua profissão, buscou-se verificar as estratégias empregadas por eles em seu desenvolvimento em competência informacional visando ao exercício da docência.

Neste sentido os professores relataram que a competência informacional é um conjunto de técnicas que conecta a função social da escola e a realidade dos alunos, numa relação entre sua vivência atual e futura, sendo que as vivências e experiências de alunos e professores são aspectos importantes para a docência, ou seja, a competência informacional é presente e significativa no ambiente escolar, na prática do professor e na vida do aluno.

Como estratégias alguns mencionaram a troca de experiência, há professores que afirmam existir, porém o ideal seria um trabalho integrado, pois atualmente parte de atitudes individuais. Sugerem que projetos propostos pela escola poderiam incentivar a integração das experiências, pois num grupo de professores é importante que tenha alguém para orientar o grupo, para que as socializações das experiências aconteçam e o trabalho seja atrativo aos alunos e significativo aos docentes.

Em outras falas, essa troca parece não existir, é mencionado a falta de tempo, falta de interesse e até o desconforto por parte de professores em ter que auxiliarem outros professores que não tem domínio informacional, por julgar que isso deveria ser um pré-requisito para o exercício da docência.

Neste sentido a competência informacional fica comprometida, pois os atributos da competência visam melhoria das relações, para o desenvolvimento intelectual e humano, para aprendizagem ao longo da vida, e não para atividades que minimizam o bem, o crescimento e o desenvolvimento da coletividade.

Embora esse pensar seja algo individual, levando em consideração o pensamento da coletividade, ou seja, o discurso de todos os professores foi possível perceber que em grande maioria, eles acreditam que o trabalho docente deve ser voltado para o desenvolvimento da independência e autonomia dos alunos.

A reflexão do ser docente, suas realidades e formas de representar foi o desafio deste trabalho, quando tratamos a competência informacional, ou a competência do professor, parece que ele é o responsável pelo sucesso ou pela degradação da educação.

A sociedade da informação vem a fortalecer esse pensamento do professor competente, ou seja, do professor que deve fazer tudo, saber tudo, aceitar tudo e se adequar as imposições, sociais, políticas e tecnológicas, sem questioná-las.

A competência informacional vem agregar, sem impor, condições para que o professor possa se desenvolver e fazer seu trabalho dignamente, respeitando o essencial, que é fazer de sua prática diária individual e com seus alunos uma constante aprendizagem. Respeitando seus limites, trabalhando pelo desenvolvimento intelectual e social de seus alunos, tendo como responsabilidade social conduzirem seus alunos a busca sua aprendizagem com independência e ao longo de sua vida.

Surge então um questionamento. Até que ponto podemos tratar de Competência Informacional com os professores municipais Brasileiros em seus contextos atuais, visto que trabalham 8 horas diárias com alunos, seus ambiente de trabalho são variados dependendo da região, suas condições e recursos nem sempre são favoráveis ao desenvolvimento intelectual, nem todos tem conhecimento das tecnologias, muitas vezes os que tem acesso e equipamento não são suficientes para utilizar as tecnologias que a escola disponibiliza, enfim, cada contexto tem sua realidade.

Ao final, uma constatação! Os professores pesquisados estão na fase de aprendizagem informacional, buscando construir sua Competência Informacional. Ou seja, os relatos transpareceram a preocupação que os professores tem com a educação, com a escola e com seus alunos. Praticam os atributos da competência informacional, porém além de não conhecerem, muitas vezes não tem condições suficientes para a praticarem e desenvolverem, seja com eles mesmos ou com seus alunos.

A possibilidade de outras análises e considerações ficaram de certo modo comprometidas devido à dificuldade, mencionada no item Diário de Entrevista, na coleta de dados e informações junto a Secretária de educação do Município. Algumas triangulações referentes ao tipo de formação, formação continuada ofertada aos professores, cursos específicos ofertados, investimentos na área de capacitação de docentes, projetos e propostas

para o desenvolvimento da educação do município não foram analisadas impossibilitando outras percepções.

Ao final dessas considerações, sugiro questionamentos para futuras pesquisas, projetos, debates e reflexões, sem ordem de prioridade conforme abaixo:

- Como trabalhar adequadamente com as TIC para favorecer o desenvolvimento da Competência Informacional;
- Qual a política ou proposta mais adequada para formar professores que compreendam e pratiquem os atributos da Competência Informacional com seus alunos;
- Como os cursos de Pedagogia podem aproveitar ou direcionar seus conteúdos para uma formação tecnológica aos futuros professores;
- Aos professores já formados, que não tiveram conhecimento tecnológico, como os auxiliar na busca e no desenvolvimento de habilidades tecnológicas que possam aprimorar a preparação de materiais, de aulas, de atividades e práticas com seus alunos;
- Como disseminar a prática da Competência Informacional nas Escolas Municipais Brasileiras e quais os profissionais designados a conduzir essa tarefa;
- Como aliar professores e profissionais da informação para desenvolver a Competência Informacional nas escolas;
- Além da Ciência da Informação, qual outra área ou campo do conhecimento poderia facilitar o desenvolvimento da Competência Informacional e da preparação tecnológica dos professores, seja em formação na graduação ou na formação continuada dos professores já atuantes em sala de aula;
- Como integrar professores com habilidades e formação intelectual e tecnológica distinta em prol da utilização eficiente e consciente das TIC e dos Recursos Informacionais;
- Como formar professores conscientes em praticar os atributos da Competência Informacional com seus alunos, utilizando os recursos informacionais disponíveis nas escolas municipais Brasileiras;
- De que forma é possível contribuir com a preparação pedagógica e tecnológica dos alunos de cursos específicos de outras áreas do conhecimento, favorecendo e valorizando a profissão docente;

- Podemos considerar, até que ponto, que a educação tecnológica influencia e prepara para a formação e profissão docente;
- Quais ações do governo brasileiro visam a melhoria da educação baseado na formação de professores para a utilização da tecnologia em benefício do desenvolvimento da sociedade.

REFERÊNCIAS

- ABREU, C. B. M.; LANDINI, S.R. Trabalho docente: a dinâmica entre formação, profissionalização e proletarização na constituição da identidade. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, n. 8, p. 33-44, jan./abr. 2003.
- ALMEIDA, A. M. F. P. M; RIBEIRO, R. Organização dos sistemas municipais de educação no estado de São Paulo: novas possibilidades na gestão de políticas públicas. *In*: BARBOSA, R. L. L (Org.). **Formação de Educadores: Desafios e Perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- ALMEIDA, C. C. de. **O campo da ciência da informação suas representações no discurso coletivo dos pesquisadores do campo do Brasil**. Florianópolis, 2005. 395 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Disponível em: <<http://tede.ufsc.br/teses/PCIN0003.pdf>>. Acesso em: 15 janeiro 2010.
- AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **Report of the Presidential Committee on information literacy**. Washington, D.C. stated, Final report. 1989.
- ARRUDA, A. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, p. 127-147, 2002.
- ARAÚJO, C. A. A ciência da informação como uma ciência social. **Ciência da Informação**, v. 32, p. 21-27 n. 3, 2003. Disponível em: <http://www.ibict.br/cienciadainformacao/viewarticle.php?id=49>. Acesso em: 10 setembro 2007.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila et. al. A ciência da informação na visão dos professores e pesquisadores brasileiros. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 17, n. 2, p. 110- 127, maio/ago. 2007
- BARRETO, A. A. Mitos e Lendas da Informação: o texto, o hipertexto e o conhecimento. **Datagrama zero**, v. 8, n. 1, p. 01-14, 2007.
- BERGER, P.L e LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BIANCHETTI, L. **Da chave de fenda ao laptop – tecnologia digital e novas qualificações: desafios à educação**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BLATTMANN, Ursula. **O que são fontes e recursos informacionais?**, 2009. Disponível em: <<http://bib-ci.wikidot.com/o-que-sao-fontes-e-recursos-informacionais>>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2009.
- BRAGA, G. M. Informação, ciência da informação: breves reflexões em três tempos. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 1, 1995. Disponível em: <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/534/486>. Acesso em: 02 julho 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. Resolução CNE/CP nº 3 de 18 de dezembro de 2002. *In: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 2002. Disponível em: www.mec.gov.br/semtec/educprof. Acesso em: 28 março 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Indagações sobre o currículo: currículo e desenvolvimento humano. *In: Professores/ Diretores; Publicações; Secretaria de Educação Básica; Ensino Fundamental*. Brasília, DF, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag1.pdf>. Acesso em: set. 2009.

BRASIL. Presidência da República. **Lei n. 9394/96**. Estabelece as diretrizes e base para a educação nacional. 2010. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em 12 setembro 2010.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CAMPELLO, B. A escolarização da competência informacional. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. v. 2, n. 2, p. 63-77, 2006.

_____, B. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, v. 32, n. 3, p. 28-37, 2003.

_____, B. **Letramento Informacional no Brasil: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico**. 2009. 208 f. Tese (Doutorado em Biblioteca Escolar) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/gebe/>>. Acesso em: 12 março 2010.

CAMPOS, R. F. **O cenário da formação de professores no Brasil** – analisando os impactos da reforma da formação de professores (versão preliminar) Trabalho para a XII Reunião Nacional da ANFOPE (mimeo.). Brasília, agosto de 2004.

CARVALHO, R.C. Saúde mental e trabalho um novo (velho) para a questão da subjetividade. *In: CODO, W; SAMPAIO, J. J. (Orgs.). Sofrimento psíquico nas organizações: Saúde mental e trabalho*. Petrópolis, RJ. Vozes, 1995, cap.3, p. 48-57.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p. 41-62, 2007. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/pcionline/>> Acesso em: 25 abril 2008.

CBO - **Classificação Brasileira de Ocupações**. 2002. Disponível em: www.mtecbo.gov.br Acesso em: 23 junho 2009.

_____- **Classificação Brasileira de Ocupações**. 2010. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>. Acesso em: 10 junho 2010.

CHAVES, M. **Potencialidades das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e sua Utilização por Crianças.** 2010. Disponível em: <http://www.profala.com/arteducesp80.htm>. Acesso em: 13 setembro 2010.

CORRÊA, E. C. D. et. al. Bibliotecário escolar: um educador? **Revista ACB**, v. 7, n. 1, p. 107-123, 2002.

COSTA, W. A.; SILVA, E. R. P.; PINHEIRO, M. I. S.; CAMPOS, N. D. Recursos informacionais: importante aliado na elaboração dos planos de aulas. **Encontros Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n.23, p. 92-112, 1o sem. 2007

CRUZ-NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. *In*: MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1994. p. 51-66.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Para saber mais: fontes de informação em ciência e tecnologia.** Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2001.

DARIN, Á.; MEDEIROS, I. **Proposta educacional.** São Paulo: IBEP, 2004.

DELORS, J. (Coord.) **Educação: um tesouro a descobrir.** Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

DEMO, P. Ambivalências da Sociedade da Informação. **Ciência da Informação**, v. 29, n. 2, p. 37-42, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a05v29n2.pdf>>. Acesso em: 23 abril 2008.

_____. **Conhecimento moderno: sobre ética e intervenção do conhecimento.** Petrópolis: Vozes, 2001.

DESLAURIERS, J. P.; KÉRISIT, M. O delineamento de pesquisa qualitativa. *In*: POUPART, J. et al. (Org.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis: Vozes, 2008.

DUDZIAK, E. A. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, v. 32, n. 1, p. 23-35, 2003.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

_____. **O processo civilizador: formação do Estado e civilização.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, Vol. 2, 1993.

_____. **O processo civilizador: formação do Estado e civilização.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, Vol. 1, 1993a.

EVANGELISTA, O e SHIROMA, E. O. Professor: protagonista e obstáculo da reforma. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 33, n. 3 p. 531-541, set/dez 2007.

FARIAS, G. B. de. **O bibliotecário - gestor da Informação: representações do segmento imobiliário sobre competências**. Florianópolis, 2007. 190 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

FLEURY, A.; FLEURY, M. T. L. **Estratégias empresariais e formação de competências: um quebra-cabeça caleidoscópico da indústria brasileira**. 2. ed. São Paulo : Atlas, 2001.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

GADOTTI, M. *Sistema Municipal de Educação: Estratégias para a sua implantação*. 1999. Disponível em: http://www.paulofreire.org/pub/Institucional/MoacirGadottiArtigosIt0019/Sistema_Municipal_1999.pdf. Acesso em 10 setembro 2010

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

GARCEZ, E. F. **Pesquisa Escolar Na Educação Básica: Discurso De Bibliotecários Catarinenses**. Florianópolis, 2009. 320 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

GARCIA, M. M. A., HYPOLITO, A. M. e VIEIRA, J.S. As identidades docentes como fabricação da docência. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 1, p. 45-56, jan./abr. 2005.

GARRIDO, E. Sala de aula: espaço de construção do conhecimento para o aluno e de pesquisa e desenvolvimento profissional para o professor. *In: CASTRO, A. D. de; CARVALHO, A. M. P. (Org.). Ensinar a ensinar*. 1a. ed. São Paulo: Pioneira/Thomson Learning, , v. 1, p. 125-139, 2001

GASQUE, K. C. G. D.; COSTA, S. M. de S. Comportamento dos professores da educação básica na busca da informação para formação continuada. **Ciência da Informação**, v. 32, n. 3, p. 54 – 61, 2003. Disponível em: <http://dici.ibict.br/archive/00000396/01/Comportamento_professores.pdf>. Acesso em: 10 setembro 2007.

GHANEM, E. Participação popular na gestão escolar: Três casos de políticas de democratização. **Revista Brasileira de Educação**, N ° 3, p, 31-63, Set/Out/Nov/Dez 1996. Disponível em http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE03/RBDE03_05_ELIE_GHANEM.pdf. Acesso em 05 fevereiro 2010.

GÓMEZ, A.P. O pensamento prático do professor. A formação do professor como profissional reflexivo. *In: NÓVOA, A. (org.). Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1995. p, 15-33.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Novos cenários políticos para a informação. **Ciência da Informação**, v. 31, n. 1, p.27-41, 2002.

GRACINDO, R. V. Sistemas municipais de ensino: limites e possibilidades. *In*: BRZEZINKI, I.(Org.). **LDB dez anos depois**. São Paulo: Cortez, 2008.

GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**. Biguaçu, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: 01 março 2010.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Declaração de Alexandria sobre competência Informacional e aprendizado ao longo da vida**. National Fórum on Information Literacy, Alexandria, Egito, 2005. Disponível em: <www.ifla.org/III/wsis/BeaconInfSoc-pt.html>. Acesso em: 13 setembro 2007.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. *In*: JODELET, D. (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, p. 17-44, 2002.

KELLNER, D. e SHARE, J. Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radial e a reconstrução da educação. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 29, n. 104 - Especial, p. 687-715, out. 2008.

KENSKI, V. M. O papel do professor na sociedade digital. *In*: CASTRO, A. D. de; CARVALHO, A. M. P. (Org.). **Ensinar a ensinar**. 1a. ed. São Paulo: Pioneira/Thomson Learning, 2001, v. 1, p. 95-106.

KUHLTHAU, C. **Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para o ensino fundamental**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa**. O neo-liberalismo em ataque ao ensino público. Trad. Maria Luiza M. de Carvalho e Silva. Londrina: Editora Planta, 2004.

LE COADIC, I. F. **A ciência da informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos Livros, 1996.

LEFÈVRE, F., LEFÈVRE, A. M. C.; TEIXEIRA, J.J.V. **O discurso do sujeito coletivo: uma abordagem metodológica em pesquisa quantitativa**. Caxias do Sul: EDUCS, 2000.

LEFÈVE, F.; LEFRÈVE, A. M. C. **Discurso do sujeito coletivo**, 2003. Disponível em: http://hygeia.fsp.usp.br/~flefevre/Discurso_sujeito_coletivo.htm. Acesso em: 25 novembro 2009.

LEFÈVRE, F.; LEFRÈVE, A.M.C. **O Discurso do Sujeito Coletivo: um enfoque em pesquisa qualitativa (Desdobramentos)**. 2 ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2005.

LEGEV, L. R; ALBAGLI, S. Construindo a sociedade da informação no Brasil: uma nova agenda. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 1, n. 5, 2000.

LIMA BUENO, N. O desafio do professor para o ensino fundamental no contexto da educação tecnológica. **OEI- Revista Iberoamericana de Educación**, 2010, p. 1-15. Disponível em: <http://www.rieoei.org/deloslectores/254lima.pdf>. Acesso em 15 de agosto de 2010.

LÜDKE, M. e BOING, L. A. Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1159-1180, set./Dez. 2004.

MARTUCCI, E. M. Informação Para Educação: os novos cenários para o ensino fundamental. **Informação & Sociedade: Estudos**, América do Sul, v. 10, n. 2, 2000. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/325/247>>. Acesso em: 10 setembro 2007.

MATTELART, A. **História da sociedade da informação**. São Paulo: Loyola, 2002.

MELLOUKI, M. e GAUTHIER, C. O professor e seu mandato de mediador, herdeiro, intérprete e crítico. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 25, n. 87, p. 537-571, maio/ago, 2004.

MENDES, J.E. **Professor Municipal: entre as políticas educacionais e as trajetórias pessoais**. 2010. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT13-3676--Res.pdf>. Acesso em 15 setembro de 2010.

McGARRY, K. **O conceito dinâmico da informação: uma análise introdutória**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1999.

MERRIAM, S. B. **Qualitative research and case study applications in educational**. San Francisco: Allyn and Bacon, 1998.

MINAYO, M. C. de S.(Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E DO EMPREGO. Classificação Brasileira de Ocupações, 2010. Disponível em; <http://www.mteco.gov.br/cbsite/pages/home.jsf>. Acesso em: junho 2010.

MIRANDA, A. Sociedade da informação: globalização, identidade cultural e conteúdos. **Ciência da Informação**, v. 29, n. 2, p. 78-88, 2000.

MIRANDA, S. V. Identificando competências informacionais. **Ciência da Informação**. v. 33,p, 112-122, n. 2, 2004.

MIRANDA, A.; MENDONÇA, A. V. M. **Por uma sociedade digital: Informação e Desenvolvimento**. 2005. Disponível em: <http://www.antonimiranda.com.br/ciencia_informacao/art_valeria_miranda.pdf>. Acesso em 12/ janeiro 2010.

MORAN, J. **Mudar a forma de ensinar e de aprender com tecnologias: Transformar as aulas em pesquisa e comunicação presencial-virtual**. 2010. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/uber.htm>. Acesso em: 05 maio 2010.

MORETTINI, M. T. e URT, S. da C. O professor como sujeito da aprendizagem e as implicações da escola de Vigotski. **Revista UFG**, 2008, p. 1-18. Disponível em <http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/viewFile/5276/4321>. Acesso em: 10 fevereiro 2010.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 2.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

MOSTAFÁ, S. P. Ciência da informação: uma ciência, uma revista. **Ciência da Informação**, v. 25, n. 3, p. 305-307, 1996. Disponível em: <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/448/407>>. Acesso em: 02 julho 2008.

MOTA, F. R. L. **Bibliotecários e professores no contexto escolar: uma interação possível e necessária**. 2006. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/gebe/downloads/321.pdf>> Acesso em: 05 fevereiro 2010.

NÓVOA, A. Tempos da Escola no espaço Portugal-Brasil-Moçambique: dez digressões sobre um programa de investigação. In: NÓVOA, A.; SCHRIEWER, J. (eds.), **A Difusão Mundial da Escola**. Lisboa: Educa, pp.121-141, 2000.

OLIVEIRA, M. **Ciência da informação e biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

PENNA, M. G. de O. Exercício docente na escola: relações sociais, hierarquias e espaço escolar. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n.3, p. 557-569, set/dez. 2008.

PERRENOUD, P. **10 novas competências para ensinar**. Porto Alegre, Artes Médicas, 2000.

_____. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

_____. **O desenvolvimento da prática reflexiva no ofício do professor**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PIMENTA, S. G. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, S., GHEDIN, E. (org.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 17-52.

PINHEIRO, L. V. R., LOUREIRO, J. M. M. Traçados e limites da Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, v.24, n.1, p. 42-53, 1995.

PINHEIRO, L V R. Campo interdisciplinar da Ciência da Informação: fronteiras remotas e recentes. In: PINHEIRO, L. V. R. (Org.). **Ciência da Informação, ciências sociais e interdisciplinaridade**. Rio de Janeiro: IBICT, 1999. p. 155-182.

POUPART, J. *et al.* (Org.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BIGUAÇU. **Histórico e Localização**. Biguaçu, 2010. Disponível em: <http://www.bigua.sc.gov.br/index.php?item=historico>. Acesso em: 01 março 2010.

RIOS, T. A. **Compreender e ensinar: por uma docência de melhor qualidade**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SANT'ANNA, E.; SALES, M.; DIAS, R. **Terra, gente & companhia**. Belo Horizonte, Dimensão, 2006.

SAMPAIO, M. M. F e MARIN, A. J. Precarização do trabalho docente e seus efeitos sobre as práticas curriculares. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1203-1225, Set./Dez. 2004

SANTOS, M. **Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2008.

SARACEVIC, T. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, p. 41-62, 1996.

SARAIVA, E. R. dos S. **Novíssimo dicionário latino-português**. Etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, bibliográfico. 10 ed. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Garnier, 1993.

SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n.40, p. 143-155, 2009.

SAVIANI, D. Sistemas de ensino e planos de educação: o âmbito dos municípios. **Educação & Sociedade**, ano XX, nº 69, Dezembro/99. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v20n69/a06v2069.pdf>. Acesso em: 10 setembro 2010.

SHIROMA, E. O.; EVANGELISTA, O. O fantasma ronda o professor: a mística da competência. In: MORAES, M. C. M. (Org.). **Iluminismo às avessas: produção de conhecimento e políticas de formação docente**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 81-98.

SIERRA, F. Función y sentido de la entrevista cualitativa em investigación social. In: CÁCERES, L. J. G. (coord.) **Técnicas de investigación en sociedad, cultura y comunicación**. México: Prentice Hall, 1998.

SILVA, A. F. da. **A Formação de professores para a educação básica no Brasil: projetos em disputa (1987-2001)**. Painel da 28ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu 2005. Disponível <http://www.anped.org.br/28/inicio.htm>. Acesso: 25 junho 2010.

SILVA, E. T. **O professor e o controle a alienação imposta**. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, J. G. Ciência da Informação: uma ciência do Paradigma emergente. In: PINHEIRO, L. V. R. (org.). **Ciência da informação, ciências sociais e interdisciplinaridade**. Rio de Janeiro: IBICT, 1999, p. 79-118.

SIMIONI, A. M. C. **O PAS - Programa de atendimento à saúde:** representação dos gerentes do setor público a respeito da implantação de um novo modelo gerencial na Prefeitura Municipal de São Paulo. São Paulo: EAD- 735, FEA/USP, 1997.

SORJ, B., brasil@povo.com - A Luta contra a Desigualdade na Sociedade da Informação. Jorge Zahar, Rio de Janeiro. UNESCO. 2003.

SOUZA, F. C. O Modelo Educacional e seu Impacto sobre a Dimensão Pedagógica da Ciência da Informação. **Em Questão**, v. 10, n. 1, p. 123-142 2004. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/87>>. Acesso em: 01 fevereiro 2010.

TAKAHASHI, T. (Org.). **Sociedade da Informação no Brasil:** livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. Disponível em: <http://www.teletrabalhador.com/livroverde.pdf>. Acesso em: 10 setembro 2007.

TAVARES, T. M. **Gestão municipal da educação, organização do sistema nacional e regime de colaboração: algumas questões.** 2010. Disponível em: <http://www.nupe.ufpr.br/gestaotais.pdf>. Acesso em: 10 setembro 2010.

UNESCO-OREALC. **La Educacion como um Bien Público y Estratégico.** Encuentro Regional UNESCO – UNICEF. Cartagena, Del 31 de agosto al 21 de septiembre de 2005. Mimeo.

UNESCO. Padrões da Competência em TIC para professores. 2009. Disponível em: <http://www.unesco.org/pt/brasil/communication-and-information/ict-in-education/>. Acesso em: 15 fevereiro 2010.

VALENTE, J. A. **Pesquisa, comunicação e aprendizagem com o computador.** O papel do computador no processo de ensino-aprendizagem. Integração das Tecnologias na Educação / Secretaria de Educação à Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005. p. 23 -31. 204 p.

ZARIFIAN, P. **O modelo da competência:** trajetória histórica, desafios atuais e propostas. São Paulo: SENAC, 2003.

APÊNDICE A
Perfil dos Entrevistados

DADOS INICIAIS

Idade: _____

Sexo: () Feminino () Masculino

Estado Civil: _____

Possuí filhos () Sim () Não. Se sim, quantos: _____ De que idade: _____

FORMAÇÃO

Curso de _____

Licenciatura () Sim () Não Bacharelado () Sim () Não

Ano de conclusão do curso de graduação: _____.

Universidade em que se graduou: _____.

Possui outro Curso de Graduação () Sim () Não. Concluído () Sim () Não

Qual? _____

Especialização () Sim () Não. Concluída () Sim () Não Qual?

_____ Mestrado () Sim () Não. Concluído () Sim () Não Qual?

Doutorado () Sim () Não. Concluído () Sim () Não Qual?

EXERCÍCIO PROFISSIONAL

Tempo de atuação na profissão docente? _____

Qual turma que leciona? _____ Quantos alunos? _____

Tempo de atuação em outra atividade de nível superior? _____

Qual? _____

Antes disso teve vínculo empregatício em outras instituições? () Sim () Não

Privada () Sim () Não Quanto Tempo: _____ Local: _____

Obrigada!

APÊNDICE B

Roteiro de entrevista

Segundo autores da área da Ciência da Informação, o termo Competência Informacional significa uma série de aspectos relacionados ao desenvolvimento intelectual humano, vinculado ao crescimento tanto pessoal como profissional das pessoas; ela engloba desde a habilidade técnica para uso dos produtos informacionais e construção do conhecimento através das tecnologias de informação e comunicação, até a interação social das pessoas, através da aprendizagem independente, da responsabilidade social e da aprendizagem ao longo da vida. Analisando sua prática pedagógica, você consegue identificar-se em algum dos elementos apresentados? Se sim, de que forma. Se não, porque?

Ainda com base no conceito de Competência Informacional, diga-me o que você entende por competência informacional.

Fale-me sobre qual o contexto e o que você já ouviu falar ou conhece sobre Tecnologias da Informação e Comunicação?

Refletindo sobre as TIC você consegue identificar quando teve o primeiro contato com este conceito, em que contexto?

Analisando sua práxis, referente a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação, fale-me sobre o uso que você faz?

Na literatura da Ciência da Informação os Recursos Informacionais são materiais orais, impressos, digitais e multimídia (livros, dicionários, vídeos, músicas, CDs, DVDs). Reportando a essa descrição, fale-me sobre o uso que faz dos recursos informacionais disponíveis na escola como aparato auxiliador na sua profissão

Em sua prática diária, fale-me como você utiliza as Tecnologias de Informação e Comunicação, junto aos colegas de profissão.

De que forma você avalia o seu trabalho docente como potencial desenvolvedor da competência informacional? Qual o tipo de retorno que você tem percebido com essa nova forma de conduzir sua prática profissional?

Há algo a mais que você gostaria de falar?

APÊNDICE C

Entrevistas

Prof. 1 – tempo: 17min. e 02 seg.

Questão 1: Segundo autores da área da Ciência da Informação, o termo competência Informacional significa uma série de aspectos relacionados ao desenvolvimento intelectual humano, vinculado ao crescimento tanto pessoal como profissional das pessoas. Ela engloba desde a habilidade técnica para uso dos produtos informacionais e construção do conhecimento através das tecnologias de informação e comunicação, até a interação social das pessoas, com base na aprendizagem independente, na responsabilidade social e na aprendizagem ao longo da vida. Analisando sua prática pedagógica, você consegue identificar algum dos elementos apresentados? Se sim, de que forma. Se não, porque?

Prof. 1: veja bem... acredito que todos os professores tem sempre em mente trabalhar para que seus alunos aprendam algo que possa facilitar sua vida quando adulto, por isso acredito que estamos sempre trabalhando com a aprendizagem independente e com uma responsabilidade social como tu falou. Sempre que vou ensinar um conteúdo tento sempre fazer um paralelo com as vivencias e experiências que eles trazem de casa. Apesar de ser uma comunidade pobre... suas experiências são ricas e alguns alunos gostam de compartilhar e eu aproveito isso. Com relação a parte tecnológica eu uso bastante, mais é para elaborar meus materiais, até já levei eles no laboratório, mais é uma bagunça, por isso prefiro não levar.

Questão 2: Ainda com base no conceito de Competência Informacional, diga-me o que você entende por competência informacional.

Prof. 1: acredito que esse termo que dizer ter competência para usar o computador... talvez com os alunos também, saber certo esse termo.... o que significa mesmos.. isso eu não sei

Questão 3: Fale-me sobre qual o contexto e o que você já ouviu falar ou conhece sobre Tecnologias da Informação e Comunicação?

Prof. 1: Já ouvi falar, mais não me recordo onde, se bem que é algo muito pouco trabalhado, aqui na prefeitura já tivemos muitos cursos, seminários, socializações, palestras, mais não me recordo de ter tido nada sobre esse assunto. O que foi repassado pra nós foi em relação aos computadores quando chegaram do MEC, mais também ninguém nos explicou como usar... eles falam em educação e informática, em tecnologia educacional mais é muito por cima.

Questão 4: Refletindo sobre as TIC você consegue identificar quando teve o primeiro contato com este com este conceito, em que contexto?

Prof. 1: como te falei antes, não me recordo, esse termo não é familiar pra mim, porque fico 40 horas na escola e tudo o que vejo de coisas novas em relação a profissão é aqui. Talvez se tivéssemos tido algum cursinho pela prefeitura ou mesmo eu estivesse fazendo alguma pós quem sabe eu saberia te responder direito.

Questão 5: Analisando sua práxis, referente a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação, fale-me sobre o uso que você faz?

Prof. 1: deixa eu pensar...na prática com os alunos quase nada, devido as dificuldades que encontrei no início, e também por não ter ninguém pra ajudar a ligar os equipamentos, ou pelo menos cuidar dos alunos enquanto eu vou ligando.... mesmo assim é complicado, porque

eu sei mexer no que tenho em casa, aqui é diferente, e as vezes temos medo de estragar... também tem outra questão... nem sempre que tu precisa o laboratório de informática está liberado, tem que agendar antes... isso é legal... mais as vezes dá algum imprevisto e acaba passando e tu não vai deixando de lado, é o que eu vejo pelo menos.

Questão 6: Na literatura da Ciência da Informação os Recursos Informacionais são materiais orais, impressos, digitais e multimídia (livros, dicionários, vídeos, músicas, CDs, DVDs). Reportando a essa descrição, fale-me sobre o uso que faz dos recursos informacionais disponíveis na escola como aparato auxiliador na sua profissão.

Prof. 1: agora falando desse jeito eu consigo até pensar que uso esses recursos na maior parte do tempo que estou com os alunos, sempre procuro trazer coisas diferentes para eles, sempre que posso passo vídeo, mais ou menos um vez por mês, mais CDs com música é mais complicado porque a escola tem poucos equipamentos, se não me engano são dois para todas as turmas. Na verdade o que mais uso mesmo são os livros deles e os livros que emprestamos na biblioteca.

Questão 7: Em sua prática diária, fale-me como você utiliza as Tecnologias de Informação e comunicação, junto aos colegas de profissão.

Prof. 1: isso deixo um pouco a desejar, primeiro porque a gente fica 40 horas em sala de aula, as aulas de educação física, espanhol, inglês eu aproveito para corrigir as atividades do caderno, provas e trabalhos, mesmo assim os horários que temos essas horas não coincidem com os horários de folga dos outros. Só nos encontramos realmente em reuniões e nos cursos que a prefeitura oferece, e mesmo assim não dá pra trocar muita experiência pois estamos ocupados, acredito que essa troca com os colegas é mínima, é uma coisa que deveria ser melhorada

Questão 8: De que forma você avalia o seu trabalho docente como potencial desenvolvedor da competência informacional? Qual o tipo de retorno que você tem percebido com essa nova forma de conduzir sua prática profissional?

Prof. 1: como te falei no início, meu trabalho já é voltado para que os alunos consigam desenvolver sua própria independência e autonomia, isso é a minha responsabilidade como professora e também uma responsabilidade social. o que eu realmente deixo a desejar e que poderia melhorar é utilizar mais esses recursos tecnológicos para atrair meus alunos, fazer minha aula ficar melhor... mais sem uma ajuda é tão difícil... é tão trabalhoso ter que ficar toda hora chamando a atenção deles para não estragar os equipamentos da escola, eu acredito que se tivesse alguém para ajudar ou até mesmo dar sugestões... algum curso... que nós pudéssemos aprender a lidar com essas questões da tecnologias, nosso trabalho seria melhor.

Questão 9: Há algo a mais que você gostaria de falar?

Prof. 1: deixa eu pensar.... já falei tanto.... o que eu gostaria de falar é que muitos professores se tivessem a possibilidade de aprender a lidar com esses equipamentos, com os computadores e se tivesse alguém aqui, entendido disso... que sabe nossas aulas poderiam contribuir mais para o aprendizado dos alunos... é isso.

Prof. 2 – tempo: 11min e 45 seg.

Questão 1: Segundo autores da área da Ciência da Informação, o termo competência Informacional significa uma série de aspectos relacionados ao desenvolvimento intelectual

humano, vinculado ao crescimento tanto pessoal como profissional das pessoas. Ela engloba desde a habilidade técnica para uso dos produtos informacionais e construção do conhecimento através das tecnologias de informação e comunicação, até a interação social das pessoas, com base na aprendizagem independente, na responsabilidade social e na aprendizagem ao longo da vida. Analisando sua prática pedagógica, você consegue identificar algum dos elementos apresentados? Se sim, de que forma. Se não, por quê?

Prof. 2: Eu acho que a própria vida já é um aprendizado, se tu tá num ambiente de trabalho tu tens que te desenvolver em todas as situações, em todas as direções, tu tens que procurar crescer da melhor maneira em alguma coisa não pode ficar parada, estagnada. Daí que vem as informações como vocês tem ali de informática, a informática foi uma grande coisa, um avanço para o professor mesmo, o que a gente precisa recorrer a informática, ela é um caminho, uma ferramenta, e é por aí que as coisas adquiridas anteriormente faz com que o desenvolvimento da pessoa seja pleno, e também em outras situações, em outros trabalhos, em outros estudos, eu acho que tudo. O ser humano tem que se desenvolver em todas as etapas, procurar sempre alguma coisa pra tá fazendo, ao pode ficar estagnado, é obrigada a sociedade faz com que ele se desenvolva de um jeito ou de outro.

Questão 2: Ainda com base no conceito de Competência Informacional, diga-me o que você entende por competência informacional.

Prof. 2: Eu acho assim, competência é o bom desempenho em alguma coisa. Então se estás aprendendo bem informática, saber lidar em todos os lados com informática aquilo ali é competências. Já a minha competência é no ramo das letras, da sala de aula, porque eu sou professora, então eu tenho que dominar bem e de maneira diversificada aquilo que eu sei, eu tenho que mostrar que a minha competência gira em torno do meu aprendizado, e desse meu aprendizado expandi para os outros que estão a redor de mim, para mim isso aí é a competência.

Questão 3: Fale-me sobre qual o contexto e o que você já ouviu falar ou conhece sobre Tecnologias da Informação e Comunicação?

Prof. 2: foi quando eu fiz exatamente o curso, que tu era uma das meninas que nos ensinasse, aquele foi o primeiro contato que eu tive com a informática... eu acho assim, Meu Deus, ontem ainda eu estava comentando com as crianças, se nós observarmos, são crianças que não estão nem ligadas a modernidade, dá uma retrospectiva, mais as coisas maravilhosas que o mundo já criou, os grandes homens, os grandes gênios, as grandes pessoas, com a informática, o telefone, a luz, a lâmpada, meu deus a anestesia, as coisas assim que foram inventadas, que pessoas maravilhosas. Eu acho a informática... eu queria saber a informática assim, virar do avesso, eu tenho dificuldade, não sei se é porque eu não tenho tempo pra me ligar, de ter alguém que se sente. eu sou aquela pessoa que eu gosto de saber bem uma coisa.. eu não sou assim, qualquer coisa tá bom, não eu gosto de saber... sei? porque? Como fazer? E bem feito... então a informática eu ainda não sei, não sei mesmo, porque eu aí não tive tempo, de me sentar e ter aquela pessoa ou fazer aquele cursos que me dissesse assim..., não por uma brincadeira mais para realmente aprender.

Questão 4: Refletindo sobre as TIC você consegue identificar quando teve o primeiro contato com este com este conceito, em que contexto?

Prof. 2: como te falei antes foi no cursinho que fizemos com vocês.

Questão 5: Analisando sua práxis, referente a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação, fale-me sobre o uso que você faz?

Prof. 2: na nossa pratica de ensino o que a gente mais utiliza é realmente o computador e o data show, mesmo assim com pessoas que sabe mais do que a gente. Infelizmente na nossa escola nos não temos pessoas especializadas pra ficar ali com o professor realmente ensinando, dizendo como é que é. Eu sou uma pessoa que não gosto de pegar em determinados aparelhos da escola, se aparece quebrado quem foi? Ai não tem ninguém, ninguém diz que foi quem deixou de ser e ai o aparelho fica inutilizado. Então... as entidades não tem pessoas que mantém, é um trabalho a escola de vez em quando chamando alguém pra concertar os computadores, e demora... demora.

Questão 6: Na literatura da Ciência da Informação os Recursos Informacionais são materiais orais, impressos, digitais e multimídia (livros, dicionários, vídeos, músicas, CDs, DVDs). Reportando a essa descrição, fale-me sobre o uso que faz dos recursos informacionais disponíveis na escola como aparato auxiliador na sua profissão.

Prof. 2: A escola tem, inclusive na parte da prefeitura, tem uma repartição onde fica uma professora só pra lidar com DVD para trazer pra escola se precisar, mais não é sempre. Ela fica ali e nos informa, quando a gente necessita alguma coisa eles mandam, não é assim diário, diário, diário, mais tem.

Questão 7: Em sua prática diária, fale-me como você utiliza as Tecnologias de Informação e comunicação, junto aos colegas de profissão.

Prof. 2: isso a gente faz muito pouco

Questão 8: De que forma você avalia o seu trabalho docente como potencial desenvolvedor da competência informacional? Qual o tipo de retorno que você tem percebido com essa nova forma de conduzir sua prática profissional?

Prof. 2: eu como professora, depois de expor o assunto, os alunos participarem através a visão, nos temos um trabalho escrito, eu pego aquilo ali par os testes avaliativos. Apesar de vermos assim... de computador.. muitas palavras que estão se utilizando, e escrevem errado ou abreviado... eles acham como eles vêem no computador escrito dessa forma, nesses bate papos que eles usam, na informalidade... eles acham que na redação é normal aquilo ali, então a gente diz assim, não meu filho é uma forma não formal... você tem que na redação utilizar a linguagem corretamente escrita, e tem que utilizar porque na era moderna utiliza bastante, não pode ficar de mãos atadas. Eu achava que na escola devia ter um pessoal realmente aperfeiçoado, que realmente entendesse como vocês, que se formaram e estão dentro daquilo ali, porque aqui na escola todas as pessoas, entendem um pouquinho, sabem um pouquinho, não é aquele conhecimento científico, técnico, não .., um entende daqui, outro entende dali, um faz bem, outro faz mal, um acha que sabe o outro diz que não é então não tem um aperfeiçoamento da coisa. Mais vai, é uma luzinha aos pouquinhos, poderia ser melhor.. já tem computador na escola, já tem aulas de computação, mais poderia ter um pessoal fixo e especializado pra tá ali lidando com essas questões, quando a gente levasse os alunos saber mais do que a gente, a gente não tem especialidade, não ta dentro da nossa área, a gente procura, pede informação... mais que seria bom seria...

Questão 9: Há algo a mais que você gostaria de falar?

Prof. 2: Pra falar nada.. eu queria te agradecer a tua presença... por voltar na nossa escola, tão pequena... e a gente esta fazendo o que pode dentro das coisas da vida, dentro da educação que se vê... vê só.. esses anos todos as minhas saudades lá da universidade federal, da turminha legal como a gente tinha, professores excelentes... ai a gente agora vem aqui para o interior trazendo uma porção de objetivos de vida, e a gente vê a educação como está

... podia ser bem melhor... bem melhor mesmo... podia ter um caminho melhor... quem sabe alguém ache alguns assuntos, alguns direitos e alguns deveres, alguns leis a melhorar...

Prof. 3 – tempo: 13 hs e 24 min.

Questão 1: Segundo autores da área da Ciência da Informação, o termo competência Informacional significa uma série de aspectos relacionados ao desenvolvimento intelectual humano, vinculado ao crescimento tanto pessoal como profissional das pessoas. Ela engloba desde a habilidade técnica para uso dos produtos informacionais e construção do conhecimento através das tecnologias de informação e comunicação, até a interação social das pessoas, com base na aprendizagem independente, na responsabilidade social e na aprendizagem ao longo da vida. Analisando sua prática pedagógica, você consegue identificar algum dos elementos apresentados? Se sim, de que forma. Se não, por quê?

Prof. 3: Sim, com certeza, eu penso que as tecnologias hoje nos dão uma chance da gente adentrar no conhecimento, porque... olha a abrangência que tem no momento de uma pesquisa, no momento que a gente abre um site e faz uma leitura, até mesmo através de um jogo.... como eu trago as crianças no laboratório de informática, quanto melhor eles aprendem, por exemplo a matemática... a multiplicação através de joguinhos brincadeiras, do que tá lá muitas vezes se limitando aos livros didáticos e a explicação da professora.

Questão 2: Ainda com base no conceito de Competência Informacional, diga-me o que você entende por competência informacional.

Prof. 3: Competência Informacional é ter conhecimento para poder usar as tecnologias. Eu tenho que ter competência, o conhecimento da tecnologia para poder tá usando, tá usando no próprio benefício para o conhecimento, faz parte de um trabalho para ampliar o conhecimento dos meus alunos, e eu também, eu tenho que ter essa competência para usufruir dela com os alunos.

Questão 3: Fale-me sobre qual o contexto e o que você já ouviu falar ou conhece sobre Tecnologias da Informação e Comunicação?

Prof. 3: Olha, a gente aqui no meio educacional, a gente fala muito sobre as tecnologias educacionais, a gente teve um seminário falando sobre as tecnologias educacionais, eu mesma já participei de um curso de capacitação em São Francisco do Sul, que trouxe todo aquele programa da Proinfo... como a gente ia usar para enriquecer as nossas aulas, de que maneira íamos usar ele com os alunos, com que frequência, de que forma... através disso e também dos programas do MEC, que falam dessas questões. Tanto é que colocaram laboratórios nas escolas e foi através disso que eu tive a possibilidade de tá conhecendo sobre as tecnologias.

Questão 4: Refletindo sobre as TIC você consegue identificar quando teve o primeiro contato com este com este conceito, em que contexto?

Prof. 3: Na minha época de graduação as tecnologias utilizadas eram muito limitadas. Lá lá na época da minha graduação o máximo que eu tive contato era o vídeo, a TV e o retroprojeto, era a tecnologia utilizada na época. Como hoje temos os computadores, o data show a nossa disposição pra tá usando. Mas o meu contato... sou uma pessoa muito curiosa, a principio eu queria saber, queria conhecer, queria ver como usar aquele negocio, achava que tinha que ir. As vezes alguns colegas tinham medo porque podia quebrar, isso e aquilo, eu gostava de ir e insistir, que resultado ia dar, porque eu sabia que aquilo ia me ajudar de alguma forma.

Questão 5: Analisando sua práxis, referente a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação, fale-me sobre o uso que você faz?

Prof. 3: Para mim, enquanto professora, hoje a maioria das coisas é por intermédio do computador, hoje a elaboração das minhas provas, as atividades, os textos que eu trago para eles, assim ... de uma maneira lúdica eu gosto de ver as atividades por escrito, mais que envolvam, que tragam desenho, que tragam curiosidade para eles, então eu uso muito. Em questão com eles na escola, eu acho assim muito pequeno, porque eu faço de quinze em quinze dias eu trago eles no laboratório de informática, até porque a gente tem só um laboratório de informática e são muitas turmas e a gente tem que abrir espaço para os outros. Eu acho que o ideal seria, ainda que mínimo, mais de repente duas vezes por semana tá trabalhando ali dentro. E fora de trazer eles para a aula de informática, então eu gosto muito de projetar uma aula no data show, aquilo pra eles é grande, é mais curioso, fica mais legal.... eu faço isso. Eu uso sim, eu acho que não uso o bastante como gostaria de usar, eu gostaria mais, mais também de certa forma sou impedida para isso, eu trabalho quarenta horas. Tu também não pode trazer qualquer coisa, tem que trazer algo que tu tá preparando, que tá fundamentado. E também a qualidade desses recursos, tu tens que aprender a dividir com os colegas, todo dia de repente eu poderia tá lá com computador e data show, imagina que rica que seria a minha aula, mais eu não posso transformá-los em meus, ter todo o dia na minha sala, mais na medida que eu posso eu uso.

Questão 6: Na literatura da Ciência da Informação os Recursos Informacionais são materiais orais, impressos, digitais e multimídia (livros, dicionários, vídeos, músicas, CDs, DVDs). Reportando a essa descrição, fale-me sobre o uso que faz dos recursos informacionais disponíveis na escola como aparato auxiliador na sua profissão.

Prof. 3: Olha, essa escola aqui, eu trabalho em duas realidades diferentes, eu trabalho em Tijucas, sou efetiva lá e sou efetiva aqui. Então em creio que aqui hoje a gente tem bastante aparato, porque olha só... tu tens através da prefeitura municipal uma sala de mídias, tem uma pessoa lá que tu mandas pedir, tipo assim, eu quero um filme de DVD que trate a multiplicação, que enfatiza a multiplicação, ou eu quero do meio ambiente, eu quero do corpo humano, ela já providencia e manda, ai a escola tem DVD, televisão disponível, o data show se tu quiseres projetar, tu tens o laboratório de informática, eu penso que a principio a escola está atendendo bem isso, talvez nós que não estejamos usando, mais que a escola têm, têm. O que já é diferente da outra escola que eu trabalho lá em Tijucas, lá a gente não tem, tem o laboratório de informática mais só tem quatro computadores, enquanto que a turma tem trinta e dois alunos, então já fica difícil. Aqui não, aqui o laboratório tem vinte e poucos computadores, daí já atende, põem em dupla. Lá não se tem um data show, tem TV e vídeo mais não é móvel, fica lá numa sala. Aqui além de ter um que tu podes botar numa sala, tem outro que tu pode levar na tua sala também. Eu penso que atente, que às vezes o professor usa muito a desculpa que a escola não tem, aqui não podemos usar essa desculpa de que a escola não tem, ele tá ali, a gente tem retroprojetor, tem o episcópio, que projeta a imagem direto do livro, a gente tem as mídias, basta querer usar e fazer uso delas.

Questão 7: Em sua prática diária, fale-me como você utiliza as Tecnologias de Informação e comunicação, junto aos colegas de profissão.

Prof. 3: olha, como trabalho em duas escolas, o que mais faço é comentar relatos de experiências com os alunos, mais como nem todos os professores utilizam as tecnologias, muitas vezes passa despercebido, é mais uma conversa.

Questão 8: De que forma você avalia o seu trabalho docente como potencial desenvolvedor da competência informacional? Qual o tipo de retorno que você tem percebido com essa nova forma de conduzir sua prática profissional?

Prof. 3: Eu embora tenha vinte e dois anos de magistério, nessa questão das competências tecnológicas eu estou engatinhado, eu sou uma das professoras que estou engatinhando, eu não me fecho ao novo, eu penso que poderia usar mais, eu penso que não estou usando tanto como deveria. Mesmo o pouco que eu uso, eu sinto que enriquece, enriquece bastante, faz assim eles ter uma visão mais ampla, o que só traz o livro didático, o livro didático é bom, eu uso, mais quando a gente vem aqui no laboratório, entra num site, ou quando eu projeto as imagens, por exemplo quando trabalhamos as plantas, eu projeto as imagens, nossa como encanta, muito mais que ali no livro, tá olhando, tá pesquisando. Eu vejo assim também, o quê que ajudou nisso, antes como a gente não tinha esses recursos para levar essas imagens, tipo quando a gente quer projetar a imagem em sala de aula, o quê que a gente fazia, fazia as aulas passeio. Mais hoje é um risco muito grande, sair com uma turma grande por ai com as crianças, elas são ricas as aulas passeios? São, muitas vezes tu fazia os passeios, pra ver um tipo de vegetação, o formato de um rio, ou a formação dele, e hoje tu traz isso pra dentro da sala de aula através das imagens que projetam os recursos tecnológicos, e ai com isso tu trás pra sala de aula, tu tá mostrando, tu não tá podendo que eles tenham esse conhecimento. Mais pra mim quanto professora estou um tanto quanto aliviada, de não estar com vinte e quatro alunos a beira de um rio, ou de um lago, dependendo de um transporte pra levar, ou muitas vezes não tendo a autorização pra sair com eles. Então eu trago isso pra dentro da sala e enriquece bastante.

Questão 9: Há algo a mais que você gostaria de falar?

Prof. 3: Não... o que eu gostaria de falar é que eu acredito muito na educação, e creio que esses recursos venham para a gente transformar, porque os nossos alunos precisam disso pra se situar no mundo em que eles vivem. A gente ainda reutiliza a metodologia de quando nós estávamos na escola, não vou dizer que elas sejam todas arcaicas ou agora desnecessárias, não ... é trazer de volta algumas das tecnologias ou das formas como se ensinava antigamente... é útil...mais eu digo assim, sempre fazendo um paralelo, com o novo que a gente tem ai. É muito enriquecedor a foram de trabalhar, os recursos que a gente encontra hoje, eu acredito que através disso a gente consegue transformar essa sociedade, tá faltando muita coisa da gente trazer, como assim... as questões dos valores que hoje a família deixou de enfatizar e tá ficando muito pra escolas, a gente tem que trazer, resgatar algumas coisas, mais também mostrar o que tem de novo, não ficar na mesmice de sempre. Com isso a gente vai transformar a educação e creio eu melhorar o mundo.

Prof. 4 – tempo: 13 min. e 13 seg

Questão 1: Segundo autores da área da Ciência da Informação, o termo competência Informacional significa uma série de aspectos relacionados ao desenvolvimento intelectual humano, vinculado ao crescimento tanto pessoal como profissional das pessoas. Ela engloba desde a habilidade técnica para uso dos produtos informacionais e construção do conhecimento através das tecnologias de informação e comunicação, até a interação social das pessoas, com base na aprendizagem independente, na responsabilidade social e na aprendizagem ao longo da vida. Analisando sua prática pedagógica, você consegue identificar algum dos elementos apresentados? Se sim, de que forma. Se não, porque?

Prof. 4: No caso, eu uso os computadores aqui na escola, é o que a gente tem, mais é bem pouquíssimo, porque nunca tem muitos programas pra gente trabalhar, principalmente

porque eles estão no início, eu estou alfabetizando, é bem complicado eu trabalhar com eles os joguinhos, porque eles não sabem ler ainda, então eu tenho que fazer devagarzinho, começar com letra, daí quando eu quero trabalhar com tal letra eu vou ali, mais não tem um programa legal que eu possa trabalhar com eles. Falta ainda.. por mais que eu procure eu não encontro algo para o nível deles, tá bem fraquinho. Eu vou ali para digitar uma letra, mais eu queria através de jogos, e são bem poucos que a gente tem. Ai tu começa, agora vem outro tipo de software, ai tu não consegue entender aquele. Eu fiz um programa, aprendi a mexer no computador, fiz até umas aulas porque eu não sabia, daí eu cheguei ali mudou tudo de novo, ai fica complicado.

Questão 2: Ainda com base no conceito de Competência Informacional, diga-me o que você entende por competência informacional.

Prof. 4: Eu acho que eu tenho que ter competência naquilo que eu vou trabalhar na informática, porque tem que entender, eu entendo isso, não sei se é isso que tu queres que eu responda, no meu entendimento seria isso, eu tenho que ter competência para entender como é que eu vou trabalhar com a informática com os alunos.

Questão 3: Fale-me sobre qual o contexto e o que você já ouviu falar ou conhece sobre Tecnologias da Informação e Comunicação?

Prof. 4: nesse termo assim falando não. Eu tive sempre mais assim... vamos trabalhar com a informática... esse termo de tecnologia não...foi muito jogado pra nós.. assim chegou os computadores na escola... vamos trabalhar...mais não teve ninguém aqui pra ensinar, explicar ou deu aula para os professores. Então a gente chega e vai trabalhar com as crianças o que a gente sabe, um pouquinho né, o que a gente sabe e vai passando pra eles. Então assim, quando eu estou trabalhando com um texto, alguma coisa pra eles... vamos digitar tal textos...pra ver eles trabalhar com as letras do alfabeto que a gente trabalha... pra eles ir catando as letras

Questão 4: Refletindo sobre as TIC você consegue identificar quando teve o primeiro contato com este com este conceito, em que contexto?

Prof. 4: O contexto que eu ouvi falar foi aqui na escola e como te disse, mais em informativa.. o termo tecnologia não.

Questão 5: Analisando sua práxis, referente a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação, fale-me sobre o uso que você faz?

Prof. 4: Outros usos não, a gente não tem aqui na escola, só é os computadores que tem ali. Tem outros modos, por exemplo, o fax... eles não sabem como trabalha um fax, esse ano eu mostrei o fax pra eles e eles ficaram admirados. Deveria ter aqui e em outro lugar para eles ver como vai e volta, a gente não tem como mostrar isso pra eles, é bem pouquíssimo as tecnologias que tem aqui na escola.

Questão 6: Na literatura da Ciência da Informação os Recursos Informacionais são materiais orais, impressos, digitais e multimídia (livros, dicionários, vídeos, músicas, CDs, DVDs). Reportando a essa descrição, fale-me sobre o uso que faz dos recursos informacionais disponíveis na escola como aparato auxiliador na sua profissão.

Prof. 4: Eles são, eles até tem, mais como é uma escola grande, muitos dias não tem uma televisão a tua disposição, tem que fazer agendamento, ai quebra uma peça... ai não tem... ai tem que esperar.... ai passa e vai. No final das contas tu só trabalha mais com os livros e com cd, as vezes... porque como o som vai de sala em sala, muitas pessoas não cuidam como é pra trabalhar e quebram, ai quando chega a tua vez tá quebrado. Então assim, eu acho que cada

professor deveria ter um aparato desse, uma multimídia para trabalhar... quero trabalhar uma música... vamos, já to com cd. Tu tens histórias, toca a historinha.. mais não... é complicado, toda vez tu tem que descer pra vim buscar o som, pegar depois levar, no final tu vai deixando de lado, eu vou falar a verdade, vou ser bem sincera pra ti, eu uso mais os livros, o que está ao alcance meu, quando chega de aparelhos eletrônicos a gente deixa mais de lado. Procuo sempre ir na sala de informática, mesmo assim tu não tens muita opção, poderia passar um cd, eles ouvir, não tem um computador para cada aluno, tem que ser de dois em dois, ai já não é tão agradável como se fosse de um aluno pra cada computador.

Questão 7: Em sua prática diária, fale-me como você utiliza as Tecnologias de Informação e comunicação, junto aos colegas de profissão.

Prof. 4: A gente comenta, mais como é primeiro ano, eu to sozinha a tarde, de manhã tá outro professor e tu não chega falar com ele, fica mais isolado, vou falar...a verdade é, eu fico mais na minha.. os outros professores são de outras séries... não tem a ver comigo, não ao os mesmos conteúdos, ai a gente não troca nem repassa as experiências.

Questão 8: De que forma você avalia o seu trabalho docente como potencial desenvolvedor da competência informacional? Qual o tipo de retorno que você tem percebido com essa nova forma de conduzir sua prática profissional?

Prof. 4: Eu vejo que os alunos ficam mais entusiasmados, eles adoram essas novidades diferentes, eu percebo isso. Eu sempre procuro trazer diferente a minha aula, porque eles ficam quatro horas comigo, muitos são desmotivados, eles vem assim de casa. Principalmente esse ano, eu tenho uma turma muito desmotivada, eu procuro trazer sempre coisas diferente pra ver se eles se motivam. Eu avalio meu trabalho como bom, não é regular e sim bom, eu considero, a gente vai em busca do que gente consegue, do que a gente tem próximo da gente, não é ótimo o meu trabalho, mais eu faço o possível dentro do que eu encontro.

Questão 9: Há algo a mais que você gostaria de falar?

Prof. 4: Eu vejo que a educação está muito atrasada, porque tem tantas tecnologias por ai a fora, que as crianças podiam estar mais por dentro disso, e a gente também trabalhar com isso, talvez as aulas seriam mais motivadoras e eles também iam se entusiasmar e vir mais com vontade pra escola. Eu vejo como aqui é uma classe baixa, de nível social, eles tem muita dificuldade, não têm animo pra vim pra escola, alem disso tem os problemas familiares. Talvez com essas tecnologias todas, os professores tendo mais em mãos... talvez seria bem mais prazeroso para eles vim pra escola. É isso que eu penso sempre. A gente vê pelos filhos da gente, a filha chega em casa... a gente fez isso e aquilo, eles tem outra visão, tem outro jeito de trabalhar com as tecnologias, vão lá, colocam o fone no ouvido, pesquisam as coisas... aqui a gente não tem isso, bem diferente do que a gente vê em outros colégios... a gente paga colégio, daí a gente vê que os filhos tem mais acesso, e eles aqui... meu Deus ... é uma tristeza.

Prof. 5 – tempo: 34 min. e 4 seg.

Questão 1: Segundo autores da área da Ciência da Informação, o termo competência Informacional significa uma série de aspectos relacionados ao desenvolvimento intelectual humano, vinculado ao crescimento tanto pessoal como profissional das pessoas. Ela engloba desde a habilidade técnica para uso dos produtos informacionais e construção do conhecimento através das tecnologias de informação e comunicação, até a interação social das pessoas, com base na aprendizagem independente, na responsabilidade social e na

aprendizagem ao longo da vida. Analisando sua prática pedagógica, você consegue identificar algum dos elementos apresentados? Se sim, de que forma. Se não, por quê?

Prof. 5: Há sim... vários. Fazendo uma analogia com o Brasil de modo geral, enquanto que o governo brasileiro de qualquer tendência política sempre trava o desenvolvimento econômico, a economia cresce por fora. De que modo? Tu vai entender onde eu quero chegar. Através da atividade informal, que muitas vezes é chamada de ilegal. Se a gente olhar para a maioria desses alunos eles não pagam pelos livros didáticos, que alias são de qualidade razoável pra boa, eu já fiz apostila e vejo que são de boa qualidade. Mais eles pagam caro por um celular. Muitos deles, a gente se engana achando que por eles serem de uma área periférica, são pobres miseráveis, não são. A maioria deles nas turmas de sétima e oitava serie têm aceso a internet. Isso já mostra que aqueles que têm um desenvolvimento maior, tirando o grupo de evasão, são aqueles que tem acesso a esses instrumentos. Não é que os eles ou os pais ganham muito mais do que os outros que evadem, é porque a cultura e a visão de mundo é diferente. Então quando tem a cultura da base familiar que os pais investem, mesmo que seja comprando computador, baixando arquivos ilegais, pirataria etc... isso propicia uma mudança, uma visão de mundo pra lês que fazer eles correr por fora, o que eu chamo de correr por fora? Que é uma grande ilusão de nós professores acharmos que a nossa instituição de ensino vai formar os cidadãos, não, nós somos parte do processo, parte importante. Mais existe uma cultura de modo geral, muito ampla, que tá se desenvolvendo ai fora como um furacão, através da internet principalmente e os alunos estão muito mais adiantados que a maioria dos professores aqui que não sabe nem navegar. Então é uma ilusão achar que a escola vai conduzir esse processo, ela poderia por ventura conduzir se tivesse professores melhores qualificados, e pra ter professores mais qualificados tem que ir na base dos concursos, vê se o cara é bem informado e mais durante todo esse processo tem que tá sempre vendo a qualidade do professor. O problema é que isso se choca com o estatuto dos servidores, que depois de três anos as pessoas ficam sem fazer nada porque se sentem efetivada e sabem que tem garantia. Aqui na escola a gente tem vários professores que estão readaptados, por supostos atestados, que ficam aqui cortando cartolinas, não trabalhando que por depressão não vem mais pra escola. Depressão é uma coisa seria, depressão deixa pessoa de cama, tem que tomar remédio, fazer tratamento com psicológico e psiquiátrico, tem muita gente que diz que tem depressão e tu encontra elas na rua sorrindo, isso é regra comum aqui no município. Agora tu multiplica isso por cinco mil municípios no Brasil e vai ver a farra que é isso. O problema está ligado a estabilidade total do servidor publico, enquanto isso existir, vai existir essa farra e a educação vai ficar para trás. Agora se eu disser isso no sindicato vão me acusar de neoliberal, e falar aquele nhenhenhe de sempre. Quando é chamado o profissional na chicha, agora vamos trabalhar sério, ver quantas horas tu falta, claro que eventualmente tu tá muito gripado e precisa faltar, mais isso é uma vez no ano, duas por ano, mais não é assim que acontece. Os alunos tão se informatizando, tão avançando, se tu realmente entrar no mundo deles tu vai ficar surpreso, só que de um modo que a escola não dirigi.

Questão 2: Ainda com base no conceito de Competência Informacional, diga-me o que você entende por competência informacional.

Prof. 5: Bom, eu navego muito na internet, eu acho que a internet propicia um desenvolvimento muito grande pro sujeito, mais se ele tem uma base. Não sei se eu estou

respondendo a tua pergunta. Mais se ele não tem uma base ele vai ficar navegando em comunidades ruins e Orkut, existem boas comunidades no Orkut, mais também tem outros sites. De que modo isso poderia ser atingido, ter uma sinergia entre a instituição de ensino, a informática... é necessário uma cultura gral, essa cultura geral no nosso tempo, pelo menos no meu tempo, era muito dada por mitos. É fundamental que a escola estimule a leitura, mais estimular pra mim, pelo menos na minha época era cobrar... valer nota, pra cobrar e ter nota tem que ter o contraponto, se eu não me esforçar e atingir determinar nota, eu vou rodar de ano. Agora eu te pergunto as escolas estão rodando? Não que eu acho que tem que rodar pra melhorar o ensino, mais tem que existir esse contraponto. Agora o governo federal através do Conselho Nacional de Educação que fazer uma lei federal para evitar que os alunos rodem, o PSDB acabou com o ensino em São Paulo, ao instituir a aprovação automática, que tem outro nome... educação continuada, não sei o que continuada, e depois o PT com a Erundina acabou sacramentando isso, os dois partidos que se alternam no poder no país, não quer dizer que os outros são uns santos, mais estão sendo corresponsáveis pelo declínio da educação. Porque tipo assim, a educação nos moldes tradicionais, antiga tinha muitos erros em relação conteudista, etc... mais tinha a base solida de como funcionava a instituição de ensino. Nós ao tentarmos melhorar isso, como diz o ditado, jogamos fora, como diz o ditado, o bebe junto com a água suja do bebe, então seja, nos jogamos fora os fundamentos da escola. Vários países no mundo, simplesmente investiram em educação e vai ver como é que é, na Coréia do Sul, não é esse processo leniente, onde o aluno tem direitos sem deveres, o problema é o seguinte, eu sou a favor da convenção da ONU sobre os direitos humanos, sem duvida que eu sou, só que os deveres? A questão é isso, a escola, enquanto não tiver essa cultura retomada, que vai colocar o livro no centro dela, o livro, a leitura, a interpretação. Meu trabalho na sala de aula como professor de geografia é fundamentalmente com interpretação textos, vamos ler isso e tentar entender, e o aluno esbarra nos termos, no léxico, nas palavras, então vamos tentar entender isso. Quando ele começa entrar no mundo da escrita, a entender a dominá-la, como é que ele vai entender e gostar, quando domina. Como é que o aluno vai conseguir crescer na instituição, quando ele dominar e produzir alguma coisa, e a estratégia é sanduiche, faço um elogio, uma critica, e incentivo ele a melhorar, elogio e ai quando eu consigo fazer ele tomar gosto, e começar a sentir o gosto pelo aquilo que ele escreveu, como por um desenho que ele faz, quando ele começa a sentir prazer por aquele trabalho que ele esta fazendo, o livro ta sendo respeitado, o livro não é uma contradição a informática. Eu cresci na minha faculdade ouvindo que o computador isolaria as pessoas e muito pelo contrario, tenho amigos que fiz na internet e muitas vezes nos encontramos. Então, quando trouxer o livro como uma base, pra ele abrir a cabeça, ele vai usar o computador muito melhor. A questão é essa, qual é a base que ele tem na família, na escola, na sociedade, ele ouve é hap de quinta categoria, gangsthar haper, que incentiva o crime, o uso do craque, uma espécie de revolução social, um ódio disseminando, é isso que ele ouve. Mais ele pode ouvir hap com uma mensagem mais interessante, mais pra isso ele tem que ler, por que lendo ele vai entender e procurar musicas melhores, e ter o crivo critico dessa musica não ta dizendo nada, ta chamando a mulher da vadia, eu peguei um tradutor e essa musica tá legal e a outra tá ofendendo a condição feminina. Quando ele se tocar que isso é um absurdo, mais porque ele se toucou disso, porque ele leu antes. Então as coisas não podem ser dessociáveis, a internet é maravilhosa, o computador é maravilhoso,

mais se não tiver uma base sólida na escola, que é a leitura, que é a cobrança, mais pra isso o professor tem que tá presente.

Questão 3: Fale-me sobre qual o contexto e o que você já ouviu falar ou conhece sobre Tecnologias da Informação e Comunicação?

Prof. 5: Olha..a informática de modo geral foi quando eu fiz a minha pós lá em São Paulo, sobre tecnologias da informação foi dos anos de 1990 pra cá, foi lendo alguma coisa na internet, algum texto.

Questão 4: Refletindo sobre as TIC você consegue identificar quando teve o primeiro contato com este conceito, em que contexto?

Prof. 5: Foi quando eu comecei a produzir a minha primeira apostila de pré vestibular. Daí ficava muita mais fácil eu trabalhar com o computador do que com a máquina de escrever que eu tinha. E eu percebi que o computador era muito mais que uma máquina de escrever, porque eu tinha comprado um como uma máquina de escrever melhorada, me abriu um leque de possibilidades.

Questão 5: Analisando sua prática, referente a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação, fale-me sobre o uso que você faz?

Prof. 5: Bom... algumas vezes.. vou dar dois exemplos.. passar vídeos e utilizar o data show. No passado quando eu trabalhava em São Paulo tinha o projetor de slides, e eu adorava, porque? O slide era fundamentalmente uma foto e eu discorro sobre essa foto, eu interagia com os alunos, algumas vezes eu passava um vídeo curso de dez ou quinze minutos, depois eu vinha a gente debatia, fazia comentários, é extremamente produtivo. No entanto um vídeo de trinta ou quarenta minutos tira o professor da sala de aula, é muito mais fácil ele ficar em casa e ver outros programas de televisão, documentários, aí eu não tenho função ali. Então tem que ser uma coisa que episodicamente você intervenha, e, portanto tem que ter o domínio da máquina e editar o que vai passar. Bom ... numa escola, em que a secretaria municipal da educação determina matricular todo o aluno que chega na escola, tu acaba pegando a sala de vídeo, como nos tínhamos aqui na escola, com as cadeiras na posição correta, uma televisão apropriada, com um vídeo e DVD já instalados e prontinhos ali, tivemos que transformar essa sala numa sala normal, uma sala para alunos. O que quê acontece, quando a gente vai criar um espaço desse na sala de aula normal, são necessários cerca de quinze minutos, se tudo correr bem, levar mesa pra lá, levar o equipamento, instalar... isso daí se tu tiver muito atento a tudo a sala de aula vira um caos. Tu tinha me perguntado sobre a média de alunos, eu falei tinha trinta e cinco, até que não é uma média ruim, mais tem as turmas mais cheias que são as mais novas, turma de quinta série que tem quarenta e cinco, porque quanto mais o tempo passa, eles vão se evadindo, que vão saindo do processo educacional. O que acontece, são turmas que devem ser preparadas para se portar numa sala de aula, quando tem uma determinação federal que não é necessário cobrar tabuada nas séries iniciais, novas pedagogias questionam o uso do livro e das cartilhas, e da alfabetização normal como se fazia. Esse pessoal que chega na quinta tem que ensinar certas coisas pra eles, eu falo em porcentagem eles não sabem o que isso, nunca ouviram falar nisso, eu tenho que ensinar esses conceitos que não são da minha área, pra ti chegar para alunos assim, tão mal preparados, eu tenho que ensinar o que é o básico pra eles, e o que quê é o básico pra eles, é como usar uma agenda, é como se deve escrever num caderno, o que significa um

parágrafo, o que é uma quebra de linha, quando eles começam a entender esses instrumentos disponíveis que eles tem na mão, nisso daí toda a aula é uma concentração, eu me sinto um técnico de futebol pegando gente que nunca soube se organizar num time, que eu tenho falar alto e modular a voz. Se eu vou perder quinze minutos da minha aula pra preparar a nova tecnologia, pra eles assistirem, aquilo vira um caos, os alunos começam a se baterem e eu tenho que tirar da sala, isso é realidade comum aqui. Agora deu um tempo, porque diminuíram as pessoas. Mais no início do ano, todo final de aula tinha briga aqui na frente, e porque? Porque existe uma questão básica, que transcende a informação, que transcende a pedagogia, que é bem psicológica, psicológica behaviorista, nós temos uma caixa de sapato com um monte de ratinhos brancos, é isso que nos transformaram. Esse colégio tá super lotado de alunos, nos temos que ter horários de recreio diferente, para os grandes não colidam e machucarem os pequenos. É claro que no meio de pensar e sonhar uma sala de vídeo com os alunos atentos, que anseiam por ver um vídeo, é uma utopia. Acabam por passar um data show na sala de informática, mais é super lotado, os alunos que tã na ponta da sala acabam não vendo o que tá no centro da tela, ai há um bloqueio não só da tecnologia, mais a educação de um modo geral, e esse é o problema que nós nos deparamos. agora... quem é que vai se por contra isso, quando a maioria do objetivos dos professores aqui simplesmente é cumprir o seu estagio probatório, depois conseguir benefício, e ficar como funcionário público que trabalha pouco, que ganha pouco e que se justifica por que não se incomoda muito e não é muito cobrado. O que tá na minha cabeça o foco é a turma, o que a gente tem que privilegiar é a sala de aula e o processo da aula. Isso é a educação dos nossos termos, não educação dos termos gerais que ele recebe em casa. Porque as vezes o professor esquece que é professor, ela há... sou um educador, não... a gente é um professor em primeiro lugar. Esse é o foco, enquanto a gente não tem um diretor que focalize isso, enquanto a secretaria municipal não tiver isso em foco, enquanto a secretaria estadual tiver isso em foco, enquanto o MEC não fizer tudo em função da sala de aula, da ordem da disciplina, e sim da diversidade, da pluralidade e do debate em sala de aula, enquanto a sala de aula não for o coração da escola, mais não... gincanas valem mais, palestrinha vale mais, há...nos temos vários computadores na escola. Acho maravilhoso, temos 20 computadores lá, mais como eles são utilizados? as vezes com 1, 2 ou 5 são melhores utilizados a questão é outra, se isso aqui não funcionar que nem um relóginho, com cada peça da engrenagem funcionando tudo direitinho, o relógio não vai marcar as horas. Então... quando se vê índice de secretaria municipais, temos tantos computadores por sala, faz uma pesquisa qualitativa pra ver como eles são utilizados, e a questão da qualitativa não é a secretaria que vai pensar por nós, se nos professores não nos reunirmos num conselho pedagógico e discutimos isso de modo pragmático, mais não... sempre vai esbarrar em direitos, eu sou efetivo você não é, o estatuto dos servidores publico ajuda a piorar a situação.

Questão 6: Na literatura da Ciência da Informação os Recursos Informacionais são materiais orais, impressos, digitais e multimídia (livros, dicionários, vídeos, músicas, CDs, DVDs). Reportando a essa descrição, fale-me sobre o uso que faz dos recursos informacionais disponíveis na escola como aparato auxiliador na sua profissão.

Prof. 5: A biblioteca é fundamental, o livros do MEC, apesar de ter críticas pontuais eles são bons, e falta pouco para ser considerado muito bom, eu poderia dar aula sem livro. Como eu

trabalhei 17 anos como professor de cursinho, a gente sabe que o professor é o centro, ele é o comunicador básico, mais a dinâmica de uma escola, de sala de aula, não é um cursinho onde os alunos têm uma base, por pior que seja, e lá eles têm um foco que é a prova, aqui é diferente. O professor se sustenta sem o livro, só que o livro auxilia muito, porque são alunos que não estão acostumados a ler... então eu estimulo eles em cima da leitura, cobro tarefa e dou nota encima da leitura, então o livro é fundamental, o computador ele está pra ser assim, depois que eles tiverem uma boa preparação com os livros. A biblioteca aqui...graças ao bibliotecário, que é muito competente.... tem sido um grande apoio pra mim. No meu caso que sou professor de geografia, eu desenho, faço muitos mapas na lousa, mais basicamente eu tenho mapas mundi, Brasil e Santa Catarina, falta o mapa de regiões do mundo, tem países muitos pequenos, por exemplo, quando eu mostro mapa das regiões da Europa no mapa mundi, distantes, para explicar o que aconteceu na Bósnia, o aluno que tá lá no fundo da sala não vê, daí eu tenho que reproduzir o mapa ao lado, acho que dá pra fazer isso, a gente se vira. Mais acho que temos que ter uma mapoteca completa, que inclui as regiões do mundo, se passarmos pra pensar que um mapa desse custa de 20 a 40... no máximo 50 reais, e a gente pensar que pode investir por escola uns 300 reais, e ter uma mapoteca completa que vai durar uns 10 anos até mais se bem cuidado, não é uma coisa muito cara. Mais a educação em Biguaçu não pode investir por causa da responsabilidade fiscal, não dá pra gastar mais porque não pode ultrapassar isso... concordo que a educação gasta mais... mais porque não se demite os cargos de confiança.. tem gente demais lá... não venha me dizer que a educação gasta de mais, não é no material, não é na biblioteca, não é num bebedouro, não são os ventiladores...é em outro lugar que tá o burado.

Questão 7: Em sua prática diária, fale-me como você utiliza as Tecnologias de Informação e comunicação, junto aos colegas de profissão.

Prof.5: Boa pergunta, eu troco vídeos e DVDs com alguns colegas, mais não temos um trabalho integrado que seria o ideal, pra ter o trabalho integrado, com quem você tem mais intimidade... o professor de ciências aqui é muito amigo meu e a gente troca e faz alguns trabalhos juntos, mais não existe essa socialização de vamos pegar uma mídia e trabalhar junto. Isso parte de atitudes individuais de um ou outro professor em socializar, mais não existe um projeto da escola em integrá-los.

Questão 8: De que forma você avalia o seu trabalho docente como potencial desenvolvedor da competência informacional? Qual o tipo de retorno que você tem percebido com essa nova forma de conduzir sua prática profissional?

Prof. 5: Boa pergunta, muito boa pergunta. Na verdade o que eu percebo é o seguinte, os alunos estão acostumados a se avaliar como incompetentes, embora eles não usem essa palavra, e sim burros. E quando eles percebem que ler e entender um texto não é tão difícil assim, eles começam a ver que o acesso a inteligência e a informação não é uma tarefa impossível... isso é como tirar leite de pedra no inicio... mais depois a coisa vai por si só. Uma vez que você ensina eles a operar fica mais fácil de trabalhar. Alguns alunos se ressentem por não ter internet em casa, isso pra eles é uma questão de status, que é muito importante aqui na comunidade, e os próprios alunos que tem se exibem com isso. na medida que eu começo a mostrar que é possível usar um computador publico, e acessar informações importantes através dele.. então tu acaba eliminado um estigma ruim de que só quem tem recursos é que pode se tornar mais inteligente . isso é uma coisa... então infelizmente eu gostaria de dizer que esse retorno é melhor...mais o que acontece é uma evasão escolar, é como eu disse os recursos são parte do processo e não o fim. Eu sou contra aos professores que dão trabalhinhos para os alunos fazer na internet, porque é um copia e cola, na verdade eu faço eles pesquisar na internet, ai eles chegam com o trabalho pronto, ai eu digo na sala

que agora é que a gente vai fazer o trabalho em sala de aula a partir do que vocês pesquisaram, muitos protestam, o que de certo modo é até funcional, porque ele não pode trazer o computador na sala, aí a gente na sala fazem o trabalho com outras perguntas. Agora porque que a educação se sustenta assim, porque pra muitos ela é um bico. Enquanto tiver uma grande oferta de professores no mercado a educação vai ficar assim, porque o governante sabe se tem um reclamando tem dez que querem entrar. Só vai mudar quando grandes empresas se instalarem aqui e exigirem qualificação profissional para os seus quadros, aí o aluno de segundo grau vai procurar um curso para se capacitar para entrar em determinada empresa. Essa é aí a aposta quando vier o estaleiro para Biguaçu, agora é o momento de planejar o desenvolvimento da cidade, o que os vereadores deviam tá fazendo? Discutindo o plano diretor...porque o desenvolvimento vai vir, vai vir a grande empresa, mais não... como de resto no Brasil ... eles vão deixar os imigrantes chegar, o problema se gerar, ocupar propriedades impróprias, acontecerem deslizamento, muitas pessoas morrer aí vai se discutir o problema depois, é assim que funciona.

Questão 9: Há algo a mais que você gostaria de falar?

Prof. 5: sim, durante muito tempo eu dei aula só para classe A e B e achava que era impossível dar aula pra a classe C e D, nesse tempo que estou trabalhando aqui vi que estou completamente errado, eu vi que dá pra dar aulaalguns preconceito que eu tinha caíram por terra...como achar que... geralmente a gente que tá mais bem situado na escala social olha pro lado e pensa assim, ele deve ser infeliz porque é pobre... é um equívoco muito grande, esses alunos aí exalam felicidade todos os dias... é impressionante...o que eles precisam? eles precisam de muito pouco – o desenvolvimento urbano e mais segurança.. o resta cominha por si só. Agora dizer que eles precisam de educação adequada... eu concordo, mais na verdade não existe nada na vida que seja bom que não exige um sacrifício teu, alguma coisa vais te fazer para conquistar aquilo. Se a educação não for boa pra eles agora eles vão compensar trabalhando e se qualificando depois, essa cultura de buscar a qualificação ele precisa ser incentivada no Brasil. A escola vai ter que ser repensada, ela tá servindo a isso? De que modo ela está servindo pra isso? Eu acho... Me desculpe a teoria pedagógica mais a escola está sendo um espaço de depósito de alunos onde os pais deixam seus filhos pra poder trabalhar. Seria interessantíssimo se tivéssemos aqui ensino de carpintaria, de economia doméstica, faz uma ligação disso com aula de geografia, meio ambiente... mais pra isso não dá pra esperar o MEC fazer um plano nacional, a gente tem que ter uma certa autonomia pra criar um conteúdo paralelo,da pra fazer isso? Dá... mais pra isso os professores tem que ter uma bonificação por produção e ou seja, quem ganharia mais é porque produziu mais num certo tempo...não por tempo de casa, não por ...eu ser efetivo. Se pararmos pra pensar o professor pensa assim, como é que os professores trabalham hoje...eu não vou fazer isso, eu não vou ganhar nada a mais por isso. Como alias é uma coisa que acontece no mercado, em várias empresas e assim, pó esse cara tá trabalhando mais eu vou remunerar melhor..mais o exemplo que damos é de quem tem um amigo médico que já jogou sua ética no lixo ... esse cara inclusive ganham mais, trabalha menos... o aluno não é trouxa ele percebe e é isso que ele tá aprendendo.

Prof. 6 – tempo: 32 min. e 52 seg.

Questão 1: Segundo autores da área da Ciência da Informação, o termo competência Informacional significa uma série de aspectos relacionados ao desenvolvimento intelectual humano, vinculado ao crescimento tanto pessoal como profissional das pessoas. Ela engloba desde a habilidade técnica para uso dos produtos informacionais e construção do

conhecimento através das tecnologias de informação e comunicação, até a interação social das pessoas, com base na aprendizagem independente, na responsabilidade social e na aprendizagem ao longo da vida. Analisando sua prática pedagógica, você consegue identificar algum dos elementos apresentados? Se sim, de que forma. Se não, por quê?

Prof. 6: o uso de tecnologias muito pouco. Eu acho que até por uma carência de infra estrutura, eu acho que a gente faz bem o que é possível fazer, com o que se têm. Alguns materiais que não são dotados de tanta tecnologia assim eu até posso tentar usar nas aulas, algum material lúdico ... esse tipo de coisa, agora com a parte de tecnologia levando para o sentido real da palavra, eu acredito que não.. é muito pouco. Até porque software matemáticos ou eles exigem uma certa licença, que é preciso o município comprar ou outros são gratuitos, as vezes na versão demo, e existe um certo tempo para manusear, eles duram meia hora que você tem um tempo pra usar, dando meia hora ele vai encerrar porque entende como uma demonstração, e outra barreira é que muito dos laboratórios são equipados com Linux, o que não permite a instalação de muitos softwares, aqui por exemplo eu tenho o cabrigeometri e o geogebra, que são dois software bem legais que não é possível instalar nas máquinas porque o Linux não permite, é bem carente assim.

Questão 2: Ainda com base no conceito de Competência Informacional, diga-me o que você entende por competência informacional.

Prof. 6: eu acho que assim, vai um pouco ao encontro do que se prega tanto nas tendências educacionais voltadas ao ensino da matemática, principalmente no que tange a contextualização... a questão de tornar a escola um espaço de formação social para a vida em cidadania, não apenas um local de transmissão de conteúdo formais, que a matemática é carregada, mais sim que eles consigam, talvez vislumbrando uma coisa semi utópica, que eles consigam fazer relação disso com seu cotidiano e sua vida futura. Quando se faz por exemplo.. o diagnóstico de uma turma nos primeiros meses de aula, tu vê que eles tem uma certa interação com internet ou computador, não necessariamente com planilhas eletrônicas ou coisas desse tipo que seria interessante, mais sim com sites de relacionamento. E também com essas questões de brincadeiras que se restringem como exemplo a pipa, confeccionar uma pipa pode exigir dele um conhecimento de área, de comprimento, de tamanho, de grandezas, só que eu não posso agüentar isso por um ano letivo, partindo desse conhecimento prévio que ele tem é possível aproveitar sim, ele consegue fazer uma pipa sem vir pra aula de matemática, o que eu posso tentar fazer é quando for ensinar algum conteúdo tentar fazer a relação daquilo que ele tem pra fazer uma conexão. Mais assim, eu acredito muito nisso, apesar de ser às vezes, me pegar sendo tecnicistas, porque nos da área especifica temos essa dificuldade de ao perceber até que ponto somos matemáticos ou professores de matemática, às vezes surge um polinômio, uma equação, a gente da toda uma importância e talvez o objetivo não fosse tanto aquele, o que eu pude entender com a tua leitura, essa competência informacional pode ser um conjunto de saberes e técnicas utilizadas para que se consiga fazer uma conexão da função social da escola lá no cotidiano deles, tudo bem que epistemologicamente a escola é aquele ligar de transmissão, produção, reprodução e aferimento através de notas ,mais assim de poder tá relacionando essas coisas com o convívio deles, na hora de fazer pesquisas... porque usar diário catarinense se a gente tem o Biguaçu em foco por exemplo, são coisas mais palpáveis, que fala mais da comunidade deles.

Questão 3: Fale-me sobre qual o contexto e o que você já ouviu falar ou conhece sobre Tecnologias da Informação e Comunicação?

Prof. 6: Então na graduação, a gente teve.... eu posso estar erroneamente falando em tecnologia e me restringindo falando aos aparelhos eletros eletrônicos, talvez uma simples

dobradura pode ser uma tecnologia de informação e comunicação, mais me restringindo a essa parte eletrônica a gente teve alguma coisa na graduação, de acompanhamento de software de desenvolvimento de programação ou semi programação, seriam super interessante trabalhar com as crianças, porém são coisas que exigem um amadurecimento matemático maior... lembro de uma disciplina chamada de INI informática aplicada ao ensino da matemática 1 e 2, que na verdade de aplicação ao ensino da matemática para o ensino fundamental é bem pouco. Tínhamos por exemplo um programa onde dava comandos: caneta no centro da tela do tal programa, por anda 50, gira 90, ao ponto que ela vai formar uma figura, e no fim do semestre meu grupo construiu o mercado público com todos esses comandos. É um projeto super legal, porém a gente tá no ensino fundamental, ontem na quinta série eu comecei a falar de potenciação de números naturais e eles não sabiam, acabei de confirmar isso com a professora da quarta série, o que acontece é isso, tem essa questão de aplicação, só que eu preciso colocar também situação que eles vão precisar futuramente, porque são conteúdos básico, as quatro operações, acreditei eu que eles sabiam dividir por 2 números e eles não sabem, e também não fui eu que mudei essa realidade, mais na quinta série eles não sabem. Fiz exercícios e provas mais o progresso é pequeno. As vezes a tecnologia pode ajudar, mais eu uso material dourado, ábaco, pra ensinar dezenas, unidade que estava meio confuso, que eu chamo também de tecnologia, eu acho que hoje na minha pratica a tecnologia é bem exceção, até por a gente fica acomodado, se restringe fica mesmo no quadro e giz, lista de exercício, assim...e de tecnologia bem pouco.

Questão 4: Refletindo sobre as TIC você consegue identificar quando teve o primeiro contato com este com este conceito, em que contexto?

Prof. 6: como te falei anteriormente, foi na graduação, nas disciplinas que tive lá.

Questão 5: Analisando sua práxis, referente a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação, fale-me sobre o uso que você faz?

Prof. 6: : é o que eu falo, as vezes é muito difícil, por exemplo na oitava serie, a gente tá com equação do segundo grau, daqui a pouco eles vão ser preparado para trabalhar com função, vão conseguir desenhar gráfico, dá pra fazer parábola no computador e experimento reflexão de luz, mais olha só.... aconteceu um fato até que engraçado, não queriam arrombar a porta para os alunos não ver aquela cena. Eu fiquei sabendo disso na hora do recreio, dai então leva os alunos para o laboratório de informática, eles estão lá e eu falei.. então tá. Eu tentei montar o data show em cinco minutos, daí eu me deparei com uma dificuldade muito grande, como é que eu vou fazer aqui, não dava pra fazer a raiz quadrada no Word, eles não tinham o equeichom instalado, enfim não deu pra fazer a fórmula de bascara no telão, ai eu desliguei, peguei um pedaço de papel pardo, colei na parede e tive que escrever para eles ir visualizando. É um exemplo bem propício pra dizer que na hora que eu for trabalhar com geometria, plana, espacial, analítica, é legal trabalhar com tecnologia, mais tem hora que é impossível, tem hora que não dá. Foi um erro meu devia ter uma carta na manga, devia ter pensado numa opção ... na hora que eu não puder vir, na hora que faltar luz, na hora que acontecer um problema desse eu possa fazer com eles, daí eu me deparo com uma situação assim, eu tenho o programa que consegui licença da UFSC, mais não consigo baixar porque aqui é o Linux, e não dá pra instalar, o geogebra é um bom em geometria, mais tem que baixar da internet, daí no Linux não dá, ai é difícil, a pratica desse porte eletrônico é bem precário na minha área.

Questão 6: Na literatura da Ciência da Informação os Recursos Informacionais são materiais orais, impressos, digitais e multimídia (livros, dicionários, vídeos, músicas, CDs, DVDs).

Reportando a essa descrição, fale-me sobre o uso que faz dos recursos informacionais disponíveis na escola como aparato auxiliador na sua profissão.

Prof. 6: Então... assim... multimídia...envolvendo computadores e data show eu sinto uma carência, na escola tem pouca infra-estrutura, é o que eu percebo, com relação de CDs, DVDs, vídeo e TV já é melhor, tem alguns materiais que são complementação da minha sala, até porque eu sou recém formado, eu tive uma disciplina tópicos da educação da matemática, que me ajudou bastante e é uma parte que eu me preocupo, por exemplo assim: pessoal agora nós vamos aprender uma equação do segundo grau, em apresentar o problema ou o produto sem quem sabe despertar determinado conhecimento nos alunos, então eu tento sempre jogar a situação problema com história da matemática é sempre importante fazer esse paralelo, as vezes eu não sei determinados dados e vou buscar nos livros. Eu não gosto de usar os didáticos, eles são muito padronizados, não quero ser antiético, mais os livros de matemática que foram escolhidos e que a gente tem não são bom, eu apostaria em livros com mais exercício e menos blablabla, o livro didático eu só busco quando eu sinto necessidade e que os enunciado vão colaborar com alguma coisa. Porque os livros também não estão preparados, por exemplo: calcule x ao quadro do mais três x ao quadrado, é muito mecânico, ao invés dele contextualizar uma história, vai muito mecanizado e isso tudo exige uma preparação tanto minha quanto do material, o livro didático de um livro para cada aluno, vamos abrir na pagina tal e vamos acompanhar ... isso eu não faço. A gente tem aqui em Biguaçu um departamento lá na prefeitura que tem vídeo e DVD, por exemplo a sexta série se tivesse aula na sexta feira eu ia ter aula sobre frações...daí eu tenho um vídeo para mostrar, só que assim já ouve toda uma conversa. A gente tem aqui uns joguinhos...mais assim tem um joguinho de cada e daí não dá pra todo mundo. Aqui às vezes eu sou tido como chato, eu brigo muito por algumas coisas, um espaço adequado nós não temos, a escola foi projetada e construída sem a mínima noção de um profissional da educação do lado. As sala além de não ser equipadas com absolutamente nada ...nem cortina a gente tem, nem vidros na janelas, nem ventiladores funcionando, nem apagadores, é um caos total, a superlotação das salas e a gente tenta fazer um trabalho de redução, realocação desses alunos, mais ai vem cinco alunos de novo e lota as salas, quer dizer é complicado sabe. Infelizmente a prática acontece, porque eu ainda tenho uma boa vontade de fazer alguma coisa pela prova Brasil, ano que vem vai ter de novo, eu tava contando para os alunos da 8ª série, eu fiz um concurso e as provas estão cada vez mais difícil... matemática é uma disciplina de corte junto com a língua portuguesa, as pessoas costumam se sair mal nas provas de matemática, porque? Porque falou base... e as vezes o copia e resolve não é o melhor pra aprendizagem ..a gente vai ter a olimpíada da matemática na próxima semana,a olimpíada traz essas questões mais funcionais,daí os alunos se deparam com questões que eles não conseguem.. a problemas seriíssimos de interpretação...por exemplo para calcular a fórmula de bascara eles sabem muito bem,só que numa situação problema do seu dia a dia ou mais quando tem a contextualização do problema eles não conseguem resolver.

Questão 7: Em sua prática diária, fale-me como você utiliza as Tecnologias de Informação e comunicação, junto aos colegas de profissão.

Prof. 6:A gente tem alguns problemas funcionais aqui na escola, eu vejo que a gente tem um grupo de professores, que não é 100%, mais um grupo muito bom e com muita vontade. Se reparares naquela foto ali é a 8ª série, por eu faço arte de um grupo folclórico aqui da cidade, eu tenho um carinho muito grande pela cidade, na semana do município eu fiquei preocupado em não se falar nada do município... nas aulas de história não ia ser comentado sobre a colonização dos açorianos em Biguaçu, o que é o casarão que tem lá na praça.. como surgiu, o que significa... isso é a formação do cidadão. Daí eu chamei todo mundo, meio contra a vontade de algumas pessoas, mais enfim... as coisas saíram, eles produziram textos,

souberam da história, a gente passou vídeos ...a professora de artes trabalho com mosaico dos monumentos históricos, a partir do momento que tem alguém para guiar o grupo, as trocas acontecem e o trabalho fica mais significativo. Para tu teres uma idéia, desde o início do ano eu e o professor de matemática não nos encontramos, nosso planejamento é diferente... e aís será que ele conseguiu.... não se tem um planejamento da disciplina imagina com os outros professores de outras áreas, fica muito em falas... as reuniões pedagógicas viram muros de lamentação, tem alguns obstáculos que por mais que se queira outras coisas viram prioridades... por exemplo quando eu entro na sala e vejo um menino que senta na janela usando um caderno pra tapar o sol e nós temos não sei quantas cortinas ensacadas na prateleira. Eu não consigo botar a cortina, mais eu não tenho tempo, se precisar eu até coloco.... A gente teve um seminário sobre educação inclusiva... daí eu peguei o microfone e disse ... gente quem disse matricula que é sinônimo de inclusão...matrícularam o menino e não tem uma rampa para chegar na escola, a cadeira dele não passa na porta da sala, ele não consegue ir sozinho ao banheiro... eu pergunto isso é inclusão, colocar o segundo professor na sala...isso é educação inclusiva.. então eles me dizem que sou oposição, que eu tenho intriga partidária... mais não..ou é, ou não é.. se não vou colocar a minha camiseta do turma do faz de conta... os alunos fingem que vem pra estudar e eu finjo que venho pra dar aula.

Questão 8: De que forma você avalia o seu trabalho docente como potencial desenvolvedor da competência informacional? Qual o tipo de retorno que você tem percebido com essa nova forma de conduzir sua prática profissional?

Prof. 6: é uma questão complicada, primeiro que a auto avaliação é uma coisa difícil.... eu tenho medo de andar numa linha muito tênue entre ser matemático ou de ser professor de matemática...o fato de eu gostar muito do conteúdo que eu leciono... isso me deixa numa empolgação que não é a mesma deles, eles tem outras disciplinas.. outros gostos. Às vezes resolver uma equação daquele jeitinho, daquele padrão..me deixa muito feliz e pra eles é uma coisa muito chata, que eles não tão nem afim de ver. O medo de não conseguir fazer com que eles tenham o mínimo de conhecimento pra aplicação do que eu ensino em algum dia... eu sou muito formal em matemática... eu quero que o x ao quadrado esteja certinho, eu quero que ele saiba dividir um polinômio por outro, mesmo eles me perguntando professor mais pra que isso?...e as vezes eu não consigo dar uma explicação, ele sai daqui e vai pra lan house, vai soltar pipa e não precisa saber isso, eu tenho medo. A minha pratica tenta ser no sentido de proporcionar a eles, como eles dizem, uma matemática mais leal, sem ser tão chato, apesar de que eu sou muito rigoroso com disciplina, eu me altero, a minha voz é mais forte nas quintas séries, porque eu não acho que eu sou professor tradicional, mais algumas coisas tem que ser mantidas, essa historia de professor mediador, funciona quanto todos fazem parte de um mesmo objetivo, quando os alunos estão em lados opostos dos objetivos da escola ou da gente fica mais difícil. Eu consigo ver na reação deles quando por exemplo... algumas crianças me esperam na porta eu percebo uma questão de carinho, quando eu encontro uma aluna da 8ª série me diz assim.. professor, ainda bem que você me ensinou os subprodutos se não eu tava ralada na nova escola ...alguma coisa pelo menos ela lembrou que eu falei, quando eu encontro com eles na rua a relação geralmente é muito boa. A 8ª série me escolheu como regente este ano, então eu vejo que eles tentam fazer um tipo de reconhecimento... aluno as vezes é meio traiçoeiro, até que ponto eles me encontram, beijam e abraçam ou tentam manter essa boa relação, porque talvez eu sou o professor da disciplina que eles menos gostam, existe isso, impregnado desde criança quando eles sabem que matemática é chato e difícil, desconstruir isso é complicado então eu tento amenizar. Eu me sinto frustrado, essa escola me demonstrou umas... não sei se isso é geral, não sei se é característico do magistério, ela me deixou muito frustrado em relação em muitas coisas, ao

repensar se eu quero ser por professor ao resto da vida, não estou falando em termos de salário em nada disso, a prática docente é uma coisa que me encanta. ..eu vou ser advogado daqui a dois anos e vou poder optar o que eu vou fazer da minha vida...aqui eu tive que aprender algumas coisas que não é por ai...o trabalho da gente é muito gratificante, não que a gente espere um reconhecimento, mais que ele consiga pelo menos caminhar...e quando tem pessoas brecando a todo momento,isso se torna cansativo e a gente não bate o prego com a mesma força, isso que eu tenho apenas quatro anos de magistério. Eu tenho medo de querer poder fazer mais coisas, eu me acomodo em certo momento sim... essa desmotivação as vezes bate mais e a gente acaba muitas vezes o mínimo com potencial de fazer muito mais, de contribuir muito mais... eu fico muito triste e decepcionado,há uma certa esperança, há conversas... Biguaçu ainda é uma cidade muito pequena, muito politiqueria... então cargos são indicados, pessoas não preparadas são colocadas aqui como membros...

Questão 9: Há algo a mais que você gostaria de falar?

Prof. 6: eu só acho que assim... eu sou professor de uma disciplina como eu te falei temida e rotulada. A graduação não prepara a gente para o exercício do magistério, e sim para a pesquisa,para trabalhar em outras áreas, em laboratório e não com crianças de 5ª a 8ª série... e a gente fica naquela de fazer na fase do teste.. o que fazer esse o exercício do dia a dia Dio professor, eu gostaria de quem saber ver um aluno ser medalhista da olimpíada da matemática, eles não tem noção que podem ganhar uma bolsa do CNPq , aqui do ladinho em Antonio Carlos a gente tem a melhor escola do sul do Brasil no ensino da matemática, vários alunos ganham bolsa, tem vaga e pesquisam na universidade, só que é uma questão de cultura, habitação e família... quem sabe se a gente tivesse mecanismos tecnológicos que pudesse utilizar...mais assim ... eu queria que pudesse mudar esse resultado, aplicar geometria seria melhor do que escrever geometria, eu acredito nessas coisas.

Prof. 7 – tempo: 11 min. E 42 seg

Questão 1: Segundo autores da área da Ciência da Informação, o termo competência Informacional significa uma série de aspectos relacionados ao desenvolvimento intelectual humano, vinculado ao crescimento tanto pessoal como profissional das pessoas. Ela engloba desde a habilidade técnica para uso dos produtos informacionais e construção do conhecimento através das tecnologias de informação e comunicação, até a interação social das pessoas, com base na aprendizagem independente, na responsabilidade social e na aprendizagem ao longo da vida. Analisando sua prática pedagógica, você consegue identificar algum dos elementos apresentados? Se sim, de que forma. Se não, porque?

Prof. 7: deixa eu tentar entender.. elemento... você está se referindo ao uso do computador? Vou tentar te responder...dos equipamentos que eu uso com os alunos os computadores e o data show, geralmente passo os slides na parede tipo o Power point, até porque não tem outro recurso. Os únicos recursos que tem aqui são os computadores do laboratório de informática, o data show que eu uso bastante com os alunos, e eu uso também a internet. Com relação das tecnologias, eu acredito... sim, eu conheço alguns tipos de computador Word, internet... só que aqui é o Linux, o que me dificultou no começo. A primeira vez que fui ali na sala de informática a forma para entrar na internet era completamente diferente do que eu tava acostumada, o ícone que abre a pagina da internet é diferente no Linux, ele abre uma outra pagina, na primeira vez quando eu fui ali eu demorei pra entender e não conseguia navegar, ainda bem que a turma era paciente porque eu tive que ir primeiro nos computadores, só que nem e muito menos os alunos sabíamos como entrar na internet nesses computadores. Essa primeira vez foi bem trabalhoso, porque tive que primeiro entender como

é que funcionava, até porque um computador era diferente do outro, mesmo sento todos do mesmo laboratório. Era assim...um iniciava de um jeito, o outro de outro, além de eu nunca ter trabalhado nem visto falar nesse programa Linux, até descobrir como funcionava e ainda com os alunos junto foi bem complicado a primeira experiência... eu pensei que quando chegasse ali tava tudo certo que era só entrar na internet como eu fazia em casa, foi aonde eu encontrei dificuldade e quase desisti, por que aqui os computadores do laboratório são diferente por causa do Linux.

Questão 2: Ainda com base no conceito de Competência Informacional, diga-me o que você entende por competência informacional.

Prof. 7: pra ser sincera nunca ouvi esse termo, mais acredito que seja o professor ter conhecimento para auxiliar os alunos no laboratório de informática.

Questão 3: Fale-me sobre qual o contexto e o que você já ouviu falar ou conhece sobre Tecnologias da Informação e Comunicação?

Prof. 7: sinceramente eu acho que já, é tipo computador né?... essas coisas mais avançadas , tipo a lousa digital notbook,acho que também deve incluir a outras coisas do computador, por exemplo o Word, o porwer point, o Excel... aquele programa de foto, de vídeos ...e tudo mais que o computador pode te ajudar..

Questão 4: Refletindo sobre as TIC você consegue identificar quando teve o primeiro contato com este com este conceito, em que contexto?

Prof. 7: disso eu me lembro bem...o meu primeiro contato foi na UFSC, onde fiz meu curso de pedagogia, numa das fases eu tive uma disciplina optativa que se chamava, se não me engano, tecnologias de informação e comunicação, foi ai que eu ouvi esse termo pela primeira vez, só que foi em 1999 e de lá pra cá as coisas mudaram muito, quase nem me lembro os conteúdos que tivemos

Questão 5: Analisando sua práxis, referente a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação, fale-me sobre o uso que você faz?

Prof. 7: sinceramente eu não uso com frequência, quando cheguei na escola eu levava os alunos mais vezes, me lembro que cada semana eu ia uma vez e fazia atividades diferentes, um dia eles passava vídeo, no outro usava o computador, outro dia pra digitar, no outro pra passar uma imagem de algum conteúdo que estávamos estudando no data show, e assim por diante. Mais agora estou trazendo eles bem pouco, porque tem que ter tempo pra preparar, sair da sala, ligar os computadores, ou o equipamento que vai usar e não tem ninguém para ajudar, o que fica muito complicado, eu sou sozinha na turma, não tem auxiliar na sala nem no laboratórios as crianças não tem paciência de esperar eu montar tudo.

Questão 6: Na literatura da Ciência da Informação os Recursos Informacionais são materiais orais, impressos, digitais e multimídia (livros, dicionários, vídeos, músicas, CDs, DVDs). Reportando a essa descrição, fale-me sobre o uso que faz dos recursos informacionais disponíveis na escola como aparato auxiliador na sua profissão.

Prof. 7: no meu dia a dia, o que faço... eles tem os livros didáticos que a gente usa bastante em sala de aula, fazendo exercício, o livro deles de português é bem legal, não tem muita coisa de gramática, mais tem os textos, historinhas que dá pra aproveitar com eles. Outra coisa que também uso bastante são os livros da biblioteca que eles podem pegar emprestado e levar pra casa, tem vezes que eu mesma pego e levo pra sala para contar historinhas pra eles, também tem DVDs que eu já usei,sobre Cds a escola tem alguns, eu até trouxe algumas vezes o meu som para passar musicas, mais como é complicado porque venho de ônibus, faz

tempo que não trago mais, e eles acabam ficando sem ouvir musica e histórias em Cd só as que eu conto através dos livros.

Questão 7: Em sua prática diária, fale-me como você utiliza as Tecnologias de Informação e comunicação, junto aos colegas de profissão.

Prof. 7: sinceramente junto com meus colegas, é quase nunca, a gente faz troca de experiências somente nas reuniões, nós não temos nenhum horário disponível ou reservado para trocar idéias, experiências... figurinhas mesmo..., é mais com a supervisora, que é uma pessoa bem aberta e dá liberdade pra gente perguntar, tirar dúvidas e trocar idéias e atividades. O que faço muito é mostrar pra ela meus trabalhos e atividades em pen drive, coisas pra ela orientar, corrigir e as vezes imprimir pra mim. Em relação aos outros professores, sinceramente, a gente só troca com a outra professora da turma da tarde... e também somente as atividades e exercícios que são dados através de folhas, e muito rápido porque a gente só tem tempo livre nas reuniões.

Questão 8: De que forma você avalia o seu trabalho docente como potencial desenvolvedor da competência informacional? Qual o tipo de retorno que você tem percebido com essa nova forma de conduzir sua prática profissional?

Prof. 7: isso é legal, meus alunos adoram... eles a adoram vir no laboratório e mexer nos computadores, assistirem DVD no data show, que são coisas que a maioria não tem em casa... é ótimo, é muito bom ... dá pra gente perceber que eles gostam e respondem com entusiasmo... por ser uma coisa que eles ainda não tem em casa... a maioria... quando eles entram n um site de joginho, é uma coisa que eles aprendem brincado. Quanto eu me avaliando, a minha própria avaliação... eu acho que eu até podia trazer eles muito mais, mas quando eu cheguei no laboratório a primeira vez e vi que era um programa completamente diferente do que eu conhecia, eu fiquei despolgada e desanimei. Daí depois eu fui me acostumando, fui conhecendo e me adaptando, mais como te falei... toda a vez que vamos pra lá é uma função, daí deixei um pouco de lado e sei que preciso retomar.,

Questão 9: Há algo a mais que você gostaria de falar?

Prof. 7: não

Prof. 8 – tempo: 13min e 19 seg.

Questão 1: Segundo autores da área da Ciência da Informação, o termo competência Informacional significa uma série de aspectos relacionados ao desenvolvimento intelectual humano, vinculado ao crescimento tanto pessoal como profissional das pessoas. Ela engloba desde a habilidade técnica para uso dos produtos informacionais e construção do conhecimento através das tecnologias de informação e comunicação, até a interação social das pessoas, com base na aprendizagem independente, na responsabilidade social e na aprendizagem ao longo da vida. Analisando sua prática pedagógica, você consegue identificar algum dos elementos apresentados? Se sim, de que forma. Se não, porque?

Prof. 8: Na minha prática pedagógica? Então... tem uma questão de...eu domino tranqüilamente os recursos, mas na nossa escola não tem uma sala multimídia já preparada, as vezes dificulta no sentido de ter que ficar preparando sala com os equipamentos e muitas vezes deixamos de dar esse tipo de aula por não ter um lugar apropriado e porque tem que ficar montando esse espaço, daí como é muito corrido, você sai de uma sala e já entra em outra, então acaba deixando de usar.

Questão 2: Ainda com base no conceito de Competência Informacional, diga-me o que você entende por competência informacional.

Prof. 8: você diz apenas informação, ou ligando a tecnologia? ... porque se levar para o lado da palavra informação a gente passa o ano todo dando informação, mais eu imagino que você queira saber sobre essa parte de tecnologia da informação... porque a minha responsabilidade é obviamente já é social, eu passo conceitos e informações que sirva para a vida pessoal deles também.

Questão 3: Fale-me sobre qual o contexto e o que você já ouviu falar ou conhece sobre Tecnologias da Informação e Comunicação?

Prof. 8: Assim não me recordo, para a minha idade, já tenho 31 anos, isso ai sempre foi bem trabalhado. Na época que eu ia na escola algumas coisas começaram a ser inseridas.. tipo vídeo na escola... mesmo sendo pública, uma escola do interior tinha... tava chegando os computadores. Não que eu tivesse em casa, mais com 13, 14 anos eu tava usando o MS DOS... essas coisas. Mas quando eu comecei a trabalhar já estava bem estabelecida essa questão.

Questão 4: Refletindo sobre as TIC você consegue identificar quando teve o primeiro contato com este com este conceito, em que contexto?

Prof. 8: só, eu acho, que depois que eu comecei a trabalhar na escola... que a gente... antes ainda na faculdade a gente usa bastante já, a tecnologia pra poder usar fica sabendo do conceito... ainda na faculdade... isso desde 2002, vamos colocar esta data. Mais que eu uso efetivamente é a 5 anos atrás quando eu comecei a dar aula.

Questão 5: Analisando sua práxis, referente a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação, fale-me sobre o uso que você faz?

Prof. 8: Como te falei, tem essa dificuldade porque não tem presente uma sala de multimídia, daí eu penso que deveria ter para não ficar dando trabalho para montar , tem que ficar montando...você tem que levar o data show pra sala, tem que ir atrás de fio, de T, e ai se precisa de som, o som não dá conta, porque a sala tem 30 e poucos alunos tem que ter um som bom, acaba que algumas coisas não dá pra levar. Mas eu faço assim... tem alguma aulas nesse sentido...a escola tem data show, tem sala de computação, as vezes eu preparo, principalmente quando o projeto é maior. Por exemplo... a uns 15 dias atrás eu fiz alguma coisa sobre a água no município, porque era a semana do município, ai eu fiquei com essa parte, ai era o mesmo assunto, eu trazia os alunos pra sala de computação, deixei tudo preparando antes e trazia os alunos ali, porque ficar levando aquele trambolho pra lá e pra cá, daí realmente...não é por não saber usar as tecnologias... eu sei usar muito bem...mais de dificuldade de ficar levando, não tem ninguém para preparar isso antes, alguém que leve os recursos até na sala. Os recursos que eu acabo usando é o data show,as mais variadas aulas podem ser dadas ali, a aula o computador, o DVD eu uso bastante porque a aula de biologia tem bastante vide, então eu utilizo quando é necessário visualizar um pouquinho as coisa e eu peço bastante trabalhos pra eles, daí eles tem acesso em outros horários eles vem no laboratório. Eu peço bastante, principalmente com 7 e 8 sério eu peço pra eles entregarem os trabalhos, eles ficam liberados pra entregar pó e-mail, impresso ou em cd, as vexes eu trago o meu notebook,tem alguns que trazem pen drive, ou escrito, tanto faz. Eu acabo dando uns toks dos sites que eles devem usar, como eles devem procurar os assuntos que tem diversas formas, duas delas que consegue achar bastante coisas de biologias e ciências, que é a wikipédia, uma enciclopédia boa, que tá se tornando pelo menos, e no o youtube acaba achando um monte de vídeo sobre divisão celular, qualquer coisa de biologia e ciência acha ali,.

Questão 6: Na literatura da Ciência da Informação os Recursos Informacionais são materiais orais, impressos, digitais e multimídia (livros, dicionários, vídeos, músicas, CDs, DVDs). Reportando a essa descrição, fale-me sobre o uso que faz dos recursos informacionais disponíveis na escola como aparato auxiliador na sua profissão.

Prof. 8: serve, serviria muito mais se houvesse aquela condição, eles tinham uma sala aqui na escola que era para isso ,mais ai foram aceitando mais alunos e acabaram usando como sala de aula, dificulta, eu também não vou ficar brigando, não é minha parte ficar brigando para construir uma sala, eu usaria, sinceramente se tivesse uma sala pra mim, que eu deixasse montada, nem que eu comprasse, eu usaria direto que é muito fácil com acesso a internet, essas coisas.

Questão 7: Em sua prática diária, fale-me como você utiliza as Tecnologias de Informação e comunicação, junto aos colegas de profissão.

Prof. 8: Sinceramente eu não compartilho, porque eu acho que o professor tem a obrigação de saber utilizar as tecnologias, eu não vou ficar ensinando ninguém, esse não é o meu papel.

Questão 8: De que forma você avalia o seu trabalho docente como potencial desenvolvedor da competência informacional? Qual o tipo de retorno que você tem percebido com essa nova forma de conduzir sua prática profissional?

Prof. 8: Quando eu utilizo esses tipos de aula diferente com os alunos eles gostam, ficam bem empolgados e vejo que eles se interessam mais. Eu gostaria de fazer aulas diferentes mais vezes, mais como te falei não temos uma sala de multimídia, e como temos pouco tempo é complicado, difícil.

Questão 9: Há algo a mais que você gostaria de falar?

Prof. 8: não

Prof. 9 – tempo: 15 min. e 36 seg.

Questão 1: Segundo autores da área da Ciência da Informação, o termo competência Informacional significa uma série de aspectos relacionados ao desenvolvimento intelectual humano, vinculado ao crescimento tanto pessoal como profissional das pessoas. Ela engloba desde a habilidade técnica para uso dos produtos informacionais e construção do conhecimento através das tecnologias de informação e comunicação, até a interação social das pessoas, com base na aprendizagem independente, na responsabilidade social e na aprendizagem ao longo da vida. Analisando sua prática pedagógica, você consegue identificar algum dos elementos apresentados? Se sim, de que forma. Se não, porque?

Prof. 9: não sei se o que vou responder é o que queres ouvir? Você quer saber o que eu trabalho na área da computação? é isso? Mais assim... depois que vocês deram aquele cursinho pra nós ... como eu trabalho com turma de 1ª série, e o ministério da educação coloca que agora o primeiro deve ser letrado, o que acabou com a metodologia do babebibobu, com as cartilhas, enfim... então o que eu faço, desde que tive o cursinho com vocês e tento utilizar, mais desde o ano passado eu me juntei com a professora da outra turma e a gente faz uma trabalho assim..., o que a gente faz... com a 1ª série dá pra fazer uma monte de coisa, aqui nós temos no laboratório o Linux... nós digitamos o nome deles, tem vários joginhos legais, por exemplo... para desenvolver a coordenação motora com o mouse, teclas do teclado para procurar as letrinhas que estão aparecendo no monitor, e outras atividades que é mais de um jeito onde eles vão brincando e por consequência aprendendo.

Então... eu e a outra professora nos juntamos e enquanto ela fica com uma parte da turma eu fico com a outra. Mais o que acaba acontecendo, eu tenho 25 as vezes 30 alunos na turma da manhã, que é que a que eu faço esse trabalho, porque a turma da tarde é bem complicada, então com todos eles é impossível ir e muito professor não vão por causa disso, porque não tem ninguém pra ajudar e são muitos alunos. Voltando... eu e a outra professora marcamos sempre aula fixa, duas aulas no laboratório de informática, juntamos as turmas, divididos em 2 equipes. Ela fica com uma parte maior dos alunos na sala fazendo atividade e eu vou com o outro grupo menor pro laboratório de informática, onde procuro fazer uma atividade relacionada ao nosso planejamento que é praticamente o mesmo. Ainda bem que ela me auxilia, gostou da minha proposta e se dispõe a ficar com a minha turma, e também porque estamos fazendo o trabalho junto, da mesma série, porque senão, não teria como. Só dessa forma, trabalhando com a outra professora é que consigo utilizar os recursos que a escola tem... nossa escola é pequena, a sala de informática é bem requisitada ... então é pra isso que eu uso ,para passar vídeo, ir trabalhar com joguinhos para eles reconhecerem as letras, trabalhar a coordenação motora também... as tecnologias que a escola oferece eu estou utilizado dessa forma em parceria.

Questão 2: Ainda com base no conceito de Competência Informacional, diga-me o que você entende por competência informacional.

Prof. 9: para mim... competência é aquilo que a gente sabe fazer e usar pra alguma coisa, com um determinado objetivo. Com meus alunos, por eles serem pequenos ainda, em relação a informática o meu objetivo é que eles saibam as questões como digitação, onde dar enter e ir para baixo, onde dar espaço entre as palavras e porque isso é necessário... são coisas básicas que desde pequenos eles já sabem usar. Meu objetivo é que eles aprendam hoje o que mais tarde com certeza eles vão usar na informática e vão utilizar isso também na vida profissional e pessoal deles.... eu acho a competência é saber utilizar o computador, a tecnologia na vida prática da pessoa.

Questão 3: Fale-me sobre qual o contexto e o que você já ouviu falar ou conhece sobre Tecnologias da Informação e Comunicação?

Prof. 9: na verdade eu não sei te dizer precisamente, porque assim.... falam tanto tecnologias da informação, tecnologia educacional que acaba se misturando tudo... que a gente acaba não lembrando exatamente quando ouviu falar, qual o local, qual a situação só lembro que a gente teve uma disciplina na graduação, talvez essa tenha sido a primeira vez.

Questão 4: Refletindo sobre as TIC você consegue identificar quando teve o primeiro contato com este com este conceito, em que contexto?

Prof. 9: é o que acabei de te falar, acho que foi mesmo na graduação, quando eu ainda estava fazendo as disciplinas da faculdade.

Questão 5: Analisando sua práxis, referente a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação, fale-me sobre o uso que você faz?

Prof. 9: na verdade isso, não só com os alunos na escola, mais em casa eu uso muito, pra elaborar atividade, fazer trabalhos, criar exercícios, fazer e pesquisar historinhas... tudo...eu desde cedo comecei a usar o computador e então estou sempre mexendo e fazendo coisas novas com ele, vou te dar um exemplo, até que não é referente as crianças mais a secretaria da escola... as sugestões, leis, projetos e outras coisas do MEC, são informações que a secretaria tinha que divulgar para os professores, tanto a secretaria de educação do município, quando a secretaria da escola, e são coisas que eles não mandam. O que eu faço, fico navegando na internet e descubro as coisas, acho ali, pesquiso e ainda envio pra eles...

isso quando as vezes não tenho que explicar pra eles como é que é. Por isso as TIC são essencial para educação, para os professores, para os alunos, pra o bom funcionamento da escola, pra tudo.

Questão 6: Na literatura da Ciência da Informação os Recursos Informacionais são materiais orais, impressos, digitais e multimídia (livros, dicionários, vídeos, músicas, CDs, DVDs). Reportando a essa descrição, fale-me sobre o uso que faz dos recursos informacionais disponíveis na escola como aparato auxiliador na sua profissão.

Prof. 9: pra mim... eu acho que assim... primeiro o professor deve ter disposição para usar os materiais. Aqui temos a sala de informática, tem DVDs no arquivo da secretaria municipal que a gente pede, nossa escola tem o privilegio de ter um data show que pode ser usado para passar filme... assistir como cinema, também, tem um aparelho de som aqui na escola,então... basta o professor ir atrás desses recursos. O que acontece, por exemplo...tem professor que é acomodado por algum motivo, ou as vezes pode ser que não tenha conhecimento desses equipamentos que tem na escola ... o que eu acho difícil. Pra mim, eu tenho conhecimento normal da informática,isso faz parte da minha vida, do meu cotidiano, porém tem professores mais antigos que não tem esse conhecimento em informática e as vezes não querem ter... tem coisas que o professor tem que ser e estar disposto há aprender, não só pra profissão, mais pra sua vida pessoal também.

Questão 7: Em sua prática diária, fale-me como você utiliza as Tecnologias de Informação e comunicação, junto aos colegas de profissão.

Prof. 9: como te falei no inicio, eu e a outra professora temos mais contato bem legal, porque fizemos nossos projetos juntas, trocamos atividades, ela me ajuda ficando com meus alunos e eu ajudo ela ensinando os dela na informática... e também temos um contato bem legal com nossa supervisora, a gente troca e-mail para anexar arquivo, dar recado, mandar algum texto, é assim que eu e a professora usamos. Assim a gente trabalha junto, e é com ela que eu tenho mais contato, com os demais professores e quase nem existe, de trocar material de escola mesmo é só com ela...a gente troca material e dá aula pra mesma serie, então a gente planeja junto, nosso planejamento é praticamente igual, nossas atividades e exercícios são iguais, assim... a gente trabalha em parceria ...nosso projeto também é igual, e fica um trabalho melhor quando podemos contar com alguém.

Questão 8: De que forma você avalia o seu trabalho docente como potencial desenvolvedor da competência informacional? Qual o tipo de retorno que você tem percebido com essa nova forma de conduzir sua prática profissional?

Prof. 9: Eu acho que os alunos tem bastante interesse, pra mim trabalhar com a informática, com a tecnologia em si deixa eles muitos motivados... com esses recursos tecnológicos, quando usamos com eles é um dos momentos que eles mais desejam participar e interagir. Quase todos os dias eles ficam perguntam se vai ter informática, se vai ter cinema.... eles sempre perguntam se tem. Acho que isso tem bastante resultado,a gente percebe o quanto eles ficam empolgados, também ficam mais criativos, esperam pelo momento de ir no laboratório e colaboram para o bom andamento da aula, como vou praticamente toda a semana eu não consigo mais imaginar dar aula sem esse tipo de recurso que tem aqui na escola, é preciso se organizar... dessa forma é possível mostrar para eles coisas novas, que eles por serem de uma comunidade carente, muitas vezes não tem em casa ou não conhecem.

Questão 9: Há algo a mais que você gostaria de falar?

Prof. 9:acredito que as pergunta ficaram muito interessantes e até me despertaram a curiosidade sobre os termos que você falou. Muito interessante. Tem outra coisa que gostaria

de falar, mais é uma sugestão... o que eu acho...acho que seria bem legal se a prefeitura oferecesse cursos para professores sobre como usar o laboratório de informática e as tecnologias que temos na escola... a gente até tem bastante reuniões e encontros pedagógicos, mais nada nessa área de utilizar o laboratório da escola, os equipamentos e os programas que a escola oferece...porque são diferente do que temos em casa e tem muitos professores que ainda não sabem usar o computador, quem dera levar os alunos no laboratório

APÊNDICE D

Instrumento de Análise do Discurso - IAD (1)

Questão 1: Segundo autores da área da Ciência da Informação, o termo competência Informacional significa uma série de aspectos relacionados ao desenvolvimento intelectual humano, vinculado ao crescimento tanto pessoal como profissional das pessoas. Ela engloba desde a habilidade técnica para uso dos produtos informacionais e construção do conhecimento através das tecnologias de informação e comunicação, até a interação social das pessoas, com base na aprendizagem independente, na responsabilidade social e na aprendizagem ao longo da vida. Analisando sua prática pedagógica, você consegue identificar algum dos elementos apresentados? Se sim, de que forma. Se não, porque?

<i>Part</i>	<i>Resposta obtida na entrevista</i>	<i>Expressões Chave (ECH)</i>	<i>Idéias Centrais (IC)</i>
1	<i>Prof. 1: veja bem... acredito que todos os professores tem sempre em mente trabalhar para que seus alunos aprendam algo que possa facilitar sua vida quando adulto, por isso <u>acredito que estamos sempre trabalhando com a aprendizagem independente e com uma responsabilidade social</u> como tu falou. Sempre que vou ensinar um conteúdo <u>tento sempre fazer um paralelo com as vivências e experiências que eles trazem de casa</u>. Apesar de ser uma comunidade pobre... suas experiências são ricas e alguns alunos gostam de compartilhar e eu aproveito isso. <u>Com relação a parte tecnológica eu uso bastante, mas é para elaborar meus materiais, até já levei eles no laboratório, mas é uma bagunça, por isso prefiro não levar.</u></i>	<i>acredito que estamos sempre trabalhando com a aprendizagem independente e com uma responsabilidade social; tento sempre fazer um paralelo com as vivências e experiências que eles trazem de casa; Com relação a parte tecnológica eu uso bastante, mas é para elaborar meus materiais, até já levei eles no laboratório, mas é uma bagunça, por isso prefiro não levar.</i>	<i>Aprendizagem independente; responsabilidade social; Vivências e experiências de alunos e professores; Dificuldade de utilizar as tecnologias;</i>
2	<i>Eu acho que a própria vida já é um aprendizado, se tu tas <u>num ambiente de trabalho tu tens que te desenvolver em todas as situações, em todas as direções, tu tens que procurar crescer</u> da melhor maneira em alguma coisa não pode ficar parada, estagnada. Daí que vê as informações como vocês tem ali de informática, <u>a informática foi uma grande coisa, um avanço para o professor mesmo, o que a gente precisa recorrer à informática, ela é um caminho, uma ferramenta</u>, e é por aí que as coisas adquiridas anteriormente fazem com que o desenvolvimento da pessoa seja pleno, e também em outras situações, em outros trabalhos, em outros estudos, eu acho que tudo. <u>O ser humano tem que se desenvolver em todas as etapas, procurar sempre alguma coisa pra ta fazendo, não pode ficar estagnado, é obrigada, a sociedade faz com que ele se desenvolva de um jeito ou de outro.</u></i>	<i>num ambiente de trabalho tu tens que te desenvolver em todas as situações, tens que procurar crescer ; <u>a informática foi um avanço para o professor, ela é um caminho, uma ferramenta; O ser humano tem que se desenvolver em todas as etapas, não pode ficar estagnado, a sociedade faz com que ele se desenvolva de um jeito ou de outro.</u></i>	<i>tecnologias auxiliam a prática pedagógica; aprendizado ao longo da vida;</i>
3	<i>Sim, com certeza, <u>eu penso que as tecnologias hoje nos dão uma chance da gente adentrar no conhecimento, porque... olha a abrangência que tem no momento de uma pesquisa, no momento que a gente abre um site e faz uma leitura, até mesmo através de um jogo.... como eu trago as crianças no laboratório de informática, quanto melhor eles aprendem, por exemplo a matemática... a multiplicação através de joguinhos brincadeiras, do que tá lá muitas vezes se limitando aos livros didáticos e a explicação da professora.</u></i>	<i><u>eu penso que as tecnologias hoje nos dão uma chance da gente adentrar no conhecimento, no momento de uma pesquisa, eu trago as crianças no laboratório de informática, quanto</u></i>	<i>tecnologias auxiliam a prática pedagógica;</i>

		<i>melhor eles aprendem</i>	
4	<p><i>No caso, eu uso os computadores aqui na escola, é o que a gente tem, <u>mas é bem pouquíssimo, porque nunca tem muitos programas pra gente trabalhar, principalmente porque eles estão no início, eu estou alfabetizando, é bem complicado eu trabalhar com eles os joguinhos, porque eles não sabem ler ainda, então eu tenho que fazer devagarzinho, começar com letra, daí quando eu quero trabalhar com tal letra eu vou ali, mas não tem um programa legal que eu possa trabalhar com eles. Falta ainda.. por mais que eu procure eu não encontro algo para o nível deles, tá bem fraquinho. Eu vou ali para digitar uma letra, mas eu queria através de jogos, e são bem poucos que a gente tem. Ai tu começa, agora vem outro tipo de software, ai tu não consegue entender aquele. Eu fiz um programa, aprendi a mexer no computador, fiz até umas aulas porque eu não sabia, daí eu cheguei ali mudou tudo de novo, ai fica complicado.</u></i></p>	<p><i>eu uso os computadores aqui na escola, mas é bem pouquíssimo, porque nunca tem muitos programas pra gente trabalhar não tem um programa legal que eu possa trabalhar com eles. Falta ainda.. por mais que eu procure eu não encontro algo para o nível deles, tá bem fraquinho. Eu vou ali para digitar uma letra, mas eu queria através de jogos, e são bem poucos que a gente tem. Ai tu começa, agora vem outro tipo de software, ai tu não consegue entender aquele. Eu fiz um programa, aprendi a mexer no computador, fiz até umas aulas porque eu não sabia, daí eu cheguei ali mudou tudo de novo, ai fica complicado.</i></p>	<p><i>Dificuldade de utilizar as tecnologias;</i></p>
5	<p><i>Há sim... vários. Fazendo uma analogia com o Brasil de modo geral, enquanto que o governo brasileiro de qualquer tendência política sempre trava o desenvolvimento econômico, a economia cresce por fora. De que modo? Tu vai entender onde eu quero chegar. Através da atividade informal, que muitas vezes é chamada de ilegal. Se a gente olhar para a maioria desses alunos eles não pagam pelos livros didáticos, que alias são de qualidade razoável pra boa, eu já fiz apostila e vejo que são de boa qualidade. Mas eles pagam caro por um celular. a gente se engana achando que por eles serem de uma área periférica, são pobres miseráveis, não são. A maioria deles nas turmas de sétima e oitava série tem acesso à internet. Isso já mostra que aqueles que têm um desenvolvimento maior, tirando o grupo de evasão, são aqueles que têm acesso a esses instrumentos. Não é que os eles ou os pais ganham muito mais do que os outros que evadem, é porque a cultura e a visão de mundo são diferentes. Então quando tem a cultura da base familiar que os pais investem, mesmo que seja comprando computador, baixando arquivos ilegais, pirataria etc... isso propicia uma mudança, uma visão de mundo pra eles, que faz eles correr por fora, o que eu chamo de correr por fora? Que é uma grande ilusão de nós professores acharmos que a nossa instituição de ensino vai formar os cidadãos, não, nós somos parte do processo, parte importante. Mas existe</i></p>	<p><i>a maioria desses alunos pagam caro por um celular. A maioria deles nas turmas de sétima e oitava série têm acesso a internet. Isso já mostra que aqueles que têm um desenvolvimento maior, são aqueles que tem acesso a esses instrumentos. quando tem a cultura da base familiar que os pais investem, mesmo que seja comprando computador, baixando arquivos ilegais, pirataria etc... isso propicia uma mudança, uma visão de mundo pra eles é uma grande ilusão de nós professores acharmos que a nossa instituição de ensino vai formar os</i></p>	<p><i>Os alunos têm acesso a informação e aos recursos tecnológicos independente da escola;</i></p> <p><i>investir em recursos tecnológicos propicia uma visão de mundo diferente</i></p>

	<p><u>uma cultura de modo geral, muito ampla, que tá se desenvolvendo ai fora como um furacão, através da internet principalmente e os alunos estão muito mais adiantados que a maioria dos professores aqui que não sabe nem navegar. Então é uma ilusão achar que a escola vai conduzir esse processo, ela poderia por ventura conduzir se tivesse professores melhores qualificados, e pra ter professores mais qualificados tem que ir à base dos concursos, vê se o cara é bem informado e mas..; durante todo esse processo tem que tá sempre vendo a qualidade do professor. O problema é que isso se choca com o estatuto dos servidores, que depois de três anos as pessoas ficam sem fazer nada porque se sentem efetivadas e sabem que tem garantia. Aqui na escola a gente tem vários professores que estão readaptados, por supostos atestados, que ficam aqui cortando cartolinas, não trabalhando, que por depressão não vem mais pra escola. Depressão é uma coisa séria, depressão deixa pessoa de cama, tem que tomar remédio, fazer tratamento com psicológico e psiquiátrico, tem muita gente que diz que tem depressão e tu encontra elas na rua sorrindo, isso é regra comum aqui no município. Agora tu multiplicas isso por cinco mil municípios no Brasil e vai ver a farra que é isso. O problema está ligado à estabilidade total do servidor publico, enquanto isso existir vai existir essa farra, e a educação vai ficar para trás. Agora se eu disser isso no sindicato vão me acusar de neoliberal, e falar aquele nhenhenhe de sempre. Quando é chamado o profissional na chicha, agora vamos trabalhar sério, ver quantas horas tu faltas, claro que eventualmente tu tá muito gripado e precisa faltar, mais isso é uma vez no ano, duas por ano, mas não é assim que acontece. Os alunos tão se informatizando, tão avançando, se tu realmente entrar no mundo deles tu vai ficar surpreso, só que de um modo que a escola não dirigi.</u></p>	<p><u>cidadãos, não, nós somos parte do processo, parte importante, existe uma cultura de modo geral através da internet principalmente e os alunos estão muito mais adiantados que a maioria dos professores. é uma ilusão achar que a escola vai conduzir esse processo, ela poderia por ventura conduzir se tivesse professores melhores qualificados, e pra ter professores mais qualificados tem que ir à base dos concursos durante todo esse processo tem que tá sempre vendo a qualidade do professor. Os alunos tão se informatizando, tão avançando, se tu realmente entrar no mundo deles tu vai ficar surpreso, só que de um modo que a escola não dirigi.</u></p>	
6	<p><u>o uso de tecnologias muito pouco. Eu acho que até por uma carência de infra-estrutura, eu acho que a gente faz bem o que é possível fazer, com o que se têm. Alguns materiais que não são dotados de tanta tecnologia assim eu até posso tentar usar nas aulas, algum material lúdico ... esse tipo de coisa, agora com a parte de tecnologia levando para o sentido real da palavra, eu acredito que não.. é muito pouco. Até porque software [para a disciplina em que trabalho] ou eles exigem uma certa licença, que é preciso o município comprar ou outros são gratuitos, as vezes na versão demo, e existe um certo tempo para manusear, eles duram meia hora que você tem um tempo pra usar, dando meia hora ele vai encerrar porque entende como uma demonstração, e outra barreira é que muito dos laboratórios são equipados com Linux, o que não permite a instalação de muitos softwares, aqui por exemplo eu tenho o cabrigeometri e o geogebra, que são dois software bem legais que não é possível instalar nas máquinas porque o Linux não permite, é bem carente assim.</u></p>	<p><u>uso de tecnologias muito pouco, eu acho que a gente faz bem o que é possível fazer, com o que se têm. com a parte de tecnologia levando para o sentido real da palavra, eu acredito que não.. é muito pouco. Até porque software [para a disciplina em que trabalho] ou eles exigem uma certa licença, que é preciso o município comprar ou outros são gratuitos, as vezes na versão demo, e existe um certo tempo para manusear, eles duram meia hora que você</u></p>	<p>Investimento em recursos tecnológicos e pessoal técnico qualificado;</p> <p>Dificuldade em trabalhar com o programa instalado nos computadores;</p>

		<p><u>tem um tempo pra usar, dando meia hora ele vai encerrar porque entende como uma demonstração, e outra barreira é que muito dos laboratórios são equipados com Linux, o que não permite a instalação de muitos softwares, aqui por exemplo eu tenho, que são dois software bem legais que não é possível instalar nas máquinas porque o Linux não permite, é bem carente assim.</u></p>	
7	<p><u>deixa eu tentar entender.. elemento... você está se referindo ao uso do computador? Vou tentar te responder...dos equipamentos que eu uso com os alunos os computadores e o data show, geralmente passo os slides na parede tipo o Power point, até porque não tem outro recurso. Os únicos recursos que tem aqui são os computadores do laboratório de informática, o data show que eu uso bastante com os alunos, e eu uso também a internet. Com relação das tecnologias, eu acredito... sim, eu conheço alguns tipos de computador Word, internet... só que aqui é o Linux, o que me dificultou no começo. A primeira vez que fui ali na sala de informática a forma para entrar na internet era completamente diferente do que eu tava acostumada, o ícone que abre a página da internet é diferente no Linux, ele abre uma outra página, na primeira vez quando eu fui ali eu demorei pra entender e não conseguia navegar, ainda bem que a turma era paciente porque eu tive que ir primeiro nos computadores, só que nem eu, e muito menos os alunos sabíamos como entrar na internet nesses computadores. Essa primeira vez foi bem trabalhosa, porque tive que primeiro entender como é que funcionava, até porque um computador era diferente do outro, mesmo sendo todos do mesmo laboratório. Era assim...um iniciava de um jeito, o outro de outro, além de eu nunca ter trabalhado nem visto falar nesse programa Linux, até descobrir como funcionava e ainda com os alunos junto foi bem complicado a primeira experiência... eu pensei que quando chegasse ali tava tudo certo que era só entrar na internet como eu fazia em casa, foi aonde eu encontrei dificuldade e quase desisti, por que aqui os computadores do laboratório são diferente por causa do Linux.</u></p>	<p><u>eu uso com os alunos os computadores e o data show, geralmente passo os slides na parede tipo o Power point, até porque não tem outro recurso. Os únicos recursos que tem aqui são os computadores do laboratório de informática, o data show que eu uso bastante com os alunos, e eu uso também a internet. A primeira vez que fui ali na sala de informática nem eu, e muito menos os alunos sabíamos como entrar na internet nesses computadores. Essa primeira vez foi bem trabalhosa, porque tive que primeiro entender como é que funcionava, até porque um computador era diferente do outro, mesmo sendo todos do mesmo laboratório. Era assim...um iniciava de um jeito, o outro de outro, além de eu nunca ter trabalhado nem visto falar nesse programa Linux, até descobrir como funcionava e</u></p>	<p>recursos informacionais disponíveis na escola são utilizados;</p> <p>Dificuldade em trabalhar com o programa instalado nos computadores;</p>

		<u>ainda com os alunos junto foi bem complicado a primeira experiência... eu pensei que quando chegasse ali tava tudo certo que era só entrar na internet como eu fazia em casa, foi aonde eu encontrei dificuldade e quase desisti, por que aqui os computadores do laboratório são diferente por causa do Linux.</u>	
8	<u>Na minha prática pedagógica? Então... tem uma questão de...eu domino tranquilamente os recursos, mas na nossa escola não tem uma sala multimídia já preparada, as vezes dificulta no sentido de ter que ficar preparando sala com os equipamentos e muitas vezes deixamos de dar esse tipo de aula por não ter um lugar apropriado e porque tem que ficar montando esse espaço, daí como é muito corrido, você sai de uma sala e já entra em outra, então acaba deixando de usar.</u>	<u>...eu domino tranquilamente os recursos, mas na nossa escola não tem uma sala multimídia já preparada, deixamos de dar esse tipo de aula por não ter um lugar apropriado e porque tem que ficar montando esse espaço, daí como é muito corrido, você sai de uma sala e já entra em outra, então acaba deixando de usar.</u>	recursos informacionais disponíveis na escola são utilizados;
9	<u>não sei se o que vou responder é o que queres ouvir? Você quer saber o que eu trabalho na área da computação?é isso? Mas assim... depois que vocês deram aquele cursinho pra nós ... como eu trabalho com turma de 1ª série, e o ministério da educação coloca que agora o primeiro deve ser letrado, o que acabou com a metodologia do babebibobu, com as cartilhas, enfim... então o que eu faço, desde que tive o [cursinho de computação] tento utilizar [o laboratório], mas desde o ano passado eu me juntei com a professora da outra turma e a gente faz uma trabalho assim... o que a gente faz... com a 1ª série dá pra fazer uma monte de coisa, aqui nós temos no laboratório o Linux... nós digitamos o nome deles, tem vários joginhos legais, por exemplo... para desenvolver a coordenação motora com o mouse, teclas do teclado para procurar as letrinhas que estão aparecendo no monitor, e outras atividades que é mais de um jeito onde eles vão brincando e por consequência aprendendo. Então... eu e a outra professora nos juntamos e enquanto ela fica com uma parte da turma eu fico com a outra. Mas o que acaba acontecendo, eu tenho 25 as vezes 30 alunos na turma da manhã, que é a que eu faço esse trabalho, porque a turma da tarde é bem complicada, então com todos eles é impossível ir e muitos professores não vão por causa disso, porque não tem ninguém pra ajudar e são</u>	<u>desde que tive o [cursinho de computação] tento utilizar [o laboratório], eu e a outra professora nos juntamos e enquanto ela fica com uma parte da turma eu fico com a outra. Mas o que acaba acontecendo, eu tenho 25 as vezes 30 alunos na turma da manhã, que é a que eu faço esse trabalho, porque a turma da tarde é bem complicada, então com todos eles é impossível ir e muitos professores não vão por causa disso, porque não tem ninguém pra ajudar e são</u>	recursos informacionais disponíveis na escola são utilizados;

	<p><u>muitos alunos. Voltando... eu e a outra professora marcamos sempre aula faixa, duas aula no laboratório de informática, juntamos as turmas, divididos em 2 equipes. Ela fica com uma parte maior dos alunos na sala fazendo atividade e eu vou com o outro grupo menor pro laboratório de informática, onde procuro fazer uma atividade relacionada ao nosso planejamento que é praticamente o mesmo. Ainda bem que ela me auxilia, gostou da minha proposta e se dispõe a ficar com a minha turma, e também porque estamos fazendo o trabalho junto, da mesma série, porque senão, não teria como. Só dessa forma, trabalhando com a outra professora é que consigo utilizar os recursos que a escola tem... nossa escola é pequena, a sala de informática é bem requisitada ... então é pra isso que eu uso ,para passar vídeo, ir trabalhar com joguinhos para eles reconhecerem as letras, trabalhar a coordenação motora também... as tecnologias que a escola oferece eu estou utilizado dessa forma em parceria.</u></p>	<p><u>marcamos sempre aula faixa, duas aula no laboratório de informática, juntamos as turmas, divididos em 2 equipes. Ela fica com uma parte maior dos alunos na sala fazendo atividade e eu vou com o outro grupo menor pro laboratório de informática, onde procuro fazer uma atividade relacionada ao nosso planejamento que é praticamente o mesmo. Só dessa forma, trabalhando com a outra professora é que consigo utilizar os recursos que a escola tem... as tecnologias que a escola oferece eu estou utilizado dessa forma em parceria.</u></p>	
--	---	--	--

Questão 2: Ainda com base no conceito de Competência Informacional, diga-me o que você entende por competência informacional.

Part	Resposta obtida na entrevista	Expressões Chave (ECH)	Idéias Centrais (IC)
1	<p><u>acredito que esse termo quer dizer ter competência para usar o computador... talvez com os alunos também, saber certo esse termo.... o que significa mesmos.. isso eu não sei.</u></p>	<p><u>competência para usar o computador, com os alunos também</u></p>	<p><u>Utilização do computador</u></p>
2	<p><u>Eu acho assim, competência é o bom desempenho em alguma coisa. Então se estás aprendendo bem informática, saber lidar em todos os lados com informática, aquilo ali é competências. Já a minha competência é no ramo das letras, da sala de aula, porque eu sou professora, então eu tenho que dominar bem e de maneira diversificada aquilo que eu sei, eu tenho que mostrar que a minha competência gira em torno do meu aprendizado, e desse meu aprendizado expandir para os outros que estão a redor de mim, para mim isso ai é a competência.</u></p>	<p><u>se estás aprendendo bem informática, saber lidar em todos os lados, aquilo ali é competências</u></p>	<p><u>Dominar informática</u></p>
3	<p><u>Competência Informacional é ter conhecimento para poder usar as tecnologias. Eu tenho que ter competência, o conhecimento da tecnologia para poder tá usando, tá usando no próprio benefício para o conhecimento, faz parte de um trabalho para ampliar o conhecimento dos meus alunos, e eu também, eu tenho que ter essa competência para usufruir dela com os alunos.</u></p>	<p><u>é ter conhecimento para poder usar as tecnologia, no próprio benefício, para ampliar o conhecimento, para usufruir dela com os alunos.</u></p>	<p><u>Uso de tecnologias</u></p>
4	<p><u>Eu acho que eu tenho que ter competência</u></p>	<p><u>entender como é que eu vou</u></p>	<p><u>Domínio da</u></p>

	<p>naquilo que eu vou trabalhar na informática, porque tem que entender, eu entendo isso, não sei se é isso que tu queres que eu responda, no meu entendimento seria isso, eu tenho que ter competência para <u>entender como é que eu vou trabalhar com a informática com os alunos.</u></p>	<p><u>trabalhar com a informática com os alunos</u></p>	<p>informática</p>
5	<p>Bom, eu navego muito na internet, eu acho que a internet propicia um desenvolvimento muito grande pro sujeito, mas se ele tem uma base. Não sei se eu estou respondendo a tua pergunta. Mas se ele não tem uma base, ele vai ficar navegando em comunidades ruins e Orkut, existem boas comunidades no Orkut, mas também tem outros sites. De que modo isso poderia ser atingido, <u>ter uma sinergia entre a instituição de ensino, a informática...</u> é necessário uma cultura geral, essa cultura geral no nosso tempo, pelo menos no meu tempo, era muito dada por mitos. É fundamental que a escola estimule a leitura, mas estimular pra mim, pelo menos na minha época era cobrar... valer nota, pra cobrar e ter nota, tem que ter o contraponto, se eu não me esforçar e atingir determinada nota, eu vou rodar de ano. Agora eu te pergunto, as escolas estão rodando? Não que eu acho que tem que rodar pra melhorar o ensino, mas tem que existir esse contraponto. Agora, o governo federal através do Conselho Nacional de Educação, quer fazer uma lei federal para evitar que os alunos rodem, o PSDB acabou com o ensino em São Paulo, ao instituir a aprovação automática, que tem outro nome... educação continuada, não sei o que continuada, e depois o PT com a Erundina acabou sacramentando isso, os dois partidos que se alternam no poder no país, não quer dizer que os outros são uns santos, mas estão sendo corresponsáveis pelo declínio da educação. Porque tipo assim, a educação nos moldes tradicionais, antiga tinha muitos erros em relação conteudista, etc... Mas tinha a base sólida de como funcionava a instituição de ensino. Nós ao tentarmos melhorar isso como dizemos no ditado, jogamos fora o bebe junto com a água suja do bebe, então seja, nós jogamos fora os fundamentos da escola. Vários países no mundo, simplesmente investiram em educação e vai ver como é que é, na Coréia do Sul, não é esse processo leniente, onde o aluno tem direitos sem deveres, o problema é o seguinte, eu sou a favor da convenção da ONU sobre os direitos humanos, sem duvida que eu sou, só que os deveres? A questão é isso, a escola enquanto não tiver essa cultura retomada, que vai colocar o livro no centro dela, o livro, a leitura, a interpretação. Meu trabalho na sala de aula como professor é fundamentalmente com interpretação textos, vamos ler isso e tentar entender, e o aluno</p>	<p><u>ter uma sinergia entre a instituição de ensino, a informática, fazer [o aluno] tomar gosto, e começar a sentir o gosto pelo aquilo que ele escreveu, como por um desenho que ele faz, quando ele começa a sentir prazer por aquele trabalho que ele esta fazendo, o livro tá sendo respeitado. O livro não é uma contradição a informática, quando trouxer o livro como uma base, pra ele abrir a cabeça, ele vai usar o computador muito melhor, ter o crivo crítico.</u></p>	<p>Aprendizagem independente; O livro como base de utilização construtiva da tecnologia; Crítica aos materiais disponíveis e acessados na internet</p>

	<p>esbarra nos termos, no léxico, nas palavras, então vamos tentar entender isso. Quando ele começa entrar no mundo da escrita, a entender, a dominá-la, como é que ele vai entender e gostar, quando dominar. Como é que o aluno vai conseguir crescer na instituição, quando ele dominar e produzir alguma coisa, e a estratégia é sanduiche, faço um elogio, uma critica, e incentivo ele a melhorar, elogio e ai quando eu consigo fazer <u>ele tomar gosto, e começar a sentir o gosto pelo aquilo que ele escreveu, como por um desenho que ele faz, quando ele começa a sentir prazer por aquele trabalho que ele esta fazendo, o livro tá sendo respeitado. O livro não é uma contradição a informática.</u> Eu cresci na minha faculdade ouvindo que o computador isolaria as pessoas e muito pelo contrário, tenho amigos que fiz na internet e muitas vezes nos encontramos. Então, <u>quando trouxer o livro como uma base, pra ele abrir a cabeça, ele vai usar o computador muito melhor.</u> A questão é essa, qual é a base que ele tem na família, na escola, na sociedade, ele ouve é hap de quinta categoria, gangsthar haper, que incentiva o crime, o uso do craque, uma espécie de revolução social, um ódio disseminando, é isso que ele ouve. Mas ele pode ouvir hap com uma mensagem mais interessante, mas pra isso ele tem que ler, por que lendo ele vai entender e procurar múicas melhores, e <u>ter o crivo crítico</u> dessa música, essa música não tá dizendo nada, tá chamando a mulher da vadia, eu peguei um tradutor e essa música tá legal e a outra tá ofendendo a condição feminina. Quando ele se tocar que isso é um absurdo, mas porque ele se toucou disso, porque ele leu antes. Então as coisas não podem ser dessociáveis, a internet é maravilhosa, o computador é maravilhoso, mas se não tiver uma base sólida na escola, que é a leitura, que é a cobrança, mas pra isso o professor tem que tá presente.</p>		
6	<p>eu acho que assim, vai um pouco ao encontro do que se prega tanto nas tendências educacionais voltadas ao ensino, principalmente no que tange a contextualização... a questão de <u>tornar a escola um espaço de formação social para a vida em cidadania, não apenas um local de transmissão de conteúdo formais, mas sim que eles [alunos] consigam, talvez vislumbrando uma coisa semi utópica, que eles consigam fazer relação disso com seu cotidiano e sua vida futura. Quando se faz por exemplo.. o diagnóstico de uma turma nos primeiros meses de aula, tu vê que eles tem uma certa interação com internet ou computador, não necessariamente com planilhas eletrônicas ou coisas desse tipo que seria interessante, mas sim com sites de</u></p>	<p><u>tornar a escola um espaço de formação social para a vida em cidadania, não apenas um local de transmissão de conteúdo formais, mas sim que eles [alunos] consigam, talvez vislumbrando uma coisa semi utópica, que eles consigam fazer relação disso com seu cotidiano e sua vida futura. o diagnóstico de uma turma nos primeiros meses de aula, vê que eles tem uma certa interação com internet ou computador, quando for ensinar algum conteúdo, tentar fazer a relação daquilo</u></p>	<p>técnica que conecta a função social da escola e a realidade dos alunos;</p>

	<p>relacionamento. E também com essas questões de brincadeiras que se restringem como exemplo a pipa, confeccionar uma pipa pode exigir dele um conhecimento de área, de comprimento, de tamanho, de grandezas, só que eu não posso agüentar isso por um ano letivo, partindo desse conhecimento prévio que ele tem é possível aproveitar sim, ele consegue fazer uma pipa sem vir pra aula, o que eu posso tentar fazer <u>é quando for ensinar algum conteúdo, tentar fazer a relação daquilo que ele tem pra fazer uma conexão.</u> Mas assim, eu acredito muito nisso, apesar de ser às vezes, me pegar sendo tecnicistas. O que eu pude entender com a tua leitura, essa competência informacional pode ser um conjunto de saberes e técnicas utilizadas para que se consiga fazer uma conexão da função social da escola lá no cotidiano deles, tudo bem que epistemologicamente a escola é aquele lugar de transmissão, produção, reprodução e aferimento através de notas, mas assim, de poder tá relacionando essas coisas com o convívio deles, na hora de fazer pesquisas... porque usar o jornal diário catarinense se a gente tem o jornal Biguaçu em foco por exemplo, são coisas mais palpáveis, que fala da comunidade deles.</p>	<p><u>que ele tem pra fazer uma conexão</u></p>	
7	<p>pra ser sincera nunca ouvi esse termo, mais acredito que seja o professor <u>ter conhecimento para auxiliar os alunos no laboratório de informática.</u></p>	<p><u>ter conhecimento para auxiliar os alunos no laboratório de informática</u></p>	<p>Utilização do computador;</p>
8	<p>you diz apenas informação, ou ligando a tecnologia? ... porque se levar para o lado da palavra informação a gente passa o ano todo dando informação, mas eu imagino que você queira saber sobre essa parte de tecnologia da informação... porque a minha responsabilidade é obviamente, já é social, eu passo <u>conceitos e informações que sirva para a vida pessoal deles também</u></p>	<p><u>conceitos e informações que sirva para a vida pessoal deles também</u></p>	<p>Desenvolvimento intelectual humano pessoal e profissional;</p>
9	<p>para mim... competência é aquilo que a gente sabe fazer e usar pra alguma coisa, com um determinado objetivo. Com meus alunos, por eles serem pequenos ainda, em relação a informática o meu objetivo é que eles saibam as questões como digitação, onde dar enter e ir para baixo, onde dar espaço entre as palavras e porque isso é necessário... são coisas básicas que desde pequenos eles já sabem usar. Meu objetivo é que eles aprendam hoje o que mais tarde com certeza eles vão usar na informática e vão utilizar isso também na vida profissional e pessoal deles.... eu acho a competência <u>é saber utilizar o computador, a tecnologia na vida prática da pessoa.</u></p>	<p><u>é saber utilizar o computador, a tecnologia na vida prática da pessoa.</u></p>	<p>Utilização do computador</p>

Questão 3: Fale-me sobre qual o contexto e o que você já ouviu falar ou conhece sobre Tecnologias da Informação e Comunicação?

Part	Resposta obtida na entrevista	Expressões Chave (ECH)	Idéias Centrais (IC)
1	<p>Já ouvi falar, mas não me recordo onde, se bem que é algo muito pouco trabalhado, aqui na prefeitura já tivemos muitos cursos, seminários, socializações, palestras, mas não me recordo de ter tido nada sobre esse assunto. <u>O que foi repassado pra nós foi em relação aos computadores quando chegaram do MEC, mas também ninguém nos explicou como usar... eles falam em educação e informática, em tecnologia educacional mas é muito por cima.</u></p>	<p><u>O que foi repassado pra nós foi em relação aos computadores quando chegaram do MEC, mas também ninguém nos explicou como usar... eles falam em educação e informática, em tecnologia educacional mas é muito por cima.</u></p>	<p>As formações continuadas falam dos termos educação informática e tecnologia;</p>
2	<p><u>foi quando eu fiz exatamente o curso, aquele foi o primeiro contato que eu tive com a informática... eu acho assim, Meu Deus, ontem ainda eu estava comentando com as crianças, se nós observarmos, são crianças que não estão nem ligadas a modernidade, dá uma retrospectiva, as coisas maravilhosas que o mundo já criou, os grandes homens, as grandes gênios, as grandes pessoas, como a informática, o telefone, a luz, a lâmpada, meu deus... a anestesia, essas coisas assim que foram inventadas, que pessoas maravilhosas. Eu acho a informática... eu queria saber a informática assim, virar do avesso, eu tenho dificuldade, não sei se é porque eu não tenho tempo pra me ligar, de ter alguém que se sente, Eu sou aquela pessoa que eu gosto de saber bem uma coisa.. eu não sou assim, qualquer coisa tá bom, não, eu gosto de saber... sei? Por quê? Como fazer? E bem feito... então a informática eu ainda não sei, não sei mesmo, porque eu aí não tive tempo, de me sentar e ter aquela pessoa ou fazer aquele cursos que me dissesse assim... não por uma brincadeira, mas para realmente aprender.</u></p>	<p><u>foi quando eu fiz o curso, foi o primeiro contato que eu tive com a informática. eu queria saber a informática assim, virar do avesso, eu tenho dificuldade, não sei se é porque eu não tenho tempo pra me ligar, de ter alguém que se sente a informática eu ainda não sei, não sei mesmo, porque eu aí não tive tempo, de me sentar e ter aquela pessoa ou fazer aquele cursos que me dissesse assim... não por uma brincadeira, mas para realmente aprender.</u></p>	<p>Na formação continuada; Vontade de adquirir conhecimentos práticos para utilização das TIC</p>
3	<p><u>Olha, a gente aqui no meio educacional, a gente fala muito sobre as tecnologias educacionais, a gente teve um seminário falando sobre as tecnologias educacionais, eu mesma já participei de um curso de capacitação em São Francisco do Sul, que trouxe todo aquele programa da Proinfo... como a gente ia usar para enriquecer as nossas aulas, de que maneira íamos usar ele com os alunos, com que frequência, de que forma... através disso e também dos programas do MEC, que falam dessas questões. Tanto é que colocaram laboratórios nas escolas e foi através disso que eu tive a possibilidade de tá conhecendo sobre as tecnologias.</u></p>	<p><u>participei de um curso de capacitação em São Francisco do Sul, que trouxe todo aquele programa da Proinfo... como a gente ia usar para enriquecer as nossas aulas, de que maneira íamos usar ele com os alunos, com que frequência, de que forma.laboratórios nas escolas e foi através disso que eu tive a possibilidade de tá conhecendo sobre as tecnologias.</u></p>	<p>a inserção do laboratório de informática na escola; Proinfo ; tecnologias</p>
4	<p>nesse termo assim falando não. Eu tive sempre mas assim... vamos trabalhar com a informática... esse termo de tecnologia não...foi muito jogado pra nós.. assim... chegou os computadores na escola... vamos trabalhar...mas não teve ninguém aqui pra ensinar, explicar ou deu aula para os professores. Então a</p>	<p><u>chegou os computadores na escola, mas não teve ninguém aqui pra ensinar, explicar ou deu aula para os</u></p>	<p>a inserção do laboratório de informática na escola formação continuada</p>

	<u>gente chega e vai trabalhar com as crianças o que a gente sabe, um pouquinho né, o que a gente sabe e vai passando pra eles. Então assim, quando eu estou trabalhando com um texto, alguma coisa pra eles... vamos digitar tal textos...pra ver eles trabalhar com as letras do alfabeto que a gente trabalha... pra eles ir catando as letras.</u>	<u>professores. a gente chega e vai trabalhar com as crianças o que a gente sabe, vai passando pra eles [alunos].</u>	na área e apoio técnico
5	<u>Olha..a informática de modo geral foi quando eu fiz a minha pós lá em são Paulo, sobre tecnologias da informação foi nos anos de 1990 pra cá, foi lendo alguma coisa na internet, algum texto.</u>	<u>sobre tecnologias da informação foi nos anos de 1990; foi lendo alguma coisa na internet, algum texto.</u>	Através de leitura na internet;
6	<u>Então na graduação, a gente teve.... eu posso estar erroneamente falando em tecnologia e me restringindo falando aos aparelhos eletros eletrônicos, talvez uma simples dobradura pode ser uma tecnologia de informação e comunicação, mas me restringindo a essa parte eletrônica a gente teve alguma coisa na graduação, de acompanhamento de software de desenvolvimento de programação ou semi programação, seriam super interessante trabalhar com as crianças, porém são coisas que exigem um amadurecimento matemático maior... lembro de uma disciplina chamada de INI informática aplicada ao ensino da matemática 1 e 2, que na verdade de aplicação ao ensino da matemática para o ensino fundamental é bem pouco. Tínhamos por exemplo um programa onde dava comandos: caneta no centro da tela do tal programa, por anda 50, gira 90, ao ponto que ela vai formar uma figura, e no fim do semestre meu grupo construiu o mercado público com todos esses comandos. É um projeto super legal, porém a gente tá no ensino fundamental, ontem na quinta série eu comecei a falar de potenciação de números naturais e eles não sabiam, acabei de confirmar isso com a professora da quarta série. O que acontece é isso, tem essa questão de aplicação, só que eu preciso colocar também situação que eles vão precisar futuramente, porque são conteúdos básico, as quatro operações, acreditei eu que eles sabiam dividir por 2 números e eles não sabem, e também não fui eu que mudei essa realidade, mas na quinta série eles não sabem. Fiz exercícios e provas mas o progresso é pequeno. Às vezes a tecnologia pode ajudar, mas eu uso material dourado, ábaco, pra ensinar dezenas, unidades que estava meio confuso, que eu chamo também de tecnologia, eu acho que hoje na minha prática a tecnologia é bem exceção, até por a gente fica acomodado, se restringe, fica mesmo no quadro e giz, lista de exercício, assim...e de tecnologia bem pouco.</u>	<u>na graduação, essa parte eletrônica de acompanhamento de software de desenvolvimento de programação ou semi programação,</u>	Na graduação, com disciplinas voltadas para programação; A tecnologia é exceção na prática pedagógica
7	<u>sinceramente eu acho que já, é tipo computador né?... essas coisas mais avançadas , tipo a lousa digital notebook, acho que também deve incluir a outras coisas do computador, por exemplo o Word, o porwer point, o Excel... aquele programa de foto, de vídeos ...e tudo mais que o computador pode te ajudar..</u>	<u>é tipo computador. lousa digital notebook, acho que também deve incluir a outras coisas do computador, por exemplo o Word, o porwer point, o Excel... aquele programa de foto, de</u>	Utilização do computador e seus aplicativos como exemplo de tecnologias da informação e comunicação;

		<u>vídeos tudo mais que o computador pode te ajudar</u>	
8	<u>Assim não me recordo, para a minha idade, já tenho 31 anos, isso ai sempre foi bem trabalhado. Na época que eu ia na escola algumas coisas começaram a ser inseridas.. tipo vídeo na escola... mesmo sendo pública, uma escola do interior tinha... tava chegando os computadores. Não que eu tivesse em casa, mas com 13, 14 anos eu tava usando o MS DOS... essas coisas. Mas quando eu comecei a trabalhar já estava bem estabelecida essa questão.</u>	<u>não me recordo, sempre foi bem trabalhado, Na época que eu ia na escola algumas coisas começaram a ser inseridas.. tipo vídeo na escola... tava chegando os computadores quando eu comecei a trabalhar já estava bem estabelecida essa questão.</u>	A utilização das tecnologias é presente desde a formação inicial até a prática docente;
9	<u>na verdade eu não sei te dizer precisamente, porque assim.... falam tanto tecnologias da informação, tecnologia educacional que acaba se misturando tudo... que a gente acaba não lembrando exatamente quando ouviu falar, qual o local, qual a situação só lembro que a gente teve uma disciplina na graduação, talvez essa tenha sido a primeira vez.</u>	<u>eu não sei precisamente, falam tanto tecnologias da informação, tecnologia educacional que acaba se misturando, só lembro que a gente teve uma disciplina na graduação</u>	Na graduação tem disciplinas que tratam deste tema, porém com várias terminologias;

Questão 4: Refletindo sobre as TIC você consegue identificar quando teve o primeiro contato com este com este conceito, em que contexto?

Part	Resposta obtida na entrevista	Expressões Chave (ECH)	Ideias Centrais (IC)
1	<u>como te falei antes, não me recordo, esse termo não é familiar pra mim, porque fico 40 horas na escola e tudo o que vejo de coisas novas em relação a profissão é aqui. Talvez se tivéssemos tido algum cursinho pela prefeitura ou mesmo eu estivesse fazendo alguma pós quem sabe eu saberia te responder direito.</u>	<u>esse termo não é familiar pra mim, porque fico 40 horas na escola e tudo o que vejo de coisas novas em relação a profissão é aqui.</u>	formação continuada
2	<u>como te falei antes foi no cursinho [de informática educativa em 2004]</u>	<u>no cursinho</u>	curso de Informática educativa;
3.	<u>Na minha época de graduação as tecnologias utilizadas eram muito limitadas. Lá... lá na época da minha graduação o máximo que eu tive contato era o vídeo, a TV e o retroprojeter, era a tecnologia utilizada na época. Como hoje temos os computadores, o data show a nossa disposição pra tá usando. Mas o meu contato... sou uma pessoa muito curiosa, a principio eu queria saber, queria conhecer, queria ver como usar aquele negócio, achava que tinha que ir. Às vezes alguns colegas tinham medo porque podia quebrar, isso e aquilo, eu gostava de ir e insistir, que resultado ia dar, porque eu sabia que aquilo ia me ajudar de alguma forma.</u>	<u>época de graduação eu tive contato vídeo, a TV e o retroprojeter</u>	Na graduação;
4	<u>O contexto que eu ouvi falar foi aqui na escola e como te disse, mas em informática.. o termo tecnologia não.</u>	<u>foi aqui na escola</u>	Num curso de informática educativa;
5	<u>Foi quando eu comecei a produzir a minha primeira</u>	<u>quando eu comecei a</u>	Na produção de

	<u>apostila de pré vestibular. Daí ficava muito mais fácil eu trabalhar com o computador do que com a máquina de escrever que eu tinha. E eu percebi que o computador era muito mais que uma máquina de escrever, porque eu tinha comprado um como uma máquina de escrever melhorada, me abriu um leque de possibilidades.</u>	<u>produzir a minha primeira apostila de pré vestibular, ficava mais fácil eu trabalhar com o computador do que com a máquina de escrever. O computador era muito mais que uma máquina de escrever, me abriu um leque de possibilidades.</u>	materiais pedagógicos. A profissão docente exige a utilização das tecnologias, pois abre muitas possibilidades na preparação dos materiais;
6	<u>como te falei anteriormente, foi na graduação, nas disciplinas que tive lá.</u>	<u>foi na graduação, nas disciplinas que tive lá.</u>	Na graduação;
7	<u>disso eu me lembro bem...o meu primeiro contato foi na UFSC, onde fiz meu curso de pedagogia, numa das fases eu tive uma disciplina optativa que se chamava, se não me engano, tecnologias de informação e comunicação, foi aí que eu ouvi esse termo pela primeira vez, só que foi em 1999 e de lá pra cá as coisas mudaram muito, quase nem me lembro os conteúdos que tivemos.</u>	<u>foi na UFSC, onde fiz meu curso de pedagogia, fases eu tive uma disciplina optativa que se chamava, se não me engano, tecnologias de informação e comunicação, foi aí que eu ouvi esse termo pela primeira vez, em 1999</u>	Na graduação;
8	<u>eu acho, que depois que eu comecei a trabalhar na escola... que a gente... antes ainda na faculdade a gente usa bastante lá. A tecnologia pra poder usar fica sabendo do conceito. Ainda na faculdade... isso desde 2002, vamos colocar esta data. Mas que eu uso efetivamente é a 5 anos atrás quando eu comecei a dar aula.</u>	<u>depois que eu comecei a trabalhar na escola... a 5 anos atrás quando eu comecei a dar aula.</u>	Na graduação e com a prática profissional no ambiente escolar
9	<u>é o que acabei de te falar, acho que foi mesmo na graduação, quando eu ainda estava fazendo as disciplinas da faculdade.</u>	<u>na graduação, quando eu ainda estava fazendo as disciplinas da faculdade.</u>	Na graduação;

Questão 5: Analisando sua práxis, referente a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação, fale-me sobre o uso que você faz?

Part	Resposta obtida na entrevista	Expressões Chave (ECH)	Ideias Centrais (IC)
1	<u>deixa eu pensar...na prática com os alunos quase nada, devido as dificuldades que encontrei no inicio, e também por não ter ninguém pra ajudar a ligar os equipamentos, ou pelo menos cuidar dos alunos enquanto eu vou ligando.... mesmo assim é complicado, porque eu sei mexer no que tenho em casa, aqui é diferente, e as vezes temos medo de estragar... também tem outra questão... nem sempre que tu precisa o laboratório de informática está liberado, tem que agendar antes... isso é legal... mas as vezes dá algum imprevisto e acaba passando e tu não vai, acaba deixando de lado, é o que eu vejo pelo menos.</u>	<u>prática com os alunos quase nada, por não ter ninguém pra ajudar a ligar os equipamentos, nem sempre que tu precisa o laboratório de informática está liberado</u>	Baixo uso
2	<u>na nossa prática de ensino o que a gente mais utiliza é realmente o computador e o data show, mesmo assim com pessoas que sabem mais do que a gente. Infelizmente na nossa escola nós não temos pessoas</u>	<u>a gente mais utiliza é realmente o computador e o data show, na nossa escola</u>	Baixo uso

	<p><u>especializadas pra ficar ali com o professor realmente ensinando, dizendo como é que é. Eu sou uma pessoa que não gosto de pegar em determinados aparelhos da escola, se aparece quebrado quem foi? Ai não tem ninguém, ninguém diz que foi, quem deixou de ser e ai o aparelho fica inutilizado. Então... as entidades não tem pessoas que mantém, é um trabalho... a escola de vez em quando tem que tá chamando alguém pra concertar os computadores, e demora... demora.</u></p>	<p><u>nós não temos pessoas especializadas pra ficar ali com o professor realmente ensinando Eu sou uma pessoa que não gosto de pegar em determinados aparelhos da escola, se aparece quebrado quem foi? a escola de vez em quando tem que tá chamando alguém pra concertar os computadores, e demora</u></p>	
3	<p><u>Para mim, enquanto professora, hoje a maioria das coisas é por intermédio do computador, hoje a elaboração das minhas provas, as atividades, os textos que eu trago para eles, assim ... de uma maneira lúdica eu gosto de ver as atividades por escrito, mais que envolvam, que tragam desenho, que tragam curiosidade para eles, então eu uso muito. Em questão com eles na escola, eu acho assim muito pequeno, porque eu faço de quinze em quinze dias eu trago eles no laboratório de informática, até porque a gente tem só um laboratório de informática e são muitas turmas e a gente tem que abrir espaço para os outros. Eu acho que o ideal seria, ainda que mínimo, mas de repente duas vezes por semana tá trabalhando ali dentro. E fora de trazer eles para a aula de informática, então eu gosto muito de projetar uma aula no data show, aquilo pra eles é grande, é mais curioso, fica mais legal.... eu faço isso. Eu uso sim, eu acho que não uso o bastante como gostaria de usar, eu gostaria mais, mas também de certa forma sou impedida para isso, eu trabalho quarenta horas. Tu também não pode trazer qualquer coisa, tem que trazer algo que tu tá preparando, que tá fundamentado. E também a qualidade desses recursos, tu tens que aprender a dividir com os colegas, todo dia de repente eu poderia tá lá com computador e data show, imagina que rica que seria a minha aula, mas eu não posso transformá-los em meus, ter todo o dia na minha sala, mas na medida que eu posso eu uso.</u></p>	<p><u>hoje a maioria das coisas é por intermédio do computador, hoje a elaboração das minhas provas, as atividades, os textos que eu trago para eles, de uma maneira lúdica eu gosto de ver as atividades por escrito, mais que envolvam, que tragam desenho, que tragam curiosidade eu uso muito. Na escola, eu acho assim muito pequeno, de quinze em quinze dias eu trago eles no laboratório de informática, até porque a gente tem só um laboratório de informática e são muitas turmas e a gente tem que abrir espaço para os outros, eu gosto muito de projetar uma aula no data show, aquilo pra eles é grande, é mais curioso, fica mais legal. Não uso o bastante como gostaria de usar eu poderia tá lá com computador e data show, imagina que rica que seria a minha aula, mas eu não posso transformá-los em meus, ter todo o dia na minha sala, mas na medida que eu</u></p>	<p>Baixo uso</p>

		<u>posso eu uso.</u>	
4	<u>Outros usos não, a gente não tem aqui na escola, só é os computadores que tem ali. Tem outros modos, por exemplo, o fax... eles não sabem como trabalha um fax, esse ano eu mostrei o fax pra eles e eles ficaram admirados. Deveria ter aqui e em outro lugar para eles ver como vai e volta, a gente não tem como mostrar isso pra eles, é bem pouquíssimo as tecnologias que tem aqui na escola.</u>	<u>aqui na escola, só é os computadores, o fax... eles não sabem como trabalha um fax, esse ano eu mostrei o fax pra eles e eles ficaram admirados é bem pouquíssimo as tecnologias que tem aqui na escola.</u>	Baixo uso
5	<u>Bom... algumas vezes.. vou dar dois exemplos.. passar vídeos e utilizar o data show. No passado quando eu trabalhava em são Paulo tinha o projetor de slides, e eu adorava, porque? O slide era fundamentalmente uma foto e eu discorro sobre essa foto, eu interagia com os alunos, algumas vezes eu passava um vídeo curto de dez ou quinze minutos, depois eu vinha a gente debatia, fazia comentários, é extremamente produtivo. No entanto um vídeo de trinta ou quarenta minutos tira o professor da sala de aula, é muito mais fácil ele ficar em casa e ver outros programas de televisão, documentários, aí eu não tenho função ali. Então tem que ser uma coisa que episodicamente você intervenha, e, portanto tem que ter o domínio da máquina e editar o que vai passar. Bom ... numa escola, em que a secretaria municipal da educação determina matricular todo o aluno que chega na escola, tu acaba pegando a sala de vídeo, como nos tínhamos aqui na escola, com as cadeiras na posição correta, uma televisão apropriada, com um vídeo e DVD já instalados e prontinhos ali, tivemos que transformar essa sala numa sala normal, uma sala para alunos. O que quê acontece, quando a gente vai criar um espaço desses na sala de aula normal, são necessários cerca de quinze minutos, se tudo correr bem, levar mesa pra lá, levar o equipamento, instalar... isso daí se tu tiver muito atento a tudo, mesmo assim a sala de aula vira um caos. Tu tinha me perguntado sobre a média de alunos, eu falei tinha trinta e cindo, até que não é uma média ruim, mas tem as turmas mais cheias que são as mais novas, turma de quinta série que tem quarenta e cinco, porque quanto mais o tempo passa, eles vão se evadindo, que vão saindo do processo educacional. O que acontece, são turmas que devem ser preparadas para se portar numa sala de aula, quando tem uma determinação federal que não é necessário cobrar tabuada nas séries iniciais, novas pedagogias questionam o uso do livro e das cartilhas, e da alfabetização normal como se fazia. Esse pessoal que chega na quinta tem que ensinar certas coisas pra eles, eu falo em percentagem eles não sabem o que isso, nunca ouviram falar nisso, eu tenho que ensinar esses conceitos que não são da minha área, pra ti chegar para alunos assim, tão mal preparados, eu tenho que ensinar o que é o básico pra eles, e o que quê é o básico pra eles, é como usar uma agenda, é como se deve escrever num caderno, o que significa um parágrafo, o que é uma quebra de linha, quando eles começam a entender esses instrumentos</u>	<u>algumas vezes passar vídeos e utilizar o data show. Se eu vou perder quinze minutos da minha aula pra preparar a nova tecnologia, pra eles assistirem, aquilo vira um caos, os alunos começam a se baterem e eu tenho que tirar da sala, isso é realidade comum aqui..É claro que no meio de pensar e sonhar uma sala de vídeo com os alunos atentos, que anseiam por ver um vídeo, é uma utopia. Acabam por passar um data show na sala de informática, mas é super lotado, os alunos que tão na ponta da sala acabam não vendo o que tá no centro da tela, aí há um bloqueio não só da tecnologia, mas a educação de um modo geral, e esse é o problema que nós nos deparamos.</u>	<p>Para utilizar as tecnologias é preciso trazer algo fundamentado, pensado, que agregue conhecimento e desperte a curiosidade dos alunos;</p> <p>O professor tem que intervir para que a aula não fique monótona, por isso deve preparar a nova tecnologia;</p> <p>Mesmo com a utilização da tecnologia, o que deve ser privilegiado é a aula e o seu processo;</p> <p>Baixo uso</p>

<p>disponíveis que eles tem na mão, nisso daí toda a aula é uma concentração, eu me sinto um técnico de futebol pegando gente que nunca soube se organizar num time, que eu tenho falar alto e modular a voz. <u>Se eu vou perder quinze minutos da minha aula pra preparar a nova tecnologia, pra eles assistirem, aquilo vira um caos, os alunos começam a se baterem e eu tenho que tirar da sala, isso é realidade comum aqui.</u> Agora deu um tempo, porque diminuíram as pessoas. Mas no início do ano, todo final de aula tinha briga aqui na frente, e porque? Porque existe uma questão básica, que transcende a informação, que transcende a pedagogia, que é bem psicológica, psicológica behaviorista, nós temos uma caixa de sapato com um monte de ratinhos brancos, é isso que nos transformaram. Esse colégio tá super lotado de alunos, nós temos que ter horários de recreio diferente, para os grandes não colidam e machucarem os pequenos. <u>É claro que no meio de pensar e sonhar uma sala de vídeo com os alunos atentos, que anseiam por ver um vídeo, é uma utopia. Acabam por passar um data show na sala de informática, mas é super lotado, os alunos que tão na ponta da sala acabam não vendo o que tá no centro da tela, ai há um bloqueio não só da tecnologia, mas a educação de um modo geral, e esse é o problema que nós nos deparamos.</u> Agora... quem é que vai se por contra isso? quando a maioria do objetivos dos professores aqui simplesmente é cumprir o seu estágio probatório, depois conseguir benefício, e ficar como funcionário público que trabalha pouco, que ganha pouco e que se justifica por que não se incomoda muito e não é muito cobrado. O que tá na minha cabeça o foco é a turma, o que a gente tem que privilegiar é a sala de aula e o processo da aula. Isso é a educação dos nossos termos, não educação dos termos gerais que ele recebe em casa. Porque às vezes o professor esquece que é professor, ela há... sou um educador, não... a gente é um professor em primeiro lugar. Esse é o foco, enquanto a gente não tem um diretor que focalize isso, enquanto a secretaria municipal não tiver isso em foco, enquanto a secretaria estadual tiver isso em foco, enquanto o MEC não fizer tudo em função da sala de aula, da ordem, da disciplina, e sim da diversidade, da pluralidade e do debate em sala de aula, enquanto a sala de aula não for o coração da escola, mas não... gincanas valem mais, palestra vale mais, há...nos temos vários computadores na escola. Acho maravilhoso, temos 20 computadores lá, mas como eles são utilizados?as vezes com 1, 2 ou 5 são melhores utilizados a questão é outra, se isso aqui não funcionar que nem um relóginho, com cada peça da engrenagem funcionando tudo direitinho, o relógio não vai marcar as horas. Então... quando se vê índice de secretaria municipais, temos tantos computadores por sala, faz uma pesquisa qualitativa pra ver como eles são utilizados, e a questão da qualitativa não é a secretaria que vai pensar por nós, se nos professores não nos reunirmos num conselho pedagógico e discutimos isso de modo pragmático, mas não...</p>		
--	--	--

	<i>sempre vai esbarrar em direitos, eu sou efetivo você não é, o estatuto dos servidores publico ajuda a piorar a situação</i>		
6	<i>é o que eu falo, as vezes é muito difícil, por exemplo na oitava série, daqui a pouco eles vão ser preparado para trabalhar com função, vão conseguir desenhar gráfico, dá pra fazer parábola no computador e experimento reflexão de luz, mas olha só.... aconteceu um fato até que engraçado. Perderam a chave da sala e não queriam arrombar a porta para os alunos não ver aquela cena. Eu fiquei sabendo disso na hora do recreio, daí então <u>leva os alunos para o laboratório de informática</u>, eles estão lá e eu falei.. então tá. Eu <u>tentei montar o data show em cinco minutos, daí eu me deparei com uma dificuldade muito grande</u>, como é que eu vou fazer aqui, <u>não dava pra fazer [o exercício planejado pois não havia o programa]</u> a raiz quadrada no Word, eles não tinham o equeichom instalado, enfim não deu pra fazer a fórmula no telão, <u>ai eu desliguei, peguei um pedaço de papel pardo, colei na parede e tive que escrever para eles ir visualizando</u>. É um exemplo bem propício pra dizer que na hora que eu for trabalhar com geometria, plana, espacial, analítica, <u>é legal trabalhar com tecnologia, mas tem hora que é impossível, tem hora que não dá</u>. Foi um erro meu devia ter uma carta na manga, devia ter pensado numa opção ... na hora que eu não puder vir, na hora que faltar luz, na hora que acontecer um problema desse eu possa fazer com eles, daí eu me deparo com uma situação assim, <u>eu tenho o programa que consegui licença da UFSC, mas não consigo baixar porque aqui é o Linux, e não da pra instalar</u>, o tem uns programas bons, mas <u>tem que baixar da internet, daí no Linux não dá, ai é difícil, a prática desse porte eletrônico é bem precário na minha área</u>.</i>	<i><u>leva os alunos para o laboratório de informática, tentei montar o data show em cinco minutos, daí eu me deparei com uma dificuldade muito grande</u>, não dava pra fazer [o exercício planejado pois não havia o programa] no telão, ai eu desliguei, peguei um pedaço de papel pardo, colei na parede e tive que escrever para eles ir visualizando. eu tenho o programa que consegui licença da UFSC, mas não consigo baixar porque aqui é o Linux, e não da pra instalar, tem que baixar da internet, daí no Linux não dá, ai é difícil, a prática desse porte eletrônico é bem precário na minha área</i>	<i>Muitas vezes a tecnologia não abrange a necessidade de determinado conteúdo, por isso é importante se ter outras opções; Baixo uso.</i>
7	<i>sinceramente eu <u>não uso com frequência</u>, quando cheguei na escola eu levava os alunos mais vezes, me lembro que cada semana eu ia uma vez e fazia atividades diferentes, um dia eles <u>passava vídeo</u>, no outro <u>usava o computador</u>, outro dia pra <u>digitar</u>, no outro <u>pra passar uma imagem de algum conteúdo que estávamos estudando no data show</u>, e assim por diante. Mas <u>agora estou trazendo eles bem pouco</u>, porque <u>tem que ter tempo pra preparar, sair da sala, ligar os computadores, ou o equipamento que vai usar e não tem ninguém para ajudar</u>, o que fica muito complicado, eu sou sozinha na turma, <u>não tem auxiliar na sala nem no laboratório e as crianças não tem paciência de esperar eu montar tudo</u>.</i>	<i><u>não uso com frequência</u>, passava vídeo, usava o computador, pra passar uma imagem de algum conteúdo que estávamos estudando agora estou trazendo eles bem pouco, <u>tem que ter tempo pra preparar, sair da sala, ligar os computadores, ou o equipamento que vai usar e não tem ninguém para ajudar, auxiliar na sala nem no laboratório e as crianças não tem paciência de esperar eu montar tudo</u>.</i>	<i>A utilização das tecnologias exige tempo; Devido a não existência de apoio técnico para montar os equipamentos a utilização das tecnologias fica comprometida; Baixo uso</i>
8	<i>Como te falei, <u>tem essa dificuldade porque não tem presente uma sala de multimídia</u>, daí eu penso que</i>	<i><u>tem essa dificuldade porque não tem</u></i>	<i>Devido a não existência de apoio</i>

	<p><u>deveria ter para não ficar dando trabalho para monta , tem que ficar montando...você tem que levar o data show pra sala, tem que ir atrás de fio, de T, e ai se precisa de som, o som não dá conta, porque a sala tem 30 e poucos alunos tem que ter um som bom, acaba que algumas coisas não dá pra levar. Mas eu faço assim... tem alguma aulas nesse sentido...a escola tem data show, tem sala de computação, as vezes eu preparo, principalmente quando o projeto é maior. Por exemplo... a uns 15 dias atrás eu fiz alguma coisa sobre a água no município, porque era a semana do município, ai eu fiquei com essa parte, ai era o mesmo assunto, eu trazia os alunos pra sala de computação, deixei tudo preparando antes e trazia os alunos ali, porque ficar levando aquele trambolho pra lá e pra cá, daí realmente...não é por não saber usar as tecnologias.... eu sei usar muito bem...mas de dificuldade de ficar levando, não tem ninguém para preparar isso antes, alguém que leve os recursos até na sala. Os recursos que eu acabo usando é o data show, as mais variadas aulas podem ser dadas ali, a aula no computador, o DVD eu uso bastante porque a aula de biologia tem bastante vídeos, então eu utilizo quando é necessário visualizar um pouquinho as coisa e eu peço bastante trabalhos pra eles, daí eles tem acesso em outros horários eles vem no laboratório. Eu peço bastante, principalmente com 7ª e 8ª série eu peço pra eles entregarem os trabalhos, eles ficam liberados pra entregar por e-mail, impresso ou em cd, às vezes eu trago o meu notebook, tem alguns que trazem pen drive, ou escrito, tanto faz. Eu acabo dando uns toks dos sites que eles devem usar, como eles devem procurar os assuntos que tem diversas formas, duas páginas que os alunos conseguem achar bastante coisas de biologias e ciências, que é a wikipédia, uma enciclopédia boa, que tá se tornando pelo menos, e no o youtube acaba achando um monte de vídeo sobre divisão celular, qualquer coisa de biologia e ciência acha ali.</u></p>	<p><u>presente uma sala de multimídia, tem que ficar montando...você tem que levar o data show pra sala, tem que ir atrás de fio, de T, e ai se precisa de som, o som não dá conta, porque a sala tem 30 e poucos alunos tem que ter um som bom, acaba que algumas coisas não dá pra levar. eu faço assim escola tem data show, tem sala de computação, as vezes eu preparo, principalmente quando o projeto é maior. Os recursos que eu acabo usando é o data show, as mais variadas aulas podem ser dadas ali, a aula no computador, o DVD eu uso bastante porque a aula de biologia tem bastante vídeos, então eu utilizo quando é necessário visualizar um pouquinho as coisa Eu acabo dando uns toks dos sites que eles devem usar, como eles devem procurar os assuntos que tem diversas formas.</u></p>	<p>técnico para montar os equipamentos a utilização das tecnologias fica comprometida;</p> <p>Uma sala de multimídia montada e preparada auxiliaria o professor a utilizar os recursos disponíveis;</p> <p>Baixo uso</p>
9	<p><u>na verdade, isso, não só com os alunos na escola, mas em casa eu uso muito, pra elaborar atividade, fazer trabalhos, criar exercícios, fazer e pesquisar historinhas... tudo...eu desde cedo comecei a usar o computador e então estou sempre mexendo e fazendo coisas novas com ele, vou te dar um exemplo, até que não é referente as crianças mas a secretaria da escola... as sugestões, leis, projetos e outras coisas do MEC, são informações que a secretaria tinha que divulgar para os professores, tanto a secretaria de educação do município, quando a secretaria da escola, e são coisas que eles não mandam. O que eu faço, fico navegando na internet e descubro as coisas, acho ali, pesquiso e ainda envio pra eles... isso quando as vezes não tenho que explicar pra eles como é que é. Por isso as TIC são essencial para educação, para os professores, para os alunos, pra o bom funcionamento da escola, pra tudo.</u></p>	<p><u>não só com os alunos na escola, mas em casa eu uso muito, pra elaborar atividade, fazer trabalhos, criar exercícios, fazer e pesquisar historinhas... tudo...eu desde cedo comecei a usar o computador e então estou sempre mexendo e fazendo coisas novas com ele, fico navegando na internet e descubro as coisas, acho ali, pesquiso e ainda envio pra eles... isso quando as vezes não tenho que explicar pra eles como é que é. Por isso as</u></p>	<p>Para o professor, a utilização das tecnologias se faz desde a preparação dos materiais em casa;</p> <p>As TIC são essenciais para a educação e seus atores, assim como para o bom funcionamento da escola;</p> <p>Alto uso do computador!</p>

		<i>TIC são essencial para educação, para os professores, para os alunos, pra o bom funcionamento da escola,</i>	
--	--	---	--

Questão 6: Na literatura da Ciência da Informação os Recursos Informacionais são materiais orais, impressos, digitais e multimídia (livros, dicionários, vídeos, músicas, CDs, DVDs). Reportando a essa descrição, fale-me sobre o uso que faz dos recursos informacionais disponíveis na escola como aparato auxiliador na sua profissão.

<i>Part</i>	<i>Resposta obtida na entrevista</i>	<i>Expressões Chave (ECH)</i>	<i>Ideias Centrais (IC)</i>
1	<i>agora falando desse jeito eu consigo até pensar que uso esses recursos na maior parte do tempo que estou com os alunos, sempre procuro trazer coisas diferentes para eles, sempre que posso passo vídeo, mais ou menos um vez por mês, mas CDs com música é complicado, porque a escola tem poucos equipamentos, se não me engano são dois para todas as turmas. Na verdade o que mais uso mesmo são os livros deles e os livros que emprestamos na biblioteca.</i>	<i>uso esses recursos na maior parte do tempo que estou com os alunos passo vídeo, mais ou menos um vez por mês, mas CDs com música é complicado, porque a escola tem poucos equipamentos, se não me engano são dois para todas as turmas, o que mais uso mesmo são os livros deles e os livros que emprestamos na biblioteca.</i>	<i>Alto uso do computador;</i>
2	<i>A escola tem, inclusive na parte da prefeitura, tem uma repartição onde fica uma professora só pra lidar com DVD para trazer pra escola se precisar, mais não é sempre. Ela fica ali e nos informa, quando a gente necessita alguma coisa eles mandam, não é assim diário, mas têm recursos para usarmos.</i>	<i>na prefeitura, tem uma repartição onde fica uma professora só pra lidar com DVD para trazer pra escola se precisar, mais não é sempre</i>	<i>A prefeitura disponibiliza mídias aos professores;</i>
3	<i>Olha, essa escola aqui, eu trabalho em duas realidades diferentes, eu trabalho em Tijuca, sou efetiva lá e sou efetiva aqui. Então em creio que aqui hoje a gente tem bastante aparato, porque olha só... tu tens através da prefeitura municipal uma sala de mídias, tem uma pessoa lá que tu mandas pedir, tipo assim, eu quero um filme de DVD que trate a multiplicação, que enfatiza a multiplicação, ou eu quero do meio ambiente, eu quero do corpo humano, ela já providencia e manda, aí a escola tem DVD, televisão disponível, o data show se tu quiseres projetar, tu tens o laboratório de informática, eu penso que a principio a escola está atendendo bem isso, talvez nós que não estejamos usando, mais que a escola têm, têm. O que já é diferente da outra escola que eu trabalho lá em Tijuca, lá a gente não tem, tem o laboratório de informática mais só tem quatro computadores, enquanto que a turma tem trinta e dois alunos, então já fica difícil. Aqui não, aqui o laboratório tem vinte e poucos computadores, daí já atende, põem em dupla. Lá... não se tem data show, tem TV e vídeo mais não é móvel, fica lá numa sala. Aqui além de ter um que tu podes botar numa sala, tem outro que tu podes levar na tua sala também. Eu</i>	<i>essa escola aqui, a gente tem bastante aparato, porque através da prefeitura tem uma sala de mídias; mídias, tem uma pessoa lá que tu mandas pedir, ela já providencia e manda, aí a escola tem DVD, televisão disponível, o data show se tu quiseres projetar, tu tens o laboratório de informática, eu penso que a principio a a escola está atendendo bem isso, talvez nós que não estejamos usando, às vezes o professor usa muito a desculpa que a escola não tem, aqui não podemos usar essa desculpa de que a</i>	<i>A prefeitura disponibiliza mídias aos professores;</i> <i>a utilização dos recursos informacionais depende da vontade dos professores</i>

	<u>penso que atente. Que às vezes o professor usa muito a desculpa que a escola não tem, aqui não podemos usar essa desculpa de que a escola não tem, ele tá ali, a gente tem retro protetor, tem o episcópio, que projeta a imagem direta do livro, a gente tem as mídias, basta querer usar e fazer uso delas.</u>	<u>escola não tem, ele tá ali, a gente tem as mídias, basta querer usar e fazer uso delas.</u>	
4	<u>Eles são, eles até tem, mais como é uma escola grande, muitos dias não tem uma televisão a tua disposição, tem que fazer agendamento, aí quebra uma peça... aí não tem... aí tem que esperar.... aí passa e vai. No final das contas tu só trabalha mais com os livros e com cd, as vezes... porque como o som vai de sala em sala, muitas pessoas não cuidam como é pra trabalhar e quebram, aí quando chega a tua vez tá quebrado. Então assim, eu acho que cada professor deveria ter um aparato desse, uma multimídia para trabalhar... quero trabalhar uma música... vamos, já estou com cd. Tu tens histórias, toca a historinha.. mas não... é complicado, toda vez tu tem que descer pra vir buscar o som, pegar depois levar, no final tu vai deixando de lado, eu vou falar a verdade, vou ser bem sincera pra ti, eu uso mais os livros, o que está ao alcance meu, quando chega de aparelhos eletrônicos a gente deixa de lado. Procuo sempre ir à sala de informática, mesmo assim tu não tens muita opção, poderia passar um cd, eles ouvir, não tem um computador para cada aluno, tem que ser de dois em dois, aí já não é tão agradável como se fosse de um aluno pra cada computador.</u>	<u>até tem, tem que fazer agendamento, aí quebra uma peça... aí não tem... aí tem que esperar. No final só trabalho com os livros e com cd, acho que cada professor deveria ter um aparato desse, uma multimídia para trabalhar, uso mais os livros, quando chega aparelhos eletrônicos a gente deixa de lado. Procuo ir à sala de informática, tem que ser de dois em dois, não é tão agradável como se fosse de um aluno pra cada computador.</u>	<u>Os livros e CDs são os recursos informacionais mais utilizados; O laboratório tem espaço limitado</u>
5	<u>A biblioteca é fundamental, o livros do MEC , apesar de ter críticas pontuais eles são bons, e falta pouco para ser considerado muito bom, eu poderia dar aula sem livro. Como eu trabalhei 17 anos como professor de cursinho, a gente sabe que o professor é o centro, ele é o comunicador básico, mas a dinâmica de uma escola, de sala de aula, não é um cursinho onde os alunos têm uma base, por pior que seja, e lá eles têm um foco que é a prova, aqui é diferente. O professor se sustenta sem o livro, só que o livro auxilia muito, porque são alunos que não estão acostumados a ler... então eu estímulo eles em cima da leitura, cobro tarefa e dou nota encima da leitura, então o livro é fundamental, o computador ele está pra ser assim, depois que eles tiverem uma boa preparação com os livros. A biblioteca aqui...graças ao bibliotecário, que é muito competente.... tem sido um grande apoio pra mim. No meu caso, eu desenho, faço muitos mapas na lousa, mas basicamente eu tenho mapas mundi, Brasil e Santa Catarina, falta o mapa de regiões do mundo, tem países muitos pequenos, por exemplo, quando eu mostro mapa das regiões da Europa no mapa mundi, distantes, para explicar o que aconteceu na Bósnia, o aluno que tá lá no fundo da sala não vê, daí eu tenho que reproduzir o mapa ao lado, acho que dá pra fazer isso, a gente se vira. Mas acho que temos que ter uma mapoteca completa, que inclui as regiões do mundo, se pararmos pra pensar que um mapa desse custa de 20 à 40... no máximo 50 reais, e a gente pensar que pode investir por escola uns 300 reais, e ter uma mapoteca completa que vai durar uns 10 anos até</u>	<u>A biblioteca é fundamental, o livros do MEC são bons, eu poderia dar aula sem livro. Como eu trabalhei 17 anos como professor de cursinho, a gente sabe que o professor é o centro, ele é o comunicador básico, mas a dinâmica de uma escola, de sala de aula, não é um cursinho onde os alunos têm uma base o professor se sustenta sem o livro, só que o livro auxilia muito, porque são alunos que não estão acostumados a ler, então eu estímulo eles em cima da leitura, cobro tarefa e dou nota encima da leitura, então o livro é fundamental, o computador ele está pra ser assim, depois que eles tiverem uma boa preparação com os livros. A biblioteca</u>	<u>A biblioteca, os livros são recursos informacionais fundamentais; O livro é um recurso que auxilia o professor, o computador poderá ser também; é necessário que os alunos tenham primeiro uma boa preparação através dos livros; a biblioteca é um apoio aos professores;</u>

	<p><u>mais se bem cuidado, não é uma coisa muito cara. Mas a educação em Biguaçu não pode investir por causa da responsabilidade fiscal, não dá pra gastar mais porque não pode ultrapassar isso... concordo que a educação gasta mais... mas porque não se demite os cargos de confiança.. tem gente demais lá... não venha me dizer que a educação gasta de mais, não é no material, não é na biblioteca, não é num bebedouro, não são os ventiladores...é em outro lugar que tá o buraco.</u></p>	<p><u>aqui...graças ao bibliotecário, que é muito competente.... tem sido um grande apoio pra mim acho que temos que ter uma mapoteca completa, que inclui as regiões do mundo, investir por escola uns 300 reais, e ter uma mapoteca completa que vai durar uns 10 anos até mais se bem cuidado, não é uma coisa muito cara.</u></p>	
6	<p><u>Então...assim...multimídia...envolvendo computadores e data show eu sinto uma carência, na escola tem pouca infra-estrutura, é o que eu percebo, com relação de CDs, DVDs, vídeo e TV já é melhor, tem alguns materiais que são complementação da minha sala, até porque eu sou recém formado, eu tive uma disciplina tópicos da educação da matemática, que me ajudou bastante e é uma parte que eu me preocupo, por exemplo assim: pessoal agora nós vamos aprender uma equação do segundo grau, em apresentar o problema ou o produto sem quem sabe despertar determinado conhecimento nos alunos, então eu tento sempre jogar a situação problema com história da matemática é sempre importante fazer esse paralelo, as vezes eu não sei determinados dados e vou buscar nos livros. Eu não gosto de usar os didáticos, eles são muito padronizados, não quero ser antiético, mas os livros de matemática que foram escolhidos e que a gente tem não são bons, eu apostaria em livros com mais exercício e menos blablabla, o livro didático eu só busco quando eu sinto necessidade e que os enunciado vão colaborar com alguma coisa. Porque os livros também não estão preparados, por exemplo: calcule x ao quadro mais três x ao quadrado, é muito mecânico, ao invés dele contextualizar uma história, vai muito mecanizado e isso tudo exige uma preparação tanto minha quanto do material. O livro didático, de um livro para cada aluno, vamos abrir na página tal e vamos acompanhar ... isso eu não faço. A gente tem aqui em Biguaçu um departamento lá na prefeitura que tem vídeo e DVD, por exemplo a sexta série se tivesse aula na sexta feira eu ia ter aula sobre frações...daí eu tenho um vídeo para mostrar, só que assim já ouve toda uma conversa. A gente tem aqui uns joguinhos...mas assim, tem um joguinho de cada e daí não dá pra todo mundo. Aqui às vezes eu sou tido como chato, eu brigo muito por algumas coisas, um espaço adequado nós não temos, a escola foi projetada e construída sem a mínima noção de um profissional da educação do lado. As sala além de não serem equipadas com absolutamente nada ...nem cortina a gente tem, nem vidros na janelas, nem ventiladores funcionando, nem apagadores, é um caos total, a superlotação das salas e a gente tenta fazer</u></p>	<p><u>multimídia...envolvendo computadores e data show eu sinto uma carência, na escola tem pouca infra-estrutura, é o que eu percebo, com relação de CDs, DVDs, vídeo e TV já é melhor, tem alguns materiais que são complementação da minha sala as vezes eu não sei determinados dados e vou buscar nos livros. Eu não gosto de usar os didáticos, eles são muito padronizados. s, eu só busco quando eu sinto necessidade e que os enunciado vão colaborar com alguma coisa. Em Biguaçu um departamento que tem vídeo e DVD. eu brigo muito por algumas coisas, um espaço adequado nós não temos, a escola foi projetada e construída sem a mínima noção de um profissional da educação do lado. As sala além de não serem equipadas com absolutamente nada ...nem cortina a gente tem, nem vidros na janelas, nem ventiladores funcionando, nem apagadores, é um caos total, a superlotação das salas e a gente tenta fazer um trabalho</u></p>	<p>A escola é carente em recursos multimídias;</p> <p>Os livros didáticos são padronizados, e só são utilizados quando necessário;</p> <p>Estrutura física do prédio é limitada</p>

	<p><u>um trabalho de redução, realocação desses alunos, mas ai vem cinco alunos de novo e lota as salas, quer dizer é complicado sabe.</u> Infelizmente a prática acontece, porque eu ainda tenho uma boa vontade de fazer alguma coisa pela prova Brasil, ano que vem vai ter de novo, eu tava contando para os alunos da 8ª série, eu fiz um concurso e as provas estão cada vez mais difíceis... matemática é uma disciplina de corte junto com a língua portuguesa, as pessoas costumam se sair mal nas provas de matemática, porque? Porque falou base... e as vezes o copia e resolve não é o melhor pra aprendizagem ..a gente vai ter a olimpíada da matemática na próxima semana, a olimpíada traz essas questões mais funcionais, daí os alunos se deparam com questões que eles não conseguem.. há problemas seriíssimos de interpretação...por exemplo para calcular a fórmula de bascara eles sabem muito bem, só que numa situação problema do seu dia a dia ou ainda quando tem a contextualização do problema eles não conseguem resolver.</p>	<p><u>de redução, realocação desses alunos, mas ai vem cinco alunos de novo e lota as salas, quer dizer é complicado sabe.</u></p>	
7	<p>no meu dia a dia, o que faço... eles tem <u>os livros didáticos que a gente usa bastante em sala de aula, fazendo exercício, o livro deles de português é bem legal, não tem muita coisa de gramática, mas tem os textos, historinhas que dá pra aproveitar com eles.</u> Outra coisa que também uso bastante são <u>os livros da biblioteca que eles podem pegar emprestado e levar pra casa, tem vezes que eu mesma pego e levo pra sala para contar historinhas pra eles, também tem DVDs que eu já usei, sobre Cds a escola tem alguns, eu até trouxe algumas vezes o meu som para passar músicas, mas é complicado porque venho de ônibus, faz tempo que não trago, e eles acabam ficando sem ouvir música e histórias em Cd daí as que eu conto é através dos livros.</u></p>	<p><u>os livros didáticos a gente usa em sala de aula, os livros da biblioteca que eles podem pegar emprestado e levar pra casa tem DVDs, Cds a escola tem alguns eu até trouxe algumas vezes o meu som para passar músicas, mas, faz tempo que não trago, e eles acabam ficando sem ouvir música e histórias em Cd daí as que eu conto é através dos livros.</u></p>	<p>livros didáticos são recursos informacionais bastante utilizados em sala, livros da biblioteca, CDs e DVDs que a escola disponibiliza;</p>
8	<p>serve, serviria muito mais se houvesse aquela condição, eles <u>tinham uma sala aqui na escola que era para isso, mas ai foram aceitando mais alunos e acabaram usando como sala de aula, o que dificulta.</u> Eu também não vou ficar brigando, não é minha parte ficar brigando para construir uma sala, eu usaria, sinceramente <u>se tivesse uma sala pra mim, que eu deixasse montada, nem que eu comprasse, eu usaria direto que é muito fácil com acesso a internet, essas coisas.</u></p>	<p><u>tinham uma sala aqui na escola que era para isso, mas ai foram aceitando mais alunos e acabaram usando como sala de aula, o que dificulta. se tivesse uma sala pra mim, que deixasse montada, usaria direto que é muito fácil com acesso a internet</u></p>	<p>Falta uma sala de multimídia montada na escola</p>
9	<p>pra mim... eu acho que assim... primeiro o <u>professor deve ter disposição para usar os materiais.</u> Aqui temos a sala de informática, tem DVDs no arquivo da <u>secretaria municipal</u> que a gente pede, nossa escola tem o <u>privilegio de ter um data show</u> que pode ser usado para passar filme... assistir como cinema, também, tem <u>um aparelho de som</u> aqui na escola. Então <u>basta o professor ir atrás desses recursos.</u> O que acontece, por exemplo...tem professor que é acomodado por algum motivo, ou as vezes pode ser</p>	<p><u>professor deve ter disposição para usar os materiais, temos a sala de informática, DVDs no arquivo da secretaria municipal, tem o data show, um aparelho de som. Basta o professor ir atrás desses recursos, tenho</u></p>	<p>Os professores devem querer e fazer uso dos recursos informacionais disponíveis na escola;</p> <p>A prefeitura tem um departamento com</p>

	<p><u>que não tenha conhecimento desses equipamentos que tem na escola ... o que eu acho difícil. Pra mim, eu tenho conhecimento normal da informática, isso faz parte da minha vida, do meu cotidiano, porém tem professores mais antigos que não tem esse conhecimento em informática e as vezes não querem ter. Tem coisas que o professor tem que ser e estar disposto há aprender, não só pra profissão, mais pra sua vida pessoal também.</u></p>	<p><u>conhecimento normal da informática, isso faz parte da minha vida, do meu cotidiano. O professor tem que ser e estar disposto há aprender, não só pra profissão, mais pra sua vida pessoal também.</u></p>	<p>acervo de mídias disponíveis aos professores;</p> <p>O professor tem que estar disposto a aprender, não só para a profissão, mais para sua vida pessoal também;</p>
--	---	---	--

Questão 7: Em sua prática diária, fale-me como você utiliza as Tecnologias de Informação e comunicação, junto aos colegas de profissão.

Part	Resposta obtida na entrevista	Expressões Chave (ECH)	Ideias Centrais (IC)
1	<p><u>isso deixo um pouco a desejar, primeiro porque a gente fica 40 horas em sala de aula, as aulas de educação física, espanhol, inglês eu aproveito para corrigir as atividades do caderno, provas e trabalhos, mesmo assim os horários que temos essas horas não coincidem com os horários de folga dos outros. Só nos encontramos realmente em reuniões e nos cursos que a prefeitura oferece, e mesmo assim não dá pra trocar muita experiência, pois estamos ocupados, acredito que essa troca com os colegas é mínima, é uma coisa que deveria ser melhorada.</u></p>	<p><u>isso deixo um pouco a desejar, primeiro porque a gente fica 40 horas em sala de aula, Só nos encontramos realmente em reuniões e nos cursos que a prefeitura oferece, e mesmo assim não dá pra trocar muita experiência, pois estamos ocupados, acredito que essa troca com os colegas é mínima, é uma coisa que deveria ser melhorada.</u></p>	<p>A utilização das TIC com os colegas de profissão precisa ser melhorada;</p>
2	<p><u>isso a gente faz muito pouco.</u></p>	<p><u>A gente faz</u></p>	<p>Muito pouco</p>
3	<p><u>olha, como trabalho em duas escolas, o que mais faço é comentar relatos de experiências com os alunos, mas como nem todos os professores utilizam as tecnologias, muitas vezes passa despercebido, é mas uma conversa.</u></p>	<p><u>trabalho em duas escolas, o que mais faço é comentar relatos de experiências com os alunos.</u></p>	<p>Como nem todos os professores utilizam, muitas vezes a troca de experiência passa despercebida;</p>
4	<p><u>A gente comenta, mas como é primeiro ano, eu estou sozinha a tarde, de manhã tá outro professor e tu não chega falar com ele, fica mais isolado, vou falar...a verdade é, eu fico mais na minha.. os outros professores são de outras séries... não tem a ver comigo, não são os mesmos conteúdos, aí a gente não troca nem repassa as experiências.</u></p>	<p><u>eu fico mais na minha.. os outros professores são de outras séries... não tem a ver comigo, não são os mesmos conteúdos, aí a gente não troca nem repassa as experiências..</u></p>	<p>Não existe troca de experiência, somente comentários devido a diferença de turmas que os professores lecionam;</p>
5	<p><u>Boa pergunta, eu troco vídeos e DVDs com alguns colegas, mas não temos um trabalho integrado que seria o ideal, pra ter o trabalho integrado, com quem você tem mais intimidade... o professor de ciências aqui é muito amigo meu e a gente troca e faz alguns trabalhos juntos, mas não existe essa socialização de vamos pegar uma mídia e trabalhar junto. Isso parte de atitudes individuais de um ou outro professor em socializar, mas não existe um projeto da escola em integrá-los.</u></p>	<p><u>eu troco vídeos e DVDs com alguns colegas, mas não temos um trabalho integrado que seria o ideal. não existe essa socialização de vamos pegar uma mídia e trabalhar junto. Isso parte de atitudes</u></p>	<p>Existe uma troca de experiência, mas o ideal seria um trabalho integrado, parte de atitudes individuais, deveria ter um projeto da escola para integrar as experiências;</p>

		<u>individuais de um ou outro professor em socializar, mas não existe um projeto da escola em integrá-lo</u>	
6	<p>A gente tem alguns problemas funcionais aqui na escola, eu vejo que <u>a gente tem um grupo de professores, que não é 100%, mas um grupo muito bom e com muita vontade. Se reparares naquela foto ali é a 8ª série, por eu faço parte de um grupo folclórico aqui da cidade, eu tenho um carinho muito grande pela cidade, na semana do município eu fiquei preocupado em não se falar nada do município... nas aulas de história não ia ser comentado sobre a colonização dos açorianos em Biguaçu, o que é o casarão que tem lá na praça.. como surgiu, o que significa... isso é a formação do cidadão. Daí eu chamei todo mundo, meio contra a vontade de algumas pessoas, mas enfim... as coisas saíram, eles produziram textos, souberam da história, a gente passou vídeos ...a professora de artes trabalho com mosaico dos monumentos históricos, <u>a partir do momento que tem alguém para guiar o grupo, as trocas acontecem e o trabalho fica mais significativo.</u></u></p> <p>Para tu teres uma idéia, desde o início do ano eu e o professor de matemática não nos encontramos, nosso planejamento é diferente... e aí? será que ele conseguiu?...não se tem um planejamento da disciplina, imagina com os outros professores de outras áreas, fica muito em falas... as reuniões pedagógicas viram muros de lamentação, tem alguns obstáculos que por mais que se queira, outras coisas viram prioridades... por exemplo quando eu entro na sala e vejo um menino que senta na janela usando um caderno pra tapar o sol e nós temos não sei quantas cortinas ensacadas na prateleira. Eu não consigo botar a cortina, eu não tenho tempo, se precisar eu até coloco.... A gente teve um seminário sobre educação inclusiva... daí eu peguei o microfone e disse ... gente quem disse matricula que é sinônimo de inclusão...matricularam o menino e não tem uma rampa para chegar na escola, a cadeira dele não passa na porta da sala, ele não consegue ir sozinho ao banheiro... eu pergunto isso é inclusão, colocar o segundo professor na sala...isso é educação inclusiva.. então eles me dizem que sou oposição, que eu tenho intriga partidária... mas não..ou é, ou não é.. se não, vou colocar a minha camiseta do turma do faz de conta... os alunos fingem que vem pra estudar e eu finjo que venho pra dar aula.</p>	<p><u>A gente tem um grupo de professores muito bom e com muita vontade, a partir do momento que tem alguém para guiar o grupo, as trocas acontecem e o trabalho fica mais significativo.</u></p>	<p>falta alguém para guiar o grupo para que as trocas de experiências aconteçam para que o trabalho seja mais significativo;</p>
7	<p>sinceramente junto com meus colegas, é quase nunca, <u>a gente faz troca de experiências somente nas reuniões, nós não temos nenhum horário disponível ou reservado para trocar idéias, experiências... figurinhas mesmo..., é mais com a supervisora, que é uma pessoa bem aberta e dá liberdade pra gente perguntar, tirar dúvidas e trocar idéias e atividades.</u></p> <p>O que faço muito é mostrar pra ela meus trabalhos e atividades em pen drive, coisas pra ela orientar, corrigir e às vezes imprimir pra mim. <u>Em relação aos</u></p>	<p><u>a gente faz troca de experiências somente nas reuniões, nenhum horário disponível ou reservado para trocar idéias, experiências é mais com a supervisora, que é uma pessoa bem aberta e dá liberdade</u></p>	<p>Não existe tempo estipulado para troca de idéias e experiências referente;</p>

	<u>outros professores, sinceramente, a gente só troca com a outra professora da turma da tarde... e também somente as atividades e exercícios que são dados através de folhas, e muito rápido porque a gente só tem tempo livre nas reuniões.</u>	<u>pra gente perguntar, tirar dúvidas e trocar idéias e atividades. Em relação aos outros professores, sinceramente, a gente só troca com a outra professora da turma da tarde... e também somente as atividades e exercícios que são dados através de folhas, e muito rápido porque a gente só tem tempo livre nas reuniões.</u>	
8	<u>Sinceramente eu não compartilho, porque eu acho que o professor tem a obrigação de saber utilizar as tecnologias, eu não vou ficar ensinando ninguém, esse não é o meu papel.</u>	<u>não compartilho, o professor tem a obrigação de saber utilizar as tecnologias eu não vou ficar ensinando ninguém</u>	<u>O professor tem a obrigação de saber utilizar as tecnologias, por isso não compartilho;</u>
9	<u>como te falei no início, eu e a outra professora temos um contato bem legal, porque fizemos nossos projetos juntos, trocamos atividades, ela me ajuda ficando com meus alunos e eu ajudo ela ensinando os dela na informática... e também temos um contato bem legal com nossa supervisora, a gente troca e-mail para anexar arquivo, dar recado, mandar algum texto, é assim que eu e a professora usamos. Assim a gente trabalha junto, e é com ela que eu tenho mais contato, com os demais professores quase não existe, de trocar material de escola mesmo é só com ela...a gente troca material e dá aula pra mesma série, então a gente planeja junto, nosso planejamento é praticamente igual, nossas atividades e exercícios são iguais, assim... a gente trabalha em parceria ...nosso projeto também é igual, e fica um trabalho melhor quando podemos contar com alguém.</u>	<u>eu e a outra professora temos um contato bem legal, porque fizemos nossos projetos juntos, trocamos atividades, ela me ajuda ficando com meus alunos e eu ajudo ela ensinando os dela na informática... e também temos um contato bem legal com nossa supervisora, a gente troca e-mail para anexar arquivo, dar recado, mandar algum texto, é assim que eu e a professora usamos. Assim a gente trabalha junto, e é com ela que eu tenho mais contato, com os demais professores quase não existe..a gente troca material e dá aula pra mesma série, então a gente planeja junto, a gente trabalha em parceria ...nosso projeto também é igual, e fica um trabalho melhor quando podemos contar com alguém.</u>	<u>Com o grupo geral de professore é mais difícil, mas com a professora que leciona na mesma série é que faço parceria, os projetos e atividades são juntos e fica um trabalho melhor quando podemos contar com alguém;</u>

Questão 8: De que forma você avalia o seu trabalho docente como potencial desenvolvedor da competência informacional? Qual o tipo de retorno que você tem percebido com essa nova forma de conduzir sua prática profissional?

Part	Resposta obtida na entrevista	Expressões Chave (ECH)	Ideias Centrais (IC)
1	<p>como te falei no início, <u>meu trabalho já é voltado para que os alunos consigam desenvolver sua própria independência e autonomia, isso é a minha responsabilidade como professora e também uma responsabilidade social. O que eu realmente deixo a desejar e que poderia melhorar é utilizar mais esses recursos tecnológicos para atrair meus alunos, fazer minha aula ficar melhor...</u> mas sem uma ajuda é tão difícil... é tão trabalhoso ter que ficar toda hora chamando a atenção deles para não estragar os equipamentos da escola, eu acredito que se tivesse alguém para ajudar ou até mesmo dar sugestões... <u>algum curso... que nós pudéssemos aprender a lidar com essas questões das tecnologias, nosso trabalho seria melhor.</u></p>	<p><u>meu trabalho já é voltado para que os alunos consigam desenvolver sua própria independência e autonomia, isso é a minha responsabilidade como professora e também uma responsabilidade social. O que eu poderia melhorar é utilizar mais esses recursos tecnológicos para atrair meus alunos, fazer minha aula ficar melhor. Algum curso... que nós pudéssemos aprender a lidar com essas questões das tecnologias, nosso trabalho seria melhor.</u></p>	<p>O trabalho docente seria melhor se os professores tivessem cursos para a utilização das tecnologias ;</p>
2	<p>eu como professor... depois de expor o assunto, os alunos participarem através da visão, nós temos um trabalho escrito, eu pego aquilo ali para os testes avaliativos. Apesar de vermos assim... de computador.. muitas palavras que estão se utilizando, e escrevem errado ou abreviado... eles acham como eles vêem no computador escrito dessa forma, nesses bate papos que eles usam, na informalidade... eles acham que na redação é normal aquilo ali, então a gente diz assim, não meu filho é uma forma não formal... você tem que na redação utilizar a linguagem corretamente escrita, e tem que utilizar porque na era moderna utiliza bastante, não pode ficar de mãos atadas. Eu achava que na escola devia ter um pessoal realmente aperfeiçoado, que realmente entendesse como vocês, que se formaram e estão dentro daquilo ali, porque aqui na escola todas as pessoas, entendem um pouquinho, sabem um pouquinho, não é aquele conhecimento científico, técnico, não .., um entende daqui, outro entende dali, um faz bem, outro faz mal, um acha que sabe o outro diz que não é então não tem um aperfeiçoamento da coisa. Mas vai, é uma luzinha aos pouquinhos, poderia ser melhor.. <u>já tem computador na escola, já tem aulas de computação, mas poderia ter um pessoal fixo e especializado pra tá ali lidando com essas questões, quando a gente levasse os alunos... saber mais do que a gente, a gente não tem especialidade, não tá dentro da nossa área, a gente</u></p>	<p><u>já tem computador na escola, já tem aulas de computação, mas poderia ter um pessoal fixo e especializado pra tá ali lidando com essas questões, a gente não tem especialidade, não tá dentro da nossa área, a gente procura, pede informação</u></p>	<p>Mesmo tendo os computadores e a aulas de computação seria interessante se a escola tivesse algum técnico especializado para auxiliar os professores;</p>

	<i>procura, pede informação... mas que seria bom seria...</i>		
3	<i>Eu embora tenha vinte e dois anos de magistério, <u>nessa questão das competências tecnológicas</u> eu estou engatinhado, eu sou uma das professoras que estou engatinhando, eu <u>não me fecho ao novo</u>, eu penso que poderia usar mais, eu <u>penso que não estou usando tanto como deveria</u>. Mesmo o pouco que eu uso, eu sinto que <u>enriquece</u>, enriquece bastante, faz assim eles terem uma visão mais ampla, o que só traz o livro didático, o livro didático é bom, eu uso, mas quando a gente vem aqui no laboratório, entra num site, ou quando eu projeto as imagens, por exemplo quando trabalhamos as plantas, eu projeto as imagens, nossa como encanta, muito mais que ali no livro, tá olhando, tá pesquisando. Eu vejo assim também, o quê que ajudou nisso, antes como a gente não tinha esses recursos para levar essas imagens, tipo quando a gente quer projetar a imagem em sala de aula, o quê que a gente fazia, fazia as aulas passeio. Mas hoje é um risco muito grande, sair com uma turma grande por ai com as crianças, elas são ricas as aulas passeios? São, muitas vezes tu fazia os passeios, pra ver um tipo de vegetação, o formato de um rio, ou a formação dele, e hoje tu trazes isso pra dentro da sala de aula através das imagens que projetam os recursos tecnológicos, e ai com isso tu trás pra sala de aula, tu tá mostrando, tu não tá podendo que eles tenham esse conhecimento. Mas pra mim quanto professora estou um tanto quanto aliviada, de não estar com vinte e quatro alunos a beira de um rio, ou de um lago, dependendo de um transporte pra levar, ou muitas vezes não tendo a autorização pra sair com eles. Então eu trago isso pra dentro da sala e enriquece bastante.</i>	<i><u>nessa questão das competências tecnológicas, não me fecho ao novo, penso que não estou usando tanto como deveria. Mesmo o pouco que eu uso, eu sinto que enriquece.</u></i>	<i>Mesmo com o pouco uso das tecnologias, quando utilizadas elas enriquecem as aulas;</i>
4	<i>Eu vejo que <u>os alunos ficam mais entusiasmados, eles adoram essas novidades diferentes</u>, eu percebo isso. Eu <u>sempre procuro fazer diferente a minha aula</u>, porque eles ficam quatro horas comigo, muitos são desmotivados, eles vem assim de casa. Principalmente esse ano, eu tenho uma turma muito desmotivada, eu procuro trazer sempre coisas diferente pra ver se eles se motivam. Eu <u>avalio meu trabalho como bom</u>, não é regular e sim bom, eu considero, <u>a gente vai em busca do que gente consegue, do que a gente tem próximo da gente</u>, não é ótimo o meu trabalho, mas eu <u>faço o possível dentro do que eu encontro</u>.</i>	<i><u>os alunos ficam entusiasmados, eles adoram essas novidades diferentes, sempre procuro fazer diferente a minha aula, eles adoram essas novidades diferentes, avalio meu trabalho como bom, a gente vai em busca do que gente consegue, do que tá próximo da gente, faço o possível dentro do que eu encontro.</u></i>	<i>Os professores consideram seu trabalho bom; Utilizam a tecnologia conforme seu conhecimento e habilidade</i>
5	<i>Boa pergunta, muito boa pergunta. Na verdade o que eu percebo é o seguinte, os alunos estão acostumados a se avaliar como incompetentes, embora eles não usem essa palavra, e sim burros. E quando eles percebem que ler e entender um texto não é tão difícil assim, eles começam a ver que o acesso a inteligência e a informação não é uma tarefa impossível... isso é como tirar leite de pedra no início... mas depois a coisa vai por si só. <u>Uma vez que você os ensina a operar fica mais fácil de trabalhar</u>. Alguns alunos se ressentem por não ter internet em casa, isso pra eles é uma questão de</i>	<i><u>Uma vez que você os ensina a operar fica mais fácil de trabalhar. Na medida que eu começo a mostrar que é possível usar um computador público, e acessar informações importantes através</u></i>	<i>Uma vez que você os ensina a operar fica mais fácil de trabalhar.</i>

	<p><i>status, que é muito importante aqui na comunidade, e os próprios alunos que tem se exibem com isso. <u>Na medida que eu começo a mostrar que é possível usar um computador público, e acessar informações importantes através dele.. então tu acaba eliminado um estigma ruim de que só quem tem recursos é que pode se tornar mais inteligente. Isso é uma coisa... então infelizmente eu gostaria de dizer que esse retorno é melhor...mas o que acontece é uma evasão escolar, é como eu disse os recursos são parte do processo e não o fim. Eu sou contra aos professores que dão trabalhinhos para os alunos fazer na internet, porque é um copia e cola, na verdade eu faço eles pesquisar na internet, ai eles chegam com o trabalho pronto, ai eu digo na sala que agora é que a gente vai fazer o trabalho em sala de aula a partir do que vocês pesquisaram, muitos protestam, o que de certo modo é até funcional, porque ele não pode trazer o computador na sala, ai a gente na sala fazem o trabalho com outras perguntas. Agora porque que a educação se sustenta assim, porque pra muitos ela é um bico. Enquanto tiver uma grande oferta de professores no mercado a educação vai ficar assim, porque o governante sabe... se tem um reclamando, tem dez que querem entrar. Só vai mudar quando grandes empresas se instalarem aqui e exigirem qualificação profissional para os seus quadros, ai o aluno de segundo grau vai procurar um curso para se capacitar para entrar em determinada empresa. Essa é a aposta de quando vier o estaleiro para Biguaçu, agora é o momento de planejar o desenvolvimento da cidade, o que os vereadores deviam tá fazendo? Discutindo o plano diretor...porque o desenvolvimento vai vir, vai vir a grande empresa, mas não... como de resto no Brasil ... eles vão deixar os imigrantes chegar, o problema se gerar, ocupar propriedades impróprias, acontecerem deslizamento, muitas pessoas morrerem ai vai se discutir o problema depois, é assim que funciona.</u></i></p>	<p><i>dele, acaba eliminado um estigma ruim de que só quem tem recursos é que pode se tornar mais inteligente, os recursos são parte do processo e não o fim.</i></p>	
6	<p><i>é uma questão complicada, primeiro que a auto avaliação é uma coisa difícil... eu tenho medo de andar numa linha muito tênue entre ser matemático ou de ser professor de matemática...o fato de eu gostar muito do conteúdo que eu leciono... isso me deixa numa empolgação que não é a mesma deles, eles tem outras disciplinas.. outros gostos. Às vezes resolver uma equação daquele jeitinho, daquele padrão..me deixa muito feliz e pra eles é uma coisa muito chata, que eles não tão nem afim de ver. O medo de não conseguir fazer com que eles tenham o mínimo de conhecimento pra aplicação do que eu ensino em algum dia... eu sou muito formal... eu quero que o x ao quadrado esteja certinho, eu quero que ele saiba dividir um polinômio por outro, mesmo eles me perguntando professor mas pra que isso?...e as vezes eu não consigo dar uma explicação, ele sai daqui e vai pra lan house, vai soltar pipa e não precisa saber isso, eu tenho medo. A minha prática tenta ser no sentido de proporcionar a eles, como eles dizem, uma matemática mais legal, sem ser tão chato, apesar de que eu sou muito rigoroso com disciplina, eu me altero, a minha voz é mais forte nas quintas séries, porque eu não acho que eu sou professor tradicional,</i></p>	<p><i>é uma questão complicada, a auto avaliação é uma coisa difícil, o fato de gostar muito do conteúdo que eu leciono me deixa numa empolgação que não é a mesma deles, medo de não conseguir fazer com que eles tenham o mínimo de conhecimento pra aplicação do que eu ensino em algum dia. minha prática tenta ser no sentido de proporcionar a eles, mais legal; professor mediador, funciona quanto todos fazem parte de um mesmo</i></p>	<p><i>O desafio dos professores está em conseguir fazer com que os alunos tenham o mínimo de conhecimento pra aplicação do que foi ensinado pelo professor em algum dia;</i></p>

	<p>mas algumas coisas tem que ser mantidas, essa historia de <u>professor mediador, funciona quanto todos fazem parte de um mesmo objetivo, quando os alunos estão em lados opostos dos objetivos da escola ou da gente fica mais difícil</u>. Eu consigo ver na reação deles quando, por exemplo... algumas crianças me esperam na porta eu percebo uma questão de carinho, quando eu encontro uma aluna da 8ª série me diz assim.. professor, ainda bem que você me ensinou os subprodutos se não eu tava ralada na nova escola ...alguma coisa pelo menos ela lembrou que eu falei, quando eu encontro com eles na rua a relação geralmente é muito boa. A 8ª série me escolheu como regente este ano, então eu vejo que eles tentam fazer um tipo de reconhecimento... aluno as vezes é meio traiçoeiro, até que ponto eles me encontram, beijam e abraçam ou tentam manter essa boa relação, porque talvez eu sou o professor da disciplina que eles menos gostam, existe isso, impregnado desde criança quando eles sabem que matemática é chato e difícil, desconstruir isso é complicado então eu tento amenizar. Eu <u>me sinto frustrado</u>, essa escola me demonstrou umas... não sei se isso é geral, <u>não sei se é característico do magistério</u>, ela me deixou muito frustrado em relação em muitas coisas, <u>ao repensar se eu quero ser professor ao resto da vida, não estou falando em termos de salário em nada disso, a prática docente é uma coisa que me encanta</u>. ..eu vou ser advogado daqui a dois anos e vou poder optar o que eu vou fazer da minha vida...aqui eu tive que aprender algumas coisas que não é por ai...<u>o trabalho da gente é muito gratificante, não que a gente espere um reconhecimento, mas que ele consiga pelo menos caminhar...</u>e quando tem pessoas brecando a todo momento, isso se torna cansativo e a gente não bate o prego com a mesma força, isso que eu tenho apenas quatro anos de magistério. Eu <u>tenho medo de querer poder fazer mais coisas, eu me acomodo em certo momento sim...</u> <u>essa desmotivação as vezes bate mas e a gente acaba muitas vezes fazendo o mínimo com potencial de fazer muito mais, de contribuir muito mais...</u> eu fico muito triste e decepcionado, há uma certa <u>esperança, há conversas...</u> Biguaçu ainda é uma cidade muito pequena, muito politqueira... então cargos são indicados, pessoas não preparadas são colocadas aqui como membros...</p>	<p><u>objetivo, quando os alunos estão em lados opostos dos objetivos da escola ou da gente fica mais difícil; me sinto frustrado, não sei se é característico do magistério, ao repensar se eu quero ser professor ao resto da vida, não estou falando em termos de salário em nada disso, a prática docente é uma coisa que me encanta. o trabalho da gente é muito gratificante, não que a gente espere um reconhecimento, mas que ele consiga pelo menos caminhar. tenho medo de querer poder fazer mais coisas, eu me acomodo em certo momento sim... essa desmotivação as vezes bate mas e a gente acaba muitas vezes fazendo o mínimo com potencial de fazer muito mais, de contribuir muito mais... eu fico muito triste e decepcionado, há uma certa esperança.</u></p>	
7	<p>isso é legal, <u>meus alunos adoram...</u> eles a adoram <u>vir no laboratório e mexer nos computadores, assistirem DVD no data show, que são coisas que a maioria não tem em casa...</u> é ótimo, é muito bom ... <u>dá pra gente perceber que eles gostam e respondem com entusiasmo...</u> por ser uma coisa que eles ainda não tem em casa... a maioria... quando eles entram num site de joginho, <u>é uma coisa que eles aprendem brincado. Quanto eu me avaliando, a minha própria avaliação...</u> eu <u>acho que eu até podia trazer eles muito mais vezes, mas quando eu cheguei no laboratório a primeira vez e vi que era um programa completamente diferente do que eu conhecia, eu fiquei desempolgada e desanimei. Daí depois eu fui me acostumando, fui conhecendo e me adaptando, mas como te falei... toda a vez que vamos pra lá é uma</u></p>	<p><u>meus alunos adoram... eles a adoram vir no laboratório e mexer nos computadores, assistirem DVD no data show, que são coisas que a maioria não tem em casa, dá pra perceber que eles gostam e respondem com entusiasmo, é uma coisa que eles aprendem brincado.</u></p>	<p>Minha avaliação é que preciso retomar e trazer meus alunos mais vezes no laboratório;</p>

	<u>função, daí deixei um pouco de lado e sei que preciso retomar.</u>	<u>Me avaliando, acho que podia trazer eles muito mais vezes, deixei um pouco de lado e sei que preciso retomar.</u>	
8	<u>Quando eu utilizo esses tipos de aula diferente com os alunos eles gostam, ficam bem empolgados e vejo que eles se interessam mais. Eu gostaria de fazer aulas diferentes mais vezes, mas como te falei não temos uma sala de multimídia, e como temos pouco tempo é complicado, difícil.</u>	<u>utilizo esses tipos de aula diferente com os alunos eles gostam, ficam bem empolgados e vejo que eles se interessam, não temos uma sala de multimídia, e como temos pouco tempo é complicado, difícil</u>	Não ter uma sala de multimídia atrapalha a realização das aulas com os recursos informacionais por causa do tempo que temos disponível;
9	<u>Eu acho que os alunos tem bastante interesse, pra mim trabalhar com a informática, com a tecnologia em si deixa eles muitos motivados... com esses recursos tecnológicos, quando usamos com eles é um dos momentos que eles mais desejam participar e interagir. Quase todos os dias eles ficam perguntam se vai ter informática, se vai ter cinema.... eles sempre perguntam se têm. Acho que isso tem bastante resultado, a gente percebe o quanto eles ficam empolgados, também ficam mais criativos, esperam pelo momento de ir ao laboratório e colaboram para o bom andamento da aula, como vou praticamente toda a semana eu não consigo mais imaginar dar aula sem esse tipo de recurso que tem aqui na escola, é preciso se organizar.. dessa forma é possível mostrar para eles coisas novas, que eles por serem de uma comunidade carente, muitas vezes não tem em casa ou não conhecem.</u>	<u>trabalhar com a informática, com a tecnologia em si deixa eles muitos motivados, quando usamos com eles é um dos momentos que eles mais desejam participar e interagir. não consigo mais imaginar dar aula sem esse tipo de recurso que tem aqui na escola, é preciso se organizar.</u>	Não consigo mais imaginar dar aula sem esse tipo de recurso que tem aqui na escola, é preciso se organizar

Questão 9: Há algo a mais que você gostaria de falar?

Part	Resposta obtida na entrevista	Expressões Chave (ECH)	Ideias Centrais (IC)
1	<u>deixa eu pensar.... já falei tanto.... o que eu gostaria de falar é que muitos professores se tivessem a possibilidade de aprender a lidar com esses equipamentos, com os computadores e se tivesse alguém aqui, entendido disso... quem sabe nossas aulas poderiam contribuir mais para o aprendizado dos alunos... é isso.</u>	<u>muitos professores se tivessem a possibilidade de aprender a lidar com esses equipamentos, com os computadores, quem sabe nossas aulas poderiam contribuir mais para o aprendizado dos alunos</u>	Quando os professores aprendem a lidar com os computadores, é possível que as aulas possam contribuir mais para o aprendizado dos alunos;
2	<u>Pra falar nada.. eu queria agradecer a tua presença... por voltar na nossa escola, tão pequena... e a gente está fazendo o que pode dentro das coisas da vida, dentro da educação que se vê... vê só.. esses anos todos as minhas saudades lá da universidade federal, da turminha legal como a gente tinha, professores excelentes... ai a gente agora vem aqui para o interior trazendo uma porção de objetivos de vida, e a gente vê a educação como está ... podia ser bem melhor... bem melhor mesmo... podia ter um caminho melhor....</u>	<u>a gente agora vem aqui para o interior trazendo uma porção de objetivos de vida, e a gente vê a educação como está , podia ser bem melhor, ter um caminho melhor. quem sabe alguém ache alguns assuntos,</u>	A educação podia ser bem melhor, ter um caminho melhor

	<u>quem sabe alguém ache alguns assuntos, alguns direitos e alguns deveres, algumas leis a melhorar...</u>	<u>alguns direitos e alguns deveres, algumas leis a melhorar</u>	
3	<u>Não... o que eu gostaria de falar é que eu acredito muito na educação, e creio que esses recursos venham para a gente transformar, porque os nossos alunos precisam disso pra se situar no mundo em que eles vivem. A gente ainda reutiliza a metodologia de quando nós estávamos na escola, não vou dizer que elas sejam todas arcaicas ou agora desnecessárias, não ... é trazer de volta algumas das tecnologias ou das formas como se ensinava antigamente... é útil...mas eu digo assim, sempre fazendo um paralelo, com o novo que a gente tem ai. É muito enriquecedor a forma de trabalhar, os recursos que a gente encontra hoje, eu acredito que através disso a gente consegue transformar essa sociedade, tá faltando muita coisa da gente trazer, como assim... as questões dos valores que hoje a família deixou de enfatizar e tá ficando muito para as escolas, a gente tem que trazer, resgatar algumas coisas, mas também mostrar o que tem de novo, não ficar na mesmice de sempre. Com isso a gente vai transformar a educação e creio eu melhorar o mundo.</u>	<u>acredito muito na educação, e creio que esses recursos venham para a gente transformar, porque os nossos alunos precisam disso pra se situar no mundo em que eles vivem, sempre fazendo um paralelo, com o novo que a gente tem. É muito enriquecedor a forma de trabalhar, os recursos que a gente encontra hoje, eu acredito que através disso a gente consegue transformar essa sociedade, vai transformar a educação e melhorar o mundo.</u>	<u>os recursos venham para transformar</u>
4	<u>Eu vejo que a educação está muito atrasada, porque tem tantas tecnologias por ai a fora, que as crianças podiam estar mais por dentro disso, e a gente também trabalhar com isso, talvez as aulas seriam mais motivadoras e eles também iam se entusiasmar e vir com vontade pra escola. Eu vejo como aqui é uma classe baixa, de nível social, eles têm muita dificuldade, não têm animo pra vim pra escola, além disso tem os problemas familiares. Talvez com essas tecnologias todas, os professores tendo mais em mãos... talvez seria bem mais prazeroso para eles vir pra escola. É isso que eu penso sempre. A gente vê pelos filhos da gente, a filha chega em casa... a gente fez isso e aquilo, eles tem outra visão, tem outro jeito de trabalhar com as tecnologias, vão lá, colocam o fone no ouvido, pesquisam as coisas... aqui a gente não tem isso, bem diferente do que a gente vê em outros colégios... a gente paga colégio, daí a gente vê que os filhos tem mais acesso, e eles aqui... meu Deus ... é uma tristeza.</u>	<u>a educação está muito atrasada, tem tantas tecnologias, que as crianças podiam estar mais por dentro disso, a gente também trabalhar com isso, as aulas seriam mais motivadoras eles iam se entusiasmar e vir com vontade pra escola. Talvez com essas tecnologias todas, seria bem mais prazeroso para eles vir pra escola. a gente paga colégio, daí a gente vê que os filhos tem mais acesso, e eles aqui</u>	<u>tem tantas tecnologias, que as crianças podiam estar por dentro disso; trabalhar com isso</u>
5	<u>sim, durante muito tempo eu dei aula só para classe A e B e achava que era impossível dar aula pra a classe C e D, nesse tempo que estou trabalhando aqui vi que estou completamente errado, eu vi que dá pra dar aulaalguns preconceito que eu tinha caíram por terra...como achar que... geralmente a gente que tá mais bem situado na escala social olha pro lado e pensa assim, ele deve ser infeliz porque é pobre... é um equívoco muito grande, esses alunos ai exalam felicidade todos os dias... é impressionante...o que eles precisam? eles precisam de muito pouco – o desenvolvimento urbano e mais segurança.. o resta cominha por si só. Agora, dizer que eles precisam de</u>	<u>vi que dá pra dar aula, esses alunos ai exalam felicidade todos os dias, eles precisam de desenvolvimento urbano e mais segurança.. o resto cominha por si só. Agora, dizer que eles precisam de educação adequada, na verdade não existe nada vida que seja bom que não</u>	<u>Esses alunos precisam de desenvolvimento urbano e mais segurança;</u>

	<p><u>educação adequada... eu concordo, mas na verdade não existe nada vida que seja bom que não exige um sacrifício teu, alguma coisa vais te fazer para conquistar aquilo. Se a educação não for boa pra eles agora eles vão compensar trabalhando e se qualificando depois, essa cultura de buscar a qualificação precisa ser incentivada no Brasil. A escola vai ter que ser repensada, ela tá servindo a isso? De que modo ela está servindo pra isso? Eu acho... Me desculpe a teoria pedagógica, mas a escola está sendo um espaço de depósito de alunos onde os pais deixam seus filhos pra poder trabalhar. Seria interessantíssimo se tivéssemos aqui ensino de carpintaria, de economia doméstica, faz uma ligação disso com aula de geografia, meio ambiente... mas pra isso não dá pra esperar o MEC fazer um plano nacional, a gente tem que ter uma certa autonomia pra criar um conteúdo paralelo. Dá pra fazer isso? Dá... mas pra isso os professores tem que ter uma bonificação por produção e ou seja, quem ganharia mais é porque produziu mais num certo tempo... não por tempo de casa, não por ...eu ser efetivo. Se pararmos pra pensar o professor pensa assim, como é que os professores trabalham hoje...eu não vou fazer isso, eu não vou ganhar nada a mais por isso. Como alias é uma coisa que acontece no mercado, em várias empresas é assim, pó esse cara tá trabalhando mais eu vou remunerar melhor..mas o exemplo que damos é de quem tem um amigo médico que já jogou sua ética no lixo ... esse cara inclusive ganham mais, trabalha menos... o aluno não é trouxa ele percebe, e é isso que ele tá aprendendo.</u></p>	<p><u>exige um sacrifício teu, alguma coisa vais te fazer para conquistar aquilo. Se a educação não for boa pra eles agora eles vão compensar trabalhando e se qualificando depois, essa cultura de buscar a qualificação precisa ser incentivada no Brasil. A escola vai ter que ser repensada, a escola está sendo um espaço de depósito de alunos onde os pais deixam seus filhos pra poder trabalhar. Seria interessantíssimo se tivéssemos aqui ensino de carpintaria, de economia doméstica, faz uma ligação disso com aula de geografia, meio ambiente, a gente tem que ter uma certa autonomia pra criar um conteúdo paralelo, os professores tem que ter uma bonificação por produção e ou seja, quem ganharia mais é porque produziu mais num certo tempo.</u></p>	
6	<p><u>eu só acho que assim... eu sou professor de uma disciplina como eu te falei temida e rotulada. A graduação não prepara a gente para o exercício do magistério, e sim para a pesquisa, para trabalhar em outras áreas, em laboratório e não com crianças de 5ª a 8ª série... e a gente fica naquela de fazer na fase do teste.. o que fazer? esse é o exercício do dia a dia do professor, eu gostaria de quem sabe, ver um aluno ser medalhista da olimpíada da matemática, eles não tem noção que podem ganhar uma bolsa do CNPq, aqui do ladinho em Antonio Carlos a gente tem a melhor escola do sul do Brasil no ensino da matemática, vários alunos ganham bolsa, tem vaga e pesquisam na universidade, só que é uma questão de cultura, habitação e família... quem sabe se a gente tivesse mecanismos tecnológicos que pudesse utilizar...mas assim ... eu queria que pudesse mudar esse resultado, aplicar geometria seria melhor do que escrever geometria, eu acredito nessas coisas.</u></p>	<p><u>A graduação não prepara a gente para o exercício do magistério, e sim para a pesquisa, para trabalhar em outras áreas, em laboratório e não com crianças de 5ª a 8ª série.</u></p>	<p>A graduação não prepara para o exercício do magistério, e sim para a pesquisa</p>
7	Não		
8	Não		
9	<p><u>acredito que as pergunta ficaram muito interessantes e até me despertaram a curiosidade sobre os termos que</u></p>	<p><u>uma sugestão que a prefeitura oferecesse</u></p>	<p>A prefeitura se oferecesse cursos</p>

	<p><i>você falou. Muito interessante. Tem outra coisa que gostaria de falar, mas é <u>uma sugestão...</u> o <u>que eu acho...acho que seria bem legal se a prefeitura oferecesse cursos para professores sobre como usar o laboratório de informática e as tecnologias que temos na escola...</u> a gente até tem bastante reuniões e encontros pedagógicos, mas nada <u>nessa área de utilizar o laboratório da escola, os equipamentos e os programas que a escola oferece...</u>porque são diferente do que temos em casa e <u>tem muitos professores que ainda não sabem usar o computador, quem dera levar os alunos no laboratório.</u></i></p>	<p><u>cursos para professores sobre como usar o laboratório de informática e as tecnologias que temos na escola, nessa área de utilizar o laboratório da escola, os equipamentos e os programas que a escola oferece e tem muitos professores que ainda não sabem usar o computador, quem dera levar os alunos no laboratório.</u></p>	<p><i>para professores sobre como usar o laboratório de informática e as tecnologias que temos na escola, seria interessante;</i></p>
--	---	--	---

APÊNDICE E

Instrumento de Análise do Discurso - IAD 2 Síntese das Idéias Centrais (SIC) e Discurso do Sujeito Coletivo(DSC)

<p>Questão 1: Segundo autores da área da Ciência da Informação, o termo competência Informacional significa uma série de aspectos relacionados ao desenvolvimento intelectual humano, vinculado ao crescimento tanto pessoal como profissional das pessoas. Ela engloba desde a habilidade técnica para uso dos produtos informacionais e construção do conhecimento através das tecnologias de informação e comunicação, até a interação social das pessoas, com base na aprendizagem independente, na responsabilidade social e na aprendizagem ao longo da vida. Analisando sua prática pedagógica, você consegue identificar algum dos elementos apresentados? Se sim, de que forma. Se não, porque?</p>
<p><i>SIC- O desenvolvimento intelectual humano, as vivências e experiências, os alunos e professores, as tecnologias e recursos informacionais, a aprendizagem independente, responsabilidade social, e aprendizado ao longo da vida são aspectos e elementos integrantes da prática pedagógica.</i></p>
<p><i>DSC- O desenvolvimento intelectual humano, pessoal e profissional, tem relação com as vivências e experiências de alunos e professores, além de serem aspectos importantes na docência. Desse modo a escola é uma parte do processo de formação do indivíduo, não a única responsável. Neste contexto, podemos afirmar que, os alunos têm acesso à informação e aos recursos tecnológicos independente dos equipamentos da escola e que possuem apoio familiar de investir em recursos tecnológico, demonstram uma visão de mundo diferente dos alunos que não tem acesso a informação, resultando que quando os alunos possuem acesso aos recursos informacionais apresentam um maior desenvolvimento intelectual. As tecnologias auxiliam a prática pedagógica do professor, muitos alunos mostram-se mais avançados informacionalmente do que muitos professores. Há certa dificuldade de utilizar as tecnologias existentes na escola, devido à dificuldade em trabalhar com o programa instalado nos computadores, ou seja, ao não conhecimento por parte dos professores, a necessidade de investimento em recursos tecnológicos, assim como, inexistência de pessoal técnico qualificado para melhorar as questões de utilização das tecnologias existentes na escola. Independente das limitações, os recursos informacionais disponíveis na escola são utilizados e a parceria entre os professores auxilia no processo de utilização dos recursos informacionais. Dessa forma, aprendizagem independente e responsabilidade social fazem parte da prática pedagógica do professor, que trabalha para atender às necessidades apresentadas pela sociedade, que solicita o aprendizado ao longo da vida;</i></p>
<p>Questão 2: Ainda com base no conceito de Competência Informacional, diga-me o que você entende por competência informacional.</p>
<p><i>SIC- É um conjunto de técnicas da vivência atual e futura que baseia-se na utilização do computador por professores e alunos em benefício da educação, assim como, a aprendizagem independente, o desenvolvimento intelectual humano e responsabilidade social beneficia a prática pedagógica.</i></p>
<p><i>DSC- É um conjunto de técnicas que conecta a função social da escola e a realidade dos alunos, numa relação entre sua vivência atual e futura, sendo que as vivências e experiências de alunos e professores são aspectos importantes na docência. Dominar informática é ter competência informacional, assim como o livro e a produção do aluno são base para uma utilização válida e significativa da informática em benefício da educação, e por conseguinte a utilização do computador por professores e alunos. O Desenvolvimento intelectual humano pessoal e profissional, assim como a aprendizagem independente e responsabilidade social fazem parte da prática pedagógica do professor.</i></p>
<p>Questão 3: Fale-me sobre qual o contexto e o que você já ouviu falar ou conhece sobre Tecnologias da Informação e Comunicação?</p>
<p><i>SIC- A graduação, as formações continuadas e leituras na internet proporcionam o conhecer as TIC, sendo que as mesmas fazem parte da profissão docente.</i></p>
<p><i>DSC- Na graduação tem disciplinas que tratam deste tema, porém outras coisas podem ser tecnologias, outros recursos e ferramentas didáticas são tecnologias. Através de leituras na internet e também nas formações continuadas é mencionado, inclusive com outros termos, como tecnologia educacional e informática, porém superficialmente. Também após a inserção do laboratório de informática na escola, o termo passou a ser do convívio dos professores, ou seja, a utilização do computador como exemplo de tecnologias da informação e comunicação. Vale ressaltar que há necessidade de formação continuada na área e apoio técnico específico para utilização correta dos equipamentos com os alunos, visto que a utilização das tecnologias é presente na profissão docente;</i></p>
<p>Questão 4: Refletindo sobre as TIC você consegue identificar quando teve o primeiro contato com este</p>

com este conceito, em que contexto?
<i>SIC- A graduação, a formação continuada e os cursos de informática marcam o contato com o conceito das TIC, que auxiliam na prática do professor.</i>
<i>DSC- O primeiro contato foi na graduação, para alguns professores a tecnologia da época era a TV, o vídeo e o retroprojetor e também em cursos de informática educativa. Apesar de não ser um termo familiar, é na formação continuada que ensinam coisas da profissão docente. Importante ressaltar que a profissão docente exige a utilização das tecnologias, pois abre muitas possibilidades na preparação dos materiais, onde a curiosidade aguça a vontade de conhecer coisas novas, e as tecnologias podem ajudar de alguma forma a prática do professor.</i>

Questão 5: Analisando sua práxis, referente a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação, fale-me sobre o uso que você faz?
<i>SIC- A utilização fica comprometida devido a inexistência de apoio técnico e sala de multimídia, o numero reduzido de computadores, o grande numero de alunos, o tempo de duração das aulas.</i>
<i>DSC- Devido a não existência de apoio técnico para montar os equipamentos a utilização das tecnologias fica comprometida, o espaço físico também é pequeno para o número de alunos e quantidade de turmas para atender, além de que a utilização das tecnologias exige tempo e são restritas aos computadores, que são poucos. Para o professor, a utilização das tecnologias se faz desde a preparação dos materiais em casa, para utilizá-la é preciso trazer algo fundamentado, pensado, que agregue conhecimento e desperte a curiosidade dos alunos. Mesmo com a utilização da tecnologia, o que deve ser privilegiado são a aula e o seu processo, por isso o professor tem que intervir para que a aula não fique monótona, por isso deve preparar a nova tecnologia. Uma sala de multimídia montada e preparada auxiliaria o professor a utilizar os recursos disponíveis, pois quando utilizadas, as tecnologias despertam o interesse dos alunos e deixam a aula mais rica. Muitas vezes a tecnologia não abrange a necessidade de determinado conteúdo, por isso é importante se ter outras opções, mesmo assim as TIC são essenciais para a educação e seus atores, assim como para o bom funcionamento da escola;</i>

Questão 6: Na literatura da Ciência da Informação os Recursos Informacionais são materiais orais, impressos, digitais e multimídia (livros, dicionários, vídeos, músicas, CDs, DVDs). Reportando a essa descrição, fale-me sobre o uso que faz dos recursos informacionais disponíveis na escola como aparato auxiliar na sua profissão.
<i>SIC- Para maioria dos professores os recursos informacionais disponíveis na escola precisam ser melhorados, porém são utilizados com frequência.</i>
<i>DSC- Os recursos informacionais são utilizados constantemente na prática docente. O professor deve estar disposto a aprender, não só para a profissão, mais para sua vida pessoal também, além de que deve querer e fazer uso dos recursos informacionais disponíveis na escola. Mesmo sendo carente em recursos multimídias, o laboratório de informática sendo pequeno e não abrangendo a necessidade das turmas devido ao número de alunos, a escola oferece os vários recursos informacionais, inclusive a prefeitura tem um departamento com acervo de mídias disponíveis aos professores. Uma sala de multimídia montada na escola facilitaria a utilização dos recursos informacionais, principalmente pelo acesso a internet, também seria interessante se cada professor tivesse a sua disposição para uso individual. Cabe ressaltar que os livros didáticos são padronizados, e só são utilizados quando necessário, mesmo assim alguns professores enfatizam que os livros didáticos são recursos informacionais bastante utilizados em sala, assim como livros da biblioteca, CDs e DVDs que a escola disponibiliza. Neste sentido, na biblioteca, os livros são recursos informacionais fundamentais, onde o livro é um recurso que auxilia o professor, o computador poderá ser também, mas é necessário primeiro, que os alunos tenham uma boa preparação através dos livros.</i>

Questão 7: Em sua prática diária, fale-me como você utiliza as Tecnologias de Informação e Comunicação, junto aos colegas de profissão.
<i>SIC- A troca de experiência precisa ser melhorada e ter horários reservados para isso, somente com uma reorganização, um planejamento, um projeto de integração é que as trocas de experiência, seja dos recursos informacionais ou de outros assuntos, será possível.</i>
<i>DSC- A utilização das TIC com os colegas de profissão precisa ser melhorada, atualmente a troca é muito pouca, quase não existe troca de experiência, somente comentários devido à diferença de turmas que os professores lecionam, não existe tempo estipulado para troca de idéias e experiências referente a isso, e como nem todos os professores utilizam, muitas vezes a troca de experiência passa despercebida. Mesmo alguns professores mencionando que o professor tem a obrigação de saber utilizar as tecnologias, por isso não a compartilham, há professores que afirmam existir troca de experiência, porém o ideal seria um trabalho integrado, pois atualmente parte de atitudes individuais. Deveria ter um projeto da escola para integrar as experiências, pois num grupo de professores é importante que tenha alguém para guiar o grupo, que as trocas</i>

de experiências aconteçam para que o trabalho seja mais significativo, enfim, a realidade é que a troca com o grupo geral de professores é mais difícil, o que acontecem em algumas situações são professores que fazem parceria para utilizar os recursos informacionais, assim como, na construção de projetos e atividades que são desenvolvidos junto, tornando um trabalho melhor quando podem contar com alguém.

Questão 8: De que forma você avalia o seu trabalho docente como potencial desenvolvedor da competência informacional? Qual o tipo de retorno que você tem percebido com essa nova forma de conduzir sua prática profissional?

SIC- A maioria dos professores avalia que o seu trabalho pode ser melhorado, que os recursos informacionais da escola devem ser aprimorados, principalmente devido o interesse demonstrado pelos alunos quando participam de aulas com esses recursos.

DSC- A auto avaliação é algo difícil na docência, devido ao grau de envolvimento com o conteúdo ser diferente para alunos e professores, sendo que o desafio dos professores está em conseguir fazer com que os alunos tenham o mínimo de conhecimento pra aplicação do que foi ensinado pelo professor em algum dia, por isso o professor, pelo ato de ensinar, já tem uma responsabilidade que é social. O trabalho docente deve ser voltado para o desenvolvimento da independência e autonomia dos alunos, dessa forma os professores devem buscar utilizar as tecnologias dentro do que a escola oferece e não devem se fechar ao novo que as tecnologias oferecem. Na docência, às vezes acontece que o professor fica acomodado em certo momento, essa desmotivação bate, e os professores acabam muitas vezes fazendo o mínimo com potencial de fazer muito mais, de contribuir muito mais, e quando isso acontece os professores ficam tristes e decepcionados, mas há uma certa esperança, pois, professor mediador funciona quanto todos fazem parte de um mesmo objetivo, quando os alunos estão em lados opostos dos objetivos da escola ou do professor fica mais difícil. Mesmo assim, a prática docente é uma coisa que encanta, o trabalho é muito gratificante, não que se espere um reconhecimento, mas que ele consiga, pelo menos, caminhar. Outra análise é que é preciso retomar e trazer os alunos mais vezes no laboratório, porém lembrar que os recursos são parte do processo e não o fim, mesmo alguns professores não conseguindo imaginar dar aula sem esse tipo de recurso que tem na escola, por isso é preciso se organizar. Não ter uma sala de multimídia atrapalha a realização das aulas com os recursos informacionais, por causa do tempo que temos disponível, o trabalho docente seria melhor se os professores tivessem cursos para a utilização das tecnologias, porque a utilização dos recursos informacionais atrai os alunos, a aula fica melhor, os alunos respondem com entusiasmo, deixando-os muitos motivados, quando usamos com eles é um dos momentos que eles mais desejam participar e interagir, pois aprendem brincando. Os alunos adoram ir ao laboratório e mexer no computador, assistir DVD no data show, por ser coisas que eles não tem em casa. Quando utilizamos tipos de aula diferente os alunos ficam empolgados, interessados e gostam da aula e mesmo com o pouco uso das tecnologias, quando utilizadas elas enriquecem as aulas, os alunos ficam entusiasmados e adoram as novidades trazidas com o uso das tecnologias, uma vez que você os ensina a operar a tecnologia fica mais fácil de trabalhar. Na medida em que começo a mostrar que é possível usar um computador público, e acessar informações importantes através dele, acaba eliminado um estigma ruim de que só quem tem recursos é que pode se tornar mais inteligente. Cabe mencionar que mesmo tendo os computadores e a aulas de computação seria interessante se a escola tivesse algum técnico especializado para auxiliar os professores.

Questão 9: Há algo a mais que você gostaria de falar?

SIC- A educação, a formação dos professores, a escola, o ensino precisam preparar os alunos para a sociedade, e as tecnologias podem auxiliar professores e alunos neste propósito.

DSC- A educação está muito atrasada, tem tantas tecnologias, que as crianças podiam estar por dentro, talvez com essas tecnologias todas, seria bem mais prazeroso para eles vir pra escola, às aulas seriam mais motivadoras eles iam se entusiasmar e vir com vontade pra escola. A escola vai ter que ser repensada, a escola está sendo um espaço de depósito de alunos onde os pais deixam seus filhos pra poder trabalhar, dizer que os alunos precisam de educação adequada, na verdade não existe nada vida que seja bom que não exige um sacrifício teu, alguma coisa vais ter que fazer para conquistar aquilo. Se a educação não for boa pra eles agora, eles vão compensar trabalhando e se qualificando depois, essa cultura de buscar a qualificação precisa ser incentivada no Brasil, o que seria interessantíssimo se tivéssemos ensino de carpintaria, de economia doméstica, fazendo uma ligação disso com aula de geografia, meio ambiente, a gente tem que ter uma certa autonomia pra criar um conteúdo paralelo, a educação podia ser bem melhor, ter um caminho melhor, mas é preciso que alguns direitos, deveres e leis melhorem, a gente paga colégio, daí vê que os filhos tem mais acesso do que eles aqui. Acredito muito na educação, e creio que esses recursos venham para a gente transformar, porque os nossos alunos precisam disso pra se situar no mundo em que eles vivem, sempre fazendo um paralelo, com o novo que a gente tem e quando os professores aprendem a lidar com os computadores, é possível que as aulas possam contribuir para o aprendizado dos alunos, porém tem muitos professores que ainda não sabem usar o computador, quem dera levar os alunos no laboratório. A graduação não prepara a gente para o exercício do magistério, e sim para a pesquisa, para trabalhar em outras áreas, em laboratório e não com

crianças de 5ª a 8ª série, os professores deveriam que ter uma bonificação por produção, ou seja, quem ganharia mais é porque produziu mais num certo tempo e também seria interessante se a prefeitura oferecesse cursos para professores sobre como usar o laboratório de informática e as tecnologias que temos na escola. Esses alunos exalam felicidade todos os dias, eles precisam de desenvolvimento urbano e mais segurança, o resto cominha por si só, é muito enriquecedora a forma de trabalhar, os recursos que a gente encontra hoje, acredito que através disso a gente consegue transformar essa sociedade, vai transformar a educação e melhorar o mundo.

APÊNDICE F

O DISCURSO COLETIVO POR QUESTÃO

Questão 1: Segundo autores da área da Ciência da Informação, o termo competência Informacional significa uma série de aspectos relacionados ao desenvolvimento intelectual humano, vinculado ao crescimento tanto pessoal como profissional das pessoas. Ela engloba desde a habilidade técnica para uso dos produtos informacionais e construção do conhecimento através das tecnologias de informação e comunicação, até a interação social das pessoas, com base na aprendizagem independente, na responsabilidade social e na aprendizagem ao longo da vida. Analisando sua prática pedagógica, você consegue identificar algum dos elementos apresentados? Se sim, de que forma. Se não, porque?

DSC- Sim. O desenvolvimento intelectual humano, pessoal e profissional, tem relação com as vivências e experiências de alunos e professores, além de serem aspectos importantes na docência. Desse modo a escola é uma parte do processo de formação do indivíduo, não a única responsável. Neste contexto, podemos afirmar que, os alunos têm acesso à informação e aos recursos tecnológicos independente dos equipamentos da escola e que possuem apoio familiar de investir em recursos tecnológicos demonstram uma visão de mundo diferente dos alunos que não tem acesso a informação, resultando que quando os alunos possuem acesso aos recursos informacionais apresentam um maior desenvolvimento intelectual. As tecnologias auxiliam a prática pedagógica do professor, muitos alunos mostram-se mais avançados informacionalmente do que muitos professores. Há certa dificuldade de utilizar as tecnologias existentes na escola, devido à dificuldade em trabalhar com o programa instalado nos computadores, ou seja, ao não conhecimento por parte dos professores, a necessidade de investimento em recursos tecnológicos, assim como, inexistência de pessoal técnico qualificado para melhorar as questões de utilização das tecnologias existentes na escola. Independente das limitações, os recursos informacionais disponíveis na escola são utilizados e a parceria entre os professores auxilia no processo de utilização dos recursos informacionais. Dessa forma, aprendizagem independente e responsabilidade social fazem parte da prática pedagógica do professor, que trabalha para atender às necessidades apresentadas pela sociedade, que solicita o aprendizado ao longo da vida;

Questão 2: Ainda com base no conceito de Competência Informacional, diga-me o que você entende por competência informacional.

DSC- É um conjunto de técnicas que conecta a função social da escola e a realidade dos alunos, numa relação entre sua vivência atual e futura, sendo que as vivências e experiências de alunos e professores são aspectos importantes na docência. Dominar informática é ter competência informacional, assim como o livro e a produção do aluno são base para uma utilização válida e significativa da informática em benefício da educação, e por conseguinte a utilização do computador por professores e alunos. O Desenvolvimento intelectual humano pessoal e profissional, assim como a aprendizagem independente e responsabilidade social fazem parte da prática pedagógica do professor.

Questão 3: Fale-me sobre qual o contexto e o que você já ouviu falar ou conhece sobre Tecnologias da Informação e Comunicação?

DSC- Na graduação tem disciplinas que tratam deste tema, porém outras coisas podem ser tecnologias, outros recursos e ferramentas didáticas são tecnologias. Através de leituras na internet e também nas formações continuadas é mencionado, inclusive com outros termos,

como tecnologia educacional e informática, porém superficialmente. Também após a inserção do laboratório de informática na escola, o termo passou a ser do convívio dos professores, ou seja, a utilização do computador como exemplo de tecnologias da informação e comunicação. Vale ressaltar que há necessidade de formação continuada na área e apoio técnico específico para utilização correta dos equipamentos com os alunos, visto que a utilização das tecnologias é presente na profissão docente;

Questão 4: Refletindo sobre as TIC você consegue identificar quando teve o primeiro contato com este conceito, em que contexto?

DSC- O primeiro contato foi na graduação, para alguns professores a tecnologia da época era a TV, o vídeo e o retroprojetor e também em cursos de informática educativa. Apesar de não ser um termo familiar, é na formação continuada que ensinam coisas da profissão docente. Importante ressaltar que a profissão docente exige a utilização das tecnologias, pois abre muitas possibilidades na preparação dos materiais, onde a curiosidade aguça a vontade de conhecer coisas novas, e as tecnologias podem ajudar de alguma forma a prática do professor.

Questão 5: Analisando sua práxis, referente a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação, fale-me sobre o uso que você faz?

DSC- Devido a não existência de apoio técnico para montar os equipamentos a utilização das tecnologias fica comprometida, o espaço físico também é pequeno para o número de alunos e quantidade de turmas para atender, além de que a utilização das tecnologias exige tempo e são restritas aos computadores, que são poucos. Para o professor, a utilização das tecnologias se faz desde a preparação dos materiais em casa, para utilizá-la é preciso trazer algo fundamentado, pensado, que agregue conhecimento e desperte a curiosidade dos alunos. Mesmo com a utilização da tecnologia, o que deve ser privilegiado são a aula e o seu processo, por isso o professor tem que intervir para que a aula não fique monótona, por isso deve preparar a nova tecnologia. Uma sala de multimídia montada e preparada auxiliaria o professor a utilizar os recursos disponíveis, pois quando utilizadas, as tecnologias despertam o interesse dos alunos e deixam a aula mais rica. Muitas vezes a tecnologia não abrange a necessidade de determinado conteúdo, por isso é importante se ter outras opções, mesmo assim as TIC são essenciais para a educação e seus atores, assim como para o bom funcionamento da escola;

Questão 6: Na literatura da Ciência da Informação os Recursos Informacionais são materiais orais, impressos, digitais e multimídia (livros, dicionários, vídeos, músicas, CDs, DVDs). Reportando a essa descrição, fale-me sobre o uso que faz dos recursos informacionais disponíveis na escola como aparato auxiliar na sua profissão.

DSC- Os recursos informacionais são utilizados constantemente na prática docente. O professor deve estar disposto a aprender, não só para a profissão, mas para sua vida pessoal também, além de que deve querer e fazer uso dos recursos informacionais disponíveis na escola. Mesmo sendo carente em recursos multimídias, o laboratório de informática sendo pequeno e não abrangendo a necessidade das turmas devido ao número de alunos, a escola oferece os vários recursos informacionais, inclusive a prefeitura tem um departamento com acervo de mídias disponíveis aos professores. Uma sala de multimídia montada na escola facilitaria a utilização dos recursos informacionais, principalmente pelo acesso a internet, também seria interessante se cada professor tivesse a sua disposição para uso individual. Cabe ressaltar que os livros didáticos são padronizados, e só são utilizados quando necessário, mesmo assim alguns professores enfatizam que os livros didáticos são recursos informacionais bastante utilizados em sala, assim como livros da biblioteca, CDs e DVDs que

a escola disponibiliza. Neste sentido, na biblioteca, os livros são recursos informacionais fundamentais, onde o livro é um recurso que auxilia o professor, o computador poderá ser também, mas é necessário primeiro, que os alunos tenham uma boa preparação através dos livros.

Questão 7: Em sua prática diária, fale-me como você utiliza as Tecnologias de Informação e Comunicação, junto aos colegas de profissão.

DSC- A utilização das TIC com os colegas de profissão precisa ser melhorada, atualmente a troca é muito pouca, quase não existe troca de experiência, somente comentários devido à diferença de turmas que os professores lecionam, não existe tempo estipulado para troca de idéias e experiências referente a isso, e como nem todos os professores utilizam, muitas vezes a troca de experiência passa despercebida. Mesmo alguns professores mencionando que o professor tem a obrigação de saber utilizar as tecnologias, por isso não a compartilham, há professores que afirmam existir troca de experiência, porém o ideal seria um trabalho integrado, pois atualmente parte de atitudes individuais. Deveria ter um projeto da escola para integrar as experiências, pois num grupo de professores é importante que tenha alguém para guiar o grupo, que as trocas de experiências aconteçam para que o trabalho seja mais significativo, enfim, a realidade é que a troca com o grupo geral de professores é mais difícil, o que acontecem em algumas situações são professores que fazem parceria para utilizar os recursos informacionais, assim como, na construção de projetos e atividades que são desenvolvidos junto, tornando um trabalho melhor quando podem contar com alguém.

Questão 8: De que forma você avalia o seu trabalho docente como potencial desenvolvedor da competência informacional? Qual o tipo de retorno que você tem percebido com essa nova forma de conduzir sua prática profissional?

DSC- A autoavaliação é algo difícil na docência, devido ao grau de envolvimento com o conteúdo ser diferente para alunos e professores, sendo que o desafio dos professores está em conseguir fazer com que os alunos tenham o mínimo de conhecimento pra aplicação do que foi ensinado pelo professor em algum dia, por isso o professor, pelo ato de ensinar, já tem uma responsabilidade que é social. O trabalho docente deve ser voltado para o desenvolvimento da independência e autonomia dos alunos, dessa forma os professores devem buscar utilizar as tecnologias dentro do que a escola oferece e não devem se fechar ao novo que as tecnologias oferecem. Na docência, às vezes acontece que o professor fica acomodado em certo momento, essa desmotivação bate, e os professores acabam muitas vezes fazendo o mínimo com potencial de fazer muito mais, de contribuir muito mais, e quando isso acontece os professores ficam tristes e decepcionados, mas há uma certa esperança, pois, professor mediador funciona quanto todos fazem parte de um mesmo objetivo, quando os alunos estão em lados opostos dos objetivos da escola ou do professor fica mais difícil. Mesmo assim, a prática docente é uma coisa que encanta, o trabalho é muito gratificante, não que se espere um reconhecimento, mas que ele consiga, pelo menos, caminhar. Outra análise é que é preciso retomar e trazer os alunos mais vezes no laboratório, porém lembrar que os recursos são parte do processo e não o fim, mesmo alguns professores não conseguindo imaginar dar aula sem esse tipo de recurso que tem na escola, por isso é preciso se organizar. Não ter uma sala de multimídia atrapalha a realização das aulas com os recursos informacionais, por causa do tempo que temos disponível, o trabalho docente seria melhor se os professores tivessem cursos para a utilização das tecnologias, porque a utilização dos recursos informacionais atrai os alunos, a aula fica melhor, os alunos respondem com entusiasmo, deixando-os muitos motivados, quando usamos com eles é um dos momentos que eles mais desejam participar e interagir, pois aprendem brincando. Os alunos adoram ir ao laboratório e mexer no computador, assistir DVD no data show, por

ser coisas que eles não tem em casa. Quando utilizamos tipos de aula diferente os alunos ficam empolgados, interessados e gostam da aula e mesmo com o pouco uso das tecnologias, quando utilizadas elas enriquecem as aulas, os alunos ficam entusiasmados e adoram as novidades trazidas com o uso das tecnologias, uma vez que você os ensina a operar a tecnologia fica mais fácil de trabalhar. Na medida em que começo a mostrar que é possível usar um computador público, e acessar informações importantes através dele, acaba eliminado um estigma ruim de que só quem tem recursos é que pode se tornar mais inteligente. Cabe mencionar que mesmo tendo os computadores e a aulas de computação seria interessante se a escola tivesse algum técnico especializado para auxiliar os professores.

Questão 9: Há algo a mais que você gostaria de falar?

DSC- A educação está muito atrasada, tem tantas tecnologias, que as crianças podiam estar por dentro, talvez com essas tecnologias todas, seria bem mais prazeroso para eles vir pra escola, às aulas seriam mais motivadoras eles iam se entusiasmar e vir com vontade pra escola. A escola vai ter que ser repensada, a escola está sendo um espaço de deposito de alunos onde os pais deixam seus filhos pra poder trabalhar, dizer que os alunos precisam de educação adequada, na verdade não existe nada vida que seja bom que não exige um sacrifício teu, alguma coisa vais ter que fazer para conquistar aquilo. Se a educação não for boa pra eles agora, eles vão compensar trabalhando e se qualificando depois, essa cultura de buscar a qualificação precisa ser incentivada no Brasil, o que seria interessantíssimo se tivéssemos ensino de carpintaria, de economia doméstica, fazendo uma ligação disso com aula de geografia, meio ambiente, a gente tem que ter uma certa autonomia pra criar um conteúdo paralelo, a educação podia ser bem melhor, ter um caminho melhor, mas é preciso que alguns direitos, deveres e leis melhorem, a gente paga colégio, daí vê que os filhos tem mais acesso do que eles aqui. Acredito muito na educação, e creio que esses recursos venham para a gente transformar, porque os nossos alunos precisam disso pra se situar no mundo em que eles vivem, sempre fazendo um paralelo, com o novo que a gente tem e quando os professores aprendem a lidar com os computadores, é possível que as aulas possam contribuir para o aprendizado dos alunos, porém tem muitos professores que ainda não sabem usar o computador, quem dera levar os alunos no laboratório. A graduação não prepara a gente para o exercício do magistério, e sim para a pesquisa, para trabalhar em outras áreas, em laboratório e não com crianças de 5ª a 8ª série, os professores deveriam que ter uma bonificação por produção, ou seja, quem ganharia mais é porque produziu mais num certo tempo e também seria interessante se a prefeitura oferecesse cursos para professores sobre como usar o laboratório de informática e as tecnologias que temos na escola. Esses alunos exalam felicidade todos os dias, eles precisam de desenvolvimento urbano e mais segurança, o resto cominha por si só, é muito enriquecedora a forma de trabalhar, os recursos que a gente encontra hoje, acredito que através disso a gente consegue transformar essa sociedade, vai transformar a educação e melhorar o mundo.

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) da pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, Rafaela Paula Freitas, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), estou realizando a pesquisa **PROFESSOR COMO AGENTE DA COMPETÊNCIA INFORMACIONAL: DISCURSO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA MUNICIPAL À LUZ DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**¹⁵, com o objetivo de Analisar as Representações Sociais dos professores de uma escola de ensino básico atuantes nas escolas municipais de Biguaçu-SC, como agentes da competência informacional. Para tanto, será aplicada uma entrevista com 9 (nove) perguntas abertas. Você poderá fazer perguntas, esclarecer dúvidas e poderá inclusive, desistir de participar da pesquisa a qualquer momento. Asseguro-lhe, desde já, que as informações que me forem confiadas terão sigilo e sua identidade será preservada. O conteúdo de sua entrevista será estudado em conjunto com o conteúdo de todas as informações fornecidas por todos os entrevistados.

Mestranda: Rafaela Paula Freitas _____

Orientador: Prof. Dr. Francisco das Chagas de Souza _____

Eu, _____, fui esclarecido(a) sobre a pesquisa **PROFESSOR COMO AGENTE DA COMPETÊNCIA INFORMACIONAL: DISCURSO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA MUNICIPAL À LUZ DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO** e concordo que o conteúdo de minha entrevista seja utilizado na realização deste estudo.

Data: ____/____/____

Assinatura: _____ RG: _____

¹⁵ O título do projeto foi alterado para Competência Informacional e Recursos Informacionais na prática docente: discurso de professores da Educação básica municipal à luz da Ciência da Informação.

ANEXO B – Termo de Aceite de participação

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN)

Prezados(as) Professores (as):

Eu, Rafaela Paula Freitas, aluna do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN) estou desenvolvendo pesquisa entre os professores do ensino fundamental atuantes em escolas do Município de Biguaçu- SC. Preparei um roteiro de perguntas que tem por objetivo coletar depoimentos para a pesquisa “PROFESSOR COMO AGENTE DA COMPETÊNCIA INFORMACIONAL: DISCURSO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA MUNICIPAL À LUZ DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO”¹⁶.

Dessa forma peço que responda as perguntas refletindo livremente; informo que seu nome será mantido em sigilo e o conteúdo da entrevista será utilizado somente para os propósitos desta pesquisa. Caso tenha interesse em receber os resultados da pesquisa – na forma de síntese - informe o seu e-mail nesta folha abaixo.

Obrigada pela sua contribuição à pesquisa.

Atenciosamente,

Rafaela Paula Freitas

e-mail: rafaelapfreitas@univali.br

e-mail alternativo: rafaelapfreitas@hotmail.com

Alguns dados iniciais:

Local e data: _____

Assinatura : _____

e-mail: _____

¹⁶ O título do projeto foi alterado para Competência Informacional e Recursos Informacionais na prática docente: discurso de professores da Educação básica municipal à luz da Ciência da Informação.